



HARLEQUINTM

Special

2 histórias

**À LUZ DA
PAIXÃO**
Barbara McMahon

EDIÇÃO 91



Barbara McMahon

À LUZ DA PAIXÃO

Tradução
Ligia Chabú



2014

SUMÁRIO

A cicatriz

O segredo

Barbara McMahon

A CICATRIZ

Tradução

Ligia Chabú

Querida leitora,

Gêmeos, quando adultos, são bem diferentes de gêmeos quando crianças. Trocar de lugar e enganar as pessoas é certamente divertido para as crianças. Entretanto, conforme se vai crescendo, essas atitudes infantis são deixadas de lado. Mas eles sempre serão confundidos um com o outro.

Na história de Khalid, ele é confundido com seu irmão por causa de uma cicatriz que adquiriu ao lutar contra o fogo. Sua escolha de carreira era bem diferente da de seu irmão. Ele gostava de ficar em campos de petróleo no deserto, verificando equipamentos e

procedimentos de perfuração – ou apagando incêndios que a maioria dos homens nem sonharia enfrentar.

Foi um desses que danificou o seu rosto, o que fez Khalid acreditar que nenhuma mulher jamais chegaria perto dele. Então, quando encontra uma desconhecida em uma praia, à meia-noite, passa a acreditar que pode ser amado apenas pelas coisas que diz, e não por sua aparência.

Se você tivesse perdido o amor da sua vida, procuraria por outro? Ou ao menos estaria aberta à possibilidade? Ella achava que qualquer pensamento sobre casamento era inútil. Ella já havia

amado um homem maravilhoso, e, após sua morte, planejou passar o resto de sua vida sozinha.

Encontrar um desconhecido na praia era estimulante, contanto que os encontros fossem rápidos.

Mas, quando ficam cara a cara, em plena luz do dia, percebem que tudo irá mudar, e muito.

Dois irmãos – gêmeos idênticos – encontram o amor e a felicidade da forma mais inesperada.

Tudo de bom!
Barbara

CAPÍTULO 1

ELLA PONTI andava ao longo da praia. A noite estava escura. A única iluminação vinha das estrelas acima de sua cabeça. Sem lua, esta noite. As ondas borbulhavam ao baterem na areia. Alexander tinha adorado andar no escuro, e ela sentia o laço mais forte do que qualquer outra vez.

Ele estava morto há um ano. A dor dilacerante pela morte dele diminuía, como pessoas haviam lhe dito que aconteceria. Apenas uma leve dor

permanecia, onde seu coração a lembrava constantemente que ela nunca mais o veria.

Suspirando, olhou para a expansão preta que era o Golfo Pérsico. Nada era visível. Algumas noites, ela via navios deslizando ao longo do horizonte, suas luzes piscando. Não havia nada lá, hoje. Virando-se em direção a casa, ela começou a andar, chutando de leve a água morna na beira do mar.

Que contraste era este lugar, pensou. Ali, na praia, era tão lindo quanto qualquer resort do Mediterrâneo, com plantas exuberantes crescendo em abundância. Cada casa ao redor da área

onde ela morava era repleta de plantas e flores. Ella gostava de sentar-se ao ar livre, pela tarde, nas sombras do jardim, inalando a mistura de fragrâncias que perfumava o ar. Embora o lugar ficasse a apenas uma curta distância da capital de Alkaahdar, parecia muito longe dos arranha-céus da cidade moderna.

Ela iria dormir quando chegasse em casa. Já passava da meia-noite. Gostava de trabalhar até tarde, como fizera esta noite, então relaxar com uma caminhada pela praia deserta... sozinha, com apenas a areia, o céu e o mar.

Com poucas casas ao longo da extensão da praia, somente aqueles que

conheciam bem o lugar sabiam onde virar para seguir trilhas sinuosas que levavam às outras casas. Ella sabia exatamente onde virar, mesmo no escuro.

A distância, enquanto andava, ela viu a silhueta de outra pessoa. Um homem, parado à beira da água. Ele estava quase na frente de onde seu caminho se abria para a praia. Durante todos os meses que morava lá, Ella nunca vira outra alma viva, depois de escurecer.

Diminuindo o ritmo dos passos, tentou imaginar quem poderia ser. Outra pessoa com dificuldade de dormir de noite? Um estranho explorando a praia?

Ou alguém com más intenções?

Ella quase riu de sua imaginação. As casas daquela área pertenciam ao reinado fabulosamente rico de Quishari. Havia guardas, carros de patrulha e todo tipo de proteção. Motivo pelo qual ela sempre se sentia segura para andar sozinha de noite. Isso mudara? Ella não conhecia muita gente lá. Entretanto, um dos servos na casa principal teria lhe contado, se houvesse perigo.

Ela poderia cortar diagonalmente de onde estava para onde o caminho saía da praia, e evitar o estranho. Mas sua curiosidade a fez continuar chutando a água. A bainha da saia larga que usava,

e que batia no meio das canelas, já estava molhada.

– É seguro para uma mulher andar sozinha de noite? – O homem perguntou quando ela estava perto o bastante para ouvir a voz dele.

– A menos que você pretenda me fazer algum mal, é – replicou ela. Resolutamente, continuou andando em direção a ele.

– Eu não pretendo fazer mal a você ou a ninguém. Estou apenas curioso. Você mora por aqui?

Conforme ela se aproximou, estimou que ele tivesse mais de 1,80m. Mais alto do que Alexander. A escuridão a

impossibilitava de ver-lhe as feições. A tradicional túnica branca era realçada pelo brilho das estrelas, porém, além disso, ele era um homem de sombras.

– Eu moro aqui perto – replicou ela. – Mas você não. Eu não o conheço.

– Não. Eu estou aqui numa visita. Acho. – Ele olhou para o mar. – Um grande contraste de onde eu estive nas últimas semanas.

Ela virou-se para olhar o mar, mantendo uma distância segura entre eles.

– Águas violentas?

– Deserto. Eu quis ver o mar assim que cheguei aqui. Viajei por quase 24

horas seguidas, estou exausto, mas quis sentir a brisa fresca. Eu considereei nadar um pouco.

– Não é a coisa mais segura para fazer sozinho, principalmente de noite. Se você tiver algum problema, quem veria ou ouviria? – Todavia, Ella já nadara sozinha de noite. Isso tinha sido logo após a morte de Alexander, quando pensara que não se importaria se alguma coisa lhe acontecesse. Agora, sabia que a vida era preciosa.

– Você está aqui – apontou ele.

– E se você tiver problemas, acha que eu poderia resgatá-lo?

– Ou pelo menos chamar ajuda. –

Com isso, ele removeu a túnica e os sapatos.

Atônita, Ella assistiu. Ele ia nadar nu?

Estava muito escuro para saber, mas num instante, ele mergulhou nas águas frias do Golfo e começou a nadar. Ela teve dificuldade de segui-lo com os olhos; apenas o som das braçadas vigorosas podia ser ouvido.

— Então, eu sou a salva-vidas designada — murmurou ela, sentando-se na areia branca e fina. Ainda estava quente do sol da tarde. Pegou um punhado e deixou escorrer entre os dedos. Esperava que ele apreciasse seu nado, e não precisasse da ajuda de

ninguém. Ela não tinha ideia de quem ele era. Por esta noite, era suficiente que ele não tivera de nadar sozinho. No dia seguinte, talvez, ela o encontrasse, talvez não.

Ella perdeu a noção do tempo, olhando para o mar. Então, o homem vinha do deserto. Ela se aventurara na vasta expansão que constituía mais de Quishari do que qualquer outra topografia. A beleza do lugar era estonteante. Uma terra imperdoável em muitos sentidos, mas que também escondia deleites, como pequenas flores que desabrochavam depois de uma rara chuva. Ou a mistura de lama e areia no

solo, que a lembrava da água. As cores eram suaves, até que o deserto se iluminava pelos espetaculares pores do sol que favoreciam a terra. Uma vez, ela vira um oásis, perdido e solitário na vasta expansão. Achara aquilo mágico. Água no meio de tanta aridez.

Ella gostaria que pudesse capturar aquilo em seu trabalho. Mostrar ao mundo que havia mais no deserto do que infinitos acres de nada. Talvez, tentasse fazer isso, depois que terminasse seu projeto atual. Amanhã seria o dia que ela tentaria a nova técnica. Tinha o formato do vaso que queria fazer na mente. As cores seriam complicadas,

mas ela as queria girando em vidro, etéreas e irresistíveis.

Sentiu-se relaxar conforme o tempo passava. Estava agradável ficar ali, no calor da noite, com o som suave no mar aos seus pés. O homem nunca se cansava?

Finalmente, ela o ouviu se aproximar. Então, ele pareceu se levantar quando estava no raso. Ella levantou-se e deu alguns passos atrás, enquanto ele ia diretamente para onde deixara a túnica.

– Você ainda está aí? – perguntou ele.

– Como salva-vidas designada. Apreciei seu nado?

– Sim. Revigorante depois do calor

do deserto. – Ele se enxugou com a túnica, então, vestiu-a.

Ela virou-se.

– Boa noite.

– Obrigada por ter ficado de olho.

– Eu não sei se teria sido de alguma ajuda, se você tivesse problemas – disse ela, virando-se e recuando, a fim de continuar andando ao longo da praia.

– Posso acompanhá-la até sua casa? – Ele permaneceu onde estava, não ameaçando.

– Não. – Era melhor colocar um limite ali. Ela não sabia nada sobre o homem. Uma coisa era encontrar um estranho na praia, outra bem diferente

era deixá-lo saber onde ela morava... sozinha.

– Talvez, eu esteja aqui amanhã – disse ele.

– Talvez, eu também esteja – replicou ela, então partiu. Andou mais um pedaço pela praia, então cortou caminho por dentro do quintal de um vizinho. Não queria que ele telegrafasse sua localização. Esperançosamente, ele não podia enxergar o bastante no escuro para saber que caminho ela pegara. Ela andou para a extremidade da propriedade que alugara, e, segundos depois, estava em casa.

KHALID OBSERVOU até que não pudesse

mais vê-la. Não tinha ideia de quem era a mulher, ou por que ela estava numa praia deserta, depois da meia-noite. Ele estava pingando. Dando uma última olhada para o mar, virou-se e voltou para a casa que sua avó deixara para ele no último verão. A morte dela o abalara muito. Sua avó tinha sido uma fonte de força. Ela ouvira seus problemas, sempre apoiando suas soluções. E ralhara muitas vezes com ele, por causa de seu isolamento da sociedade. Ele estipulara o limite ali. Entretanto, adorara a sabedoria e senso de humor de sua avó. Sempre sentiria falta dela.

Pensou sobre a mulher na praia. Podia

apenas supor que ela não era velha, pelo som da voz. Mas, à parte estimar que a altura dela fosse aproximadamente 1,60m, ele não sabia nada a seu respeito. A escuridão escondera mais do que revelara.

O que provavelmente era uma coisa boa. Ele não deveria se interessar por ninguém. Sabia que as cicatrizes que corriam por sua lateral eram horríveis. Mais de uma pessoa mostrara choque e repulsa ao vê-las. Como sua noiva. Damara não fora capaz de lidar com aquilo, e fugira no primeiro dia que os curativos tinham sido removidos, e ela o vira no hospital, depois do incêndio.

Seu irmão, Rashid, lhe dissera, mais de uma vez, que ele estava melhor sem Damara, se ela não podia ficar ao seu lado depois de uma tragédia. Mas isso não ajudava o buraco que ele sentira em seu coração quando a mulher com quem planejara se casar fugira como se ele fosse um monstro.

Khalid vira reações similares desde então. Sabia que estava melhor trabalhando com homens, em ambientes muito hostis para mulheres se aventurarem. Aqueles mesmos homens o aceitavam por seus méritos, não por sua aparência.

Sua vida estava exatamente como ele

queria, agora. Exceto... que precisava decidir o que fazer com a casa que sua avó lhe deixara. Fazia um ano. Ele adiara qualquer decisão até que a dor da morte dela diminuísse. Mas uma casa não deveria ficar vazia.

Khalid atravessou a areia para começar o caminho largo que levava diretamente a casa. Era uma casa adequada para famílias. Perto da praia, era grande, com lindas paisagens, uma casa de hóspedes e muita privacidade. Ao redor dos gramados deveria ter crianças correndo, como ele e seu irmão tinham feito. Como seu pai e tios tinham feito.

As flores deveriam ser colhidas e espalhadas pela casa. E a casa em si deveria cantar com amor e risadas, assim como fizera quando ele e Rashid haviam sido meninos visitando seus avós paternos.

Todavia, a casa estava vazia e silenciosa há um ano. E permaneceria assim, a menos que ele a vendesse. Seria difícil separar-se da casa tão adorada por ele e por sua família. Especialmente com as memórias de sua avó amada preenchendo cada cômodo. Mas Khalid não precisava da casa. Seu apartamento em Alkaahdar lhe convinha.

Quando coçou a barba por fazer, seus

sentidos foram assaltados pelos aromas do jardim, que adocicavam o ar parado. Tão diferente do ar seco do deserto, instantaneamente transportando-o para quando ele e Rashid tinham corrido e brincado. Seu pai estivera vivo na época, e, é claro, sua avó. Quem imaginaria que ele acabaria do lado de fora para sempre, olhando para casais felizes e famílias alegres? A felicidade de ter uma família lhe fora roubada.

Não que Khalid tivesse grandes arrependimentos. Ele fizera o que pensara ser certo. Salvara vidas. Uma cicatriz era um preço pequeno a pagar.

Entrou na casa pela porta da varanda,

que deixara aberta. Dormir parecia uma ótima ideia. Viajara por tempo demais. Quando acordasse, veria o que precisava ser feito, a fim de preparar a casa para venda.

ELLA ACORDOU tarde na manhã seguinte. Tivera muita dificuldade de pegar no sono, depois de encontrar o estranho na praia. Ficou deitada na cama, tentando imaginar quem ele era e porque tinha viajado por tanto tempo. Não importava, ela provavelmente nunca mais o veria. Embora, pensou enquanto se levantava, talvez fizesse outra caminhada depois da meia-noite, esta noite. Ele disse que estaria lá. Seu interesse definitivamente

fora despertado.

Todavia, isso era mais tarde. Hoje, ela queria tentar fazer a nova peça de vidro que vinha tomando forma em sua mente por dias.

Depois de um rápido café da manhã, Ella foi para seu estúdio. Como sempre, ao entrar, lembrou-se da mulher maravilhosa que patrocinara sua chance de desenvolver sua habilidade como artista de vidro soprado, e que se oferecera para ajudá-la a vender suas peças, quando estivessem prontas. Sentia saudade dela. Ella perseguia sua paixão em dobro agora... por si mesma, e por sua benfeitora.

Em poucos momentos, estava totalmente absorvida no desafio de misturar cores e formas no vaso que estava criando.

Foi somente quando suas costas gritaram de dor que Ella olhou para o relógio. Era fim de tarde... ela trabalhara por sete horas seguidas. Examinando a peça que produzira, assentiu em satisfação. Não era brilhante, mas capturara a sensação etérea que ela queria. Para uma primeira tentativa com esta técnica, não estava mau. Completaria mais alguns estágios, antes que o vaso estivesse pronto para uma galeria, ou para vender. Um bom

dia de trabalho.

Ela esfregou as costas e desejou que houvesse alguma maneira de diminuir o ritmo. Mas, uma vez no processo criativo, era difícil parar. Especialmente com vidro. No estágio de fundição, ela precisava trabalhar depressa, antes que as peças esfriassem. Agora, precisava ir para o forno, que o esfriaria aos poucos, de modo que fendas não se formassem. Esta era geralmente a parte complicada. Principalmente quando ela usava diferentes vidros e diferentes cores, que esfriavam em tempos distintos.

Acabaria como acabasse. Ella tentava manter essa filosofia, para que não

ficasse ansiosa sobre cada peça.

Uma vez que o vaso estava no forno, ela foi para a cozinha, preparou uma refeição leve e carregou-a para o pequeno terraço do lado sombreado da casa. Mordeu sua fruta, enquanto olhava para as flores que cresciam em abundância. Em que outro lugar do mundo se sentiria tão à vontade, enquanto trabalhava em sua arte? Esta casa era um verdadeiro refúgio para ela. O único lugar onde se sentia segura, confortável e quase feliz. Transformara a casa num lar para si mesma.

Pensando no apartamento do qual desistira após a morte de Alexander,

soube que trocara o lar feliz deles por seu próprio lar. Levava um tempo para que ela percebesse isso, mas agora se sentia parte da propriedade. Conhecia cada flor no jardim, cada canto escondido que oferecia sombra durante o dia. E podia percorrer os caminhos de noite, sem uma luz. Era como se o chalé e a propriedade tivessem lhe aberto os braços em boas-vindas e a atraído para dentro.

Ella não gostava do lar de sua infância, isso era certo. Evitou pensar sobre os últimos meses lá. Ela se focaria no presente... ou no futuro, mas não no passado.

Respirando fundo, prendeu o ar por um momento, escutando. Aquilo era um carro? Não estava esperando amigos. Ninguém sabia onde ela estava. O dia do jardineiro era mais no fim da semana. Por um momento, Ella não se moveu. O carro parecia estar indo embora. Somente quando o som desapareceu completamente, ela relaxou.

Depois de comer, andou ao redor do chalé. Nada parecia fora do lugar. Que estranho aquele carro ter soado tão perto.

O sol do fim de tarde estava quente. Ela debateu ir nadar um pouco, mas reconsiderou. Queria andar ao longo da

praia naquela noite, para ver se o estranho retornava. Pela primeira vez em mais de um ano, estava curiosa sobre alguma coisa... alguém. Não muitas pessoas compartilhavam seu amor pela noite. Ele compartilhava? Ou a noite anterior tinha sido uma exceção, por causa da viagem longa? Em que lugar do deserto ele estivera? Ela gostaria de visitar um oásis, ou dirigir algumas horas no deserto, apenas apreciando a solidão e a beleza que a cercavam.

Talvez, um dia no outono, alugasse um carro para isso.

Ella mal podia esperar até meia-noite. Sua impaciência para ver se o homem

estaria lá era muito estranha. Durante um ano, ela sentira como se estivesse embrulhada em plástico, vendo, mas não se conectando com o resto do mundo. Entretanto, um encontro ao acaso no escuro despertara sua curiosidade. Não sabia nada sobre o homem, exceto que ele gostava do mar, e não tinha medo de nadar no escuro. Ele era velho ou jovem? Morava ali perto, ou estava invadindo as propriedades para ganhar acesso à praia particular?

Ele estaria lá esta noite?

À MEIA-NOITE em ponto, Ella saiu da casa e percorreu rapidamente a trilha para a praia. Olhando da esquerda para

a direita, sentiu uma onda de desapontamento. Ele não estava lá. Suspirando diante de sua tolice, ela andou para a beira d'água e virou-se para retrair os passos da noite anterior.

– Eu estava me perguntando se você apareceria – a voz familiar falou atrás dela. Ela virou-se e o viu andando na sua direção. Sem túnicas esta noite, apenas calça escura e camisa branca.

– Eu frequentemente ando à meia-noite – disse ela.

– Como eu faço, mas principalmente por causa do calor do dia.

– E porque você não consegue dormir?

– Isso pode ser um problema – confirmou ele. – Para você, também?

– Às vezes. – Agora que ele estava lá, ela sentia-se tímida. Seu coração batia mais acelerado, e uma espécie de euforia a envolvia. – Você pôs seu sono em dia, depois da viagem?

– Dormi algumas horas.

– Férias são para dormir até tarde, e relaxar o máximo possível – disse ela, querendo saber mais, sem parecer que estava curiosa.

– Se eu estivesse de férias, o que não estou, ainda dormiria pouco.

– Oh, pelo que você disse... – ela fechou a boca.

– Eu acabei um trabalho num campo petrolífero ao oeste. Mas estou aqui a negócios. Negócios pessoais.

– Oh. – Que tipo de negócios? Quanto tempo levaria? Ela o veria novamente depois desta noite? Não que pudesse vê-lo, exatamente, mas era bom compartilhar a caminhada com alguém, mesmo se apenas por uma noite.

– Eu tenho algumas reflexões para fazer, e uma decisão para tomar – acrescentou ele.

– Mmm. – Ela chutou a água. A brisa era refrescante, depois do calor de seu workshop.

– Você fala árabe, mas não é daqui,

é? – perguntou ele.

Ela olhou para cima e meneou a cabeça.

– Eu estudei o idioma por anos. Entendo bem. Eu não falo bem árabe?

– Sim, mas ainda há um pequeno sotaque. De onde você é?

– Itália. Mas não por um tempo. Eu moro aqui agora.

– Com família?

Ela hesitou. Mais uma vez, temeu por sua segurança.

– Você acha que eu preciso de uma dama de companhia? – brincou, esquivando-se da pergunta.

– Não sei. Quantos anos você tem?

– Idade suficiente. – Ela parou e virou-se, olhando-o, desejando que pudesse vê-lo claramente. – Eu sou viúva. Já passei muito do estágio de precisar de alguém para cuidar de mim.

– Você não soa velha o bastante para ser viúva.

– Às vezes, eu me sinto com cem anos. – Ninguém deveria perder o marido quando estava com somente 28 anos. Mas, como já ouvira antes, a vida nem sempre era justa.

– Sinto muito por sua perda – murmurou ele, suavemente.

Ella recomeçou a andar, não querendo lembrar. Tentou se concentrar em cada

pé pisando na areia molhada. Ouviu o mar a sua direita, sentiu a energia se irradiando do homem ao seu lado. Então, agora ele pensava que ela era uma mulher velha, viúva e sozinha. Quantos anos ele teria? Pela voz, parecia um homem dinâmico no auge da juventude.

– Obrigada. – Ella nunca sabia como responder ao comentário. Ele não conhecera seu marido. Não o amara da forma que ela o amara. Ninguém jamais sentiria a perda igual a ela. Todavia, o comentário era gentil. Ele alguma vez perdera uma pessoa amada?

Eles andaram em silêncio por alguns

momentos. Então, ela perguntou:

– O que você fazia num campo petrolífero?

– Eu sou consultor de plataformas de petróleo. Minha companhia recebe uma comissão da Petrolífera Bashiri, entre outras, para ajudar quando novos campos são descobertos. E para apagar incêndios quando eles acontecem.

– Você apaga incêndio de petróleo? – Ela estava atônita. Tinha visto fotos de poços petrolíferos queimando. Chamas subiam 30 metros ou mais no ar. O calor intenso derretia e torcia metal, mesmo a metros de distância do fogo. Ela achava difícil trabalhar com o calor em seu

próprio estúdio, com equipamento protetor apropriado. Como alguém podia extinguir um fogo num poço petrolífero? – Existe um trabalho mais perigoso do que esse no mundo?

Ele riu.

– Imagino que exista. É complicado, às vezes, mas alguém tem de fazer isso.

– E como você se interessou por apagar conflagrações? Ser um bombeiro comum não era o bastante?

– Eu sou fascinado pelo processo inteiro de extração do petróleo. Desde descobrir reservas, até a perfuração e cobertura. É por isso que fazemos trabalho de consultoria com novos

lugares e revisamos lugares existentes por medidas de segurança. Qualquer coisa que impeça um poço de pegar fogo é uma coisa boa. É um interesse que sempre tive. E, uma vez que eu podia escolher minha profissão, escolhi essa.

– Eu não consigo imaginar. Não é excessivamente quente? Existe uma palavra mais forte do que quente?

Ele riu de novo. Ela gostou do som. Sorriu em reação.

– Oh, é quente. Mesmo com as roupas especiais que nós usamos.

Ele explicou brevemente como eles lidavam com o fogo.

Ella ouviu, fascinada e horrorizada ao

mesmo tempo.

– Você poderia morrer fazendo isso – exclamou ela em determinado ponto.

– Não morri ainda – replicou ele.

Ella detectou uma diferença sutil na voz masculina. Ele não estava mais rindo. Alguém tinha se ferido ou morrido combatendo um daqueles incêndios? Provavelmente. O processo inteiro parecia muito perigoso.

– Eles não entram em erupção com frequência – murmurou ele.

– Eu espero que nunca haja outro incêndio de petróleo no mundo – disse ela, fervorosamente. – Não é de admirar que você tenha desejado nadar, ontem à

noite. Eu ia querer morar *dentro* do mar, se sobrevivesse a um desses.

— Isto é um atrativo. Mas eu me tornaria irrequieto se ficasse aqui o tempo inteiro. Alguma coisa sempre me atrai de volta para os campos de petróleo. Uma necessidade de manter as plataformas seguras. E uma necessidade de fazer poços queimados voltarem a ser produtivos. Dever, paixão. Eu não tenho muita certeza.

— Então, esse é o tipo de coisa que você faria, mesmo se não precisasse trabalhar?

Ele riu.

— Exatamente.

Ela parou.

– É só até aqui que eu costumo andar.

– Ben al Saliq mora aqui, ou costumava morar – comentou Khalid, virando-se para ver a casa da praia. Somente os picos do telhado eram visíveis acima das árvores que alinhavam a propriedade.

– Como você sabe? – perguntou ela.

Ele virou-se para ela.

– Eu passei muitos verões aqui. Na casa de minha avó. Conheço todas as famílias da praia... exceto a sua.

– Oh, meu Deus, você é um dos homens Al Harum, não é? Eu sou sua inquilina, Ella Ponti.

CAPÍTULO 2

— MINHA INQUILINA — perguntou Khalid.

— Eu alugo a casa de hóspedes na propriedade de sua avó. Ela era minha benfeitora... ou algo assim. Sinto tanta saudade dela. Lamento tanto sua morte.

— Ela alugava a casa de hóspedes? Eu não sabia.

— Eu tenho um contrato. Você pode ver. Ela insistiu em redigir um. Disse que era melhor que nós tirássemos os negócios do caminho, e apreciássemos a

companhia uma da outra. Ela era maravilhosa. Sinto tanta saudade.

– Eu também sinto muita saudade de minha avó – disse Khalid. – Não sabia sobre isso.

– Você não está administrando a propriedade? Quero dizer, o jardineiro vem toda semana, os criados mantêm a casa em ordem.

– Está é a primeira visita desde a morte de minha avó. Os criados conhecem seu trabalho. Não precisam de um supervisor.

– É sua primeira visita em muito tempo. Você não a visitou nos últimos meses que ela viveu aqui. Ela falava

sobre os netos. Qual deles é você, Rashid ou Khalid?

– Khalid.

– Ah, o inquieto.

– Inquieto?

– Ela disse que você ainda não tinha encontrado seu lugar. Que estava procurando, viajando para o interior, ao longo da costa...

– Verdade. E Rashid?

– Ele é o consumido pelo trabalho... tentando fazer os negócios prosperarem, mais do que seu pai e tios fizeram. Sua avó se preocupava com vocês dois. Temia... – Ella parou, subitamente. Não era problema seu se nenhum dos homens

se casasse e tivesse filhos. Não cabia a ela contar-lhe sobre o desejo da velha mulher por uma nova geração.

– Temia o quê? – perguntou ele.

– Nada. Eu preciso voltar agora. – Ela andou rapidamente em direção a casa. Então, o estranho misterioso da praia era seu novo senhorio? Ela quase riu. Morava na casa há mais de um ano e nunca o vira por lá. Ouvira a avó dizer o quanto desejaria vê-lo, além das visitas rápidas na capital.

Ele rapidamente alcançou-a. Segurando-lhe o braço, virou-a para si.

– Conte-me.

– Meu Deus, não é nada demais. Ela

temia que nenhum dos netos se casasse e tivesse filhos. Queria segurar um neto. Agora, nunca poderá.

– Ela lhe disse isso? Para uma estranha?

– Nós nos tornamos amigas e conversávamos muito. Ela ia ao chalé com frequência, interessada no que eu estava fazendo. – E tinha sido uma fortaleza quando Ella estava sofrendo. A sabedoria gentil da mulher mais velha ajudara tanto naqueles primeiros meses. O amor dela ajudara. E o chalé alugado tinha sido um refúgio abençoado. Um guardado pelo dinheiro e segurança da família Al Harum. Ella encontrara um

lar no chalé, e era grata a Alia al Harum por ter lhe proporcionado o lugar perfeito.

– E o que você estava fazendo? – perguntou ele, ainda segurando seu braço.

– Trabalhando. Ela era uma benfeitora das artes.

– Você é pintora?

– Não, artista de vidro soprado. Pode me soltar?

Ele abaixou a mão. Ella dirigiu-se para casa. Então, aquele era o neto que estava sempre viajando. Ele estaria pensando em usar a casa principal quando estivesse na cidade?

Ela parou e virou-se para perguntar:

– Você pretende vender a propriedade?

– É algo que estou considerando.

– Sua avó queria mantê-la. Ficaria muito triste se você a vendesse.

– É uma casa muito grande para um homem sozinho. E eu não venho a Alkaahdar com frequência. Quando venho, tenho um apartamento na cidade.

– Pense no futuro. Você pode se casar e ter uma grande família, um dia. Irá precisar de uma casa como essa. E a localização é perfeita... bem no Golfo.

– Eu não pretendo me casar. Obviamente, minha avó não lhe contou

tudo sobre mim, ou você saberia que a ideia de casamento é ridícula.

Ella tentou lembrar-se de tudo que Alia lhe contara sobre os netos. Não querendo trair-lhes a confiança, ela não entrara em detalhes sobre as vidas deles, apenas falando de suas personalidades. E de como passara momentos felizes quando eles eram crianças e adoravam ir para lá. Alia esperara recapturar tais momentos com seus netos.

– Não tome decisões apressadas – disse ela. Alia morrera pensando que seu neto amado viveria em sua casa.

– Minha avó morreu em julho do ano

passado. Estamos no fim de maio. Não considero esta uma atitude apressada. — Ele pausou. — Vamos, eu a acompanho de volta. Você não usou a trilha que leva a casa ou ao chalé, ontem.

— Eu não sabia quem você era. Não queria indicar onde eu morava. — Ela recomeçou a caminhada.

— Fez bem. Você não sabe quem pode estar na praia, tarde da noite.

— Venho cuidando de mim mesma por um longo tempo. Conheço bem esta praia.

Subitamente, ocorreu a Ella que, se ele vendesse a propriedade, ela não teria para onde ir. Fizera seu lar ali.

Pensara que viveria no chalé por muitos anos. Precisava rever o contrato. Este mencionava a possibilidade de a propriedade ser vendida? Ela sabia que Madame al Harum nunca considerara tal possibilidade.

Assim que eles chegaram ao caminho, ela apressou os passos.

— Boa noite. — Nem mesmo sabia como chamá-lo. Sheik al Harum? Ou usaria o primeiro nome, para diferenciá-lo do irmão, que também era sheik?

Ao chegar em casa, Ella acendeu as luzes e foi para sua mesa. Suas despesas eram mínimas: comida, eletricidade e aluguel simbólico. Não que a família Al

Harum precisasse de seu dinheiro. Mas ela precisara pagar. Não era um caso de caridade. Não era uma questão de dinheiro; era uma questão de pertencer. De seguir seus sonhos. Madame al Harum entendera. Ella duvidava que o sheik entendesse.

Ela leu o contrato em árabe, achando mais difícil do que jornais. Conversava bem, lia jornais com facilidade. Mas isto estava se provando mais difícil do que esperara. Por que não pedira uma cópia traduzida em italiano?

Largando os papéis, andou de um lado para o outro. Se tivesse de partir, para onde iria? Estudou as paredes cor de

creme, as cortinas suaves que tornavam o cômodo tão aconchegante. Além das janelas escuras, havia uma vista dos jardins. Ela amava cada pedacinho do chalé e da propriedade. Onde mais encontraria um lar?

NA MANHÃ seguinte, Ella estava terminando seu café da manhã, quando uma das criadas da casa principal bateu à porta. Era Jalilah, uma que também servira Alia por tantos anos.

— Sua Excelência gostaria de lhe falar — disse ela. — Eu irei escoltá-la até a casa.

Então, ele mandara chamá-la... provavelmente para discutir sua partida.

– Espere até eu trocar de roupa. – Estava usando jeans surrado e uma camiseta enorme. Não era o tipo de traje para encontrar um sheik.

Rapidamente, colocou um vestido que lhe caía bem. E a cor rosa coloria suas faces de leve. Seus olhos escuros pareciam tristes... como sempre pareciam, desde que ela perdera Alexander. Nunca mais seria a garota risonha que crescera pensando só coisas boas sobre as pessoas. Agora, conhecia coração partido e traição. Era mais sábia, mas por um preço.

Escovando os cabelos, virou-se para enfrentar o futuro. Havia uma cláusula

no contrato que anularia seu direito, se a propriedade fosse vendida?

Ella seguiu a criada, e, ao entrar na casa, lembrou-se imediatamente de Alia al Harum. Nada mudara desde a última vez que a visitara. Os mesmos quadros estavam nas paredes. Seu primeiro vaso do novo estúdio ainda tinha um lugar de honra sobre a mesa no foyer, contendo um lindo arranjo de flores.

A criada foi diretamente para o estúdio. Ella pausou à porta por um momento, seus olhos se arregalando em choque quando ela viu o sheik Khalid al Harum. Ele a encarou, vendo sua expressão horrorizada. Ela sentiu-se

embaraçada por sua reação. Ninguém lhe contara que ele tinha sido horivelmente queimado. A pele enrugada na face direita... que descia pelo pescoço, e, obviamente por baixo da camisa... distorcia as feições do que teria sido um homem lindo. Ela estivera certa sobre ele estar no auge da juventude... devia ter 30 e poucos anos. E era tão alto quanto ela notara.

— Você queria falar comigo? — perguntou ela, entrando. Prendeu-lhe o olhar, determinada a não comentar sobre a queimadura, ou mostrar a piedade que sentia pela dor que ele deveria ter suportado. Ela tivera queimaduras

suficientes com vidro derretido para conhecer a dor. Nunca tão grandes quanto a dele. Por que um homem milionário gostava de arriscar a vida, combatendo incêndio de petróleo?

Seu coração disparou. Apesar da cicatriz, ele era o homem mais bonito que ela já vira. Até mesmo incluindo Alexander. Franziu o cenho. Por que estava comparando os dois? O sheik era apenas seu novo senhorio. Não podia significar nada para ela.

— Por favor. — Ele gesticulou para a cadeira oposta à mesa. — Você é mais jovem do que eu imaginei. É realmente viúva?

Ela assentiu, sentando-se.

– Meu marido morreu um ano atrás.
Sobre o que você queria falar comigo?

Ele sentou-se e pegou uma cópia do contrato.

– Isto. O contrato do chalé de hóspedes que você assinou com minha avó.

Ela assentiu. Era isso que esperava.
Ele tinha seu futuro nas mãos.

– Como você a coagiu a fazer isso? –
perguntou ele, olhando para os papéis.

Ela piscou.

– Eu não a coagi a fazer coisa alguma.
Sua avó me ofereceu um lugar para
morar e trabalhar, então veio a mim com

o contrato pronto, de modo que eu não precisasse me preocupar sobre arranjos de moradia até que eu tivesse um patrocínio.

– Um patrocínio?

– Eu lhe disse, trabalho com vidro. Preciso fazer peças suficientes para vender e ganhar meu sustento. Eu aluguei o estúdio para confeccionar minhas peças, e ela me ajudou, cobrando um aluguel tão baixo. Você leu a cláusula onde ela ganha uma porcentagem das minhas vendas, quando eu começar a ganhar dinheiro?

– E se você nunca vender nada? Parece que tem um acordo muito bom

aqui. Agora que minha avó faleceu, esta propriedade é minha, e se eu escolher vendê-la, estou no meu direito. Não sei como você conseguiu que ela assinasse um contrato tão desequilibrado, mas eu não sou ela. Você tem de ir embora. Vague o chalé, de modo que eu possa reformá-lo, se necessário, para vender.

Ella o encarou.

— Onde diz que eu tenho de sair antes do fim dos cinco anos? — perguntou ela. Não queria encontrar outro lugar... e não tinha dinheiro para construir outro estúdio. E nem peças suficientes para vender e levantar o dinheiro. Era uma desconhecida. Os planos que discutira

com a avó dele tinham sido para o futuro... não o presente.

– Eu não a quero como inquilina. De quanto você precisa para ir embora?

A raiva a inundou.

– Nada. Eu quero ficar. – Ela sentiu a força do olhar dele, mas não seria intimidada. Aquele era seu *lar*. Ele podia ver aquilo como uma mera propriedade, mas para Ella era mais. Erguendo o queixo, continuou: – Na última página está escrito que, quando eu começar a vender, ela recebe dez por cento de todas as vendas. Suponho que você receberá, agora. – Ela não gostava da ideia de ter uma longa conexão com

este homem, que, obviamente, não podia se importar menos com seu futuro. Madame al Harum amara seu trabalho, encorajando-a. Ela se alegraria com seu sucesso... se este viesse.

Sheik Khalid a via como um impedimento para vender a propriedade.

– Eu posso pagar bem – disse ele, suavemente.

– Não.

– Você não sabe quanto.

– Não importa. Tenho o contrato, tenho a casa por mais quatro anos. Tempo suficiente para eu alcançar sucesso ou não. Em caso negativo, acharei outra coisa para fazer.

— Ou achará um marido rico para sustentá-la. A propriedade é luxuosa. Você detestaria ir embora. Mas se eu lhe der bastante dinheiro, poderá se sustentar num luxo similar, por um tempo.

Ella levantou-se e inclinou-se sobre a mesa, prendendo-lhe o olhar.

— Eu não vou embora. O contrato me dá o direito de ficar. Lide com isso.

Ela virou-se e saiu, ignorando seus joelhos trêmulos, seu coração disparado. Não queria o dinheiro dele. Queria ficar exatamente onde estava. Até que as pessoas que a procuravam desistissem. Até que ela pudesse

construir seu próprio futuro do jeito que queria. Até que conseguisse provar que sua arte tinha valor.

KHALID OBSERVOU-Asaindo da sala, e ouviu a porta da frente se fechar. Ela se recusava a ir embora. Ele olhou para o contrato, novamente. Pelo que via, não podia fazer nada. Mas consultaria advogados. Tinha de haver uma saída. Não queria ficar com a casa por mais quatro anos, e suspeitava que ninguém compraria a propriedade com um inquilino residindo lá. O que sua avó estivera pensando?

Ele recostou-se, refletindo sobre sua inquilina. Ella Ponti, viúva. Ela

aparentava uns 25 anos. Como o marido morrera? Tristeza tinha brilhado nos olhos dela, mostrando-lhe que ela realmente sofria sua perda. E ele lamentou um pouco causar uma mudança na vida dela.

Entretanto, não a conhecia. Ella era uma caçadora de fortunas procurando um caminho fácil na vida? Usando uma senhora idosa e convencendo-a a praticamente lhe dar o chalé?

Khalid estava indeciso sobre a venda. Lembrava-se de sua avó em cada cômodo. Todas as visitas que eles tinham compartilhado ao longo dos anos. Olhando ao redor do estúdio, detestou a

ideia de deixá-lo. Mas nunca moraria numa casa tão grande. O que tornava a venda da propriedade a melhor opção.

Deveria ter visitado sua avó com mais frequência. Eles haviam jantado juntos em Alkaahdar quando ele estava na cidade. Mas longos fins de semana na propriedade estavam no passado. E nos últimos tempos, sua avó lhe perguntara mais sobre sua vida do que Khalid perguntara sobre a dela. Era difícil conviver com arrependimentos.

Todavia, se sua avó tivesse visto a reação de Ella, talvez tivesse parado de censurá-lo por fazer muito drama sobre a cicatriz. A reação inicial de Ella havia

sido um eco da reação de sua ex-noiva... a mesma expressão de horror. Ele sabia que mulheres desgostavam de sua aparência. Um dos motivos pelo qual passava a maior parte do tempo em campos petrolíferos no deserto.

Reprimindo os pensamentos, pegou o telefone para ligar para o escritório da Petrolífera Bashiri. Quanto antes achasse um jeito de livrar-se de sua inquilina indesejada, melhor.

ELLA ENTROU em casa, sentindo-se furiosa. Por que Khalid al Harum tivera de aparecer, quando nunca visitara, desde que ela estava lá? E como ele ousava lhe oferecer dinheiro para se

mudar? Ela precisava daquele cenário tranquilo. Aos poucos, tinha superado seu sofrimento intenso. Devia isso a Alia. A mulher mais velha tivera tanta fé em seu talento, encorajando-a a provar seu valor. E Ella faria isso, pela memória da mulher que a ajudara tanto.

E o neto inquieto não ia mandá-la embora.

Ela tirou o vestido, jogou-o na cama e voltou a colocar o jeans e a camiseta grande. Prendendo seus cabelos enquanto andava, foi para o estúdio. O vaso que criara ontem ainda precisava esfriar por horas, antes que ela pudesse tirá-lo do forno. Estava ansiosa para ver

se ficaria tão lindo como imaginava. Paciência era definitivamente necessária para trabalhos em vidro.

Enquanto isso, ela pegou seu bloco de desenho e foi se sentar perto da janela. Poderia fazer uma série inteira na mesma técnica se o sopro saísse perfeito. Olhou para a página em branco. Não estava vendo outro trabalho em vidro, mas o rosto de Khalid al Harum. Que contraste... um homem lindo, uma cicatriz horrível. A avó dele nunca mencionara aquilo.

Quando o incêndio acontecera? Ele poderia ter morrido. Que trágico ter sofrido uma queimadura tão severa. O

aspecto da cicatriz dizia que aquilo não acontecera recentemente.

Impaciente com seus pensamentos, ela levantou-se e andou pelo estúdio. Precisava se concentrar em sua própria peça de arte. Tinha de construir uma coleção digna de uma exposição, com preços exorbitantes. Madame al Harun falara com os donos de galeria, como dissera que faria, quando a hora chegasse? Provavelmente, não. Por que falar de algo que levaria anos para acontecer?

– Ótimo. Além de não ter para onde ir, eu agora não tenho chance de conseguir uma exposição, sem um

patrocinador – murmurou ela em voz alta.

Bem, não adiantava se lamentar. Em vez disso, faria cada momento contar. Talvez ele tentasse expulsá-la, mas até que fosse carregada à força para fora do estúdio, ela trabalharia em sua coleção.

O dia provou-se interminável, enquanto ela trabalhava e pensava, contra sua vontade, em Khalid al Harum.

Depois do jantar, considerou andar na praia. Mas não queria correr o risco de encontrá-*lo*, novamente.

Sentou-se no seu terraço por um tempo, tentando relaxar. Quanto mais tentava ignorar a imagem dele, mais esta

parecia dançar na sua frente. Não seria intimidada pelo homem. Levantando-se, dirigiu-se para a praia. Vinha andando ao longo da praia por meses. Não ia mudar sua rotina só porque ele aparecera.

Quando pisou na areia, olhou para ambos os lados. Ninguém à vista. Ella andou para a água, então virou para o sul. Se ele aparecesse, provavelmente iria na direção norte, como ela fizera nas duas noites anteriores.

No momento que ela começara a relaxar, uma voz veio de seu lado direito:

– Eu arrisquei. – Khalid levantou-se

da areia e andou os poucos metros, até onde ela estava. – Pensei que você pudesse vir para o lado oposto esta noite, e acertei.

– Então, eu vou virar e ir para o norte – disse ela, parando para encará-lo.

– Eu não estou impedindo você de ir para qualquer das direções. – Ele posicionou-se ao seu lado, quase perto demais. Ela deu um passo atrás, quando uma onda lavou seus pés. A água fria quebrou o encanto.

– Você pode andar por onde quiser, é claro – replicou ela, e voltou a andar na beira da água.

Khalid caminhou ao seu lado.

Silêncio estendeu-se. Ella perdera a sensação de serenidade. Agora estava consciente do homem ao seu lado, e nervosa. Não gostava do desejo de querer saber mais. Do desejo de defender-se para ele, e fazê-lo mudar de ideia quanto a sua estada no chalé.

– Eu chamei um advogado – anunciou ele.

Ela não respondeu, esperando pelas más notícias. Havia uma cláusula de escape?

– Ficaré feliz em saber que o contrato é incontestável. Você tem o direito de ficar por quanto tempo desejar. A parte interessante é que você tem o direito de

terminar o contrato antes do final, mas minha avó... e agora eu... não temos o mesmo direito.

Ela esquecera. Madame al Harun insistira que, se Ella desejasse partir antes dos cinco anos, estaria livre para isso. Na época, Ella não se imaginara capaz de ir embora dali. Ainda não queria pensar nisso. Mais quatro anos seria tempo suficiente?

– Então, se quiser partir, eu ainda tornarei isso lucrativo para você.

– Eu não moro aqui pelo dinheiro.

– Por que, então? Você não é daqui. Não tem família ou marido. O que a prende ao chalé, a Alkaahdar?

– Um lugar seguro para morar – respondeu ela. – Um cenário lindo num país lindo. Eu também tenho amigos aqui. Quishari é meu lar.

– Seguro? Há perigo em algum outro lugar? – perguntou ele, focando-se naquele comentário.

Ela parou para olhá-lo.

– Ouça, eu vim para cá num período muito difícil da minha vida... logo depois que meu marido morreu. Sua avó fez mais por mim do que qualquer pessoa, inclusive se certificando de que eu tivesse um lugar para morar, para trabalhar, para viver meu luto, abrigada dos problemas. Eu estarei eternamente

em dívida com ela. Uma dívida que agora nunca poderei pagar. Fiquei muito abalada quando ela morreu. Sofri, também. Agora, começo a reencontrar a paz, e não quero minha vida perturbada, porque você quer se livrar de uma casa que sua avó amada lhe deixou, na esperança que você a usasse. Não me envolva em sua vida. Eu não tenho interesse em aceitar uma fortuna para partir. Quero ser deixada em paz, e continuar aqui como antes. Fui clara o bastante?

— A vida muda. Nada é como o ano passado. Minha avó está morta. Sim, ela me deixou a propriedade na esperança

de que eu me estabelecesse aqui. Você me viu esta manhã. Sabe por que eu nunca me casarei. Por que eu manteria uma casa por razões sentimentais, visitando-a uma ou duas vezes por ano, quando outra família poderia apreciar morar nela diariamente? Acha que é fácil para eu vender? Tenho muitas memórias aqui. Mas é quase um crime deixar a propriedade vazia ano após ano.

— Por que você nunca irá se casar? O incêndio queimou outras partes suas? — perguntou ela, perplexa pelo comentário dele.

— O quê?

Ela o surpreendera com aquela pergunta.

Oh, por que ela abrira a boca? Agora, precisava esclarecer.

– Quero dizer, você não pode ser pai, ou algo assim?

Ele riu.

Ella franziu o cenho. Não era uma pergunta engraçada.

– Você está bem nesse departamento, suponho – continuou ela. – Então, qual é o problema?

Ele inclinou-se para frente, o rosto tão perto do seu que ela podia sentir o calor da respiração dele.

– Como eu disse, você viu as minhas

cicatrizes, esta manhã. Que mulher iria querer se casar comigo?

Ela fitou-lhe os olhos, tão escuros quanto os seus.

– Falta-lhe inteligência, ou acha que eu sou estúpida? Você é lindo, exceto pela leve desfiguração de um lado. Imagino que tenha tido uma boa educação, e tem rios de dinheiro. Por que alguém não se apaixonaria por você? Sua avó achava que você deveria se casar. Certamente, ela saberia se houvesse um grande impedimento.

– Eu não quero uma esposa interessada no meu dinheiro. Tenho um temperamento que poderia espantar

qualquer pessoa, e asseguro-lhe que aparência conta, quando pessoas estão procurando por companheiros. E minha avó via apenas seu próprio casamento feliz, e queria o mesmo para os netos.

– Então, eu pergunto novamente: qual é o problema?

– Talvez você seja estúpida. Esta cicatriz – replicou ele, pegando-lhe a mão e pressionando-lhe os dedos em sua face enrugada.

Ele soltou-lhe a mão e Ella deixou-a contra a face danificada. A pele era quente ali. De leve, roçou o polegar ao longo da cicatriz, indo para os lábios que tinham escapado das chamas. Seu

coração bombeava, mas ela estava hipnotizada. O calor de Khalid parecia tocar seu coração. Ele estava se consignando a uma vida solitária. Ela conhecia o sentimento. Desde a morte de Alexander, não se resignara à mesma coisa?

Mas as circunstâncias eram diferentes. Ela amara e perdera. Khalid precisava sentir o amor de alguém, saber que era especial. E realizar o sonho que a avó quisera tanto para ele.

KHALID ESTAVA chocado. O toque dela era suave, gentil, doce. O delicado polegar traçou uma linha de fogo e gelo contra sua pele. Ninguém o tocara desde

que os médicos tinham removido a última das bandagens. Quando ele a soltara, esperara que ela recolhesse a mão depressa. Ainda estava lá. O toque era inesperado e erótico. Ele podia sentir-se respondendo, como não sentia há anos.

– Basta. – Khalid removeu-lhe a mão de seu rosto e deu um passo atrás. – Diga-me o que você precisa para deixar o chalé de hóspedes.

– Quatro anos – replicou ela, e virou-se para continuar sua caminhada.

Ele observou-a andando na beira da água. Ela estava falando sério. Não queria dinheiro. Queria tempo.

Por que ela estava lá? Havia algo nas coisas de sua avó que explicava por que ela se tornara amiga de Ella Ponti, e fizera um acordo unilateral com ela? Ele não olhara todos os papéis, mas faria isso na manhã seguinte.

Por que ele havia ido à praia esta noite? Não podia se lembrar da última vez que procurara a companhia de uma mulher. Provavelmente, porque esse teria sido um exercício fútil. Ella o vira na luz do dia, hoje. E esta noite o tratara da mesma maneira das duas noites anteriores.

Exceto pelo leve toque.

Balançando a cabeça, ele quase

sorriu. Ela o chocava em mais de uma maneira. Esta era a reação de um homem que estava muito tempo sem uma mulher? Tinha de ser. Ela não fizera nada para encorajá-lo. Na verdade, mulher alguma o enfrentara como Ella Ponti fizera esta noite e pela manhã. Lide com isso, ela lhe dissera, ignorando sua demanda para que ela partisse.

Talvez ele parasse de pressioná-la e descobrisse um pouco mais sobre sua inquilina. Ela o intrigava. Por que estava lá? Talvez fosse hora de descobrir mais sobre Ella Ponti, a jovem viúva vivendo tão longe de sua terra natal.

CAPÍTULO 3

TALVEZ, ELA finalmente o tivesse atingido, pensou enquanto andava sozinha. Ele não a seguira. Ótimo. Bem, talvez houvesse um pequeno desapontamento, mas não o bastante para querer a companhia de Khalid.

Ela fechou a mão em punho. Traçara-lhe a linha forte do maxilar, o contorno esculpido dos lábios. Não que quisesse pensar sobre aqueles lábios... aquilo a faria pensar em beijos, e Ella pretendia nunca mais beijar alguém. O pensamento

parecia quase uma traição de seu amor por Alexander. Não era. Ela ainda sofria por seu amor perdido.

– Alexander – sussurrou. Ela levou um segundo para se lembrar do rosto amado. Entrou em pânico. Não podia esquecê-lo. Ainda o amava. Ele tinha sido o coração batendo nela. Mas a imagem se apagou, e foi substituída pelo rosto de Khalid al Harum.

– Não! – disse ela com firmeza, reprimindo o pensamento.

Olhou ao redor. No mar, avistou um navio a distância. Era um cruzeiro? Casais e famílias estavam apreciando as águas do Golfo? Eles parariam numa das

ciudades alinhando a costa? Talvez, para apreciar a cozinha árabe tradicional? Ou para dançar? Por um momento, ela lamentou nunca mais ter dançado. Era tão jovem para ter amado e perdido.

Mas tinha sua arte.

Parando finalmente, olhou para o navio por um longo momento, então de volta para a praia. Khalid estava onde ela o deixara. Ele estava pensando, ou esperando por seu retorno? Ella começou a andar em direção a ele.

Quando o alcançou, perguntou:

– E agora?

– Agora, nós esperamos quatro anos – replicou ele.

Aquilo a surpreendeu. Ele ia realmente parar de pressioná-la? Ela não pensara que ele desistiria tão fácil. Todavia, talvez Khalid fosse pragmático. O contrato era legal.

– Uma vez que seremos vizinhos por um tempo, é melhor sermos amigáveis. – Ele andou do seu lado. – Certamente, você visitava minha avó, de vez em quando.

– Quase todos os dias. Ela era encantadora. E encorajava muito meu trabalho. Sabia que você tem uma das minhas primeiras peças na sua casa?

– O que e onde?

– O vaso raso no foyer. Sua avó

gostou, e eu dei a ela. Fiquei radiante quando ela colocou-o num lugar de destaque.

– Talvez eu vá ver seu trabalho, qualquer hora.

Ella não tinha certeza se o queria em seu estúdio ou em sua casa. Mas se ele realmente parasse de pressioná-la, ela aceitaria uma ou duas vistas.

– Avise-me quando – murmurou ela.

NA MANHÃ seguinte, Khalid ligou para seu irmão. Rashid era o diretor da Petrolífera Bashiri. Khalid também era dono da companhia, mas Rashid dirigia os negócios. O que era perfeito para Khalid, que preferia os campos

petrolíferos aos escritórios no centro da cidade.

– O que me conta? – perguntou Rashid quando ouviu a voz de seu irmão. – Você ainda está em Hari?

– Não, estou na propriedade da vovó. Você sabia que ela alugou a casa de hóspedes no ano passado?

– Não. Para quem?

– Uma artista. Por que o segredo? Eu também não sabia.

– Ela convenceu vovó a patrociná-la, ou algo assim? Que história triste ela inventou?

– Não sei. Por isso estou ligando. Pode pedir para alguém investigar o

passado da artista? Aparentemente, Ella tem um contrato de aluguel incontestável, e não pretende sair do chalé antes que o contrato expire... daqui a quatro anos.

– Um contrato de cinco anos? Alguém analisou este contrato?

– Sim. É legal. E ela é uma mulher determinada. Eu lhe ofereci o maior suborno possível, e ela negou.

– Então, procure outra maneira de tirá-la do caminho – sugeriu Rashid.

– Não, por enquanto, eu só quero saber mais sobre ela. Respeito o julgamento de vovó, que obviamente gostava da mulher.

Houve silêncio, antes que seu irmão perguntasse:

– Ela é bonita?

– O que isso tem a ver com a investigação? Ela é viúva.

– Oh. Certo, eu pedirei que um dos homens lhe telefone mais tarde, para que você lhe dê as informações que tem. Bethanne e eu vamos jantar com mamãe, esta noite... quer ir conosco?

– Uma próxima vez. Eu vou separar as coisas de vovó.

– Planejando se mudar para aí?

– Eu estava pensando em vender a propriedade, até que descobri que tenho uma inquilina irredutível.

– Então, bom para a viúva. Ninguém de nós quer que você venda.

– O lugar não é seu. Você tem o palacete ao sul da cidade.

– Onde acho que Bethanne e eu iremos morar. Você ama o mar. Por que não manter a propriedade?

– É uma casa grande demais para uma pessoa sozinha.

– Case-se e encha-a – sugeriu seu irmão.

– Envie meu amor à mamãe, e peça para alguém me ligar logo – disse ele, ignorando a sugestão. Rashid devia saber que isso nunca aconteceria. Mas seu irmão ficara noivo recentemente, e

agora mudara de opinião sobre permanecer solteiro.

Khalid desligou o telefone e olhou novamente para o vaso em sua mesa. Tirara no foyer na noite anterior, e levara-o para seu estúdio. Era adorável. Era oval, alargando-se nas extremidades. Do centro, irradiando-se para fora, havia um desenho amarelo que parecia um raio de sol. Ele sabia que sua avó tinha adorado a peça.

Então, Ella era realmente artista? Talvez, sua avó tivesse visto o potencial e decidido manter sua protegida por perto, enquanto ela criava. Sua avó tinha sido amável e generosa, mas era uma

mulher astuta. Devia ter visto verdadeiro talento para encorajar Ella. Então, por que não o resto da família?

Khalid levantou-se. Era hora de ver a artista em seu estúdio, e avaliar exatamente o que ela estava fazendo.

Ele andou para o chalé em segundos. Um cômodo fora acrescentado à construção. Obviamente o estúdio. Quanto sua avó fizera por aquela inquilina?

Khalid parou diante da porta, que estava aberta. Podia sentir o calor saindo do lugar. Olhou para dentro. Ella estava concentrada em seu projeto e não o notou. Por um momento, ele observou-

a. Ela usava um avental de couro, luvas de couro e óculos escuros, e estava sentada de pernas abertas num banco longo de madeira, soprando vidro derretido sobre uma folha de metal, através de um tubo. Então o vidro começou a tomar forma. A alguns metros dali havia um forno, a porta aberta, despejando calor.

Os cabelos escuros de Ella estavam presos num rabo de cavalo. Mesmo naquelas roupas, ela parecia feminina e bonita. Como ela se interessara por aquela arte quase perdida? Era preciso muito vigor para trabalhar num ambiente tão adverso. Devia estar uns 37 graus na

sala. Entretanto, ela parecia tão refrescada como se estivesse na sala de estar de sua avó.

Lentamente, ela rodou o tubo. Soprou novamente, e o formato se alongou.

Ela olhou para cima e franziu o cenho, então voltou ao trabalho.

– O que você quer? – perguntou, antes de soprar no tubo, novamente.

– Ver onde você trabalha. – Ele entrou. – Está quente aqui.

– Claro, eu estou trabalhando com fogo.

Enquanto ela trabalhava, Khalid começou a ver o formato, um vaso alto, talvez. Era difícil determinar a cor, que

era translúcida e brilhava com calor.

Ele aproximou-se.

– Você se importa se eu assistir?

– Não há muito que eu possa fazer sobre isso, há? – perguntou ela.

Khalid escondeu um sorriso. Ela não estava cedendo nada. Novidade em sua experiência. Antes de sua queimadura, mulheres o rodeavam. Assim como rodeavam Rashid. Ele apostava que Ella não teria feito isso, independentemente de qualquer coisa.

– Minha avó construiu este estúdio para você?

– Mmm – murmurou ela, os lábios ainda ao redor do tubo.

– Moderno?

– Mmm.

Ele olhou ao redor. Outros equipamentos alinhavam uma parede, um deles parecia um forno. Havia jarras de cacos de vidro em várias cores. Sobre uma mesa, jaziam peças inacabadas. Ele foi até lá e estudou-as. Pegando um vaso, notou o formato de ampulheta. A cor era pastel... quando ele ergueu-a, tornou-se verde-clara. Sobre a mesa, a cor escurecia, contrastando com a madeira.

Khalid olhou para as outras peças. Não era um conhecedor de arte, mas eram lindas. Era óbvio que sua avó

reconhecera tamanho talento e a encorajara.

Quando ele olhou para Ella, ela estava usando uma espátula de metal para dar ainda mais formato à peça. Após longos minutos moldando o vidro, ela levou-o para o forno, fechou as portas rapidamente, e ajustou o tempo.

Virando-se, olhou para ele, removendo os óculos escuros.

– Então?

– Interessante. São adoráveis – disse ele, gesticulando para a coleção atrás de si. Tentava tirar os olhos dela, que estava ainda mais linda com aquela cor nas faces.

– Espero que sim. Esta é a intenção. Construir um inventário e fazer uma exposição. Você conhece negociantes de arte? – perguntou ela, esperançosamente.

Khalid meneou a cabeça. Sua família doava para artes, mas a nível corporativo. Ele não tinha conhecidos pessoais no mundo das artes.

Ela removeu o avental e colocou-o sobre o banco.

– Nem eu. Essa era outra coisa que sua avó ia fazer... me apresentar a donos de galerias na Europa. Suponho que terei de me virar sozinha.

– Uma pena que você não possa se apoiar no nome Al Harum.

Os olhos de Ella brilharam com raiva.

– Eu não pretendo me apoiar no nome de ninguém. Espero ter sucesso pelos meus próprios méritos. Sua avó ia apenas me apresentar.

– Ainda assim, uma apresentação dela garantiria que os donos de galeria olhassem com mais atenção para o trabalho da protegida de Alia al Harum. Ela gastou muito dinheiro em galerias, em suas visitas à França e à Itália.

– Eu não pretendo expor na Itália.

A desconfiança de Khalid aumentou. Ela era da Itália. Por que não expor em seu próprio país? Ele dera as informações que pudera para a pessoa

da petrolífera investigar o passado de Ella. Agora, queria mais do que nunca saber o que a levara a Quishari, e como ela conheceria sua avó.

– Você acha que pode ganhar o suficiente para se sustentar?

– Sua avó achava que sim. Eu acredito nela, então, sim, acho. Não espero ficar milionária, mas tenho necessidades simples, e amo fazer o trabalho criativo, então, ficaria contente se eu comesse a vender.

– Você já enviou peças para análise?

– Não. Eu queria esperar até que tivesse um inventário. Se as peças venderem logo, quero ter mais, e só

posso produzir algumas por mês. Tenho um plano de cinco anos.

Ele encontrou-lhe os olhos, vendo sinceridade neles. E, estranhamente, Khalid queria ajudar. Quebrou o contato ocular e foi para a porta, pausando antes de sair.

– Eu sugiro que você envie algumas peças e veja se elas vendem. Não faz sentido perder cinco anos, se nada tiver valor.

ELLA OLHAVA para o jardim do lado de fora muito depois que Khalid tinha saído. Ele fazia aquilo parecer tão simples. Mas não era. E se ela não vendesse? E se as peças fossem

mundanas e medíocres? Ela podia viver na esperança pelos próximos anos... ou ser esmagada pela realidade. Ainda estava muito vulnerável para testar se seu trabalho tinha mérito.

Por outro lado, talvez Khalid estivesse certo. Ela não deveria perder tempo criando peças de vidro, se estas nunca venderiam. A pequena renda do seguro de vida de Alexander duraria para sempre. Se ela não conseguisse se sustentar com sua arte, deveria encontrar outros meios de sobreviver.

Apenas que não queria outros meios. Amava sua arte.

Uma vez que acabou de limpar o

estúdio, ela pegou seu notebook e foi se sentar no terraço. Abriu as páginas e começou a estudar as fotos que tirara de diferentes peças que já fizera. Havia mais de cem. Algumas eram muito boas, outras eram tentativas de uma nova técnica que ela não concluía. Ousaria selecionar algumas peças para vender?

E se ninguém comprasse?

E se elas a deixassem famosa?

Ela não queria perder o equilíbrio. Gostava da vida como era. Ou como tinha sido, antes de Khalid al Harun chegar.

Ele a distraía, para começar. Ela soubera instantaneamente quando ele

aparecera à porta, mas ignorara-o pelo máximo de tempo possível. Todavia, apesar de não estar interessada em outro relacionamento, seu corpo parecia reagir com consciência, toda vez que ele estava perto. O que era desconcertante.

E a distraía.

Ella não foi à praia naquela noite. Ouviu música enquanto catalogava os preços que considerava adequados para a primeira exposição. Tinha poucas fotos da primeira série de vasos e tigelas que fizera quando se mudara para lá. Precisava tirar mais fotos, talvez num dos salões na casa principal. Esta era uma ideia que ela e Madame al Harun

havam discutido.

Deus, ela teria de pedir a Khalid, e podia imaginar o que ele diria de sua proposta. Se ela dispusesse as peças no salão principal e as fotografasse, seu catálogo ficaria mais bonito e despertaria mais interesse.

Ela foi para cama naquela noite cheia de ideias para expor as peças que colocaria no seu primeiro catálogo. A única pergunta era se ousaria pedir a permissão de Khalid para usar o salão para as fotografias.

NA MANHÃ seguinte, Ella acordou decidida a falar com Khalid, e pedir-lhe que ele lhe emprestasse o salão para as

fotos. Depois de um rápido café da manhã, dirigiu-se a casa. Enquanto atravessava o jardim, tentou acalmar seus nervos. O pior que podia acontecer era ele recusar. Nesse caso, ela usaria a pequena área de estar do chalé, embora desejasse um cenário mais elegante como pano de fundo para sua arte.

Jalilah abriu a porta quando ela bateu.

– Eu gostaria de falar com sheik Al Harum – disse Ella.

– Ele está com uma visita. Espere aqui.

Ella esperou no foyer. Seu vaso não estava mais lá. Espiou dentro do salão. Não estava lá, também. Khalid o

removera, uma vez que soubera que ela fizera o vaso? Aquilo a deixou chateada.

– Venha. – A criada chamou da porta do estúdio.

Quando Ella entrou, parou em surpresa. Dois homens a olhavam. Exceto pelas roupas, e pela cicatriz no rosto de Khalid, eles eram idênticos.

– Gêmeos?

Khalid franziu o cenho.

– Você queria alguma coisa?

– Apresente-nos – disse o outro homem, atravessando a sala e oferecendo a mão.

– Meu irmão – Khalid falou.

– Bem, isso é óbvio. – Ella estendeu a

mão e sorriu. – Eu sou Ella Ponti.

– Eu sou Rashid al Harum. Você é a inquilina, suponho.

Ela assentiu.

– A inquilina indesejada.

– Apenas porque eu quero vender a propriedade – resmungou Khalid. – Rashid está tentando me convencer a não fazer isso, também.

– Bom para você. Eu disse a ele que sua avó queria que ele morasse na casa.

– É muito grande para um homem – replicou Khalid.

– Então...

Ele interrompeu-a:

– O que você quer?

Rashid olhou para seu gêmeo.

– Eu estou atrapalhando?

Ella meneou a cabeça, confusa ao ver seu vaso no centro da mesa de Khalid.

– Em absoluto. Eu vim pedir permissão para fotografar algumas peças minhas no salão, de modo que elas sejam exibidas num ambiente elegante e refinado.

– Você quer tirar fotos da minha casa? – perguntou Khalid. – Fora de cogitação.

– Não da casa, apenas de algumas peças minhas sobre uma mesa ou algo assim, o que daria uma ideia de como elas ficariam em outra casa. O cenário

ficaria meio embaçado, o foco seria no meu trabalho.

– Use a mesa em seu estúdio.

– Não é elegante.

Ele franziu o cenho.

– Eu não vejo...

– ...problema algum nisso – terminou Rashid antes que seu gêmeo pudesse continuar. – Eu estava admirando seu vaso, quando você chegou. Khalid explicou como você fez isso. Eu gostaria de ver mais de seu trabalho. Aposto que Bethanne também.

– Bethanne? – perguntou Ella.

– Minha noiva. Ela está fazendo algumas mudanças no meu palacete, em

preparação para nosso casamento, e está de mudança para lá.

– Então, o consumido pelo trabalho vai se casar? Minha avó não adoraria saber disso? – questionou Khalid.

– Do que você está falando? – perguntou Rashid, olhando para seu gêmeo.

– Nada, apenas algo que sua avó me disse uma vez. Estou feliz por você e sua noiva. Diga ao seu irmão como você está feliz, de modo que ele possa encontrar uma esposa e me deixar em paz – murmurou Ella, apressadamente.

Rashid olhou para ela, então para Khalid.

– Esqueça. Já falamos sobre isso, antes. Eu não vou me casar – disse Khalid.

Rashid pareceu pensativo, enquanto olhava entre as duas outras pessoas na sala.

– Eu, uh, preciso ir. Trarei Bethanne amanhã, Ella. Ela vai adorar ver os objetos de vidro. Khalid, você tem o que me pediu. Informe-me se precisar de mais. – Ele assentiu para os dois, um pequeno sorriso brincando nos lábios.

Ella detestou vê-lo ir embora. Era muito mais fácil estar perto de Rashid do que do irmão dele.

– Então, eu posso usar o salão?

– E se eu negar? – Ele encostou-se casualmente contra a lateral da mesa.

– Então, eu vou amolá-lo, até que você diga sim – replicou ela, com ousadia. – Talvez isso ajude a vender parte do meu trabalho mais cedo do que o planejado originalmente, e eu possa me mudar mais depressa.

– Quão mais depressa?

– Não sei, cinco dias?

Divertimento iluminou os olhos dele.

– Por uma mudança tão breve, como eu posso recusar?

– Obrigada. Eu lhe darei crédito em minha brochura, de modo que todos saberão que você ajudou.

– Não. Sem crédito, sem publicidade.

Ela começou a protestar, mas concordou, sabiamente.

– Certo. Estou esfriando algumas peças agora, e quando estiverem prontas, eu começarei a fotografar.

– Você não foi à praia, ontem à noite – observou ele.

Ele tinha ido, obviamente.

– Eu... precisei dormir cedo. Grande dia hoje.

– Fazendo o quê?

O que ela poderia responder? Olhou ao redor da sala.

– Apenas um grande dia. Por que meu vaso está aqui?

– Pensei que fosse meu.

– Eu quis dizer, por que o vaso que eu fiz está aqui, e não no foyer?

– Eu queria admirá-lo. Gosto dele.

Ela piscou.

– Gosta?

Divertimento brilhou nos olhos dele, novamente.

– Você parece surpresa. Não é bom?

Ela assentiu.

– Apenas não imagino você...

– Tendo um olho para beleza?

– Eu não ia falar exatamente isso.

– Você fala tudo que pensa.

– Você é muito exasperador, sabia? –
perguntou ela.

– Um adjetivo diferente dos nomes que já fui chamado. – Khalid levantou-se e rodeou a mesa para se sentar. – Então, você estará na praia esta noite?

Ella deu de ombros.

– Obrigada por me deixar usar o salão.

– Um aviso – murmurou ele, olhando para cima.

Ela suspirou. Tinha sido bom demais para ser verdade.

– O quê?

– Eu dou a aprovação final. Não quero que certos objetos da sala sejam parte de seu catálogo de vendas. Não quero que alguém pense que mais do que

seus vidros estão disponíveis.

— Combinado. — Ela virou-se. À porta, parou e olhou-o por sobre o ombro. — Eu pretendo caminhar na praia esta noite, a propósito.

Ella não tinha certeza, mas suspeitou que a expressão no rosto dele estava quase sorridente.

CAPÍTULO 4

ELLA E Khalid começaram uma amizade. Todas as noites, ela ia andar na praia. A maioria das noites, Khalid já estava na areia, como se esperando por ela. Eles conversavam facilmente, enquanto caminhavam no escuro. Às vezes, ficavam em silêncio. Ella notou que ele era mais quieto do que os homens que conheceria. Tal personalidade seria um resultado do acidente? Ela perguntou-lhe sobre isso na terceira noite, depois que ele lhe dera

permissão para usar o salão.

– Como você se queimou? – perguntou, enquanto eles estavam voltando para casa.

– Nós estávamos apagando um incêndio no Egito. Assim que conseguimos, outra parte do poço explodiu. O fogo destruiu parte de minha roupa de proteção, queimando instantaneamente. A dor era insuportável.

– Eu posso imaginar. Já sofri algumas queimaduras, para ter ideia de como é. Você ficou muito tempo no hospital?

– Alguns meses.

– Conseguiu recuperar mobilidade

total?

– Sim. E outras partes não foram afetadas.

Ela sorriu, sabendo ao que ele se referia.

– Ótimo. O que eu não entendo é por que você faz isso.

– Faço o quê?

– Coloca sua vida em risco. Você nem mesmo precisa trabalhar, certo?

Ele ficou silencioso por um momento, então respondeu:

– Eu não preciso trabalhar por dinheiro. Mas quero fazer o que posso para tornar a produção de petróleo segura. Durante os últimos 50 anos,

muitos homens morreram por causa de incêndios ou da falta de equipamentos. Nossa companhia obteve o benefício. Mas ao fazer isso, nós temos uma obrigação de garantir o máximo de segurança possível para os homens que nos ajudam em nossos esforços.

– Um trabalho em escritório seria mais seguro – murmurou ela.

– Rashid cobre esta parte. Eu gosto de estar no campo. Gosto do deserto, do desafio de capturar o líquido cru debaixo da terra, ou do mar. Gosto de saber que estou pondo minhas habilidades e experiências contra a natureza caprichosa da perfuração... e

obtendo mais sucesso do que fracasso.

– Ainda parece ridiculamente perigoso. Arranje outra pessoa para fazer isso.

– Esta é minha vocação, pode-se dizer.

Ella ficou em silêncio diante daquilo. Como poderia argumentar, quando sentia o mesmo em relação a sua arte?

Ela virou-se, e ele pegou-lhe a mão, parando-a. A lua era uma lasca no horizonte, a luz ainda fraca, mas ela podia ver a silhueta dele contra as estrelas.

– O quê?

– Minha mãe está oferecendo uma

recepção no sábado. Eu preciso ir.
Quero que você vá comigo.

Ella meneou a cabeça.

– Eu não gosto de festas. Na verdade,
não saio muito da propriedade.

– Por quê?

– Porque não. – Ela virou-se para
andar em direção a casa.

Ele acompanhou-a, ainda segurando
sua mão.

– Considere isso um pagamento por
usar o salão.

– Você já permitiu que eu usasse o
salão. Não pode acrescentar condições,
agora.

– É claro que posso... o salão é meu.

Você quer usá-lo, considere isso parte do pagamento. É apenas uma recepção. Algumas pessoas da petrolífera, outras do governo, alguns amigos pessoais. Nós circulamos, deixamos minha mãe feliz, depois vamos embora.

– Arranje outra pessoa.

Houve um longo silêncio.

– Não há ninguém mais.

– Por que não?

– Eu já expliquei sobre isso, certo?

Não vou repetir. É você, ou eu não vou. Minha avó ajudou-a... é sua vez de devolver o favor.

– Jesus, quanta coerção. Tem certeza que só irão pessoas que moram em

Quishari?

– Sim. Que importância teria se estrangeiros fossem? Você mesmo é uma.

– Eu estou tentando não chamar a atenção – replicou ela.

– Por quê?

– Eu tenho motivos.

– Você está se escondendo?

– Não exatamente.

– O que é, então? – Ele parou-a novamente. – Eu quero saber.

– Eu estou em isolamento, por causa da morte de meu marido.

– Isso foi um ano atrás.

– Há um limite de tempo para sofrer?

Eu não sabia disso.

– Não há limite de tempo, mas o pior já deve ter passado, e você deveria sair e ver amigos. Talvez encontrar outro homem em sua vida.

– Eu vejo meus amigos – protestou ela. – E não quero encontrar outra pessoa.

– Quando você vê amigos?

– Quando eles vêm me visitar. Eu estou trabalhando agora, e não é conveniente receber pessoas. Mas quando estou mais tranquila, elas vêm para nadar no mar e comer comigo no terraço. Achou que eu fosse uma eremita?

– Não pensei sobre isso. Eu nunca vi esses amigos.

– Você mora aqui pelo que, quase uma semana? Não, ninguém veio nesse tempo. Continue por aqui, se está tão preocupado com minha vida social.

– Estou mais preocupado com você indo comigo à recepção, este fim de semana.

– Não.

– Sim. Ou sem fotos no salão.

Ella o olhou. Suspeitava que suas tentativas de dissuadi-lo não funcionariam. E precisava da permissão para usar o salão.

– Tudo bem. Nós iremos,

cumprimentaremos todos e vamos embora.

– Obrigado.

Eles retomaram a caminhada e chegaram ao chalé.

– Eu apanho você às 19h no sábado – disse ele.

– Certo. E amanhã cedo, eu irei tirar as fotos. Não quero perder minha chance, caso você surja com outras condições.

Ele riu.

– Imagino que eu tenha de usar alguma coisa muito elegante – continuou ela, mentalmente revendo os vestidos que usara em eventos na universidade. Havia

uns dois que talvez servissem. Ela não pensava em se arrumar há muito tempo. Uma onda de excitação envolveu-a. Gostara de conhecer pessoas na universidade, de falar sobre tópicos diferentes de trabalhos em vidro. A recepção seria divertida? Gostava da ideia de ir com Khalid. Sempre parecia mais viva quando estava perto dele.

– Você ficará bem em qualquer coisa que usar – replicou ele.

Resposta típica de um homem, pensou ela, ainda revendo seus vestidos.

NA MANHÃ seguinte, Ella embrulhou cuidadosamente duas de suas peças numa mala de viagem, e foi para a casa

principal. Tocando a campainha, foi cumprimentada por Jalilah.

– Eu vim tirar fotos – disse ela.

– No salão, Sua Excelência me falou. Entre. – A criada liderou o caminho, então se retirou.

Ella pôs o vaso *starburst* sobre uma das mesas de mogno.

Khalid apareceu à porta. Encostou-se contra o batente e observou.

– O que você quer? – perguntou ela, o coração disparando, enquanto tirava fotos de diferentes ângulos.

– Apenas queria ver como vai a sessão de fotos.

– Você não tem trabalho para fazer?

– Não.

Ela tentou ignorá-lo, mas era impossível. Levantou a câmera e enquadrou o vaso. Sacou a foto no momento que a campainha tocou. Olhou para Khalid.

– Companhia? – Talvez alguém que o tirasse do salão.

Ele olhou dentro do foyer e assentiu.

– Rashid e Bethanne. Chegaram em boa hora. Eles podem ajudar.

– Ajudar em quê?

– Você a tirar as melhores fotos. Quer atrair o maior número de compradores, certo?

– É claro.

– Olá – murmurou Rashid, entrando na sala com uma loira alta. – Ella, esta é minha noiva, Bethanne Sanders. Bethanne, esta é Ella Ponti. Agora, vocês duas podem conversar? – Ele perguntou em árabe.

– Eu também falo italiano, francês e inglês – disse Ella, atravessando o salão para cumprimentar o casal.

Rashid trocou para o inglês:

– Ótimo, Ella é americana.

– Estou tão encantada em conhecê-la – disse Bethanne, oferecendo a mão.

Ella apertou-a e sorriu.

– Eu também estou feliz em conhecê-la. Meu inglês não é muito bom, então,

desculpe se eu me confundir.

– Pelo menos, nós podemos nos comunicar. E você fala árabe. Eu estou aprendendo com um professor na universidade. Não é fácil.

– E com a empregada – acrescentou Rashid, suavemente.

Bethanne riu.

– Com ela, também.

– Por acaso, é o professor Hampstead? – perguntou Ella.

– Sim, você o conhece?

– Meu marido trabalhou na universidade, em estudos de línguas. Eu conheço bem o professor e a esposa dele. Ele é um excelente professor.

– Nós viemos ver seu trabalho – disse Rashid. – Vejo que começou com as fotos.

– Fotografando algumas peças para um catálogo preliminar.

– Por que você está tirando fotos aqui? – perguntou Bethanne, andando para olhar o vaso. – Oh, isto é maravilhoso. – Ela tocou a borda do vidro.

– Eu acho que a elegância dos móveis aqui realça as peças. Quero que o fundo fique embaçado, com a peça de vidro em foco, mas dando a sensação de que caberia em qualquer salão elegante.

– E Khalid concordou com o projeto,

obviamente – disse Rashid, com uma olhada para seu gêmeo.

– Obviamente... ela está aqui, não está? – disse Khalid. – Vocês dois podem ajudar com o projeto... dando-nos uma perspectiva imparcial e selecionando as melhores fotos.

– Eu gostaria de ver as outras peças suas – disse Bethanne.

– Ficarei feliz em lhe mostrar. Vamos agora?

– Termine suas fotos destas, depois, quando vocês forem para seu estúdio, você pode trazer mais algumas – sugeriu Khalid.

As próximas horas foram passadas

com todos opinando sobre o melhor ângulo para fotos, e quais das peças de Ella deveriam ser incluídas. Rashid prometeu ver se sua mãe tinha algumas recomendações sobre galerias de arte.

A cabeça de Ella estava girando. Ela e Alia haviam discutido planos, mas sempre a longo prazo. Agora, tanta coisa estava acontecendo de uma vez.

Khalid olhou-a em determinado ponto e disse:

– Basta. Nós voltaremos para a casa principal e comeremos no terraço. Bethanne, você não contou a Ella o que faz. Acho que ela ficará interessada.

Ella deu-lhe um sorriso agradecido.

– Eu só vou dar uma arrumada aqui, e me juntarei a vocês.

Rashid e Bethanne foram para o lado de fora, mas Khalid permaneceu.

– Eles só queriam ajudar – disse ele.

– Estou feliz que eles ajudaram.

– Mas está se sentindo pressionada.

Você estabelece o ritmo. Este é o seu trabalho, o seu futuro. Não deixe ninguém dominá-la.

– Bom conselho. Lembre-se dele da próxima vez que quiser as coisas do seu jeito – replicou ela, sentando-se em seu banco, tocada por ele ter percebido seu pânico. Não esperara tanta sensibilidade do homem.

- Você vem para o almoço?
- Sim, só preciso de alguns minutos, sozinha.
- Eu volto para buscá-la, se você não aparecer em 20 minutos.
- Alguém já lhe disse que você é mandão?
- Vinte minutos – disse ele, e partiu.

ELLA LEVOU menos de 20 minutos. Quando chegou à casa principal, Khalid e os outros estavam no terraço, e ela foi diretamente para lá.

O almoço foi delicioso e divertido. Eles conversaram em inglês, desde a carreira de Bethanne como piloto de avião, até a recente viagem de Rashid e

a recepção do sábado à noite.

– Você vai? – Rashid perguntou para o irmão.

– Sim.

Rashid e Bethanne trocaram olhares surpresos.

– Ótimo.

– Eu vou levar Ella – continuou Khalid.

O casal virou-se para olhá-la. Ela sorriu. Aquilo era uma coisa tão incrível? Certamente, Khalid levava outras mulheres a recepções, antes.

– Condição para usar o salão para as fotos – murmurou ela.

– É claro – disse Rashid.

– Talvez você possa ir às compras comigo, antes disso – sugeriu Bethanne.
– Eu não sei se tenho algo adequado para usar.

Ella hesitou. Não ia às compras, exceto por mantimentos, desde o funeral de seu marido. Certamente, poderia sair uma tarde? Não era como se alguém estivesse nas ruas da cidade, procurando-a.

– Eu não sei se serei de muita ajuda.
– Ajuda ou não, mulheres não adoram comprar lindos vestidos?
– Eu não preciso de um – replicou Ella. – Tenho vários.
– Vá e me ajude a escolher um –

insistiu Bethanne.

Rashid observou a interação, então estudou seu irmão, que não tirava os olhos de Ella.

– Certo, eu irei amanhã à tarde – disse Ella.

Quando o almoço terminou, Ella voltou para seu chalé, pensando que concordara em ir às compras... no centro de Alkaahdar. Certamente, depois de todo esse tempo, seria seguro. Tinha direito a ter uma vida. E viver em seus próprios termos.

NAQUELA NOITE, ela debateu se sairia ou não para caminhar. Estava ficando muito acostumada com a companhia dele.

Gostando muito. O que aconteceria quando Khalid se mudasse? Quando ele fosse para outro campo petrolífero, ou tivesse de combater um incêndio. O pensamento a assustava. Era perigoso, todavia, como ele explicara, exceto por aquele acidente, ele saíra ileso muitas vezes.

Ela decidiu ir à praia, esperando que ele estivesse lá. Era melhor do que imaginar coisas horríveis que poderiam acontecer.

Khalid estava sentado na areia, perto do jardim.

— A areia está quente — disse ele, quando ela apareceu.

– Às vezes, eu me sento na praia à noite, apreciando o calor do dia retido na areia.

– Areia faz vidro – comentou ele.

– Sim. Ouvi dizer que queda de raios em praia produz vidro... em formato irregular, e nem sempre funcional. Eu gostaria de ver alguns. – Ela sentou-se ao seu lado. – Gosto do fato de que conhecerei seu irmão e Bethanne na recepção.

– E eu.

– Sim, e você. Nós não vamos ficar muito tempo, certo?

– Eu já disse que não. Por que você está nervosa? É apenas um grupo de

peessoas reunido. Ficar  entediada com as conversas sobre petróleo.

– Este é o t pico principal?

– Com a presença de vários executivos de Bashiri, sim.

– Eu não me importo – disse Ella, então, levantou-se. – Vou andar.

Ele também se levantou e acompanhou-a.

– Conte-me mais sobre os campos petrolíferos onde você esteve – pediu ela, e relaxou enquanto o ouvia.

NA TARDE seguinte, Ella foi às compras e se divertiu. Uma vez dentro das boutiques, não olhou para fora, embora no carro tivesse visto que ninguém parecia

estar prestando atenção nelas. Bethanne era divertida. Ficava linda em cores elegantes, que combinavam com seus cabelos loiros. Duas vezes, vendedoras ofereceram vestidos em cores de pedra preciosa, e Bethanne sugerira que Ella os experimentasse. É claro, os tamanhos eram errados. Ella era menor e muito mais baixa que a americana. Ela ficou tentada, mas, consciente de seus fundos limitados, recusou.

Bethanne decidiu-se por um azul adorável, que imitava a cor de seus olhos.

— Pronto. Vamos tomar um café. E comer nozes cristalizadas. São minhas

favoritas – disse ela quando recebeu o vestido numa caixa.

Dentro da limusine, Bethanne pediu que o chofer as levasse para um café ao ar livre. E quando achou um que a agradasse, pediu que ele esperasse enquanto as duas tomavam um café.

– Foi divertido – comentou Bethanne.
– Espero que possamos ser amigas. Irei me casar com Rashid em poucos meses, e não conheço muita gente em Quishari. E a maioria das pessoas não fala inglês.

– Eu gostaria de outra amiga. Conte-me sobre o Texas. Nunca estive nos Estados Unidos.

– Onde você esteve, que aprendeu

tantos idiomas?

– Eu estudei na Suíça por alguns anos, e na Inglaterra.

– E o árabe?

– Aprendi árabe porque Alexander estava aprendendo, e planejava vir trabalhar num país árabe.

– Alexander era seu marido?

Ella assentiu.

– Nós nos conhecíamos desde crianças. Eu o amei praticamente por uma vida inteira.

– Sinto muito por sua perda – murmurou Bethanne.

– Eu também. – Ella não queria pensar naquilo. Nada podia mudar o

passado. Precisava seguir em frente. Hoje, tinha uma nova amiga. E começava a esperar ansiosamente pela festa de sábado.

ELLA PASSOU os dois próximos dias selecionando que peças de sua coleção exibir, e que peças deixar no estoque.

Experimentou os vestidos que usara nos eventos da universidade, percebendo que perdera mais peso do que pensara. Estavam todos largos. Finalmente, decidiu-se por um azul-marinho longo, que brilhava na luz e parecia quase preto. Se usasse os cabelos soltos e as pérolas que ganhara aos 18 anos, ficaria bem. Uma vez que

Khalid quebrara seu hábito de não ir às festas da família, ela devia apresentar a melhor aparência possível.

SÁBADO À noite, Ella arrumou-se para a recepção com cuidado, seu coração disparado, enquanto ela pensava em passar a noite com a família e amigos de Khalid. E com alguns dos líderes do país. Não pretendia sair do lado dele, e iria lembrá-lo de partir logo.

Às 19h em ponto, ele bateu à porta do chalé. Ela pegou sua pequena bolsa e foi cumprimentá-lo.

– Você está adorável – elogiou ele, quando ela abriu a porta.

Ela achou que ele estava fantástico de

terno.

– Eu poderia dizer o mesmo.

– Pronta?

– Sim. – Ella fechou a porta. Para sua surpresa, Khalid tinha um pequeno carro esporte esperando, não uma limusine, como Rashid usava. Ela preferia o carro menor; era menos intimidador. Mais íntimo.

– Se fôssemos passear durante a tarde, eu rebaixaria o teto. Mas não esta noite.

– Obrigada. Eu passei horas nos meus cabelos.

– Literalmente?

Ela riu, sentindo-se quase livre, pela

primeira vez em meses.

– Não, eu só os lavei e os escovei.

Ele estendeu a mão e pegou algumas mechas nos dedos.

– São sedosos. Como imaginei que seriam.

Ela prendeu a respiração. O toque dele era muito leve, entretanto, sua pulsação acelerou. Ela tentou acalmar os nervos. Aquele era seu vizinho mal-humorado, seu senhorio relutante, lembrou a si mesma.

Quando eles chegaram à recepção, Ella descobriu que esta acontecia num grande hotel.

– Eu pensei que a festa fosse na casa

de sua mãe – comentou ela, quando ele ajudou-a a descer e um manobrista levava o carro embora.

– Muita gente, muita bagunça. Ela prefere não ter trabalho.

– Mmm. – Ella olhou ao redor. Não ia a um evento elegante há anos. Uma onda de excitação a percorreu. Podia fazer aquilo; já fizera muitas vezes, antes. Mas preferia pequenas reuniões, amigos para compartilhar bons momentos. Como...

Não ia pensar nisso. Esta noite era sobre Khalid. Devia-lhe pela ajuda relutante dele.

– Khalid, que bom que você veio. –

Uma linda mulher aproximou-se e abraçou-o. Então olhou para Ella.

– Salimeia, esta é Ella Ponti. Salimeia é minha prima – Khalid falou, parecendo sem graça, de alguma maneira.

Ella achou aquilo estranho. Ele era geralmente tão autoconfiante... quase arrogante. Ela observou-o dar uma olhada rápida ao redor.

Uma mulher mais velha, vestida elegantemente, veio na direção deles.

– Eu estou tão contente que você veio – disse ela, pegando as mãos dele nas suas.

– Mãe, eu quero lhe apresentar Ella

Ponti. Ella, minha mãe, Sabria al Harum.

– Madame, prazer em conhecê-la – murmurou Ella com formalidade.

– Prazer. – A mãe de Khalid olhou para ele com expressão interrogativa, praticamente ignorando Ella.

– Mo está aqui – disse a prima dele. – Eu vou achá-lo e avisá-lo que você chegou. – Ela sorriu e afastou-se.

– Ella é minha inquilina – esclareceu ele.

Ela pareceu horrorizada.

– Inquilina? Está alugando a casa que sua avó lhe deixou?

– Não, ela está no chalé da propriedade, e mora lá há um ano. Você

também não sabia sobre ela?

Ella imaginou que a mulher a expulsaria da festa. Não era calorosa e amigável como a sogra tinha sido.

Sabria al Harum pensou por um momento.

– A artista que Alia estava ajudando?

Ella assentiu, e a mulher continuou, friamente:

– Eu não sabia que ela estava morando na propriedade.

– Eu moro lá, e tenho um contrato que me dá o direito de permanecer por mais quatro anos – Ella falou com o queixo erguido. Não gostava de pessoas esnobes.

– Bobagem. Khalid pode pedir que nossos advogados verifiquem isso. – Ela soava como se Ella fosse uma inconveniência fácil de ser descartada.

Ella escondeu um sorriso e olhou para Khalid.

– Eu já fiz isso, mãe. Ella está certa. Ela tem o direito de morar lá por mais quatro anos.

Outros convidados estavam chegando. Khalid segurou o braço de Ella e disse para a mãe:

– Mais tarde, nos falamos. Você tem outros convidados para receber.

– Nossa, ela é sempre tão receptiva?
– zombou ela num sussurro.

– Não. Ela é muito consciente da posição que nossa família tem no país. Talvez porque tenha entrado para a família como adulta, não criada dentro da mesma, como nós. Venha, vejo alguém que acho que você vai gostar de conhecer.

Khalid apresentou-a para um amigo e sua esposa. Eles conversaram por alguns momentos, Khalid mencionando a arte de Ella. Ambos se interessaram.

– Meu tio tem uma galeria de arte na cidade. Envie-me seu catálogo, de modo que eu possa mandar para ele – disse a esposa.

– Eu adoraria. Obrigada – replicou

Ella.

Eles se moveram ao redor do salão, cumprimentando todos enquanto andavam. Quando estavam quase no fim da volta, ela inclinou-se para mais perto e disse:

– Quando acabarmos o círculo, iremos embora, certo?

– Se você quiser.

– Ah, Khalid, eu soube que você veio esta noite. – Um homem gordo de rosto ruborizado parou na frente deles. – Diga para seu irmão parar de enviar nossos negócios para fora do país. Havia outros que poderiam ter fechado o negócio que ele acabou de negociar com os

marroquinos. – Ele olhou para Ella. – Olá, acho que não nos conhecemos.

– Ella, o ministro das finanças, Ibrahim bin Saali. Esta é Ella Ponti.

O ministro pegou-lhe a mão e segurou-a por mais tempo que o necessário.

– Um lindo rosto novo para agradecer nossas reuniões. Conte-me, srta. Ponti, você é de Quishari?

Ela puxou a mão e aproximou-se mais de Khalid.

– Eu moro aqui há anos. Adoro esta cidade.

– Como eu. Talvez, possamos ver algumas das belezas da cidade, juntos,

qualquer hora.

Ella sorriu, educadamente.

– Talvez.

– Com licença. – Khalid pôs a mão nas costas dela e conduziu-a para longe dali.

– Isso foi rude – ela sussurrou em inglês.

– Ele estava flertando com você.

– Ele é muito velho. Estava apenas sendo educado.

– Ele não se acha muito velho, e educação não é uma palavra que combina com Ibrahim.

Ela riu.

– Eu não pretendo aceitar a oferta

dele, então você está seguro.

– Seguro?

Eles se entreolharam por um momento. Ela desviou os olhos, primeiro.

– Esqueça. Foi apenas um comentário. Khalid assentiu.

– Acho que cumprimos nosso dever, esta noite. Vamos embora?

– Sim.

Ele escoltou-a para fora, e, uma vez dentro do carro, perguntou:

– Para casa?

– Para onde mais?

– Eu conheço uma pequena taverna, longe do centro, que tem boa música.

– Eu adoro boa música – murmurou ela.

Enquanto dirigia, Khalid perguntou-se por que a convidara para sair. Já tinha ido à recepção, marcado alguns pontos com sua mãe, embora ela não parecera tão empolgada em conhecer Ella. Eles podiam estar em casa em dez minutos.

Em vez disso, estava prolongando a noite. Mas Ella o intrigava. Não tinha medo de enfrentar seu jeito mandão, todavia, defendera o comportamento rude de Ibrahim. Ele sorriu. Nunca suportara o homem. Temera, por um momento, que Ella ficasse tentada pelo poder e posição de Ibrahim. Não sua

Ella.

Ele tinha de lhe dar crédito. Ninguém lá adivinhara que ela havia ido como parte de uma barganha. Ninguém fizera comentários sobre como uma mulher tão bonita estava desperdiçando tempo com ele.

A taverna estava lotada, como sempre ficava nas noites de sábado. Era um lugar onde poucas pessoas o reconheciam. Ele acenou para diversos conhecidos enquanto conduzia Ella para os fundos, onde eles acharam uma mesa e se sentaram, os joelhos se tocando.

Ella olhou ao redor.

– Ouço muita conversa e risadas, mas

não música.

– Começa às 23h. Chegamos um pouco cedo. Quer comer ou beber alguma coisa?

– Um petisco seria bom. Nós não tivemos a chance de experimentar os canapés da festa de sua mãe.

– Quer voltar?

– Não. Eu prefiro aqui.

– Por quê? – Ele sabia por que preferia a luz parca da taverna, a fácil camaradagem dos clientes. O escape periódico das responsabilidades e da posição. Mas por que ela achava que lá era melhor?

– Eu não conheço ninguém.

– Isso não faz sentido. Não seria melhor conhecer amigos quando você vai a um lugar como este?

Ela deu de ombros.

– Não no momento.

– Há um lugar favorito que você e seu marido gostavam de frequentar? – Khalid queria saber mais sobre ela. Mesmo se tivesse de ouvir sobre o homem que devia ter sido tão perfeito que ela nunca acharia alguém para substituí-lo.

Ela assentiu.

– Mas eu não vou mais lá. Não é a mesma coisa.

– Aonde você vai com seus amigos?

– Em lugar nenhum. – Ela o fitou. – Esta é a primeira vez que eu saio desde a morte de meu marido. Amigas vão me visitar, mas eu não estou no humor de festa, exatamente. Mas este não é um encontro de verdade, é? Eu só estou pagando você por me deixar usar o salão.

– Exatamente. Você não ia querer um encontro de verdade comigo. Eu aprendi isso com minha ex-noiva.

– Do que você está falando?

– Disto. – Khalid gesticulou para a cicatriz no rosto.

– Não seja tolo, Khalid. O que eu falei não tem nada a ver com isso. Ainda

me sinto casada com Alexander, e sou fiel.

Khalid assentiu e desviou o olhar, sentindo as palavras dela como um gole físico. Mesmo se eles superassem o problema da cicatriz, ela nunca se interessaria por ele, pois amava um homem morto. Ele desejou que eles tivessem ido direto para casa. Ella podia ficar com suas memórias, e ele podia voltar para a realidade de sua vida. Somente as palavras dela pareciam tão erradas.

CAPÍTULO 5

ELE OLHOU para ela.

– Você não fala sério? Não está casada... isso acabou quando seu marido morreu. E é muito jovem e bonita para ficar solteira para o resto de sua vida.

– Eu não sou tão jovem assim.

– Você deve ter no máximo 25 anos.

– Acrescente mais quatro. Realmente acha que eu pareço ter 25? – Ela sorriu, com óbvio prazer.

– No máximo, eu disse. Mas mesmo 29 é muito jovem para permanecer

solteira para o resto de sua vida.

– Eu nunca amarei alguém como amei Alexander – murmurou ela, o semblante triste.

– Minha avó dizia isso depois que o marido morreu. Mas ela estava com quase 70 anos na época. Eles tiveram um bom casamento. Criaram uma família, apreciaram netos.

– Eu tive um ótimo casamento – disse ela.

– Você poderia ter outro.

Ela o olhou.

– Olha quem fala. Onde estão sua esposa e sua família?

– Ora, Ella, você se casaria comigo?

– Ninguém, com essa sua atitude. Quantas mulheres você convidou para sair o ano passado?

– Se eu não contar você, nenhuma.

– Então, como você sabe?

– A mulher com quem eu planejava passar o resto da vida me disse, em termos muito claros, como isso seria impossível. Por que eu me sujeitaria a mais do mesmo?

O garçom veio, e Khalid pediu drinques e amendoins.

– Ela era uma idiota – disse Ella, depois que o homem saiu.

– Quem?

– Sua ex-noiva. Ela esperava que a

vida fosse somente flores?

– Parece que sim. – Ele ficou perplexo pela defesa de Ella. – Não deveria ser?

– Seria bom se fosse. Mas todo mundo tem problemas. Alguns estão do lado de dentro, outros, do lado de fora.

– Nós sabemos onde o meu está.

Ela o chocou novamente quando se levantou e trocou a cadeira de lugar, para se sentar de seu lado direito.

– Eu notei, sabia? – disse ela, olhando-o com desafio.

– Notou o quê? – Ele estava ficando desconfortável. Tentava poupar outros da feiura de sua pele queimada.

– Que você sempre tenta me colocar à sua esquerda. Tem medo que eu saia correndo, em choque, se ficar vendo a cicatriz?

– Não, não você.

– O que isso significa?

– Você não faria isso, mesmo se quisesse. Eu diria que seus pais a criaram muito bem.

– Deixe meus pais fora de qualquer discussão – disse ela, amargamente.

– Toquei um ponto fraco?

Ela deu de ombros.

– Eles e eu não estamos em bons termos. Eles não queriam que eu me casasse com Alexander.

– Por quê?

– Não é da sua conta.

O garçom voltou com as bebidas e uma cumbuca de amendoim. Ela pegou um punhado e colocou na boca.

– Mmm, bom. – Ela deu um gole do drinque gelado e olhou para o pequeno palco. – Acho que os músicos estão chegando.

Então Ella não se dava com os pais? Provavelmente por isso, ela não voltara para casa depois da morte do marido. Sua curiosidade aumentou. Ele pressionaria o investigador da petrolífera para completar o relatório sobre sua inquilina.

Khalid passou mais tempo observando Ella, conforme a noite passava, do que os músicos. Ela parecia estar apreciando a música e a taverna. Eles ficaram até depois da 1h, antes de voltarem para casa.

– Pretende andar na praia esta noite?
– perguntou ele.

– Por que não? Eu ainda estou animada pela música. Eles eram ótimos.

Eu vou àquela taverna há anos. Temos de voltar lá outra hora.

– Mmm, talvez. Encontro você na praia em dez minutos – acrescentou ela e desceu do carro.

– Não vamos andar direto, então?

– Eu não quero água salgada e areia neste vestido. E acho que não seria recomendado para ternos, também.

Khalid trocou o terno por uma calça confortável e camisa larga, e chegou à praia segundos antes de Ella.

Eles andaram em direção ao norte. A lua estava mais cheia esta noite, dando um brilho prateado a tudo. Sem pensar muito, ele pegou-lhe a mão, entrelaçou os dedos de ambos. Ela não comentou o gesto, não recolheu a mão. Respirando fundo, Khalid sentiu-se vivo como não se sentia em muito tempo.

– Eu apreciei você ter ido comigo, esta noite. Minha mãe está sempre me

cobrando frequentar esses eventos.

– Ela teria ficado mais feliz sem eu o acompanhando – murmurou Ella.

– Minha mãe não gosta de ninguém que mostra interesse nos filhos dela. A menos que seja a mulher que ela escolheu. Sabia que Rashid quase teve um casamento arranjado?

– Não, o que aconteceu?

– A suposta noiva de Rashid ia voar num avião pilotado por Bethanne. Exceto que ela nunca saiu do Marrocos. Quando ele se apaixonou por Bethanne, minha mãe ficou furiosa. Elas estão se dando melhor agora, mas eu não diria que minha mãe abriu os braços para

Bethanne.

– Aposto que sua avó teria adorado Bethanne.

– Ela teria adorado saber que Rashid vai se casar.

Por um momento, Khalid sentiu uma ponta de inveja de seu irmão. Ele encontrara uma mulher que amava e que parecia amá-lo igualmente. Eles planejavam uma vida em Quishari, na outra casa que a avó deles deixara, e queriam ter filhos.

– Bethanne não me parece alguém que se importa muito com o que outros pensam a seu respeito – disse Ella.

– Tenho certeza que minha mãe vai

mudar de ideia quando perceber como Rashid está feliz. E quando for avó.

Ella ficou em silêncio. Eles andaram por diversos minutos. Khalid perguntou-se o que ela estaria pensando. Ela quisera ser mãe? Talvez, um dia um homem aparecesse e ela decidisse se casar novamente. Uma vez que estivesse expondo suas criações, conheceria homens ao redor do mundo inteiro.

Khalid recusou-se a examinar por que não gostava dessa ideia.

– Pronto para voltar? – perguntou ela.

Ele assentiu, mas sentiu-se relutante em acabar a noite. Gostava de estar com Ella.

A caminhada de volta também foi feita em silêncio, enquanto Khalid sentia o aroma doce dela, a mão delicada e suave contra a sua.

– Eu posso ir para casa daqui – disse ela, quando eles chegaram à trilha.

– Eu andarei a pequena distância. – Ele não estava pronto para se despedir.

Quando eles chegaram ao chalé, Ella liberou a mão.

– Boa-noite. Eu gostei da taverna. E gostei de conhecer sua mãe, mesmo se ela não gostou de me conhecer.

Ele segurou-lhe os ombros e puxou-a para mais perto.

– Eu gostei que você foi comigo.

– Nós estamos quites agora, certo? –
A voz dela soava ofegante, e os lindos lábios estavam entreabertos.

Com um gemido baixinho, Khalid inclinou-se e beijou-a. Esperou que ela se afastasse com raiva. Em vez disso, após o choque inicial, ela correspondeu ao beijo, envolvendo-lhe o pescoço com os braços. Por um longo momento, eles se beijaram, descobrindo, saboreando, sentindo.

Ela era doce, suave, e ele poderia passar a noite ali, beijando-a.

Mas Ella afastou-se um momento depois.

– Boa-noite, Khalid – murmurou,

entrando na casa e fechando a porta.

– Boa-noite – disse ele para a porta de madeira.

Aquele não ia ser o último encontro deles, independentemente do que Ella pensasse.

ELLA ENCOSTOU-SE contra a porta, ofegando. Fechou os olhos. Beijara sheik Khalid al Harum! Oh, e que beijo. Diferente de qualquer coisa que experimentara antes.

– Não! – exclamou, e foi para a cozinha. Queria água, e uma cabeça clara. Amava Alexander. Como podia ter respondido tão fortemente a Khalid?

Ela bebeu um copo de água, sua mente

girando. O beijo tinha sido fantástico. Cada célula do seu corpo pulsara, e ela quisera a mais.

– Não! – repetiu. Não ia se envolver com um homem que queria que ela fosse embora, para que ele pudesse vender uma casa da família.

Por outro lado, talvez Ella devesse fazer exatamente isso. Pôr um fim em sua convivência com Khalid, mudando-se.

Ela foi para o quarto, se arrumar para dormir. Tinha um bom lugar lá, seguro e perfeito para criar sua arte. Não ia a parte alguma. Khalid logo se cansaria de ficar lá, e iria para algum campo

petrolífero. Ela precisava apenas esperar, e manter distância. Sem mais caminhadas noturnas. Sem mais beijos.

Na manhã seguinte, Ella foi para seu estúdio, pronta para trabalhar, determinada a esquecer o beijo que ameaçara virar seu mundo de ponta-cabeça.

Mas não conseguiu. Seus sonhos da noite anterior tinham sido eróticos. Ela acordara pensando no beijo. E agora, seu corpo esquentava com a lembrança da boca deliciosa de Khalid.

Depois do almoço, não conseguindo tirar a noite anterior da cabeça, decidiu ir ver Khalid, para avisá-lo que não

estava interessada em se envolver.

Quando ela tocou a campainha, Jalilah abriu a porta, parecendo agitada.

– Entre, as coisas estão frenéticas. Sua Excelência vai partir em alguns minutos.

– Partir? – Aquilo era perfeito. Ele estava indo embora antes que ela imaginava. Provavelmente, ficara tão horrorizado pelo beijo quanto ela.

– Um incêndio. Ele e sua equipe irão se encontrar no aeroporto em uma hora.

Medo assolou Ella. Ele ia apagar outro incêndio. Por um instante, ela lembrou-se de Alexander, ensanguentado e queimado pelo acidente

de carro. Ele estivera indo atrás dela. Não merecera morrer tão jovem. Ela não gostou da memória mais do que da imagem que surgiu em sua mente de Khalid sendo queimado até se tornar irreconhecível. Nada era tão imperdoável quanto o fogo.

Ela foi para o estúdio, onde Khalid estava ao telefone. Entrando, atravessou para a mesa.

– Vejo você lá, então – disse ele, os olhos nela.

– Você não pode ir apagar um incêndio – murmurou Ella.

Ele levantou-se e rodeou a mesa. Gentilmente, roçou-lhe o rosto com o

dorso da mão.

– Por que não? É isso que eu faço.

– É muito perigoso. Você não tem outras pessoas para lidar com isso?

– Outras pessoas trabalham comigo nesses projetos. É outro incêndio num poço da Petrolífera Bashiri, na costa sul. Estourou alguns meses atrás, e está queimando novamente. Algo está errado com a bomba ou com os operadores. Depois que extinguímos o fogo, pretendo descobrir o quê.

– É perigoso.

– Um pouco. Você está bem? Tem círculos sob seus olhos.

Ela removeu-lhe a mão de seu rosto.

– Estou bem. É com você que estou preocupada. E se alguma coisa der errada? Você não precisa fazer isso. Mande outra pessoa.

– Um poço está em chamas. Minha equipe e eu iremos combater o incêndio. Preciso fazer isso. É o que eu faço.

– É muito perigoso.

– Eu gosto do perigo. Ademais, o que importa quem faz isso, contanto que o fogo seja apagado? Se não eu, outro homem estaria em perigo. Talvez um que tenha esposa e filhos esperando em casa.

Ela não conseguia alcançá-lo. Ele iria e provavelmente se machucaria de novo. Ou pior.

– Não vá. – Ella agarrou-lhe os braços.

– Eu preciso ir... esse é meu trabalho.

– Arrume outro emprego, alguma coisa mais segura.

– Não hoje – disse ele, e beijou-lhe os lábios. – Venha, acompanhe-me até lá fora.

Ela deu um passo atrás, o pânico inundando-a. E se alguma coisa acontecesse a Khalid? Ela planejara mandá-lo ficar longe, mas não assim.

Quando eles chegaram ao foyer, ela notou as sacolas de lona e botas pesadas. Ele ergueu-as, e gesticulou para Jalilah abrir a porta. Um momento

depois, ele jogou as sacolas no banco traseiro do carro esporte. Ella o seguiu, desejando que pudesse impedi-lo de ir.

– Vejo você em alguns dias – disse ele, tranquilamente.

– Espero que sim – replicou ela, rodeando o carro e parando diante dele enquanto ele abria a porta de motorista. – Volte seguramente. – Ela ergueu-se na ponta dos pés para beijá-lo. Todos os pensamentos de colocar distância entre eles desapareceram. Não podia deixá-lo ir sem mostrar só um pouco do que sentia.

Khalid soltou a porta do carro e correspondeu ao beijo, segurando-lhe o

rosto gentilmente nas mãos.

– Eu voltarei quando o trabalho acabar. – Ele liberou-a e entrou no carro. – Fique longe de problemas.

Ela observou-o partir, então voltou para seu chalé, tentando lutar contra o medo. Ele sabia o que estava fazendo. Sim, era perigoso, mas Khalid já fizera aquilo antes. E ele não queria morrer. Tomaria todas as precauções necessárias.

Ela foi para seu estúdio. Sempre podia perder-se em sua arte.

Aparentemente, não hoje. Ela tentou o sopro tradicional, mas o vidro não estava cooperando. Ou ela não

conseguia se concentrar. Olhando no relógio, imaginou onde Khalid estaria. Devia ter feito perguntas... onde era o incêndio, quanto tempo ele estimava que levaria para voltar.

Depois de duas horas tentando terminar um trabalho, ela desistiu. Perguntou-se como poderia descobrir informações sobre o incêndio. Não tinha uma televisão. Tentou o rádio, mas só encontrou músicas.

Finalmente, foi para a casa principal. Quando a criada abriu, Ella pediu para usar o telefone.

Jalilah acompanhou-a até o estúdio e saiu. Ella entrou e foi para o telefone.

Para quem podia ligar, exceto para o irmão de Khalid? Procurou o número do telefone da Petrolífera Bashiri, e quando o encontrou no cabeçalho de uma folha, discou.

Levou quase dez minutos para conseguir falar com a assistente de Rashid.

– Eu gostaria de falar com sheik Rashid al Harum – disse ela, pela vigésima vez.

– Quem está ligando?

– Ella Ponti. Eu sou a inquilina do irmão dele, da casa que a avó deles uma vez possuiu.

– Um momento, por favor.

Desta vez, não demorou muito antes que a voz de Rashid soasse na linha.

– Al Harum.

– Aqui é Ella Ponti. Khalid saiu esta manhã para extinguir um incêndio. Você sabe alguma coisa sobre isso?

– Sim. É um dos poços ao sul do país. Por quê?

– Eu... uh... – ela não sabia o que falar. – Eu queria me certificar de que ele está bem.

– Por enquanto, sim. A equipe chegou lá pouco tempo atrás. Eles acessaram a situação e planejaram o ataque. Pode levar um ou dois dias, antes que eles apaguem o fogo.

Ele poderia ficar dois dias em perigo, e ela não saberia? Esta não era a resposta que queria.

– Hmm, você poderia pedir para alguém me manter informada? – Ella não sabia se Rashid se daria a tal trabalho, mas tinha de tentar.

– Eu me preocupo com ele também – murmurou Rashid, gentilmente. – Irei informá-la no minuto que tiver qualquer notícia.

– Obrigada. Eu estou usando este telefone. Eu não tenho um. Jalilah pode ir me chamar. – Ela desligou, um pouco mais tranquila. Não queria questionar sua necessidade de saber que ele estava

seguro.

Ella ficou sentada à mesa por diversos minutos, imaginando o que Khalid pensava quando estava lá. Ela suspeitava que ele sentisse mais falta da avó do que admitia. Alia falara dos netos com tanto amor. A família deles parecia unida.

Exceto, talvez, pela mãe. Ou ela não dava as boas-vindas às mulheres para proteger os filhos de caçadoras de fortunas? Como ela podia saber quais mulheres estavam atrás do dinheiro deles? Nada convencera os pais de Ella que Alexander não era interesseiro. Eles não tinham parecido se importar se a

filha estava feliz no casamento. As constantes tentativas de acabar a união haviam separado todos. Ella esperava que Madame al Harum nunca recorresse a tais táticas, mas aceitasse a escolha de Rashid e lhe desejasse felicidades.

Ela levantou-se e voltou para seu chalé. Não queria pensar no passado. Nem queria se preocupar com um homem que mal conhecia. E não queria se preocupar com o futuro.

Logo depois do almoço, houve uma batida à porta. Quando Ella abriu, ficou surpresa em ver Bethanne.

– Oi. Eu pensei que talvez você gostasse de uma companhia – disse ela.

– Entre. Eu adoraria companhia. Não consegui trabalhar hoje.

– Eu também não conseguiria, se Rashid estivesse fazendo uma coisa perigosa.

Quando elas estavam no terraço, com bebidas geladas, Ella sorriu para sua nova amiga.

– O que você disse mais cedo, sobre Rashid estar numa situação perigosa... já aconteceu alguma vez?

– Não que eu saiba. E eu ficaria doente de preocupação, se ele saísse para extinguir incêndio num poço de petróleo.

– Você e ele são noivos. Khalid é

meu senhorio.

Bethanne riu.

– Certo. E Madame al Harum e eu somos melhores amigas.

Ella torceu o nariz.

– Ela não parece muito amigável.

– Não com as mulheres que podem se casar com seus filhos.

– Eu soube que ela tentou arranjar um casamento, mas este não aconteceu.

– Bom para mim. Rashid ia aceitar o casamento arranjado, por razões profissionais. Honestamente, quem quer se casar por razões profissionais? Ainda bem que ele entendeu isso.

– E a outra mulher?

– Ela fugiu com um amante, e não sei o que aconteceu depois. Mas ela obviamente tinha mais bom senso do que meu futuro marido. Por mais que eu o adore, não entendo como ele considerou um casamento arranjado. Não posso imaginar toda aquela paixão... ops, esquece.

Ella escondeu um sorriso. Lembrava-se da paixão com Alexander no começo do casamento. A imagem de Khalid beijando-a veio lhe à mente. Seu coração disparou. Ela experimentara ainda mais paixão naquela noite. Não queria pensar sobre aquilo, mas não conseguia apagar a imagem.

Ela não ajudara sua postura dando-lhe outro beijo de despedida. Deveria ter lhe desejado tudo de bom, e mantido distância.

– Se eles não conseguirem apagar o incêndio hoje, eles tentarão amanhã – disse Bethanne, dando um gole de seu drinque. – E se isso não der certo, Rashid quer ir para lá. Se nós formos, você quer voar conosco? Eu levei o grupo para lá. Eles passaram o voo inteiro estudando a plataforma de petróleo. Fica na água, sabia? Você pensaria que, com o Golfo Pérsico inteiro aos seus pés, seria fácil apagar um fogo.

Ella riu, mas por dentro estava preocupada.

Bethanne era uma companhia maravilhosa, e as duas passaram a tarde rindo. O que foi bom para Ella, distraíndo-a um pouco de sua preocupação com Khalid.

Na manhã seguinte, ela fez uma caminhada cedo ao longo da praia. Nunca se cansava do exercício. Amava a solidão e a beleza. Durante o dia, outras pessoas usavam a praia, e ela acenou para uma família que conhecia de vista. Olhar para as crianças brincando na água lhe causou um nó na garganta. Ela e Alexander nunca tiveram

filhos. Pensavam que tinham anos para começar uma família, e planejavam construir uma.

A morte dele interrompera tudo. Ela desejou que tivesse tido um bebê com ele. Uma criança teria lhe trazido mais conforto? Ou mais dor, quando visse seu marido todos os dias no rosto do bebê? Ela nunca saberia.

Quando retornou ao chalé, viu um carro preto parado diante da casa principal. Ficando parcialmente escondida atrás dos arbustos, observou por um momento. Não era o carro esporte de Khalid. Madame al Harun estava visitando? Certamente, sabia que

o filho não estava lá. A menos que... alguma coisa acontecera. Ella mal conseguiu respirar. Se Khalid estivesse ferido, Rashid enviaria alguém para lhe contar?

Um minuto depois, um homem saiu da casa e entrou no carro, indo embora.

Ella prendeu a respiração diante do reconhecimento. Esperou que o carro desaparecesse, antes de se mover. Então, entrou em casa e trancou a porta. Como eles a tinham encontrado? Ela andou pela sala. Obviamente, a criada não dissera onde ela morava, ou ele teria acampado em sua porta. Mas era só uma questão de tempo, antes que ele

retornasse. Talvez, ele quisesse falar com o sheik. Deus, Khalid não sabia que não podia dar informações. Ela conseguiria convencê-lo a não divulgar seu paradeiro, se seu irmão aparecesse novamente para procurá-la?

Ele não tinha razão para manter a casa dela em segredo. Na verdade, talvez visse aquilo como uma maneira de se livrar de Ella, pensando que ela poderia voltar para casa.

Mas Ella gostava da vida que criara desde a morte de Alexander, e não ia voltar para casa. Todavia, não queria a pressão que Antonio faria. Ela deveria partir antes que Khalid retornasse? Se

ele não soubesse onde ela estava, não poderia entregar sua localização.

Respirando profundamente, ela foi para sua mesa e pegou uma folha de papel. Faria uma lista de suas escolhas, de maneira calma, racional. Pensaria o que podia fazer para escapar desta situação.

Escapar. Era isso que queria. Bethanne poderia ajudar? Poderia levá-la de avião para um local secreto, e nunca contar a ninguém?

Ela faria isso? E quanto custaria para alugar o avião? Talvez ela devesse ter vendido mais peças de seu trabalho, para lhe dar algum capital. Bem, não

precisava do luxo de um avião. Poderia pegar um ônibus e ir para algum lugar no interior. Mas não poderia levar seu equipamento. Nem seu estúdio.

Não podia deixar essas coisas para trás. Era no trabalho com vidros que estava toda sua esperança para o futuro.

Houve uma batida à porta. Alguém já a encontrara? Lentamente, ela levantou-se e atravessou a sala para espiar através do pequeno vidro na porta. Era Jalilah.

Ella abriu a porta.

– Olá. Eu vim lhe contar que alguém foi a casa mais cedo, perguntando por você. Ele disse que o sheik mandou

alguém fazer perguntas sobre você na Itália. Eu me lembro dos comentários da Madame quando você veio morar aqui. Ela queria que você tivesse privacidade. Eu disse ao homem que o sheik estava viajando, e não sabia quando voltava.

– Obrigada! – Ella suspirou, aliviada. Não seria descoberta tão cedo.

Mas... Khalid mandara perguntar sobre ela na Itália? Por quê?

Jalilah fez uma reverência leve e saiu.

Khalid tentara encontrar outra maneira de mandá-la embora? A raiva a inundou. Como ele ousava mandar investigá-la? Quem pensava que era? E, mais importante, quem ele pensava que

ela era?

Depois de um almoço apressado, Ella foi para o estúdio, tentando acessar quanto tempo levaria para mover seus fornos, banco e todos os acessórios que tinha para a confecção de seus vidros. Mais do que uma rápida viagem de avião para o oeste.

Talvez pudesse partir por um curto período de tempo, deixar seu irmão se cansar de procurá-la novamente, e, depois que ele fosse embora, ela retornaria. Mas e se Khalid contasse a ele quando ela voltasse? Ela nunca estaria segura.

Ouviu um carro e foi para a janela,

olhando para o caminho de acesso. Era o carro de Khalid. Ele estava em casa.

Sem pensar, ela correu para a casa principal. A porta estava fechada, então ela bateu, sua raiva pelas ações dele crescendo a cada segundo.

Jalilah abriu a porta, e Ella entrou, demandando:

– Onde ele está?

– No estúdio – replicou a criada, parecendo perplexa.

Ella quase correu para a porta do estúdio. Khalid estava de pé atrás da mesa, folheando um bloco de recados. Ele não se barbeara nos últimos dois dias, e os pelos pretos despontando

quase o faziam parecer um pirata. As roupas estavam sujas e o cheiro de fumaça preenchia o ar. Nada disso importava.

– O que você fez com minha vida? – perguntou ela.

CAPÍTULO 6

ELE OLHOU para cima.

– Olá, Ella.

– O que lhe dá o direito de se intrometer em coisas que não lhe dizem respeito? Você arruinou tudo!

– Do que você está falando? – perguntou ele.

– Você mandou me investigar na Itália, certo?

Ele levantou um bilhete de recado.

– Garibaldi?

– Se você queria saber alguma coisa,

por que não perguntou para mim? Eu lhe contei tudo que você precisava saber.

– Quem é Antonio Garibaldi? – insistiu ele, olhando-a.

– Meu irmão. E o motivo pelo qual meu marido está morto. Eu não quero ter qualquer coisa a ver com ele. Como você pode tê-los contatado, e os conduzido diretamente para mim? Eu tentei tão arduamente não ser encontrada, e agora isso!

– Espere um segundo. Sua família não sabia que você estava morando aqui?

– Se eu quisesse que eles soubessem, teria lhes contado.

– Como seu irmão causou a morte de

seu marido? Não foi um acidente de carro? Seu irmão estava no outro carro?

— Não. Ele praticamente me sequestrou. Ele me atraiu para o aeroporto com a intenção de me colocar no avião particular que alugara. Só que alguém contou para Alexander. Ele estava indo me buscar antes que Antonio pudesse me tirar do país. Bateu o carro no caminho para o aeroporto. A polícia, felizmente, interferiu e impediu nossa partida. De modo que eu pudesse identificar o corpo de Alexander.

Ela caiu em prantos.

Em um segundo, Khalid estava do outro lado da mesa, abraçando-a,

enquanto ela soluçava contra seu peito.

– Ele tinha uma aula. Devia estar dentro da classe, lecionando, em vez de tentando me resgatar – murmurou ela entre soluços. Agarrou um punhado da camisa dele, suas lágrimas molhando o algodão. – Ele ainda estaria vivo, se Antonio não tivesse me forçado. *Alexander*. – Ela chorou mais.

KHALID ABRAÇOU-A apertado, a dor dela indo diretamente para seu coração. Ele sentira a angústia de perder uma mulher com quem pensara que construiria a vida. Mas sua raiva logo superara qualquer tristeza. Esta mulher ainda estava devastada pela perda do marido.

Como seria significar tanto para alguém?

Khalid sabia que esse tipo de amor era raro e especial. O marido dela estava morto há mais de um ano, mas Ella ainda o amava profundamente.

Ele nunca conhecera esse tipo de amor. E nunca conheceria.

Finalmente, ela começou a se acalmar. Ele causara esta explosão por sua demanda em saber mais. O homem da Petrolífera Bashiri tinha sido desajeitado em sua pesquisa? Ou a família estava alerta por informações sobre a filha? O envolvimento do irmão era a causa do desespero de Ella, ou

havia algo mais profundo? Khalid queria respostas para as perguntas girando em sua mente.

Mas agora, sua prioridade era acertar as coisas com Ella.

Ela afastou-se do seu peito. Ele segurou-lhe o rosto nas mãos, e secou suas lágrimas com o polegar.

— Eu não sabia que descobrir mais sobre você causaria tudo isso — murmurou ele. — Você está segura aqui. Eu não deixarei que ninguém sequestre você. Conte-me o que aconteceu.

Ela afastou-se e deu um passo atrás.

— Eu não vou lhe contar nada. Diga ao meu irmão, quando ele contatá-lo

novamente, que não tem ideia de onde eu estou vivendo.

– Você acha que ele voltará?

– É claro. Ele é obstinado.

– Por que ele veio atrás de você?

– Minha família me quer em casa. Eu quero ficar aqui. Se você não puder garantir que eu fique, terei de desaparecer e não lhe contar para onde vou.

Duas semanas atrás, Khalid teria aceitado a oferta, alegremente. Mas as coisas tinham mudado. Ele não estava mais tão ansioso para vender a propriedade. Gostava de morar perto do mar. Adorava as caminhadas noturnas ao

longo da praia. Não queria que sua inquilina fosse embora, sem lhe dar um endereço.

E queria saber o que estava acontecendo. Por que ela sentia tanto medo da família?

– Quantos anos você tem? – perguntou ele.

– Vinte e nove, como você já sabe. E o que isso tem a ver com qualquer coisa?

– Tal idade faz de você uma pessoa adulta, capaz de tomar suas próprias decisões sobre onde morar.

– Você pensaria assim. – Secando as últimas lágrimas, ela andou para a

janela. – Alexander e eu nos gostávamos desde crianças. Meus pais achavam que íamos superar essa “bobagem” quando crescêssemos. Eles tinham um casamento em mente para mim, assim como sua mãe tinha para Rashid. Unir duas famílias italianas, e fundir duas fortunas que apenas aumentariam ao longo dos anos.

Khalid franziu o cenho, pensando que precisava contatar o homem que a estava investigando, e ver o que ele descobrira.

– Então, você e Alexander se casaram contra os desejos parentais. Isso acontece.

– Quando eles descobriram onde nós

estávamos morando, Antonio foi me dizer que eu tinha de voltar para casa. Haveria uma anulação, e o casamento arranjado aconteceria. Eu ri, mas ele me forçou fisicamente a entrar no carro e me levou para o aeroporto. O resto você sabe. Eu consegui escapar dele na delegacia de polícia e me esconder, até concluir que ele deixara Quishari. Amigos em comum contataram sua avó, que me ofereceu um lugar para morar. Eu serei eternamente grata a ela. Madame Alia adorava meu trabalho, e acho que gostava de mim. Porém, mais importante... ela me deu um porto seguro.

– Certamente, ela fez isso – concordou Khalid, atônito ao saber daquilo. Suas ações ameaçavam o porto seguro de Ella?

Ella virou-se e o encarou.

– Se minhas ações causaram isso, eu resolverei a situação.

– Se? É claro que elas causaram. Por que você teve de me investigar?

– Eu queria saber mais. Minha avó nunca a mencionou. Minha família não sabe a seu respeito. O que você me contou era limitado.

– Você é meu senhorio... sabe tudo que precisa sobre mim. Eu pago meu aluguel em dia, e tenho um contrato

legal. Fim da história.

– Eu quero mais.

– Bem, nós nem sempre temos tudo que queremos na vida.

Khalid a estudou, vendo uma mulher triste, infeliz. Uma para quem ele levara ainda mais sofrimento. Não era fácil, mas ele tinha de se desculpar.

– Sinto muito.

Ela deu de ombros.

– Desculpar-se não muda nada.

– É para que você saiba que eu não quis lhe causar dor. E eu irei consertar isso.

– Como? Apagando a memória de meu irmão? Pondo guardas, de modo

que ninguém possa entrar na propriedade? Isso não significaria que ninguém sai, também?

– Sente-se e resolveremos a situação.

– Khalid rodeou a mesa e ligou para a Petrolífera Bashiri. Em menos de um minuto, estava falando com o investigador encarregado de descobrir sobre Ella Ponti. Ouviu por cinco minutos, a expressão impassível, enquanto o homem relatava o que descobrira, terminando com...

– Um dos irmãos dela esteve no escritório ontem, tentando obter informações. Nós não damos esse tipo de informação. Ele questionou pessoas

nos corredores e no estacionamento. Finalmente, mandamos os seguranças removê-lo das premissas. Mas ele está procurando a irmã, e parece muito determinado.

– Eu também posso ser determinado – replicou Khalid, e terminou a ligação. – Parece que a investigação que eu pedi fez seu irmão voltar a Quishari. Ele está hospedado no Hotel Imperial. Foi ac escritório de nossa companhia, questionando todos, a fim de descobrir sua localização. Por que é tão importante que você se case com um homem escolhido por seus pais, depois de todo esse tempo?

– Para aumentar a dinastia, é claro. E para garantir que o dinheiro não saia da família ou dos negócios da família... vinho. Eu tenho um fundo fiduciário, que não posso acessar por mais dois anos. Mas meu pai estava convencido que Alexander só queria meu dinheiro. Ele estava errado. Alexander me amava. Nós vivíamos modestamente com o salário que ele ganhava na universidade. Éramos tão felizes.

Lágrimas inundaram-lhe os olhos novamente, e Khalid mais uma vez se arrependeu de seu desejo de querer saber mais sobre ela.

– Eu irei falar com seu irmão, e me

certificar de que ele a deixe em paz.

Ela piscou, a esperança brilhando nos olhos.

– Você irá?

Khalid assentiu, detestando envolver-se naquilo, mas sentindo-se responsável por ter causado o problema.

– Eu vou tomar um banho, depois irei ao hotel.

Ella assentiu.

– Certo, então. Você cuida disso. – Ela foi para a porta, pausando e virando-se para ele. – Estou feliz que você chegou em casa, em segurança. O incêndio foi extinto?

– Sim.

– Você descobriu o que o causou?

– Acredito que sim. Tomamos medidas para que não aconteça novamente, naquela plataforma.

– Ótimo. – Ela saiu da sala.

Khalid coçou a nuca. Era melhor ir logo para o hotel, antes que o irmão dela voltasse e encontrasse Ella.

ELLA MANTEVE a casa trancada o dia inteiro. Conhecia seu irmão. Ele não desistiria tão fácil só porque Khalid queria. Não que ela subestimasse o poder do sheik. Ele poderia comprar e vender seu irmão num piscar de olhos. E aquele era o país do sheik, onde Antonio não encontraria aliados.

Conforme a tarde passava, Ella imaginou se Khalid tinha realmente ido ver seu irmão. Ela não o vira retornar. E se ele tivesse desistido, concluindo que aquele era um ótimo jeito de se livrar dela?

Inquieta, ela saiu para caminhar quando ainda nem tinha escurecido completamente. Andou para mais longe do que o normal, ainda muito agitada. Quando chegou a uma área mais povoada, sentou-se perto da água. Um pequeno grupo estava sentado ao redor de uma fogueira, rindo e conversando. Ela observou a distância. Há quanto tempo não se sentia tão livre e feliz?

Quando o grupo começou a se separar, Ella percebeu como era tarde... e ainda tinha uma longa caminhada de volta. Levantou-se e andou ao longo da água, a lua, um disco brilhante no céu. Estava resignada a ter de partir. Parecia não haver outra escolha, a menos que quisesse sua família interferindo na sua vida. E não queria.

Ela diminuiu o ritmo ao se aproximar da propriedade. Khalid estaria na praia? Não queria encontrá-lo esta noite, e lidar com mais emoções. Queria uma boa noite de sono, e, no dia seguinte, arrumaria as malas e partiria antes que Antonio a achasse. Contataria sua amiga

Marissa para lhe pedir que fosse lá depois, embalar suas peças de vidro. Uma vez que estivesse estabelecida em algum outro lugar, retomaria seu trabalho de arte.

KHALID VIUElla atravessar o jardim a caminho do chalé. Ele tinha ido lá antes, mas ela já saíra. Agora, estava de volta. Ele precisava contar-lhe sobre seu encontro com Antonio, mas estava tarde, e talvez fosse melhor deixar isso para a manhã seguinte.

Permaneceu sentado na varanda escura, observando-a entrar em casa. Luzes se acenderam lá dentro, e, menos de meia hora depois, o chalé estava

escuro novamente. Ele esperava que ela tivesse uma boa noite de sono. Ella não ficaria contente com o que ele tinha para lhe contar.

NA MANHÃ seguinte, estava chovendo enquanto Ella arrumava as malas e punha os lençóis na máquina para lavar. Deixaria o lugar limpo e arrumado, com exceção de seu estúdio. Esperava que Khalid permitisse que sua amiga entrasse lá depois, para recolher seus pertences. Do contrário, ela recomençaria. Não seria a primeira vez.

A batida à porta deixou-a alerta. Não abriria para Antonio, em hipótese alguma. Mas quando olhou através do

vidro, ficou aliviada ao ver que era Khalid.

Abrindo uma fresta, ela bloqueou a vista da sala.

– Sim?

– Eu preciso falar com você – disse ele.

– Sobre?

– Sobre seu irmão.

– Você falou com ele?

– Sim. Vai me deixar entrar, ou vamos conversar assim?

Relutantemente, ela abriu a porta e deu um passo atrás, fechando-a assim que ele entrou. Então foi para o pequeno sofá e sentou-se. Khalid ocupou a

poltrona oposta e começou:

– Eu encontrei seu irmão no hotel. Ele está muito ansioso para lhe falar. Parece que há um problema com sua família que somente você pode resolver.

– Claro, casar-me com o homem que eles escolheram.

Khalid assentiu.

– Aparentemente, houve problemas financeiros, e sua família precisa de um influxo de dinheiro que o acordo de casamento traria.

Ela franziu o cenho.

– Que problemas? O negócio dos vinhos é lucrativo. Nós possuímos as terras por gerações. Eu não entendo.

Khalid deu de ombros.

– Parece que seu irmão mais novo tem o hábito de jogar. Ele afundou-se em dívidas que seu pai teve de pagar. A menos que eles consigam uma boa quantidade de dinheiro, e logo, terão de vender parte das terras. Há muitos credores atrás deles.

– Giacomo é viciado em jogo? – Ela nunca soubera disso. Lembrou-se da última vez que vira seu irmão. Ele ainda estava na faculdade, livre e encantando todas as garotas. O que dera errado?

– Apesar de lamentar a situação, eu não vou me sacrificar para resolver o problema delas. Meu pai que case

Giacomo com uma mulher rica, então.

– Seus dois irmãos já estão casados.

Ella ficou pasma pela notícia. Quando isso acontecera? Obviamente durante os anos que ela vivera com Alexander em Quishari.

– Aparentemente, Antonio sente que é seu dever para com a família ajudar nessa circunstância desesperadora – comentou Khalid.

– Ele está agindo como meu pai. Eu não quero ajudá-los. E não vou me casar com um homem por dinheiro, e para tirar Giacomo dessa encrenca. – Antonio sempre cuidara dela e de Giacomo. Parecia que ainda estava cuidando do

irmão mais novo.

Khalid assentiu.

– Eu sabia que você ia se sentir assim.

– Ele sabe que eu moro aqui?

Khalid meneou a cabeça.

– Ele veio aqui para ver se descobria sobre seu paradeiro. Mas eu não lhe contei nada.

– Eu estou indo embora.

Ele pareceu surpreso.

– Para onde?

– Não sei ainda. Mas não vou contar a ninguém. Assim, eles não conseguirão me achar.

– Seria tão ruim entrar em contato

com sua família? Eu não me imagino sendo afastado de Rashid.

– É diferente. Sua mãe não está tentando forçá-lo a se casar com uma mulher escolhida por ela. Você suportaria se casar por dinheiro?

– Não – replicou ele. – Machucaria ouvir o que ele tem a dizer?

– Eu não vou voltar para a Itália.

– Não estou sugerindo isso. Pais não podem arranjar casamentos para os filhos.

– Sua mãe tentou com Rashid.

– E não deu em nada.

– Mas ela tentou. E pode tentar com você.

– Duvido. Minha mãe não gosta das cicatrizes mais do que qualquer outra mulher gostaria.

– Honestamente, isso é uma bobagem. Então você tem uma cicatriz. Faça cirurgia plástica, se não gosta dela. Na verdade, a cicatriz torna você mais interessante do que alguns sheiks playboys que acham que aparência é tudo.

– Sheiks playboys?

Ella inclinou-se para frente.

– Isso é problema meu, não seu.

– É claro. – O divertimento nos olhos de Khalid disse-lhe que ele não estava levando aquilo muito a sério. Por que

deveria? Ele tinha poder, prestígio, dinheiro. Ella não tinha nada... nem mesmo uma família para apoiá-la.

– Então, Antonio foi embora?

– Ainda não. Ele quer vê-la. Ouvir de você que tudo está bem.

– E tentar me sequestrar novamente, e me levar para casa.

– Não, eu deixei claro que ele não poderia fazer isso.

– Como?

Khalid pareceu sem graça.

– Na verdade, no final do encontro, eu estava meio exasperado com seu irmão.

Ella riu.

– Posso imaginar. Ele é como um

buldogue quando quer alguma coisa. Então, o que você disse a Antonio?

– Que você e eu estávamos noivos.

Ella o fitou por um longo momento, certa de que não o ouvira direito.

– Perdão?

– Pareceu-me uma boa ideia na hora.

– Falou para meu irmão que nós estávamos noivos? Você nem mesmo gosta de mim. Nem mesmo somos amigos. Por que você faria uma coisa dessas?

– Para que ele pare de persegui-la.

– Não acredito nisso. Você é um sheik neste reinado. Poderia ordenar que pessoas o escoltassem para a fronteira, e

expulsá-lo do país. Poderia negar o visto dele, declará-lo pessoa não grata...

– Bem, eu não fiz nada disso.

Ela piscou.

– Então, Antonio acha que estamos noivos?

Khalid assentiu.

– E ele vai voltar para casa, agora?

– Depois que encontrá-la, e você lhe garantir que está feliz com seu noivado.

Por um momento, Ella sentiu uma onda de afeição por seu irmão, que, aparentemente, queria que ela estivesse feliz. Todavia...

– Não.

– Não, o quê?

– Eu não vou arriscar. Não quero encontrar Antonio. Não quero que ele saiba onde eu moro. – Ela o olhou com incredulidade. – Ele provavelmente espera que você lhe dê dinheiro, já que acredita que iremos nos casar. Deve estar tão feliz em ter você como candidato quanto estaria com qualquer outro escolhido na Itália.

– Eu mencionei que tenho alguns milhões guardados para o futuro.

– Estupidez – disse ela, levantando-se. – Volte lá e diga a ele que estava brincando, ou algo assim.

Khalid também se levantou, aproximando-se.

– Ella, pense por um momento. Isso tira seu irmão do seu caminho. Nós o encontraremos para jantar. Mostraremos a ele que somos devotados um ao outro. E que não temos intenção de voltar para a Itália. Então, ele ficará satisfeito, e irá embora pela manhã. Você ficará segura aqui, e isso será o fim de tudo. Depois que sua família encontrar outro jeito de pagar a dívida, você pode escrever para eles e dizer que o noivado acabou.

Ela considerou o plano. Parecia desonesto. Mas também parecia que podia funcionar, se ela conseguisse convencer Antonio que estava comprometida com Khalid. Olhando

pela janela, imaginou se poderia fingir que amava o homem, quando seu coração estava enterrado com Alexander.

Mas talvez Antonio acreditasse. Ele sempre a provocara por ser uma romântica. E sua família daria as boas-vindas a Khalid, como nunca dera a Alexander. Desta vez, eles não tinham razão para suspeitar que ele estivesse interessado em seu dinheiro. Perto dele, ela era quase pobre.

– Você acha que isso vai dar certo, Khalid?

– O que poderia dar errado? Você convence seu irmão que está radiante.

Ele volta para casa, e você volta a fazer sua arte, em paz.

– O que você ganha com isso? – perguntou ela, cinicamente.

– Não mais lágrimas?

Ela corou.

– Desculpe-me sobre aquilo.

– Não precisa se desculpar. Eu só não quero que você tenha outra crise de choro. Eu irei embora em breve, de modo que você terá o lugar só para si mesma, como antes.

– Então, não vai vender a propriedade?

– Não, por enquanto. Descobri que gosto de morar perto da água.

– Certo. Tentaremos o seu plano. Mas se ele não for embora, ou tentar alguma coisa, eu partirei.

KHALID MARCOU o jantar num restaurante perto do hotel. Pegou Ella às 19h, e, em menos de 20 minutos, eles chegaram ao restaurante. Ela viu seu irmão esperando, assim que eles entraram.

– Ella. – Ele aproximou-se e beijou-lhe ambas as faces.

– Antonio. – Fazia um ano que ela não o via. Ele estava igual. Ella sorriu e o abraçou apertado. Apesar de tudo... ele ainda era seu irmão mais velho.

Ele e Khalid apertaram as mãos.

Logo, os três estavam sentados a uma mesa perto da janela, com vista para um jardim.

– Nós estamos preocupados com você
– começou Antonio.

– Eu estou bem.

– Mais do que bem. Noiva, pretendendo se casar novamente.

– E?

– Isso será uma surpresa para nossos pais.

– Como saber sobre o vício no jogo de Giacomo me surpreendeu.

Antonio olhou para Khalid e deu de ombros.

– Encontraremos um jeito para

arranjar o dinheiro. Membros de uma família precisam apoiar uns aos outros, não acha?

Quando o garçom chegou para anotar o pedido, a conversa foi suspensa por um momento.

– Khalid não fala italiano. Ele fala inglês ou francês – disse Ella em inglês.

– Inglês então – decidiu Antonio.

– Ella me diz que sua família está no negócio de vinhos por gerações – murmurou Khalid. – Você é uma parte dessa operação?

Antonio assentiu.

– Eu vendo vinho. Giacomo ajuda papai com o vinhedo e a produção do

vinho. Meu pai quer que Ella vá para casa. Ela partiu há um longo tempo.

– Talvez no futuro. Ela não pode ir agora – replicou Khalid, com firmeza.

Antonio pareceu surpreso que alguém lhe dissesse não. Ella reprimiu um sorriso e olhou ao redor. O restaurante estava cheio, e, subitamente, ela avistou o ministro das finanças, ao mesmo tempo em que ele a viu.

– O ministro está aqui – ela falou em árabe.

Antonio reclamou:

– Se estamos conversando em inglês, todos devem falar em inglês.

– Desculpe, eu esqueci.

Um momento depois, o ministro estava à mesa deles.

– Ah, a adorável Madame Ponti. – Ele pegou a mão de Ella e beijou-lhe o dorso. – Rashid, eu não esperava vê-lo com Madame Ponti – acrescentou com uma rápida olhada para Khalid.

Khalid levantou-se, agigantando-se sobre o homem mais velho, expondo a cicatriz, quando o encarou.

– Ministro.

– Ah, eu me enganei. Khalid. Não precisava se levantar. Eu estava saindo e vi vocês jantando. – Ele sorriu para Antonio. – Outro hóspede?

– Irmão de Ella. – Khalid fez as

apresentações, explicando que Antonio era italiano e não falava árabe.

– Inglês?

Antonio assentiu.

– Bem-vindo a Quishari – disse o ministro com um sotaque carregado.

– Sinto-me feliz de estar aqui. Estamos celebrando o noivado de Ella.

CAPÍTULO 7

ELLA DESEJOU que pudesse calar a boca de seu irmão. Sua expressão horrorizada devia ter transparecido, porque Khalid tocou-lhe o ombro.

– Parabenize-nos, ministro. Você é o primeiro, além da família, a saber – disse ele com tranquilidade.

– Meus parabéns – replicou o ministro. Tenho de admitir que não estou surpreso, depois de vê-los juntos na festa de sua mãe, na outra noite.

Khalid assentiu, liberando o ombro de

Ella, como se estivesse convencido de que ela não ia fugir... o que ela sentia muita vontade de fazer.

– Não quero atrapalhar o jantar de vocês – disse o ministro quando o garçom chegou com a refeição.

Ele partiu, e Ella suspirou aliviada. Talvez, Khalid pudesse encontrá-lo mais tarde e explicar. Ela precisava se concentrar em colocar seu irmão no próximo avião para a Itália.

– Nossos pais irão querer conhecer seu noivo – murmurou Antonio, quando eles começaram a comer. – Vocês devem ir visitar logo. Eu posso esperar alguns dias aqui, e voltar com vocês.

– Infelizmente, eu não posso viajar por um tempo, e Ella precisa trabalhar em sua arte – respondeu Khalid.

– Arte?

– Você não viu as lindas peças em vidro que ela faz? – perguntou Khalid, em surpresa.

– Oh, aquelas. – Antonio deu de ombros. – Eu vi vasos e afins. Não são feios.

Ella não se ofendeu com a indiferença de seu irmão em relação ao seu trabalho. Ele considerara aquilo um hobby estranho quando ela era mais jovem. Mas ela progredira muito desde as primeiras tentativas. Não que precisasse

mostrar a ele. Tudo que queria era que seu irmão fosse embora.

A refeição pareceu interminável. Ella não conseguia esquecer a participação de Antonio na morte de Alexander. Se ele não tivesse tentado levá-la para casa aquela vez, Alexander ainda estaria vivo.

Depois que o jantar acabou, Khalid os escoltou para a limusine, esperando no meio-fio. Quando todos estavam dentro, ele instruiu o chofer para levá-los ao hotel de Antonio.

– Nós o deixaremos no hotel, e, pela manhã, a limusine irá buscá-lo para levá-lo ao aeroporto. Ella contatará a

seus pais quando for conveniente visitá-los.

Nunca subestime o poder do dinheiro, status e arrogância masculina, pensou Ella quando seu irmão concordou com relutância.

– Como você deseja. Meu pai ficará encantado em saber que a filha está noiva de um dos maiores líderes de Quishari. Espero que vocês possam nos visitar em breve.

Grande parte do trajeto do hotel para a casa foi feito em silêncio.

– E se o ministro disser alguma coisa? – perguntou ela, finalmente.

– Para quem ele vai contar? Nós não

somos importantes para ele. Você se preocupa demais – replicou Khalid, estudando o cenário do lado de fora da janela.

– Pena que ele fala inglês. A barreira da língua teria impedido o ocorrido. Duvido que ele fale italiano.

Khalid olhou-a.

– Seu irmão irá voltar para casa, dizer aos seus pais que você está segura, e continuar com a própria vida. Depois que as coisas se acalmarem, você fala que o relacionamento não deu certo.

Ela riu, nervosamente.

– Duvido que as coisas se acalmem. Eles irão pressionar pelo casamento.

– Diga-lhes que eu não estou pronto.

– Oh, Khalid, se eles realmente precisam do dinheiro para Giacomo, irão querer que eu me case com você, para depois me pedirem dinheiro. Se você fosse pobre como Alexander, eles nunca aceitariam um casamento entre nós.

– Você é adulta. Apenas diga não a eles.

– Antonio tentou me forçar a sair do país, da última vez.

– Ele não tentará no futuro, não enquanto você viver em Quishari.

– Então, eu nunca sairei daqui – disse ela.

A limusine parou diante do chalé de Ella, e Khalid dispensou o motorista. Escoltou-a até a porta.

– Obrigada pelo jantar, e por ter me defendido – murmurou ela, abrindo a porta.

– É para isso que são os noivos. – Ele beijou-lhe os lábios.

Então, virou-se e foi embora, desejando que tivesse ficado para mais do que um beijo de boa-noite. Escondera aquilo de Ella, mas estava preocupado que o ministro espalhasse a notícia.

Quando entrou no estúdio, minutos depois, a secretária eletrônica estava

piscando. Khalid apertou o botão.

– O que é isso que eu ouvi sobre seu noivado? Você não poderia ter me contado, antes de contar para o ministro? – A voz de Rashid soou, divertida. – Ou entendi errado? Ligue para mim.

Com um suspiro, Khalid sentou-se e discou o número de seu gêmeo.

– Alô.

– Rashid, é Khalid.

– Ah, o homem recentemente noivo. Eu não tinha ideia.

– Não é o que você pensa.

– O que é, então?

Khalid explicou, e ouviu a risada de

Rashid.

– Parece como Bethanne e eu. Nós fingimos que ela era minha pretendente, a fim de fechar o negócio no qual eu estava trabalhando, quando a mulher que eu esperava não apareceu. Cuidado, irmão... noivados falsos tendem a se tornar reais.

– Não desta vez. Na verdade, eu não ia contar a ninguém sobre o irmão de Ella.

– Mas o ministro se incumbiu disso, e agora, provavelmente mamãe irá ligar para você. E, sei, por experiência própria, que ela não vai ficar feliz com esse seu noivado.

– Ela devia ficar contente que qualquer mulher considerasse se casar comigo, com este rosto.

– Não, se a mulher não for escolhida por ela... o que significa, alguém em quem ela possa mandar. Então, qual é o plano?

– Não sei. Tudo teria sido tranquilo se o ministro não tivesse aparecido.

Após um momento de silêncio, Rashid perguntou:

– Alguma chance?

– Do quê? De Ella querer se casar comigo? Caia na realidade. Para começar, não pretendo me casar. Seus filhos continuarão a linhagem. Segundo,

ela ainda ama o marido morto. Chora por ele até hoje.

– Certo, então você fez o papel de herói, salvando-a do irmão. Isso não a fará se sentir em dívida? Talvez, vagar o chulé, de modo que você possa vendê-lo?

– Eu não usaria isso para mandá-la embora.

– Certo – murmurou Rashid, após um momento. – Ligue, se precisar de mim.

Quando desligou, Khalid contemplou achar um trabalho a 15 mil quilômetros de distância e ficar longe pelo máximo de tempo possível. Quem diria que herdar uma propriedade pudesse deixá-

lo tão confuso?

O telefone tocou novamente.

Era sua mãe.

– Eu acabei de receber um telefonema interessante.

– Eu sei – respondeu ele, simplesmente.

– Isso é verdade? Honestamente, se eu soubesse que você pretendia se casar, o que declarou muitas vezes que não faria, eu teria lhe apresentado mulheres muito mais adequadas do que uma viúva de passado duvidoso.

– Eu conheço o passado dela.

– Eu não. De onde ela é? Tem certeza que ela quer esse casamento para

construir uma vida com você, ou está empenhada em manter o chalé? Uma vez que a carreira de artista decolar, ela não partirá para campos mais verdes?

– Quem sabe o que o futuro nos reserva? – replicou ele.

– Seu pai costumava dizer isso o tempo todo. Homens! Suponho que precisarei de outra festa para apresentá-la formalmente a todos, como eu fiz com Bethanne.

– Esqueça isso, mãe.

– Por quê?

Sua mãe era esperta, e ele não queria que ela pensasse que o noivado não era tão forte, ou algo assim.

– Você acabou de dar uma festa... nós podemos esperar algumas semanas. – Talvez então, alguma ideia lhe ocorresse para se livrar da situação.

– Bobagem. Eu liguei para sua tia. Ela ficará radiante com a notícia, e irá querer ajudar. Nós tínhamos desistido de você, sabia?

Continuem sem esperança, ele queria dizer. Mas por enquanto, seguiria com a farsa. Imaginou se Ella concordaria. Ou se colocaria um fim naquilo, no minuto que o irmão decolasse.

Khalid vestiu roupas esportes e foi para a praia. Não sabia se Ella iria andar ou não. Poderia avaliar-lhe a

reação, se ela aparecesse.

Quando ele chegou à praia não havia sinal dela. Sentando-se na areia, ele observou a lua dançar na água. A brisa noturna era agradável, e o silêncio era pacífico. Por que os humanos complicavam tanto as coisas? Uma noite tranquila cercada pela natureza... era disso que Khalid precisava. Era isso que gostava sobre o deserto. A solidão e a quietude.

Ele ouviu-a andando através do jardim. A satisfação o preencheu. Ela estava vindo. Apesar das diferenças, sentia-se mais próximo de Ella no escuro do que se sentia de qualquer

pessoa, exceto de Rashid. A amizade deles provavelmente não duraria muito, mas era perfeita no momento.

– Fiquei pensando se você iria querer andar – murmurou ela, chegando e sentando-se ao seu lado. – Você estava certo. Eu reagi de forma exagerada, mas esse foi o esquema perfeito para me livrar de Antonio. Todavia, se nosso noivado fosse real, ele iria tentar extrair dinheiro seu no minuto que nos casássemos.

– Eu imaginei – replicou Khalid. Antonio não o conhecia, mas dar dinheiro para pessoas que o desperdiçavam não era algo que ele

fazia. Embora pudesse entender solidariedade familiar.

Khalid levantou-se e estendeu a mão para ajudá-la. Eles deixaram seus sapatos ali e começaram a caminhar na beira d'água.

Ele gostava de terminar a noite assim. Era tão bom estar com Ella. Na escuridão da noite, ela não precisava ver a deformidade no seu rosto, e ele não tinha de suportar as expressões de horror que via frequentemente nas pessoas ao seu redor. Não que Ella o tivesse olhado assim alguma vez, exceto naquele primeiro dia. Ela parecia ver o homem atrás da cicatriz.

– Pelo menos, nós não precisamos nos preocupar com isso. Eu ainda estou trabalhando num catálogo, e tentarei uma exposição antes do que foi planejado originalmente. Uma vez que eu estiver ganhando um sustento, sairei do seu caminho.

– Há uma complicação – disse ele.

– Qual?

– Minha mãe acha que estamos noivos, e está planejando uma festa para anunciar isso ao mundo.

– O quê? Você deve estar brincando. Como sua mãe descobriu? – Ela parou de andar e olhou-o.

– Ela me ligou esta noite. O ministro

contou para Rashid e para minha mãe.

Ella balançou a cabeça.

– Posso imaginar como ela está encantada em pensar que estamos noivos. Você desmentiu?

– Não.

– Por que não?

Khalid recusava-se a examinar o motivo. Sentia-se protetor em relação a Ella. Não queria que nada tirasse a felicidade dela, que parecia já ter sofrido o suficiente para durar uma vida.

– Pareceu melhor não contar a verdade.

– Bem, conte-lhe pela manhã.

– Deixe-a acreditar nisso por um

tempo. Qual é o problema?

Ella pensou sobre aquilo.

– Talvez não haja problema.

– Se as pessoas pensarem que você é minha noiva, isso ajudará um pouco, quando você for às galerias.

– Eu não fingiria por esta razão.

– Mas você manteria sua família fora de sua vida.

– Eu não sabia que meu irmão mais novo tinha problemas com jogo. Ele era uma gracinha. Tão charmoso.

Khalid pegou-lhe a mão, e puxou-a para que eles retomassem a caminhada.

– Eu sei. Mas pressão da família pode ser terrível. Se eles acharem que você

está fora de alcance, terão de procurar ajuda financeira em outro lugar. Pessoalmente, eu mandaria o homem embora de casa e diria para ele lutar pelo próprio sustento.

– Você diz isso, mas aposto que tentaria ajudar, se Rashid estivesse com problemas.

Khalid sabia que aquilo era verdade.

– Não tenho certeza se isso é justo com você – continuou ela.

– Por que não? Fui eu que causei toda esta confusão.

– Eu sei. Mas ninguém que nos conhece irá acreditar que nós nos apaixonamos e planejamos nos casar.

– Por causa da cicatriz – disse ele.

Ela socou-lhe o braço com a mão livre.

– Pare já! A cicatriz não tem nada a ver com isso. Eu ainda sofro por meu marido. Nunca mais quero passar por alguma coisa como aquilo. É mais seguro seguir a vida sozinha, fazer amigos, ter uma grande carreira, sem pôr o coração em risco. Dói demais quanto este é despedaçado.

– Mais seguro, porém solitário, não é?

Ella o fitou. Ele era solitário? Por causa da cicatriz, Khalid evitava eventos sociais, e não recebera amigos

desde que estava lá.

Ela vira pessoas olhando-o com horror na recepção. Lamentava que Khalid tivesse de lidar com pessoas detestáveis, que não tinham modos para lidar com a vida real.

– Vamos – disse ela, liberando a mão.
– Vamos apostar uma corrida até aquele pedaço de madeira. – Com isso, Ella saiu em disparada em direção à grande tora que tinha sido levada para a areia durante a última tempestade. Sabia que perderia de Khalid, mas talvez aquilo desviasse os pensamentos tristes de ambos.

Mesmo Ella tendo saído na frente,

Khalid alcançou-a rapidamente e ultrapassou-a, como esperado.

Ella estava ofegando quando chegou à tora de madeira.

– Você frequentemente corre à noite?
– perguntou ele.

– Ninguém pode me ver, e eu posso apostar corrida com o vento. É melhor do que apostar com você, porque posso me convencer que ganhei do vento.

Khalid riu, então, pegou-a pela cintura e girou ambos.

– Eu ganhei hoje – disse ele, parando e puxando-a para mais perto, até que eles estivessem se tocando do peito aos joelhos. Inclinando-se, beijou-a

documento.

Ella fechou os olhos, ouvindo apenas as batidas aceleradas de seu coração e o suave barulho das ondas, enquanto se entregava às sensações maravilhosas que a percorriam. A boca de Khalid era mágica. Os lábios eram como néctar. O corpo forte a fazia se sentir segura e incrivelmente desejável.

O tempo perdeu o significado. Por minutos infinitos, Ella foi inundada de puro prazer.

Então, os beijos foram se acalmando, e logo Khalid colocou alguma distância entre os dois. Ela deu um passo à frente, não querendo terminar o contato. Mãos

grandes descansaram nos seus ombros e, gentilmente, afastaram-na.

– Nós precisamos voltar, antes que as coisas saiam de controle – disse ele.

Ela virou-se, grata pela escuridão esconder seu embaraço. Como podia ter se jogado em cima dele, quando Khalid deixara claro que não estava interessado nela desse jeito? A ideia do noivado falso era apenas um meio de lhe oferecer proteção. Se seu irmão não tivesse aparecido, Khalid jamais teria fingido que eles estavam envolvidos.

E tudo bem para ela.

Ella acelerou os passos.

– Nós vamos apostar corrida para

voltar? – perguntou ele, alcançando-a.

– Não. – Ela diminuiu o ritmo, mas prometeu a si mesma que, a partir de agora, faria o possível para ficar longe de Khalid al Harum!

ESTA PROMESSA durou até o dia seguinte. Ella passou as primeiras horas trabalhando numa cumbuca que seria a primeira de uma série, cada uma um pouco maior do que a anterior. E ficou satisfeita por sua capacidade de concentrar-se no trabalho, e ignorar todo o resto.

Já tinha passado muito da hora do almoço quando ela parou para comer alguma coisa. No meio de um projeto,

ficou envolvida no processo. Todavia, quando a peça estava no forno, pensamentos da noite anterior dominaram sua mente.

Jalilah bateu à porta, antes que Ella tivesse tempo de preparar alguma coisa para comer.

– Sua Excelência gostaria de vê-la – disse ela.

– Eu estou me preparando para comer. Diga-lhe que irei lá mais tarde.

Jalilah pareceu chocada.

– Eu acho que ele quer você agora.

– Bem, ele não pode ter tudo que quer – replicou Ella. – Obrigada pelo recado. Diga-lhe que irei por volta das 15h. –

Ela fechou a porta.

Quem Khalid pensava que era, esperando que ela largasse tudo, apenas por que ele chamava?

Na verdade, talvez ela nem fosse.

Exceto que estava curiosa. O que ele queria?

Ela preparou um almoço leve e comeu em sua varanda. Quando estava tomando o último gole do chá, ouviu outra batida à porta. Suspirando, levantou-se. Não precisava ser vidente para saber quem estava lá. Ela pôs a louça na pia, antes de ir para a frente do chalé, abrir a porta.

– O que você quer?

– Falar com você – respondeu Khalid, entrando.

Fechando a porta, Ella pôs as mãos nos quadris.

– Sobre o quê?

– Minha mãe está dando outra festa. Desta vez, para anunciar formalmente nosso noivado. Nós temos de ir.

– Você está louco? Isso já foi longe demais. Conte a verdade a ela.

– Ainda não. Você precisa esperar que sua família arranje dinheiro para pagar a dívida de seu irmão. É apenas uma noite. Você conhecerá pessoas, sorrirá e fingirá que gosta de mim.

– Isso está ficando cada vez mais

complicado.

– Nós precisamos convidar alguns de seus amigos, para que pareça real.

Ella cruzou os braços sobre o peito. Aquilo era inesperado.

– Eu não vou envolver minhas amigas. Ademais, ninguém acreditaria. Todas sabem como eu amava Alexander.

– Então finja.

– Nós não precisamos mais fingir. Antonio foi embora, e a farsa era para ele, certo?

Khalid permaneceu silencioso.

– Certo? – repetiu ela.

– Ele não partiu, como pensávamos.

– Por que não? – Ela franziu o cenho.

Seu irmão não estava esperando pelo casamento, estava?

– Como eu vou saber o que seu irmão pensa? Mas a limusine chegou ao hotel no horário, para levá-lo ao aeroporto, e ele disse que tinha mudado os planos e ficaria mais um tempo em Quishari.

– Ótimo. – Ela andou de um lado para o outro, tentando pensar em como se livrar da confusão que Khalid causara na sua vida. – Eu vou embora.

– Depois do anúncio.

Ela o olhou. Ele parecia divertido.

– Isso não é uma brincadeira.

– Não, mas está se tornando numa farsa. Pensei que eu calaria seu irmão

contando-lhe isso. Acha que quero que o mundo pense que eu fiquei noivo novamente, e que a segunda noiva rompeu o noivado?

– Então você rompe. Mas eu não quero ir à festa de sua mãe. Não quero que a cidade inteira pense que nós estamos noivos. Não quero...

Ele levantou uma mão para detê-la.

– Então, encontre uma maneira de sair disso.

– Foi você que contou para meu irmão.

– Você poderia ter lhe dito a verdade no jantar de ontem.

Ela mordeu o lábio. Não queria voltar

para a Itália. Não queria seus pais a pressionando para que ela se casasse com um italiano rico.

– Certo, então nós fingimos até que Antonio vá embora. Podemos apressar a ida dele?

– Ele é seu irmão. Eu nunca poderia apressar Rashid. Quanto mais eu pressionasse, mais ele resistiria.

Ela assentiu.

– Certo, então irmãos são universais. Temos de encontrar um jeito de ele me deixar em paz.

– Esta noite, nós o convenceremos que o casamento realmente acontecerá, e talvez ele vá embora.

– Ou vai lhe pedir um empréstimo.

Khalid franziu o cenho.

– Você acha que foi por isso que ele adiou a viagem?

– Eu não sei. – Talvez seu irmão só quisesse se certificar de que ela estava feliz. Todavia, quando seus pais tinham ido contra seu casamento com Alexander, ele não falara uma palavra em seu favor.

– A que horas é a festa de sua mãe?

– Eu passo aqui às 19h.

– Que tipo de traje?

– O mesmo da última vez. Você precisa de um vestido novo?

– Eu tenho roupas suficientes,

obrigada.

Todavia, por um momento, ela desejou que tivesse levado mais roupas de casa. Ela e sua mãe haviam feito compras nas melhores butikues de Roma. Ella as deixara para trás, quando se juntara ao marido em Quishari. Os vestidos para recepções eram mais conservadores. Ela desejou que pelo menos um deixasse Khalid orgulhoso de escoltá-la.

Então, lembrou-se do vestido vermelho que comprara numa loja perto d o *campus*. Sua amiga Samantha a convencera de comprar. Ela nunca o usara. Era muito ousado para a esposa

de um professor. Mas para esta noite, seria perfeito. Se Khalid insistia que eles continuassem a farsa, ela lhe mostraria mais do que ele pedira.

Ele estudou-a por um momento, então murmurou:

– Até esta noite.

Ella assentiu, abrindo a porta e observando-o começar a sair.

– Eu não acho que confio na sua expressão – disse ele.

Ela fingiu um olhar de inocência.

– Não tenho ideia do que você está falando, querido.

Khalid deu-lhe um tapinha no queixo com um dedo.

– Comporte-se.

Ela riu e impulsioneou-o porta afora. Esta noite podia ser divertida. Madame al Harum ficaria horrorizada. O ministro talvez desejasse ter mantido a boca fechada. E seu irmão aprenderia a não se intrometer mais na vida de sua irmã.

ELLA ESTAVA pronta antes da hora marcada. Contara com a habilidade de Jalilah para arrumar seus cabelos. O vestido era ousado em comparação àqueles que Ella usara para eventos na universidade. As alcinhas vermelhas contrastavam com sua pele, o corpete justo abraçava cada curva, até onde a saia se abria e descia até abaixo dos

joelhos. O tecido de seda brilhava na luz. Ela usava seu conjunto de pérolas. Os sapatos de salto a deixavam mais alta, o que aumentava sua autoconfiança. Estava pronta para enfrentar o mundo em seus próprios termos.

Khalid chegou às 19h. Assim que a viu, exclamou:

– Você está maravilhosa.

Ela sorriu de alegria. Sentia-se maravilhosa. O vestido era um sonho, mas a cor em suas faces vinha de estar perto de Khalid. Sabia que lhe daria orgulho, e daria aos outros alguma coisa para pensar. Logo, a farsa do noivado acabaria, mas enquanto isso, ela iria se

divertir. E se certificar que ele também se divertisse. Khalid merecia ajuda por tê-la ajudado sem questionamento.

– Obrigada. Você também está bonito.

– Ela deu-lhe um sorriso de flerte.

Ele riu.

– Não leve a farsa tão longe. Esta é uma ideia tola.

– Ideia sua – ela o lembrou.

Ele riu novamente.

– Nem me lembre. Damos uma passada na festa e depois saímos. Você está muito linda para ficar presa numa sala com amigos de minha mãe.

– Você não está pensando. Sua mãe teve todo o trabalho para celebrar o que

acha que é uma ocasião feliz. Não pode desapontá-la.

– Tem razão... é difícil pensar perto de você, quando está tão deslumbrante.

Ella sorriu, deleitando-se com o elogio, e sentindo-se mais sexy e feminina do que podia se lembrar de já ter se sentido algum dia. A expressão ardente nos olhos de Khalid despertou seu próprio desejo. Talvez a ideia dele de escapar da festa tivesse mérito.

– Vamos impressionar todos. E depois, voltamos para andar na praia. Muito mais divertido do que a missão à frente. – Preenchida com confiança pela reação de Khalid, ela poderia enfrentar

a mãe dele e quem mais aparecesse.

CAPÍTULO 8

QUANDO ELES chegaram ao prédio de apartamento da mãe de Khalid, Ella ficou impressionada. Parecia um palácio. Eles foram admitidos pelo porteiro uniformizado, e rapidamente pegaram o elevador para a cobertura.

– A casa da família, não um hotel – murmurou ela.

– Apenas alguns amigos mais íntimos... aproximadamente cem. Você nunca me deu uma lista de seus amigos, então eu pedi que um de meus

assistentes contatasse a universidade e descobrisse quem eram seus amigos. Disse a eles que era uma surpresa.

Ella suspirou.

– Você nunca desiste, não é? Enlouquecia todo mundo, enquanto estava crescendo?

– Ei, eu tinha Rashid para me ajudar.

– Mas não agora?

– Ele sabe, mas é o único, além de você e eu. A menos que ele tenha contado a Bethanne.

Entrando no apartamento, que dava vista para Alkaahdar, Ella observou o salão imenso, os tetos muito altos. Uma parede de janelas se abria para um

grande terraço. Havia bastante gente na sala, mas ela não estava lotada. Quadros clássicos estavam pendurados nas paredes. Os móveis pareciam mais ocidentais do que árabes, escolhidos por elegância e estilo.

– Khalid, você devia ter chegado antes dos primeiros convidados – sua mãe ralhou, indo cumprimentá-los. Estudou Ella, os olhos se arregalando de leve. – Você parece diferente esta noite.

– Pessoas dizem que eu me arrumo bem – replicou ela, de maneira atrevida.

Sabria al Harum não sabia como responder.

Khalid beijou o rosto da mãe.

– Nós estamos aqui. Isso é o que importa. Não acredito que você reuniu tanta gente, convidando apenas um dia antes.

– Todos aqui o querem bem, filho – murmurou ela, olhando para Ella, como se ela não soubesse a maneira certa de responder àquilo.

Ella enganchou um braço no de Khalid e inclinou-se para mais perto.

– Estamos honrados que a senhora fez isso para nós com tão pouco tempo de aviso, não estamos, querido? – disse ela, sorrindo para ele.

– Realmente estamos, *querida* – devolveu ele, os olhos prometendo

retribuição.

– Misturem-se, deixem as pessoas parabenizá-los. – Sabria deu um olhar incerto para Ella.

Rashid atravessou a sala com Bethanne. Sorriu para Khalid e Ella.

– Parabéns, irmão – disse ele, então, inclinou-se e beijou Ella no rosto. – Mantenha-o na linha.

– Não acreditei quando Rashid me contou. – Bethanne abraçou Ella. – Eu acho isso fabuloso.

Ella sorriu. Então murmurou para seu irmão, que estava se aproximando e parou ao lado deles:

– Pensei que você tivesse ido para

casa.

– Eu precisava lidar com algumas coisas antes de partir. Falei com nossos pais. Eles desejam felicidades para vocês dois no casamento. – Antonio pausou. – Se eu tivesse ido embora, teria perdido esta festa.

– E isso não teria sido tão ruim – replicou ela em árabe.

– Venha – disse Khalid. – Quero apresentá-la para alguns amigos.

Consciente da necessidade de convencer seu irmão da seriedade de seu relacionamento com Khalid, ela ficou perto dele a noite inteira, tocando-lhe o braço, e, às vezes, de mãos dadas.

O ministro das finanças viu Khalid e Ella e foi cumprimentá-los.

– Sua mãe deve estar tão feliz, com os dois filhos assegurando a continuidade da família.

– Há mais num casamento do que ter filhos – retrucou Khalid.

– Ah, mas nada como crianças por perto para mantê-lo jovem.

– Você tem filhos? – perguntou Ella.

– Ainda não.

– Entretanto, você e sua esposa são casados há muitos anos – observou Khalid.

Por um momento, o ministro pareceu desconcertado, então mudou de assunto:

– Você e seu irmão irão se casar ao mesmo tempo? Ou Rashid, sendo o mais velho, se casará primeiro?

– Nós ainda não definimos datas – respondeu Khalid. – Com licença, vejo que alguns dos amigos de Ella chegaram. – Ele conduziu-a para a porta, onde dois casais estavam de pé, olhando ao redor em confusão.

– Como você sabe que eles são meus amigos? – perguntou ela, reconhecendo os amigos.

– Eles parecem deslocados. Obviamente não conhecem ninguém aqui.

Cumprimentos logo foram trocados.

Embora os amigos de Ella tivessem se assustado com a cicatriz de Khalid, logo esconderam a reação e o cumprimentaram calorosamente.

– Eu não tinha ideia – disse Jannine. – Nós quase não nos vimos no ano passado. Suponho que muita coisa aconteceu.

– Foi um ano movimentado – respondeu Ella, vagamente.

– Então, o que você está fazendo em relação a sua arte? – perguntou Joseph. Olhou para Khalid. – Você viu o trabalho dela, é claro.

– Sim. Maravilhoso. Ela está planejando uma exposição para breve.

Eu prevejo um futuro espetacular para nossa artista.

– Conte-nos tudo – disse Monique.

Ella estava feliz pela presença de seus amigos. Eles tinham feito parte de sua vida por muitos anos, e eram pessoas interessantes. Ela falou sobre seus planos de conseguir expor em alguma galeria. Eles ouviram com atenção, ocasionalmente dando uma olhada para Khalid.

Um momento depois, ele tocou o ombro de Ella.

– Há alguém com quem preciso falar. Deixarei você com seus amigos. – Ele saiu, e atravessou a sala para um homem

idoso. Voltando-se para seus amigos, Ella encontrou-os observando-a.

– Ele é um dos homens mais ricos do país – disse Jannine. – Como você o agarrou?

Ella riu do jeito de sua amiga, e contou a todos que tinha alugado um chalé numa propriedade familiar, e que era assim que eles haviam se conhecido. O resto eles sabiam.

– Contem-me o que está acontecendo na universidade.

Joseph começou a lhe contar sobre professores e alunos que ela poderia lembrar. Ella gostou de saber das novidades, mas sentiu-se distante, como

se parte de sua vida tivesse acabado, e ela não fosse mais conectada com aquilo tudo. Parecia um pouco solitário.

Olhando ao redor a determinado ponto, viu Khalid e Rashid conversando com o homem idoso. Eles estavam de perfil. Então Khalid virou-se e capturou-lhe o olhar.

– A coisa está séria – comentou Jannine, rindo.

– O quê? – perguntou Ella, virando-se para sua amiga.

– Ele saiu por cinco minutos, e você já o está procurando. Quanto tempo até o casamento?

– Nós não fizemos planos ainda.

Antonio chegou neste momento. Ella fez as apresentações, e o grupo passou a conversar em inglês, uma língua comum a todos eles.

– Eu não sabia que Ella tinha família – murmurou Jannine. – Ela nunca falou de vocês.

O marido dela cutucou-a.

– Oh, desculpe. Eu falei a coisa errada?

Antonio encarou sua irmã.

– Você nunca falou de nós? Ella, nós somos a sua família.

– Que não aceitavam meu marido – replicou ela.

– Mas você gosta mais de Al Harum,

apesar da cicatriz – Joseph falou em árabe.

Ella estreitou os olhos.

– Khalid é um homem maravilhoso. Ele apaga incêndios de petróleo. Sabe como isso é perigoso? Ele foi queimado, tentando deter uma conflagração. Existem poucas pessoas no mundo capazes de fazer uma coisa dessas. E você já parou para pensar por quanta dor e agonia ele passou, com queimaduras tão graves?

Khalid pôs a mão no seu ombro.

– Defendendo-me?

– Não há necessidade – disse ela, olhando com raiva para Joseph.

Antonio observou, olhando entre Joseph, Ella e Khalid.

– Eu não quis ofender, Ella – disse Joseph.

– Não ofendeu – respondeu Khalid. – Por favor, sirvam-se de bebidas. Vou roubar Ella por um momento. Quero apresentá-la a um velho amigo.

Ele pegou-lhe a mão e levou-a em direção ao homem que ela vira antes. Rashid e Bethanne estavam falando com ele.

– Ele era um amigo de meus avós. Hauk bin Arissi. Infelizmente, ele está radiante com nosso noivado. Eu não gosto de enganar pessoas.

– Você devia ter pensado nisso.

– Ou deixado você para seu irmão?

Antes que Ella pudesse responder, eles estavam ao lado de Hauk bin Arissi. As apresentações foram feitas.

– Ah, Khalid, você e seu irmão me surpreenderam mais uma vez. As travessuras que costumavam fazer. Sua avó estaria tão feliz hoje... seus dois netos preciosos prestes a se casarem com mulheres tão lindas.

– O senhor é muito gentil – disse Ella.

– Ah, e você, minha querida, já fala a nossa língua.

– Eu moro em Alkaahdar há diversos anos. Estudei o idioma, antes disso.

– Você fala bem.

– Obrigada. Minha leitura não é tão proficiente.

Ele sorriu.

– Peça para Khalid ler para você. Eu sinto falta das noites que minha esposa e eu líamos os clássicos.

Ela olhou para Khalid, uma questão nos olhos.

– Nós todos sentimos saudade dela, Hauk.

– Então, como vocês dois se conheceram?

– Ela mora na propriedade de vovó, aquela que eu herdei.

– Portanto, ele me herdou – brincou

Ella.

– Você é a artista de vidro? Alia me falou sobre seu trabalho excelente. Eu vi o vaso que você fez para ela. Parece o sol capturado.

Ella sorriu.

– Obrigada. Eu sinto tanta saudade dela.

Hauk estudou-a por um momento, então olhou para Khalid:

– Você também encontrou um tesouro. Trate-a bem.

Ella viu o divertimento nos olhos de Khalid, e desejou que aquilo fosse real. Que ele a considerasse um tesouro e a tratasse como tal. O pensamento

assustou-a. Aquela noite era apenas uma farsa. Logo, as coisas voltariam ao normal.

NO FIM da noite, a paciência de Khalid estava por um fio. Sua mãe estava pressionando por uma data de casamento. O ministro observava Ella de forma exagerada. A esposa dele não tinha ido, e Khalid não gostava do jeito que ele a olhava.

Estava ficando tarde quando Ella se aproximou e sorriu docemente para o casal com quem ele estava conversando.

– Pode nos dar licença, por favor? – pediu ela, puxando Khalid dali.

Com o mesmo sorriso no rosto, ela

sussurrou perto do seu ouvido:

– Meus pés estão doendo e eu estou ficando mal-humorada, portanto sugiro que partamos logo.

Ele inclinou-se para mais perto e sussurrou de volta:

– Eu estou pronto para ir embora há duas horas.

– Mas agora já ficamos o bastante, certo? Sua mãe não pode reclamar.

– Ela irá reclamar, mas não importa. Venha comigo.

Ele conduziu o caminho ao longo de um corredor, e, em momentos, eles estavam descendo no elevador e indo embora.

Ella inclinou a cabeça para trás e respirou fundo. Ele teve de lutar para não se inclinar e beijá-la. Mas a frente do prédio, com o porteiro e o manobrista a poucos metros, não era lugar para tais atividades.

ELLA ESTAVA cansada. O estresse de fingir que estava feliz com um novo noivado e a ansiedade sobre seu irmão e tinham esgotado. Para piorar as coisas, ela quase desejou que estivesse noiva de Khalid. Ele havia sido tão atencioso esta noite. Parecera até um pouco ciumento quando ela falara com o ministro das finanças. Representara tão bem seu papel que quase a convencera.

Como seria estar noiva de Khalid? Fabuloso, sem dúvida. Ele mimaria a mulher que escolhesse para esposa. Ela suspirou, desejando que pudesse se imaginar como esposa dele. Compartilhar sua vida, ter o apoio dele para sua arte seria maravilhoso.

Subitamente, Ella estava com ciúme da mulher desconhecida que um dia encontraria um caminho para o coração de Khalid. Seria ela quem receberia os beijos e carícias dele. Que compartilharia noites de paixão e dias de felicidade. Ella podia vê-los morando na casa que Alia deixara para ele... com meia dúzia de crianças,

correndo e rindo.

– Você está bem? – perguntou Khalid.

– Apenas cansada.

– Então, você não quer caminhar na praia?

– Não esta noite. – Ela teria de decidir como lidar com aquilo. Tudo era tão complicado. Estava se aproximando cada vez mais de Khalid, e, embora ele parecesse apreciar sua companhia, ele provavelmente não a via mais do que como uma inquilina. Como um impedimento para a venda da propriedade.

Quando eles chegaram à propriedade, Ella entrou no chalé antes mesmo que

Khalid descesse do carro. Fechou a porta e correu para o quarto, já removendo seu colar. Não queria pensar sobre beijos, carícias e noites escuras com o homem. Ele lhe despertava sentimentos que ela achara que perdera para sempre e fazia com que ela se sentisse mais viva do que em qualquer outra época de sua vida.

Ela pôs as pérolas na cômoda e espiou através das cortinas. Só podia ver um pequeno canto da casa principal de seu quarto. Nada que mostrasse que Khalid tinha ido para o estúdio ou para o quarto. Ou ele fora andar na praia, sem ela? Naquela primeira noite, ele não

soubera que ela estava lá. Ele nadava de noite frequentemente?

De súbito, ela sentiu-se ousada. Despindo-se, colocou seu maiô. Talvez, fosse nadar no escuro. Melhor ainda se ele estivesse lá.

Pondo um vestido largo por cima, Ella correu para a praia. A lua estava minguante, mas ainda iluminava uma pilha de tecido perto da água. Olhando para o mar, ela o viu nadando. Sorrindo por ter lido a mente de Khalid, deixou suas coisas ao lado das dele e entrou na água. Nadando em direção a ele, viu o momento que ele percebeu sua presença.

Ele aproximou-se.

– O que você está fazendo aqui?

– Eu não quis andar. Mas nadar me pareceu uma boa ideia – replicou ela. – Você nada todas as noites?

– Não todas as noites. Mas muitas. Eu gosto de nadar.

– Sempre depois que escurece.

– Mais fácil desse jeito.

– Até onde vão as cicatrizes?

Khalid olhou-a por um longo momento, então gesticulou para que ela se aproximasse mais. Quando ela chegou a sua frente, ele pegou-lhe a mão e traçou-a por sua pele arruinada do lado direito, tentando avaliar a reação dela na luz fraca. A maioria das mulheres

teria ficado horrorizada. A cicatriz pegava parte de seu peito e de seu braço.

Ela roçou-se contra ele. Tomado por excitação, Khalid puxou-a para seus braços e beijou-a, chutando gentilmente para mantê-los acima da água. Então, esqueceu tudo, exceto da sensação de tê-la contra si. A pele sedosa estava quente na água. O beijo dela incitava seu desejo por mais... muito mais.

A água que os cobria levou ambos de volta à realidade. Ela afastou-se e riu, balançando a cabeça e espirrando água dos cabelos nele.

— Romântico — murmurou ela,

aproximando-se de novo e envolvendo-lhe o pescoço nos braços. – A menos que você nos afogue – acrescentou, roçando-se contra ele, provocando. Trilhou beijos leves ao longo de seus lábios, da face esquerda, depois da face direita. Ele afastou-se.

– Não faça isso – disse ela suavemente, segurando a face danificada na mão. – Khalid, você me faz esquecer tudo. Não me rejeite e chame a realidade de volta. Esta noite é só para nós. – Novamente, ela beijou-o, e desta vez, ele não resistiu. Saboreou a sensação de tê-la nos braços, a extensão do corpo pequeno pressionado contra o

seu, apagando a solidão dos últimos anos. Ele sentia-se mais ciente de cada aspecto da vida do que já se sentira alguma vez. Tudo porque ela o beijava.

Ambos estavam ofegando quando o beijo acabou. Khalid queria levá-la para fora da água e fazer amor com ela na areia. Até mesmo começou a nadar nesta direção, mas parou ao perceber que Ella estava nadando paralela à praia.

— Está uma noite gloriosa para nadar — gritou ela, afastando-se com cada braçada.

Ele estivera se enganando. Sabia o que as mulheres viam quando o olhavam. A noite escondia as cicatrizes,

mas a luz do dia as exporia. Ele receberia dela o que pudesse, e ignoraria seu desejo por mais.

Nadou até alcançá-la.

– Pensei que você tivesse dito que não era seguro nadar de noite.

– Sozinha não é. Mas eu tenho você.

Juntos, eles nadaram ao longo da costa, por diversos minutos. E uma vez que voltaram e avistaram suas roupas e toalhas, Ella parou e ficou se movendo na água para não afundar. Curioso, ele também parou, e foi cumprimentado por uma onda. Um tapa em seu ombro, enquanto ele balançava a cabeça para tirar água dos olhos, foi seguido por:

– Pegue-me!

Ella mergulhou, e por um momento, ele não soube que direção ela tomara. Quando ela subiu à superfície a poucos metros de distância, ele alcançou-a. Ela riu e mergulhou novamente. Desta vez, apareceu perto da praia. Khalid riu e a seguiu. No momento que a alcançou, ela já estava de pé e correndo para a areia seca.

Pegando sua toalha, ela enxugou-se, o tempo inteiro andando de costas e observando-o.

– Você faz jogos perigosos, Ella – murmurou ele enquanto andava na sua direção.

– Foi divertido. – Ela riu, mas continuou andando de costas.

Khalid perseguiu-a, aproximando-se mais com cada passo.

– Foi. Mas você não joga limpo. Por que sair da água?

– Eu estou cansada. Nadamos bastante. – Ela riu, dando passos atrás. – Eu não peguei meu vestido.

– Volte e pegue-o.

– Eu não sou tão burra.

– Ninguém disse que você é burra. –

Khalid alcançou-a e capturou-a.

Ela riu, mas foi para seus braços.

– Khalid, você que é o perigoso – murmurou ela, antes que ele a beijasse.

NA MANHÃ seguinte, Khalid estava de pé na varanda, do lado da casa, perto do chalé de Ella, olhando para o mar. Tomara café da manhã cedo, falara com o escritório e debatera aceitar um trabalho de consultoria que lhe fora oferecido, ou mandar seu assistente. Um tempo longe lhe daria alguma perspectiva. A noite anterior se repetia em sua cabeça como um filme infinito. Quisera mais. Todavia, respeitava-a muito para pressioná-la.

Ele deveria aceitar o trabalho.

– A criada disse que eu o encontraria aqui – Rashid falou atrás dele.

Khalid virou-se para ver seu gêmeo,

perguntando:

– O que houve?

– Eu só passei para ver você. –
Rashid puxou uma cadeira e removeu o paletó, pendurando-o no espaldar. Sentando-se, olhou para seu irmão, as sobrancelhas arqueadas numa pergunta silenciosa.

Khalid rodeou a mesa e sentou-se do lado oposto de seu gêmeo.

– A petrolífera do Egito quer que nós verifiquemos o novo poço deles.

– Você vai? – indagou Rashid.

Khalid deu de ombros.

– Não sei.

– Você normalmente adora missões

no estrangeiro.

– Eu já estive no Egito, antes.

– Mais de uma vez. Talvez, sua nova noiva o esteja mantendo mais perto de casa.

– Você sabe que a situação saiu de controle. Ora, eu só estava tentando ajudar minha inquilina. Eu lhe contei.

Rashid sorriu.

– Certo. De alguma maneira, acho que esqueci.

– Como sempre. É por isso que você está aqui? Para reprocessar o caso inteiro?

– Ah, agora você tem um caso?

– Não, eu não tenho um caso. Interferi

para tentar impedir que a família dela pressionasse-a. Assim que o irmão de Ella for embora, fim da história. – Ele levantou-se e andou um pouco, então virou-se. – O que você teria feito?

– A mesma coisa, sem dúvida. Na verdade, vim aqui para saber se você estava interessado em Ella. Ela pareceu devotada a você, ontem à noite. Talvez, isso possa crescer para alguma coisa boa.

A cena na água e na areia brilhou em sua mente. Khalid não contaria aquilo ao seu irmão.

– Uma representação. – Tinha sido tudo uma representação? Ele esperava

que não.

– Um conselho – começou Rashid. – Dê uma chance ao relacionamento. Ela é uma boa mulher. Talentosa, bonita. Ama o país, desistiu da família pelo primeiro marido. Isso é lealdade.

– Você fala como se ela fosse um cachorrinho, ou algo assim.

– Estou tentando lhe dizer que nem todo mundo é igual Damara. Ela era fútil e superficial, e na primeira dificuldade, fugiu. Na verdade, você teve sorte. E se tivesse se casado, e ela não continuasse com você por muito tempo?

– Tenho certeza que Damara sentiu que a sortuda foi ela. – Ele virou-se

para olhar o mar, lembrando-se da cena no hospital... mas a dor que a lembrança causava era tão grande que ele reprimiu seus pensamentos. Enquanto olhava para a água brilhar sob o céu, aquela imagem foi substituída por uma cena da noite anterior: Ella espirrando água nele, depois rindo.

Ella beijando sua pele arruinada.
Ella.

Mais do que qualquer coisa, ele adorava a risada dela.

Ele voltou-se para Rashid.

– Eu vou viajar. O trabalho no Egito vai durar no mínimo duas semanas.

– Pense um pouco na minha sugestão.

– Não existe nada entre nós. Ela precisava de ajuda, eu ajudei. Ela está legalmente no chalé. Não há nada que eu possa fazer para tirá-la de lá antes de o contrato expirar. Nós lidaremos com a situação. Nem todo mundo é como você. Aprecie o que tem com Bethanne. Não tente encontrar um final feliz aqui.

Rashid levantou-se, jogou o paletó sobre um ombro e olhou para seu irmão.

– Tudo bem. Eu tentei. A vida é sua. Apenas não a estrague ainda mais.

Khalid riu.

– Obrigado pelo voto de confiança.

Depois que Rashid partiu, ele foi para o estúdio e ligou para seu escritório.

– Faça os arranjos... eu partirei esta tarde – ele falou para seu assistente.

ELLA ESPERARATER notícias de Khalid, mas ele não mandara chamá-la na casa principal, nem aparecera no chalé. Ela manteve-se ocupada, separando peças de vidro, satisfeita em descobrir que algumas possuíam melhor qualidade do que ela lembrava.

Separou suas primeiras peças das últimas, analisando o óbvio progresso que fizera. Definitivamente uma melhora nas últimas. Talvez pudesse vender as peças menos do que perfeitas por um preço menor. Mas somente depois que começasse a vender as mais novas.

As fotos que tirara na casa haviam ficado ótimas. Ela teria de contratar uma gráfica para transformá-las num panfleto.

Por mais que tentasse se concentrar no trabalho, estava aflita por causa de Khalid. A noite anterior fora incrível. Ela detestara ir para casa sozinha.

Mas esta manhã... nada.

Finalmente, ela levou um almoço leve para a varanda. Talvez, devesse ir lá e descobrir o que ele estava fazendo. Mas talvez ele estivesse apenas trabalhando em seu escritório da casa.

Ela recusou-se a rodeá-lo como uma tola apaixonada. Tinha sua própria vida.

Se esta coincidia com a de Khalid de vez em quando, melhor.

O dia pareceu se arrastar infinitamente. Ela limpou o chalé, lavou roupas, até mesmo cozinhou, o que não fazia com frequência. Finalmente... estava escuro. No geral, ela andava depois das 23h, mas, impaciente, foi para a praia um pouco depois das 21h.

Não havia sinal de Khalid lá. Uma vez que era cedo, ela andou para a beira d'água. Esperaria.

O que não era fácil fazer, quando cada nervo do seu corpo ansiava por ele. Sentou-se na areia quente. A noite anterior fora surreal. Uma parte na festa

da mãe de Khalid. A outra... a parte real... tinha sido nadar no mar quente. Ela sorriu, pensando em como se divertira. Em como gostava de estar com Khalid.

Olhando para trás, perguntou-se que horas seriam. Quanto tempo até que ele chegasse?

CAPÍTULO 9

NA MANHÃ seguinte, Ella foi para seu estúdio, pretendendo tirar todos os pensamentos sobre certo sheik da cabeça. Ele não aparecera na praia na noite anterior. Quando ela finalmente desistira e voltara para casa, todas as luzes da casa principal estavam apagadas. Ele tinha ido embora?

Não importava. Ele era apenas seu senhorio, nada mais. Ela se focaria na sua carreira. Ganharia dinheiro. A próxima casa que possuísse queria que

fosse sua. Nunca mais se preocuparia com alguém tentando expulsá-la de sua residência.

Acendendo o forno, escolheu os cacos de vidro, então derreteu as diferentes cores, pegando uma de cada vez em seu bastão. Lentamente, as cores se fundiram, e quando ela começou a dar formato na bolha, ficou satisfeita com os tons de verde e azul que começaram a aparecer.

Era começo da tarde, quando ela parou de trabalhar e foi almoçar. Então, sua mente voltou para Khalid. Onde ele estava?

Ella podia sentir que estava se

envolvendo muito com o homem. Ele deixara claro que não estava interessado num relacionamento, e ela precisava manter isso em mente.

Entretanto, quando se lembrava da brincadeira deles na água, dos beijos que a tinham feito ansiar por mais, era difícil acreditar nisso. Ações não falavam mais alto que palavras? As ações de Khalid mostravam que ele gostava dela. Ella queria passar mais tempo com ele. Desde a morte de Alexander, esta era a primeira vez que se interessava por alguém.

Sentando-se, ela olhou em direção ao mar. Tinha um pequeno vislumbre do

mar de sua varanda. Geralmente, isso a acalmava. Não hoje. Temia que estivesse se apaixonando por Khalid. Podia listar diversas razões pelas quais isso seria uma má ideia... começando pela possibilidade de acabar com um coração partido.

Mas tinha de admitir que seus sentimentos eram de uma pessoa apaixonada. Queria estar sempre com ele. Sentia-se viva em sua presença. Sabia que ele era muito especial. Quando Khalid lhe falava, ela sentia como se fosse a única pessoa do mundo. Os beijos dele despertavam seus sentidos como nada despertara. E a

atitude protetora de Khalid era intrigante.

Depois de comer e lavar a louça, Ella decidiu ir à casa principal, a fim de falar com ele. Queria muito vê-lo.

Jalilah atendeu a porta.

– Madame Ponti – disse ela, educadamente.

– Sua Excelência está? – perguntou Ella.

– Não. Ele viajou para o Egito.

– Egito? – Ella não esperara isso. – Quando ele voltará?

– Eu não sei. Ele levou uma mala grande, então suspeito que passará alguns dias fora, pelo menos.

Ella agradeceu e virou-se para voltar ao chalé, perguntando-se por que ele não lhe contara. Pensou em ligar para Bethanne e ver se ela sabia de alguma coisa, mas desistiu.

Ainda na frente da casa principal, Ella virou quando um carro pegou o caminho de acesso. Ela reconheceu seu irmão, mesmo antes que ele saísse do veículo.

– Ella.

– Antonio. O que você está fazendo aqui?

– Eu vim falar com Khalid al Harum. Falei com nosso pai, e ele pediu que eu lide com as coisas. Você está visitando,

também?

– Que coisas? – Ele não sabia que ela morava na propriedade? Nesse caso, ela não pretendia contar-lhe.

– Arranjos do casamento – respondeu Antonio.

– Dote de noiva? – perguntou ela, aproximando-se de seu irmão.

Ele pareceu desconfortável.

– Não exatamente.

– Exatamente o quê? Eu saí de casa. Fui casada diversos anos com outro homem. Não posso imaginar por que haveria conversas sobre arranjos, a menos que vocês planejassem para ver se Khalid daria alguma coisa para sair

da confusão que Giacomo causou. O que eu proíbo terminantemente.

– Proíbe? Você não pode fazer isso... este é um assunto entre seu futuro marido e eu.

– Se você tocar nesse assunto com ele, eu me recusarei ao casamento – declarou ela com firmeza. O mero pensamento de sua família pedindo dinheiro a ele a embaraçava.

Antonio estudou-a.

– Se você não se casa com ele, volta para casa e adquira outro noivo.

– Talvez eu nunca mais me case – disse ela. – Certamente nunca me casarei com alguém que não amo.

Giacomo entrou nessa confusão, deixe-o sair da mesma. Eu não sou um peão para ser usada, como nos dias feudais.

– Sua família precisa de você – argumentou Antonio. – O sheik tem mais dinheiro do que qualquer pessoa que conhecemos. Deixe-o nos ajudar.

– Não! Estou falando sério, se você abordar este assunto com ele, eu irei desaparecer, e vocês levarão anos até que me encontrem, da próxima vez.

Seu irmão olhou-a por um longo momento.

– Nós precisamos de ajuda, Ella. A quem mais podemos recorrer? Se não recebermos uma infusão de dinheiro

logo, a notícia se espalhará, e nós perderemos muitos negócios. Nossa companhia está na família por séculos. Você gostaria de vê-la falindo?

– Não, é claro que não. Procure outra saída. As joias de mamãe...

– Já foram todas vendidas.

Aquilo a surpreendeu. As coisas estavam piores do que ela imaginara.

– Giacomo continua jogando? – perguntou Ella, sentindo-se amolecer.

– Não. Mas as consequências são duradouras.

– Vá para casa, Antonio. Se eu puder, enviarei algum dinheiro. – Era uma pena que seu fundo fiduciário não estivesse

disponível, até que ela completasse 30 anos. Talvez, pudesse pedir emprestado, contando com tal fundo. Ou podia vender alguns de seus trabalhos de arte.

Ele olhou para a casa.

– Khalid não está. Ele viajou a negócios para o Egito. Não sei quando ele volta.

Antonio assentiu.

– Muito bem, então. Vá visitar, Ella. Sua mãe sente saudade.

– Um dia – murmurou ela, sabendo que Alexander nunca desejaria que ela se separasse da família.

Ella observou Antonio sair dirigindo, e começou a andar para o chalé.

Alexander também não desejaria que ela continuasse viúva para o resto da vida. Ele amara a vida, amara-a, e sempre quereria o melhor para ela. Inclusive outro marido que pudesse lhe trazer felicidade.

De maneira nostálgica, ela desejou que Khalid tivesse os mesmos pensamentos.

CONFORME OS dias passavam, Ella retomou sua rotina anterior. Trabalhando durante o dia, fazendo longas caminhadas à noite. Sempre sozinha. Mas sentia falta de Khalid. O que apenas reforçava sua crença de que precisava seguir com sua vida e não se

apegar a ele.

O ponto alto da semana foi uma visita de Bethanne. Ela estava dirigindo um carro novo, que Rashid acabara de lhe comprar, e queria levar Ella para dar uma volta.

– Não tem graça possuir um conversível novo, e não compartilhá-lo com alguém – murmurou ela, enquanto elas saíam da propriedade.

– E Rashid não quis passear no carro?

– Ele tem o próprio carro. E não está tão encantado com o conversível como eu. Não é incrível? – Ela dirigiu para a estrada litorânea. Ella olhou para o velocímetro. Obviamente, o piloto em

Bethanne não tinha escrúpulos quanto a voar baixo. Em vez de se preocupar, Ella relaxou e aproveitou o passeio. O azul do Golfo Pérsico estava a sua direita. O vento em seus cabelos a fazia se sentir livre. Com um súbito insight, ela percebeu que estava feliz. Por hora, as preocupações tinham desaparecido. Planos e projetos estavam suspensos. Podia apreciar aquele tempo, e não se sentir triste ou culpada.

Levara um longo tempo, mas Ella sabia que estava pronta para abraçar a vida novamente. Descobrir tudo que esta tinha a oferecer. E apreciar cada momento da jornada.

– Você está quieta – observou Bethanne com um sorriso. – No que está pensando?

Ella lhe contou e Bethanne assentiu.

– Conheço o sentimento. Mas eu tenho uma desculpa. Estou apaixonada. A cor do mar parece mais brilhante porque Rashid está na minha vida. As flores são mais delicadas e lindas, especialmente quando estou no jardim com ele. Mas aposto que sair do luto é como apaixonar-se pela vida, novamente. Eu lamento por sua perda, mas o tempo cura feridas. Fiquei tão devastada quando descobri que meu pai estava morto. Sofri tanto antes quanto depois de

descobrir. Então, percebi que ele amara a vida. Fizera exatamente o que quisera, e não tinha arrependimentos no fim. É isso que eu quero.

– Não ter arrependimentos?

– Não ter arrependimentos, e sentir que eu vivi ao máximo. O que significa até mesmo mais do que eu esperava antes de conhecer Rashid. Ele é fabuloso.

Ella riu.

– Assim diz uma mulher apaixonada.

– Eu sei, e estou tão feliz que ele também me ama. – Ela deu uma olhada para Ella. – Como está Khalid, ultimamente?

– Não sei. Ele está viajando a negócios.

– Ainda no Egito? – perguntou Bethanne.

Ella assentiu.

– Não tenho ideia quando ele voltará.

– Eu perguntarei para Rashid, se você quiser.

Ela não resistiu à oferta.

– Por favor. – Khalid nunca saberia que ela perguntara sobre ele. Quando ele voltasse, ela agiria friamente, não iria caminhar de noite, nem esperaria que ele passasse tempo ao seu lado. Mas por agora... queria qualquer informação que pudesse obter.

Ella perguntou sobre os voos de Bethanne ultimamente, e o assunto de Khalid foi esquecido.

Naquela noite, Ella foi chamada na casa principal para atender a um telefonema. Era Bethanne.

– Rashid disse que Khalid ainda está no Egito, e que irá visitar os campos petrolíferos no interior de Quishari, antes de voltar para casa. Protelando a volta, você acha?

– Por que ele faria isso? – perguntou Ella, triste com a notícia de que ele demoraria ainda mais.

– Eu poderia levá-la de avião para o interior, se você quiser – disse

Bethanne.

Ella piscou.

– Você poderia ter muitas ideias, se visse o povo nômade e as cores que eles usam para tecer. E há a beleza austera do deserto, que eu acho encantadora em todas as horas do dia, desde o nascer do sol até os espetaculares pores do sol.

– É tentador.

– Eu perguntarei para meu noivo se podemos ir amanhã. Assim, quando Khalid aparecer, você já estará lá.

O lado racional de Ella queria protestar, mas ela ansiava por estar com ele, novamente. Ali estava uma chance de ver em que tipo de meio ambiente ele

trabalhava. Ela nunca vira uma bomba de petróleo, e só tinha uma ideia vaga sobre como tudo funcionava, desde a descoberta da gasolina. Seria uma viagem instrutiva.

Ela riu de sua desculpa tola. Ia ver Khalid!

– Eu adoraria. E agradeça Rashid por mim!

Na manhã seguinte, Bethanne apanhou Ella, com seu carro novo, e dirigiu para o aeroporto.

O avião particular estava numa seção privada do aeroporto. Ella observou, com fascinação, enquanto Bethanne mudava sua personalidade para um

piloto competente, checando todos os aspectos de segurança do avião, antes de estar satisfeita. Ella entrou na cabine do piloto com ela, e elas conversaram durante a rotina antes do voo. Em poucos momentos, estavam decolando. Ella inclinou-se para frente, a fim de ver melhor a paisagem abaixo. Logo, elas estavam voando sobre a areia do deserto. A distância, ela viu morros, vales e montanhas. O voo não levou muito tempo, e o cenário abaixo era fascinante.

Ela sabia que Bethanne estivera brincando ao falar sobre obter novas ideias, mas Ella já tinha diversas

brotando em sua mente. Levara seu bloco de desenho, mas estava em sua mala. Seus dedos coçavam para registrar ideias. Ela adoraria capturar a sensação de areia queimando, da dureza da terra aberta. O contraste com o mar e as montanhas distantes.

– Bonito, não? – disse Bethanne.

– Lindo. Eu não tinha ideia que o deserto pudesse ser tão maravilhoso.

– Não é para todos. Mas eu amo o deserto. Rashid diz que, se eu quiser, ele construirá uma casa para nós, perto de um oásis cercado por deserto infinito. Para mim, tudo ainda é muito novo em Quishari, para que eu queira mudar

alguma coisa. Mas a ideia é tentadora.

– Acho que eu também gostaria disso. Contanto que houvesse água suficiente no oásis.

Elas circularam a cidade de Qurain Wadi Samil, na extremidade de um campo petrolífero, então Bethanne aterrisou.

– É aqui que Khalid estará amanhã – Bethanne informou-a. – Rashid pediu para alguém ir nos buscar e nos levar para o hotel. Assim que eu souber que Khalid chegou, voltarei para casa.

– E vai me deixar encalhada aqui? – Ella não esperara por isso.

– Ei, ele é bom para ajudar uma

donzela em apuros.

Ella riu, seu nervosismo aumentando. E se ele ficasse mais irritado do que ansioso para ajudar? E ela não estava exatamente encalhada. Poderia pegar um ônibus de volta para a capital, ou mesmo um dos voos comerciais diários.

Elas foram para o hotel em que Khalid ficaria quando chegasse. Registraram-se no hotel e combinaram de se encontrar para o almoço, e depois fazer um pequeno tour pela cidade.

Na hora do jantar, ambas já tinham tomado banho e estavam sentadas no saguão do hotel.

Bethanne observava as portas duplas

que davam para a rua, enquanto Ella estava de costas para elas.

– Ele acabou de entrar – anunciou Bethanne, sorrindo para Ella. – Vá cumprimentá-lo e convide-o para jantar conosco. Queremos saber tudo sobre o Egito.

Ella levantou-se e virou-se, seu coração disparando ao vê-lo. Num terno escuro, camisa branca e gravata azul, ele estava fantástico. Então ele a avistou. Por um momento, ela pensou ter visto alegria nos olhos dele. Mas a expressão se fechou em seguida.

– Ella, está tudo bem? – Ele atravessou a pequena distância para

encontrá-la.

– Tudo bem. Sua viagem ao Egito foi boa?

OS OLHOS de Khalid se estreitaram, então ele olhou além dela, e viu Bethanne. Ela acenou e sorriu-lhe.

Khalid olhou novamente para Ella. Não esperara vê-la. Uma das razões pelas quais ele decidira parar em Quraim Wadi Samil era adiar seu retorno para casa. Mas ela estava a sua frente, os olhos sombreados com incerteza. Ele fechou as mãos, para se impedir de envolvê-la num abraço e nunca mais soltá-la.

– Nós gostaríamos que você jantasse

conosco – disse ela. – E nos contasse sobre sua viagem.

– Você não viajou toda essa distância para jantar e ouvir sobre minha viagem.

– Na verdade, eu vim para obter novas ideias para minhas peças de vidro. Devia ver os esboços que fiz desde que cheguei. Espero ir aos campos de petróleo amanhã.

– Com quem? – perguntou ele, sentindo ciúme que alguém fosse mostrar a área para ela.

– Com você.

Khalid relaxou um pouco. Seu exílio voluntário pela última semana não fizera nada para matar seu desejo por esta

mulher. Agora, ela estava lá.

– Eu geralmente não janto em restaurantes – murmurou ele.

Ela assentiu.

– Eu sei que comer sozinho em lugares públicos é estranho. Mas você estará comigo e com Bethanne, então será divertido.

Divertido? Os olhares de outros clientes? Os cochilos, enquanto pessoas especulavam?

– Estou feliz em vê-lo novamente – ela estava dizendo. – Senti sua falta, de noite, quando eu andava na praia. – Os olhos de Ella estavam brilhando com mais felicidade que ele já vira. Por

outro sorriso, ele enfrentaria o horror dos outros no restaurante. Ele se certificaria de sentar-se perto de uma parede, com o lado danificado do rosto escondido.

– Eu preciso me registrar no hotel. Depois, será um prazer levar duas moças adoráveis para jantar.

Ela tocou-lhe o braço, recolhendo a mão rapidamente, como se incerta se era bem-vinda.

– Nós estaremos esperando. – Com outro sorriso, Ella virou-se e voltou para onde Bethanne estava.

Jantar provou não ser a experiência difícil que Khalid esperara. Como se

num acordo silencioso, os lugares foram distribuídos como ele queria. Com menos pessoas vendo a cicatriz, eles foram quase ignorados. Pela primeira vez em anos, ele apreciou jantar fora. A comida era excelente. A conversa, alegre. Ella estava feminina e doce. Ele detectou uma diferença nela, mas não sabia bem o que era. Ela estava mais confiante? A tristeza nos olhos diminuía?

– Então, Rashid ligou, e não quer que eu fique aqui até amanhã. Vou voltar para casa logo depois do jantar.

Ella pareceu assustada. Olhou para a outra mulher.

– Pensei que nós fôssemos ficar um dia, de modo que eu pudesse ver tudo por aqui.

Bethanne olhou para Khalid.

– Você pode mostrar a área para ela, não pode? Ella quer ver um campo petrolífero. Você poderia explicar coisas. E mostrar-lhe o nascer do sol. Eu acho que as cores no céu são incríveis.

Khalid conhecia uma armação quando via uma. Mas em vez de discutir, gostou da ideia. Olhou para Ella.

– Certo. Nós assistiremos ao nascer do sol, juntos, depois eu a levarei aos campos petrolíferos.

— E você se certifica de que ela chegue em casa, seguramente? — perguntou Bethanne.

Ele suspeitava que aquele não era o plano de Ella, mas de sua futura cunhada. Entretanto, por que não aproveitar a oportunidade? Sentira falta de Ella enquanto estivera no Egito. Quase lhe telefonara umas duas vezes.

Território perigoso, mas Khalid era um homem que vivia com perigo. Gostava de estar com ela. Não havia problema nisso. Ele apenas não podia sonhar com um futuro que nunca poderia ter.

ELLA NÃO conseguiu dormir depois que

voltou para seu quarto. Gostava muito da noite para ir dormir cedo. Todavia, Khalid não sugerira passar tempo com ela depois do jantar. Bethanne já tinha decolado para Alkaahdar. Ella sentou-se no peitoril da janela, observando as estrelas brilhantes no céu. Não havia praia por onde caminhar. Era muito tarde para andar sozinha pela cidade. Não havia nada para fazer, exceto pensar, e ela não queria pensar.

Pegou seu bloco de desenho, mas, em vez de esboçar peças que queria tentar em vidro, desenhcou vinhetas de Khalid... andando ao longo da praia, nadando no mar, inclinado contra sua mesa.

Também o esboçou em túnicas árabes, como a que ele usara na primeira noite que ela o conhecera. Adoraria vê-lo de túnica, novamente. Ele usaria os trajes tradicionais no deserto? Subitamente, ela pensou no oásis sobre o qual Bethanne falara. Como seria ter uma pequena casa à sombra das palmeiras, cercada por uma piscina de água natural? Eles se aconchegariam num mundo à parte?

Ella preencheu diversas páginas com desenhos, depois jogou o bloco de lado. Inquietude não a levaria a lugar algum. Era melhor tentar dormir. Passaria o dia seguinte com Khalid.

KHALID A estava esperando quando ela chegou ao saguão na manhã seguinte. Eles foram tomar café no pequeno restaurante anexo ao hotel. Os croissants estavam quentes, o café era forte e aromático. Ela deu um gole na bebida rica e encontrou os olhos de Khalid.

– Pronta para o tour cênico? – perguntou ele.

– Pronta. Eu tenho um chapéu, protetor solar e uma camisa de mangas compridas para vestir ao meio-dia, a fim de me proteger do sol.

– Eu aluguei um jipe, e estoquei-o com uma geladeira e muita água. Até mesmo almoço.

Ela sorriu.

– Adorável. Um piquenique. Apenas para nós dois.

– Eu conheço um lugar que você vai adorar – disse ele.

Logo, eles estavam no jipe aberto, percorrendo as ruas da cidade antiga. As paredes de pedra misturavam-se com a cor do deserto. Mas então, as ruas congestionadas ficaram para trás. As casas eram cada vez mais distantes umas das outras, até que ela avistou um campo petrolífero a distância.

Fascinada pelos acres de bombas de petróleo se erguendo e baixando, enquanto extraíam petróleo de baixo da

terra, Ella murmurou:

– Incrível. Como alguém sabia que tinha petróleo aqui?

– Geólogos podem encontrar petróleo em qualquer lugar. Meu pai foi quem começou este campo. Para a Petrolífera Bashiri, é claro.

Ela olhou ao redor.

– A cidade era grande assim, quando o petróleo foi descoberto?

– Não. Primeiro a perfuração, e agora, a atividade dos poços aumentaram a população de maneira considerável. Era um pequeno oásis no passado, habitado por algumas famílias que viviam aqui por gerações. Ficava na

rota de comerciantes e da migração do povo nômade, portanto, este era um lugar de descanso para caravanas.

– Agora é outra cidade, embora pequena. Com um aeroporto.

Khalid riu.

– Com um aeroporto. Bethanne realmente a trouxe aqui para que você obtivesse ideias para seu trabalho?

– Esta era uma razão – disse ela.

– E a outra?

– Para ver você.

Ele não respondeu, então Ella o encarou.

– Surpreso?

– Um pouco.

– Eu acho que precisamos saber o que vamos fazer – murmurou ela.

Ele a fitou, então voltou a olhar para a estrada.

– Iremos ver os poços, depois fazer um piquenique.

– Sobre o falso noivado. Acho que Antonio finalmente voltou para casa. Isso deveria ser o fim do problema. Interessante... meus pais não estão contra meu noivado com um estranho, mas objetaram ao meu casamento com Alexander, a quem conheciam por anos.

– Dinheiro é importante para muitas pessoas. Você não é uma delas.

– Eu acho que pessoas são muito mais

importantes. E experiências na vida. Eu estou apreciando o passeio. Nunca adentrei muito o deserto. E nunca vi um campo petrolífero. – Ela deu-lhe um olhar tímido. – Muito menos com um sheik.

– Ei, eu sou um homem como outro qualquer.

Oh, não, pensou Ella, privadamente. *Você é diferente de todo mundo.* Ela teve vontade de tocá-lo, de segurar-lhe a mão e não soltá-lo nunca mais. Seu coração batia mais acelerado e as cores pareciam mais brilhantes. Ela o amava. Fechando os olhos por um momento, perguntou-se quando isso acontecera. E

o que poderia fazer para se certificar que ele nunca soubesse disso?

Khalid foi o guia perfeito quando eles chegaram ao campo petrolífero. Explicou como os poços eram perfurados, e o processo que se seguia.

Depois, ele dirigiu para dentro do deserto. Passava um pouco do meio-dia. O sol estava forte, o ar era quente, e a brisa vinda do carro em movimento não refrescava grande coisa. Ella pusera o chapéu e a blusa de mangas compridas para se proteger. Estava prestes a sugerir que eles desistissem da expedição e voltassem para o ar-condicionado do hotel, quando começou

a avistar palmeiras a distância. Um grupo de árvores oferecendo um descanso do marrom monótono da areia.

– O oásis? – perguntou ela, apontando para o lugar.

– Sim. Um pequeno riacho, que contém água suficiente para humanos e animais, não pode suportar uma colonização. Mas há muita água para as árvores e arbustos que crescem ao seu redor. E proporciona uma boa sombra numa tarde quente.

Ella estudou o contraste do marrom-dourado com a surpresa do verde das árvores. Aquilo lhe deu uma ideia para uma nova peça de arte. Poderia fazer

uma palmeira, inclinando-se levemente, como se desejasse tocar a terra? Talvez uma pequena colagem com vidro azul na base, cercado por vidro dourado embaçado, com a palmeira se erguendo.

Khalid parou na sombra e desligou o motor. Por um momento, apenas silêncio reinou. Até que Ella virou-se e sorriu para ele.

— É lindo aqui. Entendo agora por que Bethanne diz que gostaria de uma casa no deserto, com água por perto. Seria adorável. Eu poderia viver num lugar assim.

— Às vezes, quando me sinto sobrecarregado, venho passar alguns

dias aqui. – Khalid estudou a água. –
Surpreendentemente, a água é fria.

– Neste calor?

– Venha.

Ele desceu do jipe e esperou-a na frente. Quando ela foi para seu lado, Khalid pegou-lhe a mão e conduziu-a para a beira do lago. Eles se sentaram na areia quente. Ella trilhcou os dedos na água.

– É fria! – exclamou ela, impressionada. – Como você achou este lugar?

– Explorando, quando eu era criança. Rashid e eu passávamos muito tempo explorando, enquanto meu pai ficava na

cidade. Soubemos mais tarde que ele visitava uma mulher que tivera um filho dele.

Ella o fitou em surpresa, e Khalid continuou:

– Nós nunca a conhecemos. A filha morreu. A única filha de meu pai. Ele a manteve escondida de minha mãe, compreensivamente. Ela morreu num acidente de avião que tirou a vida do pai de Bethanne. Meu pai faleceu poucos dias depois... de tristeza, nós acreditamos. Rashid e eu nunca mencionamos o ocorrido para nossa mãe.

– Ela sabe?

– Nós não sabemos. Mas, por respeito, não tocamos no assunto. Se ela sabe, isso deve doer, e se não sabe, nós não vemos necessidade de feri-la com algo que já passou.

Ella assentiu, compreendendo. Desejou que os membros de sua família se preocupassem uns com os outros, em vez de só pensar em dinheiro, e em como expandir o vinhedo ou proteger o nome da família.

– Sua mãe é sortuda por ter vocês dois – disse ela. Algum dia teria um filho? Um menino forte que se pareceria com o pai? Ou uma linda garotinha com olhos escuros e um brilho travesso

neles?

CAPÍTULO 10

A TARDE na sombra foi prazerosa. Khalid levava um cobertor para estender na areia. O piquenique estava delicioso. Ella comeu com deleite. A água gelada do lago completou a refeição. Depois, Khalid estendeu os cobertores na sombra e deitou-se. Fechando os olhos, ele parecia completamente relaxado.

Ella observou-o por um tempo, ficando sonolenta. Finalmente, deitou-se e fechou os olhos. O silêncio e a paz do oásis envolveram-na, e logo ela estava

dormindo.

Quando acordou, Khalid não estava em lugar algum à vista. Ela jogou água fria no rosto e levantou-se, dobrando os cobertores e guardando-os na parte traseira do jipe.

– Khalid? – chamou.

Ele apareceu, um momento depois, de trás de uma duna de areia.

– Eu estava estudando o lugar. – Ele andou para a sombra. – Tempestades de areia podem ser terríveis nesta área. Foi isso que causou o acidente no avião em que a filha do meu pai estava. Entretanto, de tempos em tempos, o oásis reaparece. Eu estava tentando

entender por quê. Pronta para voltar à cidade?

Ella assentiu. Quanto antes estivesse cercada por outras pessoas, mais cedo poderia recuperar o controle de suas emoções. Na verdade, queria ficar. Acampar sob as estrelas. Compartilhar sentimentos e pensamentos sobre a beleza e vastidão do deserto.

Contar-lhe que ele era amado.

Isso, não podia fazer. Apressou-se para o jipe e entrou no veículo.

Eles foram diretamente para o hotel.

– Jantar às 19h? – perguntou Khalid, quando eles entraram no saguão.

– Perfeito. – Isso lhe daria tempo de

tomar um banho e se refrescar do calor intenso.

Seu quarto era espaçoso. Ella deitou-se por alguns momentos, imaginando se poderia haver algum futuro entre ela e Khalid. Adoraria passar o resto da vida com ele. Seria uma vida muito diferente da que levara antes. Khalid parecia viver com mais intensidade que ela. Seria por que ele flertava com a morte sempre que combatia incêndios de petróleo?

A ideia de tal perigo deixou-a em pânico. Ele consideraria não fazer mais isso no futuro?

Como se eles tivessem um futuro.

Ella levantou-se e foi tomar banho. Precisava pensar no que fazer. Não suportaria se apaixonar ainda mais e arriscar que o destino o roubasse dela. Talvez fosse melhor voltar para a Itália e descobrir que vida poderia ter lá. Já perdera um homem que amava. Não passaria pelo mesmo, novamente.

Se fosse embora, poderia sempre lembrar-se de Khalid como ele era hoje. E esperava nunca saber sobre a morte dele. Contanto que ele vivesse, ela poderia encontrar contentamento. Não poderia?

KHALID ENCONTROU Ella diante do elevador, quando ela saiu no saguão, às

19h. Ele afastou-se do pilar contra o qual estivera inclinado. O olhar de expectativa dela tocou-o. Quando ela o avistou, sorriu. Aquele sorriso sempre o fazia se sentir inteiro, novamente. Ela não parecia assustada pela cicatriz. Ele ainda se recordava da noite que Ella lhe segurara as faces, tocando a pele danificada sem repulsa. Ele jamais esqueceria isso.

– Eu pensei que não fosse mais querer comer, depois daquele almoço farto – comentou ela, aproximando-se. – Mas agora que me refresquei, estou faminta.

– Então, vamos esperar que eles tenham comida suficiente para você.

Ela riu. Ele quase gemeu. A risada de Ella era como uma música que ele poderia ouvir durante sua vida inteira.

– Então, amanhã nós voltamos para casa? – perguntou ela, enquanto eles andavam para o restaurante.

– Sim. Alugaremos um avião, se você quiser.

– Eu adoraria ver o país entre aqui e a costa, mas não num jipe quente, como hoje. Foi bom para um passeio curto no deserto, mas para uma viagem longa para casa, eu gostaria de mais conforto.

– Seu desejo é meu comando. – Ele desejava fazer qualquer coisa que ela quisesse. Um carro com ar-

condicionado seria fácil. Poderia ajudá-la a vender seu trabalho de arte? Não entendia nada disso. Mas sua mãe entendia. Se ela passasse a gostar de Ella, seria uma ajuda tremenda.

Todavia, Rashid era loucamente apaixonado por Bethanne, e sua mãe ainda não aceitava a futura nora completamente. Khalid não estava apaixonado por Ella, mas adorava sua companhia. Gostava de saber a opinião dela sobre as coisas, o que lhe dava uma perspectiva diferente.

Adorava ouvir-lhe a voz suave, o sotaque sexy...

– Khalid!

Ele a olhou.

– O quê?

– Eu perguntei quanto tempo leva de carro até a costa. Onde você estava?

– Distraído. Leva aproximadamente oito horas. É uma viagem longa e tediosa. A estrada é reta, e não há nada para ver além de areia e arbustos. Podemos fazer isso, mas eu preferiria ir de avião, e passar a tarde na praia.

– Isso parece bom.

O maître conduziu-os a uma mesa isolada. Apresentou os menus, então pediu licença e retirou-se.

– Sem discussão? Eu pensei que você quisesse ir de carro para casa – disse

ele.

– Se a paisagem é sempre igual, talvez eu não precise experimentá-la por oito horas. Você pode me levar para outra viagem ao deserto, se eu precisar de mais inspiração – replicou Ella, olhando para o menu.

– Talvez.

Ela ergueu os olhos e sorriu-lhe.

– Nós estamos supostamente noivos, lembra?

– Pensei que você quisesse falar sobre isso. – Khalid não planejava que as coisas se complicassem quando dissera ao irmão dela que eles estavam noivos.

– Eu quero. Como saímos dessa situação?

Ele a encarou... percebendo, pela primeira vez, que não queria sair daquela situação. Podia entender a pressa de Ella em terminar o acordo. Sua ex-noiva não o descartara por causa da cicatriz? Mas ele queria que Ella fingisse por mais tempo.

– Podemos dizer que nós brigamos nesta viagem, e terminamos – sugeriu ele.

Ela o olhou, pensativa.

– De quem foi a culpa?

Khalid quase sorriu.

– Isso importa?

– Pessoas irão perguntar. Ou especular.

– Diremos que foi culpa minha. Isso não importa.

– É claro que importa – replicou ela.

– Se você termina, não fica com uma imagem boa. E se eu termino, não fica bem para mim.

– Então eu banco o vilão. Não quero impactar sua vida.

– Isso não é justo. Você tentou me ajudar. E eu apreciei sua atitude. Se não fosse você, Antonio ainda estaria aqui, tentando me convencer a voltar para a Itália.

– Então, se nenhum de nós pode

terminar, não terminamos.

– Certo, continuamos noivos por mais um tempinho – murmurou ela, antes de voltar a atenção para o menu.

Khalid sentiu um estranho alívio diante da concordância dela. Pelo menos, por mais um tempo, eles continuariam noivos.

E casais noivos não se beijavam?

Enquanto Ella olhava para o menu, Khalid estudou-lhe os lábios, imaginando-os pressionados contra os seus novamente. Imaginando sentir aquele corpo suave contra o seu, a paixão crescendo entre eles.

Se não parasse logo, embarçaria a si

mesmo. Depois do jantar, eles poderiam andar até a praça. O calor do dia estava diminuindo. Eles poderiam achar um lugar isolado e olhar as estrelas. E ele a beijaria, fingindo, por mais uma noite, que tudo estava normal.

QUASE FUNCIONOU desse jeito. Eles concordaram em caminhar pela cidade depois do jantar. E quando encontraram um parapeito com vista para um jardim, inclinaram-se contra a pedra ainda quente, e tentaram distinguir as plantas. Mas o que restava de luz do dia logo desapareceu. Ella olhou para o céu.

– Está escurecendo a cada segundo. Logo, um milhão de estrelas aparecerão.

Ele assentiu e puxou-a para seus braços.

– E você é mais linda do que todas elas – murmurou ele, e beijou-a.

Nada era normal sobre aquele beijo. Ele sentiu cada centímetro de seu corpo ganhar vida conforme aprofundava o beijo. Ela correspondeu com a mesma paixão, a boca doce e provocante. O parapeito desapareceu. As estrelas foram esquecidas. Apenas os dois existiam, envoltos num abraço que ele não queria que acabasse.

A cicatriz que causava repulsa em outros também foi esquecida. Assim como o medo de que ele nunca

encontraria uma mulher que pudesse ignorar a deformidade até mesmo por uma noite. Khalid estava voando. E adorando cada segundo da experiência.

Se apenas pudesse durar para sempre.

Mas não era justo com Ella beijá-la, quando ele a coagira para aquele noivado. Lentamente, Khalid afastou-se, ofegando, e percebendo que ela também ofegava.

– Uau – exclamou ela, então, virou-se.
– Acho que devemos voltar para o hotel.

Khalid queria concordar... se ela quisesse ir para o quarto dele. Queria desesperadamente fazer amor com Ella. Entretanto, ela não lhe deu nenhuma

indicação de que tinha a mesma intenção.

Eles caminharam de volta para o hotel.

– Você combinou para que Bethanne venha nos buscar amanhã? – perguntou ela quando eles entraram na rua do hotel.

– Ela estará aqui às 9h.

– Ótimo.

Dentro do saguão do hotel, Ella apressou os passos, chamando o elevador de modo quase brusco.

– Ella, se você está chateada...

– Por que eu estaria chateada? Casais noivos se beijam o tempo inteiro.

O elevador chegou e ela entrou, apertando o número de seu andar.

Khalid hesitou, então permaneceu onde estava. Ela não olhou para cima quando as portas se fecharam.

– Vejo você pela manhã – disse ele, antes que ela desaparecesse de sua visão.

Virando-se, ele voltou a sair. Uma longa caminhada... talvez até Alkaahdar... era requerida. Esperava que sua cabeça tivesse clareado pela manhã.

ESTÚPIDA, ESTÚPIDA, *estúpida!* Como ela podia ter respondido tão livremente ao beijo de Khalid? Não era de admirar

que ele se afastara. Nem mesmo quisera escoltá-la até seu quarto. Provavelmente, temera que ela o atacasse. Ella andou dentro do quarto, socando a parede uma vez. O que podia fazer para acertar as coisas? Por que respondera tão ardentemente?

Porque o amava, e sabia que ele não era amado assim há anos. Queria abraçá-lo, informá-lo que o amava mais do que qualquer coisa. Mas Khalid provavelmente fugiria o mais rápido que fosse capaz. Uma gentileza para ajudá-la a sair de uma confusão não significava que ele se apaixonara por ela.

Respirando fundo, Ella sentou-se na

cama e, subitamente, pensou em Alexander. Não podia esquecê-lo. Ele tinha sido seu amor de infância. Eles haviam tido um bom casamento. Certa vez, ela pensara que ele era o único homem de sua vida.

Todavia, Khalid conseguia fazê-la esquecer Alexander. E pensar somente nele. Sonhar com a vida que eles poderiam ter. E temer pela segurança dele. Ela precisava ir embora. Enfrentar seus pais e mudar a vida de forma radical. Não precisaria se casar com alguém. Não tinha culpa do vício no jogo de seu irmão.

E se ela fizesse sucesso com sua arte,

ótimo. Do contrário, poderia trabalhar com vitrais, ou algo que gostasse. Não era o mesmo que compartilhar uma vida com o homem que amava. Mas teria de bastar.

Se pudesse ganhar seu próprio dinheiro. Tinha de achar um meio de se sustentar.

O que significava que ficar no chalé era sua melhor opção... o contrato valia por mais quatro anos. Khalid se cansaria de ficar por lá, e se mudaria. Ou venderia a propriedade com o chalé ocupado. Ela não andaria mais na praia de noite. Nem sairia da casa, se soubesse que ele estava na residência.

Podia fazer isso.

– Mas eu não quero – murmurou ela, e caiu em prantos.

NA MANHÃ seguinte, Ella sentia-se mais composta. Tomou o café da manhã no quarto, e chegou ao saguão às 9h em ponto. Khalid não estava lá. Ela se confundira com o horário?

Um dos funcionários do hotel aproximou-se.

– Eu levarei sua mala. O táxi está esperando.

Então, ele nem sequer ia voltar com ela. Isso ajudaria. Mas Ella sentiu-se triste. Esperara ter pelo menos mais algumas horas na companhia dele,

despedindo-se silenciosamente.

O táxi parou perto de um avião branco brilhante, e um homem veio pegar sua sacola. Ela sentiu-se uma realeza. Mas havia lágrimas em seus olhos. Sentia saudade de Khalid, e o vira menos de dez horas atrás.

Bethanne apareceu à porta do avião.

– Ei, vamos embora. Eu tenho outro voo mais tarde – disse ela com um sorriso.

Ella subiu a escada.

– Para onde? – perguntou, esperando que Khalid não fosse o tópico de conversa.

– Para levar Khalid e sua equipe para

aquele incêndio, é claro. Ele não lhe contou? Uma vez que eu já estava no ar quando a ligação chegou, ele ficou, e eu voltarei para buscar o resto da equipe, então iremos para o Kuwait.

O coração de Ella congelou.

– Outro incêndio? – Ele não lhe contara, o que mostrava quão nebulosa era a conexão deles.

– Um duplo, pelo que entendi. Quer se sentar na cabine? Podemos conversar durante o voo.

Somente quando elas estavam no ar, Ella murmurou:

– Conte-me sobre o incêndio. Khalid não me disse nada sobre isso.

– É um grande incêndio no Kuwait. Aparentemente, dois poços, conectados de alguma maneira, pegaram fogo. Sete homens morreram e dois estão desaparecidos. Disseram que está queimando milhões de galões de petróleo. E o calor é sentido a um quilômetro de distância.

– Khalid não pode apagá-lo – disse Ella com desespero.

– Você conhece Khalid, ele dará o melhor de si. E aposto que irá conseguir.

– Alguém precisa detê-lo.

– O quê? – Bethanne olhou-a. – Ele ficará bem. Sempre dá tudo certo.

– Ele sofreu uma queimadura séria

uma vez – Ella relembrou-a.

– Um acidente.

– O que poderia acontecer novamente.

Meu Deus, se o fogo é sentido de tão longe, como será estar perto o bastante para extingui-lo?

– É o que Khalid faz, e é muito bom nisso, segundo Rashid. Quem, a propósito, também gostaria que ele não fizesse mais esse trabalho. Mas ele sabe que não adianta argumentar com o irmão.

Um nó de medo formou-se na garganta de Ella. Ela engoliu com dificuldade, cada fibra de seu ser querendo ver Khalid, novamente.

Olhou pela janela, desejando que eles tivessem enfrentado as oito horas de carro. Estariam fora de contato, e outra pessoa seria chamada para apagar o fogo.

– Quando veio o telefonema?

– Ontem à noite. Eles devem ter ligado para Khalid assim que aconteceu. Ele é o melhor do mundo, sabia?

– Ele deveria se aposentar.

Bethanne estendeu o braço e apertou-lhe a mão.

– Eu entendo. Eu me sentiria da mesma maneira, se fosse Rashid. Mas mulheres não podem mudar os homens. Minha mãe me disse isso anos atrás,

quando explicou de que forma ela e meu pai se casaram, depois se divorciaram. Ter uma família nunca foi suficiente para ele. Alguns homens precisam de mais aventuras do que outros.

– Eu não chamaria extinguir incêndios de petróleo de aventura. É perigoso demais. Por que ele não poderia ter sido professor, administrador, ou algo assim?

Bethanne deu de ombros.

– Você deveria se perguntar por que está noiva de Khalid. Sabia o que ele fazia. Entretanto, pretende casar-se. Isso não ficará mais fácil, porém, apoio é importante.

Ella não podia contar-lhe por que eles

estavam noivos. Aparentemente, Rashid mantivera o segredo de Khalid. Ella não podia contar a ninguém que considerava deixar Quishari por causa de Khalid. Talvez a decisão fosse tirada de suas mãos. Não havia nada que pudesse fazer agora, exceto rezar pela segurança dele. Desejou que tivesse confessado seu amor por ele, na noite anterior. Algum dia teria essa chance novamente?

O voo pareceu levar uma eternidade, até que, finalmente, Bethanne começou a descer.

– Rashid estará esperando quando aterrissarmos – disse ela.

– Ele não vai com você levar o grupo,

vai? – perguntou Ella.

– Não, ele irá levá-la para casa. Eu voltarei mais tarde, esta noite. Ele não queria deixar você sozinha.

– Talvez, eu possa trabalhar para distrair a mente. – A verdade era que ela não conseguia pensar em nada, exceto em Khalid e no perigo que ele ia enfrentar.

– Vá com Rashid. Ele terá informações mais atuais sobre Khalid e a equipe. Além disso, ele vai passar na casa da mãe, para lhe dar notícias. Lidar com Madame al Harum faz qualquer um esquecer outras preocupações. A mulher não é fácil.

Ella sorriu, apesar da preocupação.

– Pelo menos, nós temos isso em comum. Você acha que ela irá aceitá-la um dia?

– Depois que eu tiver um ou dois bebês, talvez.

Ella imaginou-se casada com Khalid, e tendo um bebê dele. Como suportaria se seus filhos crescessem para serem bombeiros de petróleo?

– Madame al Harum deve estar doente de preocupação – comentou Ella.

– Eu ficaria, se um filho meu fosse combater esse tipo de incêndio.

– Eu nunca deixaria meu filho ter tal profissão – disse Bethanne.

– Todavia, você falou que uma mulher não pode mudar um homem.

– Nesse caso, eu começaria com um garotinho.

Ella riu. Então, quase chorou quando pensou mais sobre o perigo que Khalid enfrentava.

RASHID ESTAVA parado ao lado de uma limusine quando o avião aterrissou no hangar. Havia meia dúzia de homens perto dele, com sacolas de lona e caixas. Assim que os motores foram desligados, homens começaram a rodear o avião, carregando tudo. Estava sendo abastecido enquanto Ella descia a escada. Bethanne seguiu, abraçando

Rashid com força.

– Eu gostaria que você deixasse outra pessoa pilotar o avião – disse ele.

– Eu vou. Não discuta. É com Khalid que você deveria se preocupar. Eu o pegarei, então levarei todos para o Kuwait. Chegarei em casa mais tarde. Cuide de Ella. Eu acho que ela está em choque.

– Não, estou bem. Acho melhor eu ir para casa.

– Você vem comigo – disse Rashid.

Ela o olhou, ouvindo o tom autocrático. Ele e Khalid se pareciam tanto, entretanto eram tão diferentes.

– Alguma notícia? – perguntou ela.

– Não, mas quando chegarmos em casa, ligaremos para Khalid, que deverá ter alguma informação nova. Isso é tudo que você trouxe? – perguntou ele, quando um dos homens pôs a sacola dela no porta-malas da limusine.

– Sim, foi uma viagem curta. – Curta demais, se aquela fosse a última vez que ela vira Khalid.

ELLA FOI para a casa da mãe de Rashid, com ele. Durante o percurso, ele lhe assegurara que Khalid sabia o que estava fazendo, e não correria riscos tolos.

– Especialmente agora – disse Rashid.

Ella assentiu, esperando que eles nunca tivessem inventado aquele noivado. Todos pensavam que ele tomaria cuidado extra, mas Rashid sabia que o irmão não tinha motivo para ser mais cauteloso. Ela sabia que ele não seria imprudente, mas tantas coisas poderiam dar erradas.

– Minha mãe pode ser um pouco difícil. Sabemos que ela nos ama. Às vezes, acho que é difícil para uma mãe perceber que os filhos cresceram e têm suas próprias vidas.

Ella pensou em seus pais.

– Às vezes, eles querem controlar os filhos para sempre.

– Ou talvez, eles se acostumem com isso e sintam dificuldade em abrir mão.

– Sua mãe não precisa gostar de mim – disse ela.

– Não, mas isso tornaria a vida familiar muito mais confortável no futuro, você não acha? Nós comemoramos ocasiões felizes juntos... feriados, aniversários.

– Bethanne acredita que quando ela for avó, irá aceitá-la.

Rashid riu.

– Esta é a nossa esperança. Mas não imediatamente. Eu a quero só para mim por um tempo.

Khalid um dia queria alguém só

para si mesmo por um tempo? Ela desejou ser esta pessoa.

Madame al Harum estava nervosa quando eles chegaram. Correu para a porta.

– Você teve mais alguma notícia?

– Não, mãe – respondeu Rashid, abraçando-a. – Ele ainda está em Quraim Wadi Samil. Bethanne acabou de decolar para ir buscá-lo. Levará algumas horas antes que eles cheguem ao Kuwait.

– Ligue para Khalid. Eu preciso falar com ele – ordenou ela.

– Você e Ella.

A mulher mais velha olhou para Ella,

como se a estivesse vendo pela primeira vez.

– Oh. É claro.

– Nós duas queremos Khalid de volta com segurança – disse Ella.

Madame al Harum assentiu.

– Venha, vamos ligar para ele.

KHALID TINHA mapas e gráficos espalhados a sua volta quando o telefone tocou.

– Al Harum – disse ele, esperando que fosse outro telefonema do local do incêndio, atualizando-o sobre a situação.

– Khalid, é sua mãe. Eu quero lhe pedir para ser cuidadoso.

– Eu sempre sou, mãe. – Olhando

para seu relógio, ele calculou que o avião chegaria em menos de uma hora. Falaria com seu assistente, antes de embarcar, de modo que todos os equipamentos que eles necessitavam estivessem no avião ou fossem enviados diretamente para o lugar do incêndio.

– Nós cuidaremos de Ella para você – murmurou sua mãe.

A atenção de Khalid voltou para sua mãe. Ella. Ele deveria tê-la avisado esta manhã, antes que ela partisse, mas estivera descobrindo tudo que podia da fonte. Não quisera interromper o telefonema para se despedir dela.

– Ela retornou com segurança? –

perguntou ele.

– Sim. Ela está aqui. Cuide-se, filho.

Antes que ele pudesse responder, ouviu a voz suave de Ella.

– Khalid?

– Sim. Vejo que você chegou bem.

– Eu gostaria que você tivesse me contado. Vai tomar cuidado, não vai?

– Eu sempre tomo. – A preocupação na voz dela o tocou.

– Pelo que eu soube, esse incêndio é muito grande.

Ele ouviu um gemido de sua mãe nos fundos.

– É o que parece. Eu saberei de mais detalhes quando chegar lá, mas até

agora, este é provavelmente o incêndio mais desafiador que já enfrentamos.

– Suponho que eu não poderia convencê-lo a não ir?

Ele riu.

– Não, mas eu gostaria que não tivesse de deixar você. Não que eu a levaria para um incêndio. Eu apreciei o dia de ontem. – Ele desejou que pudesse envolvê-la nos braços e beijá-la, novamente.

– Eu também.

Ele esperou, querendo que ela falasse mais. O silêncio na linha era ensurdecedor.

– Eu preciso desligar. Estou

esperando outro telefonema – disse ele, finalmente. Nada seria decidido pelo telefone.

– Certo. Cuide-se. Eu estarei aqui quando você voltar.

Ele desligou, imaginando onde mais ela estaria, senão no chalé, onde tinha um contrato para mais quatro anos. E neste momento, Khalid sentiu-se grato pelo jeito que sua avó fizera as coisas.

O telefone tocou novamente e, desta vez, era do Kuwait. Hora de esquecer assuntos pessoais. Ele tinha uma conflagração para extinguir.

CAPÍTULO 11

ELLA ESTAVA nervosa pelo jeito que o tempo parecia se arrastar. Rashid ficou um pouco, então declarou que o trabalho o chamava e foi embora, deixando-a com Madame al Harum. Ella sabia que preferiria estar em casa. Podia tentar se distrair com trabalho. Ali, não tinha nada. Levantou-se do sofá e andou para a janela, que dava vista para a cidade. Parecia calor do lado de fora. Ela preferiria estar na praia.

— Eu acho que vou para casa.

– Fique.

Virando-se, ela olhou para a mãe de Khalid.

– Não há nada para fazer aqui. Em casa, eu tenho trabalho, que talvez possa me distrair da preocupação.

Sabria al Harum tentou sorrir.

– Nada fará você esquecer. Tive anos de prática com meu marido, quando ele ia a campos de petróleo. Sempre preocupada com a segurança dele. E ele tentava não apagar incêndios. Agora, eu me preocupo com Khalid. Rashid me assegura que ele conhece seu trabalho. Mas não pode saber o que um fogo fará.

– Isso se torna pior, considerando que

ele já foi ferido uma vez – murmurou Ella, olhando pela janela.

– Todavia, você não parece se importar com a cicatriz.

Ella deu de ombros.

– Ele não é a cicatriz. Da mesma forma que não é definido por sua altura. É o que está dentro que conta.

Houve um curto silêncio, então Sabria falou:

– Muitas pessoas não entendem esse conceito. Khalid foi terrivelmente ferido pela rejeição da noiva, quando ainda estava no hospital.

– Ou ela enlouqueceu, ou não era forte o bastante para ser esposa dele.

Khalid é muito intenso. Nem todo mundo é capaz de conviver com isso.

– Você é.

Ella assentiu, lágrimas enchendo seus olhos. Ela era. Adoraria ser a mulher que ele escolhesse para compartilhar a vida. Enfrentaria Khalid, se ele se tornasse autocrático. E adoraria passar as noites nos braços dele.

– Ele era assim quando garotinho – disse Sabria, suavemente.

Ella virou-se, e ficou surpresa com a expressão de amor nos olhos de sua anfitriã.

– Conte-me – pediu ela, ávida por conhecer Khalid melhor.

– Eu tenho algumas fotos. Venha, eu lhe contarei tudo sobre meus gêmeos, e o que tive de aguentar. – As palavras foram faladas num tom afetuoso.

Ella ficou surpresa pelo número de álbuns de fotografias na área de estar no quarto de Sabria al Harum. O cômodo era arejado, decorado em cores claras, criando um ambiente feminino e amigável. Ela nunca suspeitaria que uma mulher tão austera tivesse esse lado.

Pegando um álbum das prateleiras atrás do sofá, Sabria sentou-se e bateu na almofada ao seu lado, para que Ella se sentasse. Posicionando o álbum no colo de Ella, abriu-o. Pela próxima

hora, as duas mulheres viram todas as fotos... desde quando dois adoráveis bebês tinham ido para casa em túnicas de renda, até as babás sorridentes que cuidavam deles e os pais orgulhosos ao longo do crescimento dos filhos. Havia poucas fotos dos dois homens jovens, ocupados demais para passarem tempo com os pais. Então, ela pausou na última foto.

— Esta foi tirada um pouco antes do incêndio que marcou tanto a pele de meu filho. Ele nunca mais se permitiu ser fotografado, desde então. Pessoas podem ser cruéis quando se deparam com anormalidades de qualquer tipo.

Khalid foi duplamente ferido com a perda da noiva. Ele tem tanto a oferecer.

Ella assentiu. Uma mãe sempre dizia isso, mas no caso de Khalid, era verdade.

O telefone tocou. Sabria levantou-se e atendeu.

– Obrigada – disse ela, um momento depois. – Era Rashid. A equipe decolou de Quraim Wadi Samil. Eles chegarão ao Kuwait em aproximadamente duas horas. Não há nada a fazer, exceto esperar.

– Então, vamos até meu estúdio. Eu lhe mostrarei meu trabalho, e a senhora pode me aconselhar. Madame Alia al

Harum achava que eu prometia. Quero me sustentar com meu trabalho, mas se isso for impossível, talvez seja melhor descobrir agora do que mais tarde.

– Você não precisará trabalhar depois que estiver casada com Khalid.

Não sabendo como responder, Ella murmurou:

– Venha e veja.

Sabria pensou por um momento, então assentiu:

– Acho que eu gostaria de ver o que você faz.

A TARDE passou devagar. Sabria viu todos os trabalhos de Ella, declarando, com surpresa, como eles eram lindos.

– Não é de admirar que minha sogra considerou-a uma promessa. Você possui um raro talento. Eu sei exatamente onde gostaria de ver aquele vaso. Ficaria perfeito no quarto de minha amiga. Talvez eu compre para ela. Quando você vai começar a vender?

Ella explicou o plano original, então sua ideia de começar mais cedo. Elas discutiram vantagens e desvantagens de expor as peças para o público, logo. Entretanto, sem o feedback do público, como Ella saberia que ideias eram mais comercializáveis?

Ella não tinha certeza se era a situação, ou o fato de que Sabria estava

finalmente receptiva a vê-la como um indivíduo, mas sentia o começo de uma amizade.

Elas ligaram para Rashid, pedindo notícias, antes de jantarem na varanda. Nada novo. Ella fez um rápido espaguete, com um molho que estava congelado. A camaradagem na cozinha foi outra surpresa. Ella descobriu que poderia realmente gostar da mãe de Khalid.

Um pouco depois do jantar, Sabria foi embora. Já estava escuro. Nada mudaria esta noite.

Enquanto Ella caminhava na praia, antes de ir dormir, olhou ao norte. Não

podia ver nada. O fogo era muito distante. Mas podia imaginar o perigo. Rezou pela segurança de Khalid. Sua decisão de partir era a melhor. Mandaria suas peças, fornos e equipamentos para a Itália, pelo correio. Ela se estabeleceria em algum lugar perto de seus pais, mas deixaria claro que não voltaria a morar com eles.

Conseguiria viver sem Khalid?, perguntou-se com angústia. Tinha de conseguir. Não havia futuro para ela em Quishari. Esta parte de sua vida estava acabada.

No dia seguinte, começaria a empacotar as coisas e fazer arranjos

para se mudar.

OS DOIS dias seguintes foram difíceis. Rashid prometeu telefonar para ela no momento que tivesse qualquer notícia... boa ou ruim. Não havia nada a fazer, então Ella começou a arrumar suas coisas. Comprou caixas e pediu que Jalilah a ajudasse. Cuidadosamente, elas embrulharam as peças frágeis em papel bolha, depois as colocaram em caixas.

Toda vez que o telefone sem fio de Khalid tocava, o coração de Ella disparava. Era sempre Rashid, informando-a dos acontecimentos. Os materiais haviam chegado. Os mapas tinham sido atualizados. Tudo ia bem.

Nunca havia uma mensagem pessoal para ela. O que esperara? Khalid tinha coisas mais importantes para se preocupar.

No terceiro dia de empacotamento, Ella pôde ver o progresso. Combinou com um funcionário do correio para ir retirar o que já estava empacotado. Ele guardaria no depósito, até que tudo estivesse pronto, então enviaria todas as caixas de uma vez. Ela e Jalilah estavam conversando quando Ella ouviu um carro. Olhando pela janela, viu Rashid e Bethanne descendo e se apressando em direção ao chalé.

O medo inundou-a, enquanto ela abria

a porta.

– O que aconteceu? – perguntou, antes que eles pudessem falar.

Bethanne abraçou-a.

– Ele vai ficar bem.

– O quê? – Apavorada, ela olhou para Rashid.

– Outro poço explodiu. Khalid foi atingido por destroços voando. Um dos membros da equipe morreu, mas Khalid está no hospital. Ele ficará bem. Nós estamos indo para lá. Você vem conosco.

Ella queria recusar, mas a necessidade de vê-lo era imensa. Precisava se certificar de que ele estava

realmente bem, antes de partir.

– Eu só vou pegar minha bolsa e o passaporte – disse ela. Entrou e Bethanne a seguiu.

– Leve um pijama e uma troca de roupas. Nós ficaremos por quanto tempo for necessário.

Ella começou a arrumar uma sacola.

– Ele está realmente bem?

– Não, mas vai ficar. Khalid ainda está inconsciente. Esperamos estar lá quando ele acordar – replicou Bethanne.

O tempo pareceu parar. Ella lembrou-se de ter corrido para a cama de hospital de Alexander... tarde demais. Ele morreria em decorrência do acidente de

carro, antes que ela chegasse lá para vê-lo. Não podia chegar tarde demais para Khalid.

Sentou-se na beira da cama.

– Eu não posso ir.

Bethanne olhou-a.

– O quê?

– Eu não posso ir. – Ela pressionou as mãos contra o peito, desejando que pudesse conter a dor dilacerante. Khalid tinha de estar bem.

– Sim, você pode. E irá. E vai cumprimentá-lo com todo o amor em seu coração. Khalid não pode ter outra noiva abandonando-o, quando ele está no hospital.

– Eu não... – agora não era a hora de confessar que não era noiva dele. – Eu não o estou abandonando. Mas não acho que posso entrar num hospital.

– Nós estaremos com você. Pegue seu passaporte e vamos.

QUATRO HORAS depois, eles entraram no hospital. Ella sentiu-se imediatamente nauseada.

– Eu preciso de um banheiro – disse ela, correndo para o mais próximo. Bethanne seguiu-a.

Depois de vomitar, Ella encostou-se contra a parede.

– Eu não posso fazer isso, novamente.

– Ele ficará bem, Ella. Khalid não é

Alexander. Ele vai sobreviver. –
Bethanne esfregou-lhe as costas.

– Vá indo. Sei que Rashid quer vê-lo instantaneamente. Eu irei em seguida. – Ela precisava de alguns momentos, sozinha. Podia fazer isso. Tinha de fazer. O pensamento de Khalid imóvel na cama era mais do que podia suportar. Mas também precisava vê-lo. Pelo menos, mais uma vez. E assegurar-se de que ele estava vivo e ia se recuperar.

Tomada por medo, seguiu o corredor. A porta do quarto dele estava aberta. Ella permaneceu do lado de fora, respirando fundo para se acalmar.

Rashid saiu do quarto, sorrindo ao

vê-la.

– Eu vou ligar para minha mãe. Ele está acordado. E provavelmente se perguntando onde você está. – Ele abriu o celular e começou a andar no corredor para falar com a mãe.

Ella entrou no quarto, vendo Khalid imediatamente. A cama do hospital estava erguida, de modo que ele ficasse sentado. Havia curativos no rosto dele, e ambos os olhos estavam roxos. O ombro direito estava enfaixado. Bethanne estava do outro lado da cama, falando com ele, que ainda não vira Ella.

Ella aproximou-se da cama.

– Você quase me matou de susto!

Khalid virou-se, gemeu por causa do movimento, mas olhou-a como se ela fosse uma criação maravilhosa. O coração de Ella disparou.

– Você veio – disse ele.

– Você falou que ficaria seguro. – Consciente de que Bethanne os observava, ela inclinou-se e beijou-o gentilmente na boca. Ele ergueu a mão e manteve-a no lugar, enquanto correspondia ao beijo.

– Não se machuque – murmurou ela, afastando-se um pouco.

– Eu não pensei que você viesse. – Khalid puxou-a para outro beijo breve.

– Por quê? – perguntou Bethanne. –

Se Rashid estivesse machucado, nada poderia me manter longe.

– E nada poderia me manter longe – repetiu Ella. Endireitando o corpo, pegou-lhe a mão nas suas, estudando-o. – Você está horrível.

Ele riu, e apertou-lhe a mão.

– Eu sinto como se um caminhão tivesse me atropelado. Nós não esperávamos outra explosão. Acho que eles tinham os poços unidos de um jeito que não aparecia nos mapas.

– Eu soube que um dos homens morreu. Sinto muito.

– Eu também.

Ela inclinou-se para mais perto.

– Mas estou feliz que não foi você.

– Eu vou achar Rashid. – Bethanne acenou e saiu do quarto.

– Logo que Rashid entrou aqui, eu pensei que você não tivesse vindo – murmurou Khalid.

– Bem, algumas de suas noivas podem abandoná-lo no hospital, mas não todas – brincou ela, não querendo que ele soubesse o quanto lhe custara ir lá. O medo que quase a paralisara.

Ele riu novamente. Apesar dos ferimentos, parecia mais feliz do que ela já o vira.

– O golpe que você levou na cabeça deixou-o bobo? – perguntou ela.

– Talvez, tenha me feito ver a razão. Depois que acordei, fiquei deitado aqui, pensando, e se você não viesse? E se você não se importasse o bastante para vir?

– É claro que eu viria. Eu precisava ver, com meus próprios olhos, que você estava bem.

– Por quê?

Ela olhou para as mãos unidas dos dois.

– Eu gosto de você, Khalid.

– Quanto?

Ela encontrou-lhe o olhar.

– Como assim, quanto?

– Eu quero saber o quanto você gosta

de mim.

– Se eu gosto de você mais do que espinafre, mas menos do que chocolate?

Ele prendeu-lhe o olhar, a expressão séria.

– Se você gosta de mim o bastante para se casar comigo, viver em Quishari e formar uma vida ao meu lado?

Por um momento, Ella não conseguiu respirar. Ele falava sério?

– Você está me pedindo em casamento? De verdade?

Ele assentiu.

– Sim. Eu detestei lhe dizer boa-noite em Quraim Wadi Samil. Detestei ainda mais partir para o Kuwait, sem ter outro

beijo. Então, acordei aqui e percebi que a vida é inesperada. Eu poderia morrer hoje, ou viver por décadas. Mas soube, instantaneamente, que queria você como parte da minha vida. Eu a amo, Ella. Acho que desde que você tocou meu rosto na praia, semanas atrás. Uma mulher que não ficou horrorizada com minha aparência. Que podia me ver mais claramente no escuro do que qualquer pessoa no claro. Uma mulher que já sofreu muito, e valoriza as pessoas por quem elas são, não pelo o que elas podem oferecer, financeiramente. Eu já mencionei uma mulher que deixa meu corpo em chamas com um único beijo?

Felicidade e amor envolveram-na enquanto ela sorria.

– Não, você não mencionou. Talvez precisemos de outra prova disso. – Ela inclinou-se e beijou-o.

– Você está dizendo sim? – perguntou Khalid, alguns momentos depois.

– Sim. Eu o amo. Nunca esperei falar essas palavras depois da morte de Alexander. Mas você entrou na minha vida e conquistou meu coração. Não sei apontar o momento que me apaixonei, mas sei o momento que percebi que o amava. Eu o amarei para sempre.

– O fogo continua acontecendo – disse ele.

– E você pretende apagá-lo?

– No momento, não me sinto em condições de me levantar para beijá-la, então duvido que eu possa conduzir um ataque às chamas.

– Desta vez – murmurou ela, lembrando-se do que Bethanne dissera. Ela não queria mudar uma única coisa sobre este homem.

– Desta vez. Mas eu sou cuidadoso. E ainda estou aqui, certo?

– Certo. Eu espero que não haja mais incêndios em seu futuro.

– Somente aquele que você causa com seus beijos – disse ele.

Ella riu, vendo um lado de Khalid

totalmente diferente do homem que capturara seu coração. E pensar que quase perdera isso. Precisava desempacotar coisas rapidamente, quando chegasse ao chalé. Não queria que ele pensasse que ela ia partir. Ela lhe contaria... após um tempo. Depois que Khalid estivesse convencido de seu amor, como ela já estava convencida do dele.

– Eu amo você, Ella, agora e sempre.

– Eu amo você, Khalid. Agora e sempre.

EPÍLOGO

— EU ESTOU ficando enjoada de andar no carro com os olhos fechados — disse Ella. Eles tinham saído de Quraim Wadi Samil um tempo atrás. Nos últimos dez minutos, Khalid insistira que ela fechasse os olhos... tinha uma surpresa para ela. Não podia ser o oásis; ela já vira aquele. O que mais havia no deserto?

— Estamos quase chegando. — Ele estendeu o braço e pegou-lhe uma mão na sua.

Ela sentiu o carro diminuindo de velocidade. Então, parando. O vento do deserto trazia aromas de areia, vegetação escassa e... aquilo era água?

– Abra os olhos.

Ela abriu. Eles estavam no oásis. O sol do fim de tarde enviava longas sombras contra as palmeiras, a pequena piscina... e a casa de arenito que parecia ter, milagrosamente, brotado do solo.

– Aquela é uma casa?

Khalid saiu do jipe e rodeou-o para seu lado, pegando-lhe a mão para ajudá-la a descer.

– É a nossa casa. Nossa e de Rashid e Bethanne. Ela ainda não sabe. Ele a

trará aqui na próxima semana. Nós a usaremos, primeiro.

Ella estava atônita.

– Você construiu a casa aqui, a quilômetros de qualquer lugar? Como conseguiu os materiais, como... esqueça, dinheiro pode conseguir qualquer coisa. Isto é fantástico! Eu quero ver.

Ele sorriu e conduziu-a ao longo de um pátio asfaltado para a porta da frente. Havia espreguiçadeiras no pátio, de onde se tinha uma vista perfeita da piscina e das palmeiras. Abrindo a porta, ele ergueu-a nos braços e entrou.

– Não é isso que os recém-casados fazem? – perguntou ele quando ela deu

um gritinho de susto.

– Sim. – Ela riu, traçou a nova cicatriz no rosto dele, e puxou-lhe a cabeça para um beijo. Amava tanto seu marido. E estava feliz pela recuperação total dele... com apenas mais uma cicatriz, que a fazia amá-lo ainda mais.

– Por que você não me carregou na nossa casa, quando casamos? – perguntou ela.

– Nós tivemos a recepção lá... como eu poderia atravessar a soleira carregando-a, quando você já estava do lado de dentro?

– Hmm, bom ponto.

Ele colocou-a no chão e virou-a. A

pequena sala estava mobiliada com móveis confortáveis. Duas de suas peças estavam à mostra. Fazendo um rápido tour, Ella descobriu a pequena cozinha, banheiro e dois quartos grandes.

— É adorável — exclamou ela, voltando ao centro da sala. Khalid vinha fazendo todo o possível para tornar sua vida maravilhosa. Ele apoiara sua exposição de arte, a qual tinha sido um sucesso. Ella já estava com uma lista de pedidos para novas peças.

Eles haviam ido ao casamento de Bethanne e Rashid no Texas. No caminho de volta para Quishari, pararam na Itália, de modo que ele pudesse

conhecer os pais dela. Khalid pagara as dívidas de Giacomo, com um aviso sério para que ele nunca mais jogasse... o que apenas reiterava o que seu pai decretara. Ela protestara, mas Khalid insistira que queria construir um relacionamento harmonioso com os novos sogros.

O que Ella também esperava com a mãe dele. Um dia de cada vez, lembrou a si mesma. Pelo menos, eles tinham se casado em Quishari, o que agradara mais Sabria al Harum do que o casamento de Rashid e Bethanne.

– O melhor está lá fora. Venha. – Khalid conduziu-a para a lateral da

casa, onde uma escada levava ao telhado reto.

Quando eles chegaram ao nível superior, Ella encantou-se. Vasos de flores jaziam sobre o muro que batia na altura da cintura. Havia diversas cadeiras no espaço amplo. A vista era incrível. Com olhos brilhando, Ella virou-se.

– Isto é perfeito.

Ele sorriu e puxou-a para seus braços.

– Eu queria algum lugar especial, para onde pudéssemos escapar de vez em quando. Somente nós dois. Para apreciar a quietude do deserto e a beleza deste oásis.

Ela sorriu, então franziu o cenho.

– Você não gostou?

– Eu amei. É só que... não seremos somente nós dois.

– Rashid e eu combinamos de informar um ao outro quando quisermos usar a casa. Nós não estaremos aqui quando eles vierem. Ou posso dizer a ele para esquecer tudo, que queremos a casa só para nós.

– Não ouse. Não é isso. Nós vamos ter um bebê – declarou ela. – Ora, não era assim que eu queria lhe contar.

Olhando para o rosto perplexo dele, Ella quase riu.

– Bem, estamos casados há quatro

meses, e não ficamos exatamente celibatários. O que você acha?

– Eu estou pasmo. E radiante. – Com um grito, ele ergueu-a e girou-a no ar. – Como você está se sentindo? Para quando é o bebê? Há quanto tempo você sabe?

Ela riu, sentindo-se livre e feliz.

– Como você sabe, Bethanne está grávida. Ela me deu uma lista de sintomas que está experimentando, desde enjoo matinal até o cansaço constante. Eu não sinto nada disso. Mas há sinais, e confirmei a gravidez ontem. Eu ia lhe contar ontem à noite, mas então você teve aquela reunião, e depois

voamos para Quraim Wadi Samil, e aqui estamos. Aqui era o lugar perfeito para lhe contar. Só teremos memórias felizes aqui. Sabe que nosso bebê terá diferença de semanas do bebê de Rashid e Bethanne?

– Então nosso filho irá crescer com o deles – disse ele, com satisfação.

Ella assentiu, já visualizando duas crianças brincando na praia, perto da casa deles. Ou indo para lá com os pais, explorar o deserto.

– Você acha que nós teremos gêmeos?
– perguntou ela.

– Quem se importa... um de cada vez ou múltiplos, nós amaremos todos.

– Todos?

– Você não quer uma dúzia? – brincou ele.

Ela riu.

– Talvez três ou quatro, mas não 12.

– Qualquer coisa que a deixe feliz.

Você me faz feliz além do que eu imaginava ser possível. Eu a amo, Ella.

– Khalid envolveu-a nos braços e beijou-a. – Você mudou tudo, muito mais do que eu já sonhei.

Ela sorriu-lhe, não vendo as cicatrizes, apenas o amor brilhando nos olhos dele.

– Você é tudo que eu sempre quis – murmurou ela, erguendo-se na ponta dos

pés, para beijá-lo no telhado de uma casa feita para memórias felizes.

Barbara McMahon

O SEGREDO

Tradução

Ligia Chabú

Querida leitora,

Laura Toliver é uma mulher simples, de coração grande. Quando é fotografada em uma festa com Yuusef, namorado de Jenna, sua melhor amiga, os tabloides enlouquecem. E a família de Yuusef também. Talique bim Azoz bin al-Rahman viajou meio mundo para tentar salvar seu primo Yuusef das garras de mais uma interesseira. Tal quer dar uma lição em seu primo. Seduziria a namorada dele para provar que ela só pensava em dinheiro. Mas os planos de Talique vão por água abaixo ao descobrir que está seduzindo a mulher errada!

Boa leitura!

Equipe Editorial Harlequin Books

CAPÍTULO 1

São Francisco, Califórnia

LAURA TOLIVER saiu do elevador no andar que hospedava a Beatty Security. Era sábado, não um dia em que ela normalmente trabalhava, mas depois da exibição da noite anterior ela queria escrever seu relatório enquanto tudo estava fresco em sua mente e não esperar até segunda-feira. Não tinha mais nada planejado para o fim de semana. Aquilo levaria aproximadamente uma hora, e então ela

estaria livre.

Havia outras pessoas trabalhando. A Beatty Security tinha funcionários trabalhando 24 horas por dia, sete dias por semana.

Seu chefe estava na sala dele, e quando ela passou pela porta aberta ele chamou:

– Laura?

Ela voltou e olhou para dentro da sala.

– Sim?

Ele levantou-se e jogou um jornal sobre a mesa.

– Você viu isto?

Laura entrou no escritório

desordenado e pegou a seção Estilo de Vida do *San Francisco News*. Seu rosto lhe sorriu de volta. Ao seu lado, estava sheik Yuusuf ibn Horah, em toda sua beleza gloriosa.

– Eu lembro quando eles tiraram a foto. Eu tinha acabado de terminar o primeiro círculo do museu e me juntado a Jenna e Yuusuf por alguns minutos. – Laura pôs o jornal novamente sobre a mesa. – Algum problema?

– Somente se descobrirem que você trabalha para nossa firma de segurança. Queremos vigilância discreta nestes eventos, não que cada ladrão por perto saiba o que nossos funcionários fazem –

disse Ben.

– Sem problemas, chefe. Exceto por Jenna e Yuusuf, todos pensam que eu era uma convidada lá.

– Hmm. – Ele pareceu tranquilizado.
– O que você está fazendo aqui hoje? Depois de ter trabalhado até tão tarde ontem à noite, eu pensei que você fosse dormir mais. Especialmente porque é sábado.

– Eu queria fazer o relatório. Tenho algumas fotos de pessoas que eu gostaria de investigar. Nada específico, apenas vagas intuições.

Laura trabalhava para a Beatty Security há três anos. Sua especialidade

era proteger as peças exibidas em museus. Estava disponível, como a maioria dos funcionários, para outras funções que surgissem. Ela não carregava uma arma, mas era treinada em artes marciais. Sua função principal era se misturar com os outros, ficar de olhos nos artefatos inestimáveis e identificar alguém que mostrasse um interesse indevido nos itens que a Beatty Security estava contratada para guardar. Laura tinha diversas câmeras discretas em miniatura e tirava fotos de qualquer um que merecesse uma inspeção maior.

– Eu confio no seu julgamento – disse ele. – Mas não passe seu fim de semana

inteiro no escritório.

Ela sorriu e virou a cabeça para sua mesa.

– Não se preocupe. Está um dia muito glorioso para ficar fechada. Eu não vou demorar. Depois irei para o Golden Gate Park andar de bicicleta.

Quando Laura chegou a sua mesa, tirou a pequena câmera digital da bolsa e carregou as fotos no seu computador. Ela obtivera os nomes das pessoas que fotografara e colocou-os num banco de dados disponível para compilar um breve dossiê sobre qualquer pessoa que a Beatty Security considerasse necessário observar.

Oh, oh, pensou Laura, alguns minutos depois. Warren Way, o homem mais velho que ela quase se convencera que era apenas um entusiasta, tinha passagem pela polícia. Isso não era interessante? Ela imprimiu a fotografia e as informações dele, para que aquilo circulasse entre os outros na companhia. Ele seria identificado para futuras funções e observado.

Seu telefone tocou.

– Toliver – atendeu ela, começando a digitar seu relatório.

– Ei, Laura, vá achar seu próprio homem – Jenna Stanhope falou, com risada na voz.

– Eu preciso de muita sorte para encontrar um como Yuusuf. Como o fotógrafo capturou o meu rosto e não o seu? Eu poderia jurar que você estava colada em Yuusuf durante a noite inteira – respondeu Laura.

– Hah! Nós podemos estar mais próximos, mas somos cautelosos. Por isso, a especulação no artigo que acompanhou a foto. De quem o solteiro elegível está atrás agora?

– Havia mais? – perguntou Laura. Tinha apenas olhado para a foto. – O que dizia o artigo?

– Apenas especulações sobre o último interesse do sheik.

– Meu chefe teme que minha cobertura seja destruída.

– Não com esse artigo. É mais provável que todos em São Francisco pensem que você e Yuusuf estão tendo um caso ardente. Eu posso ficar com ciúme.

Laura riu.

– Como se ele até mesmo fosse olhar para mim, quando você está por perto. Ele só tem olhos para você.

– Nunca se sabe – murmurou Jenna.

– Ouça, sei que eu a avisei contra ele quando vocês começaram a sair juntos. Ele realmente tem reputação de playboy – disse Laura. – Antes de você, rumores

dizem que ele nunca saiu com uma mulher mais de três vezes, antes de dispensá-la.

– Mentira. É isso que todos dizem sobre sheiks. Todavia, ele teve algumas experiências ruins com mulheres, mas não foi culpa de Yuusuf.

– Que tipo de experiência?

– Elas queriam o dinheiro dele.

– Talvez. Mas tome cuidado, certo? Sei que ele parece bom demais para ser verdade e eu sempre desconfio de homens assim – murmurou Laura.

– Você desconfia de todos os homens.

– Não é verdade. Sou apenas cautelosa. De qualquer forma, agora que

passsei a conhecê-lo melhor, ele parece um bom sujeito.

– Pare de ser cautelosa, seja mais como eu e você encontrará seu próprio bom sujeito. Se o homem certo aparecer, você não o reconhecerá, se não se der uma chance.

– Eu não tenho certeza se existe o “homem certo”.

– Porque ainda não encontrou o amor de sua vida. Eu acho que você é exigente demais.

– Então, isso significa que você encontrou o amor de sua vida, ou que não é tão exigente?

– Eu acho que encontrei – replicou

Jenna.

– Yuusuf? – Laura sentou-se com isso. Sua amiga estava falando sério?

– Ele é realmente tudo que eu poderia querer – disse Jenna.

– Vocês dois não se conhecem tempo o bastante para saber disso – argumentou Laura.

– Você já ouviu falar de amor à primeira vista?

– Você já ouviu falar de casar-se às pressas e arrepender-se, depois?

Jenna ficou silenciosa por um momento. Ela se casara aos 21 anos e se divorciara 18 meses depois.

– Oh, sinto muito, Jens. Eu não estava

falando de Phil. Mas não tome uma decisão precipitada. Se for a coisa certa, vai durar para sempre, então para que a pressa? – Laura, às vezes, esquecia sobre Phil. Ele já partira há seis anos. Entretanto, tinha sido um período difícil para sua amiga, e a última coisa que Laura queria era relembrá-la.

– Eu ainda acredito em amor à primeira vista – teimou Jenna.

– Talvez eu venha a acreditar, se algum dia encontrar isso. – Laura nunca se apaixonara antes. Namorava, é claro, e tivera um relacionamento firme com um homem quando ambos estavam na

faculdade. Um pouco antes da formatura, eles se separaram e ela não sofrera nem um pouco.

Estava com 28 anos agora. Talvez, estivesse destinada a ser como a tia Kendra de sua amiga, solteira aos 50 anos. Ansiava por acreditar em amor à primeira vista, em conhecer um homem que lhe tiraria os pés do chão. Um homem com quem ela acabasse num casamento feliz, com dois ou três filhos.

Toda vez que conhecia um novo homem, imaginava se a conexão aconteceria. Mas nunca havia aquela faísca que acenderia seu fogo.

– Yuusuf vai me levar para andar de

barco na Baía, hoje. Quer ir conosco? – convidou Jenna.

– E segurar vela? Acho que não. Vocês dois, divirtam-se. Apenas leve as coisas mais devagar, certo?

– Eu não acho que ele está atrás do meu dinheiro. Ele é tão rico quanto eu.

– Acho difícil acreditar nisso. – Jenna era de uma antiga família de São Francisco, que começara a construir a fortuna na época da grande procura pelo ouro. Cada geração adicionara aos cofres, incluindo o pai dela, que era engenheiro de software. Como filha única, Jenna era a herdeira de toda a fortuna, quando os pais morressem.

Laura e Jenna eram amigas desde crianças, desde muito antes que qualquer pessoa na família de Laura soubesse da riqueza dos Stanhope. A amizade das duas crescera e sobrevivera ao ensino médio e à faculdade. Continuava forte e duradoura, apesar de seus estilos de vida e circunstâncias diferentes.

– Você gosta dele, certo? – perguntou Jenna.

– É claro que gosto. Ele é charmoso e divertido. Eu apreciei conversar com ele ontem à noite, enquanto você conversava com outros amigos. Não tenho nada ruim para dizer sobre Yuusuf, apenas seja cuidadosa. Eu

detestaria que você se apaixonasse e depois descobrisse que ele só está se divertindo enquanto trabalha em São Francisco. Ele não vai voltar para casa, em algum momento?

— Eu não sei. Talvez ele possa continuar a dirigir o escritório da família aqui e nós possamos nos estabelecer na cidade.

— Seus pais já o conheceram? — perguntou Laura.

— Não. Mas eu o apresentarei em breve. Não quero especulação se eu estou lendo as coisas de maneira errada. Ou que o interrogatório rigoroso de papai arruíne o que temos.

Laura riu.

– Seu pai está fazendo o que pais fazem. – Por um momento, Laura desejou que tivesse um pai vivo, para agir daquela maneira. Mesmo seu avô adorado já falecera. – Eu preciso trabalhar. Quer jantar uma noite, na próxima semana? – perguntou ela, espantando a tristeza.

– Quando?

– Eu tenho compromisso na terça e na sexta, então, qualquer outro dia está bom.

– Quarta-feira, então. Deixarei a sexta livre, caso Yuusuf queira fazer alguma coisa.

– Divirta-se – murmurou Laura, antes de desligar. Estava feliz por Jenna... contanto que Yuusuf não partisse o coração de sua amiga. Se ele fizesse isso, teria de responder a ela!

Voltando ao relatório, ela esqueceu sobre a foto no jornal. Sua cobertura não fora revelada, a fofoca que acompanhava o artigo fortalecera a ideia de que ela era uma convidada na exibição. Isso era o que mais importava.

Tamarin

Talique bin Aroz bin Al-Rahman entrou na casa de seu avô. Ele havia sido chamado e esperou que o assunto

fosse negócios e que não tivesse nada a ver com a saúde frágil de seu avô. Ele tinha um prazo aproximando-se para negociações com os gerentes do cais na Alemanha, a fim de certificar-se que os navios de cruzeiro estavam dando tratamento prioritário, quando traziam turistas para o país. Entretanto, ele nunca estava consumido demais pelo trabalho para ignorar um problema na família.

Seu avô raramente requisitava sua presença, sem avisar com antecedência. Devia haver alguma coisa errada. Tal apenas esperava que fosse uma pequena inconveniência, no grande esquema das

coisas. Sua mãe não mencionara nada da última vez que ele lhe falara. Certamente, ela saberia se houvesse alguma coisa errada com o pai.

Ele foi anunciado e sheik Ali Salilk ibn Horah levantou-se do sofá em que estava sentado e virou-se para seu neto mais velho. Mais frágil do que Tal se lembrava de tê-lo visto, ele ainda tinha aquele fogo nos olhos e a postura militar ereta que Tal sempre associara a ele.

– Ah, Talique, obrigado por ter vindo. Eu sei que você é um homem ocupado, mas preciso de sua ajuda.

– Vovô – disse Tal, abaixando a cabeça num cumprimento formal. –

Como eu posso ajudá-lo?

Salilk pegou um jornal estrangeiro e estendeu-o para o neto. Tal pegou-o, olhando brevemente, parando quando viu a foto de seu primo Yuusuf. Uma onda de apreensão o percorreu. Yuusuf ainda estava nos Estados Unidos... São Francisco, para ser exato. Ele estava trabalhando com a expansão dos negócios de importação e exportação da família. A fotografia estava clara. Tinha sido tirada em alguma exibição num museu. A mulher fotografada com ele era alta e delgada, com cabelo escuro curto e olhos grandes. Ela não parecia o tipo usual de seu primo, que gostava

mais de loiras.

Tal deu um suspiro resignado. Parecia que Yuusuf não estava aderindo ao acordo que eles haviam estabelecido, depois que a última caçadora de fortunas quase o capturara numa armadilha. Por que ele se enamorava tão facilmente de mulheres estrangeiras?

– Leia o artigo – disse seu avô, voltando a se sentar. – Um membro da nossa embaixada em Los Angeles enviou o jornal. Eu estou muito aflito. Depois do último fiasco com a mulher em Los Angeles, pensei que ele tivesse sossegado. Agora, parece que Yuusuf está se envolvendo com esta mulher.

Isso tem de parar, Tal. Não posso permitir que meu neto se envolva com uma mercenária a cada lugar que vai.

Tal conhecia as situações nas quais seu primo se envolvia. Ele não tinha sido instrumental em resgatá-lo diversas vezes?

Tal leu o artigo rapidamente, as insinuações familiares. Seu primo era conhecido como mulherengo, saindo com todas as mulheres lindas que cruzavam seu caminho. Duas vezes, ele quase sucumbira a mulheres interesseiras. Parecia que estava indo nesta mesma direção pela terceira vez. Tal queria jogar o jornal do outro lado

da sala e ir embora. Não tinha tempo para isso. Exigira uma promessa de seu primo da última vez que o resgatara. O que Yuusuf estava fazendo agora?

– Eu não sei o que há de errado com o garoto – disse Salilk, levantando-se novamente, como se incapaz de permanecer imóvel. Ele andou para a janela. – Ele sabe que tem um dever para com a família. E este não inclui flertar com mulheres para todo lugar que ele vai. Por que Yuusuf não pode ser mais parecido com você, que segue a tradição? Você estudou na Inglaterra, como seu pai e eu... não na América. Casou-se com a mulher que seu pai

escolheu, em vez de se envolver num escândalo com alguém que só queria seu dinheiro. Você tomou as rédeas dos negócios de seu pai, em vez de viajar o mundo e passar mais tempo fora do que aqui.

Tal ouviu seu avô desabafando e comparando sua vida com a vida de seu primo. No fundo, ele não era a criança de ouro que sua família pensava. Verdade, seguira a tradição, mas apenas porque fora conveniente para ele estudar na Inglaterra. Ele tinha amigos ingleses com quem mantinha contato e frequentemente visitava Londres quando queria um intervalo. Amigos e

conhecidos que provavam ser contatos inestimáveis para os negócios eram um resultado de seguir a tradição da família.

Seu casamento com Yasmine havia sido arranjado pelos seus pais, e, no início, fora conveniente para ele. Ela era uma excelente anfitriã, falava três idiomas e tinha sido um grande benefício para um homem de negócios em ascensão.

Tal esperara que ele e sua noiva passassem a sentir grande afeição um pelo outro, como acontecera com seus pais. Mas reconhecia que eles nem chegaram perto disso. Yasmine usara

sua riqueza para abrir portas, para viajar, para comprar roupas e joias caras.

A morte dela fora inesperada e trágica. Sua família pensava que ele sofria por ela. Na verdade, Tal não lamentava o fato de não estar mais casado. Nunca falara uma palavra contra ela, ou revelara a solidão que experimentara em sua própria casa. Nunca desejaria um relacionamento como aquele para seu primo. Todavia, por que Yuusuf não aprendia a separar caçadoras de fortuna de candidatas genuinamente adequadas?

Quanto a tomar as rédeas dos

negócios de seu pai, talvez Salilk devesse mostrar tanta sabedoria quanto o próprio pai tivera e delegar algumas de suas responsabilidades, de modo que Yuusuf tivesse um papel real na companhia, em vez de ficar *flertando* em São Francisco. O filho dele, pai de Yuusuf, morrera jovem. A mãe de Yuusuf, a francesa Yvette, permanecera em Tamarin. A irmã dela também vivia em Tamarin, e elas tinham criado seu primo... com a ajuda de seu avô e de seus próprios pais. Talvez Yvette devesse ter sido mais severa enquanto criava Yuusuf. Se o pai dele tivesse vivido, as coisas teriam sido diferentes.

Mas Tal não falou nada disso. Meramente contou os momentos, até que seu avô terminasse o discurso e ele pudesse descobrir o que ele queria, especificamente. Tal tinha uma teleconferência em meia hora e precisava decidir se era requerido em Bremerhaven ou não.

– Então, mais uma vez eu preciso de sua ajuda para resgatá-lo – terminou Salilk, ofegando um pouco. A saúde vinha declinando por alguns anos, e Tal não queria apressar esse declínio.

Tal o encarou. Perdera um aspecto importante daquela conversa?

– Você quer que *eu* tire Yuusuf disso?

Eu não preciso me envolver. Diga-lhe para vir para casa. Ou envie um cheque gordo para a mulher e um aviso. Ela irá embora. Especialmente se você lhe disser... como fez aquela vez em Boston... que vai deixar Yuusuf sem um centavo se ele se casar com ela. — Yuusuf ficara furioso com Tal por sua interferência. Tal lamentava o rompimento do elo que fora tão próximo um dia.

— Você não estava ouvindo, meu garoto? Não quero que Yuusuf saiba que eu estou protestando. Depois da última vez, ele estará muito mais determinado a provar a você e a mim que esta mulher o

quer por quem ele é. Ele sabe que eu nunca o deserdaria... não permanentemente. Ele é o único filho do meu filho mais velho. Eu preciso que você vá tirá-lo desta cilada, sem que ele saiba que nós estamos por trás disso.

– Nós?

Por que ele era sempre o escolhido para resgatar seu primo? Yvette era a mãe dele, por que não pedir a ajuda dela? Tal sabia... seu avô jamais pediria a ajuda de uma mulher. Mas deveres familiares o aborreciam.

– E como você propõe que eu lide com isso? – perguntou Tal, com irritação crescente.

– Eu não sei. Deixo isso por sua conta. Você tem ideias criativas. Aumentou os lucros da companhia de cruzeiros em mais de 20 por cento, ou assim seu pai me diz. Ele e sua mãe estão orgulhosos de você, meu rapaz.

– Eu preciso cuidar das coisas por aqui para manter o nível alto dos lucros. Não tenho tempo para ir tirar Yuusuf das garras de alguma interesseira. Mande outra pessoa desta vez – disse Tal, frustrado. Ele não era babá. Estava na hora de seu primo crescer.

– A quem mais ele escuta? – questionou Salilk. – Yuusuf o admirou durante a vida inteira. Você é o irmão

mais velho que ele não tem. Precisa lidar com isso. Eu não posso.

– Yuusuf não vai me ouvir! Se ele realmente acredita que está apaixonado, ninguém o fará mudar de ideia. Você sabe como ele pode ser teimoso. – Tal estava cansado de persegui-lo. Yuusuf era somente dois anos mais novo. Se dependesse de Tal, ele deixaria o homem se afogar ou nadar. Talvez ele aprendesse alguma coisa ao longo do caminho.

Todavia, Tal não permitiria que Yuusuf se casasse com alguma caçadora de fortunas. Ora, por que Yuusuf não mantinha a mente nos negócios, como

Talique aprendera a fazer?

– Encontre uma maneira. Eu preciso que você salve seu primo – seu avô falou com firmeza. – Não confio em mais ninguém para se certificar de que Yuusuf não está sendo explorado. Vá, eu não lhe peço muito. Você pode ajudar nossa família, desta forma.

Tal praguejou silenciosamente. Aquela era a arma final, e seu avô sabia disso. Seu pai sempre dizia o quanto devia ao pai da esposa, por ele tê-lo ajudado num período ruim dos negócios, muitos anos atrás. O galho deles da família ficaria em dívida com Salilk para sempre. Tal assumira essa

obrigação quando passara a ser adulto. Sua posição como chefe da linha de cruzeiros, que viajava pelo Mediterrâneo e Oceano Atlântico, não era uma tarefa fácil. A competição era grande, principalmente dos gregos e italianos. Mas família vinha em primeiro lugar. A honra da família deles estava em jogo. E a saúde frágil de seu avô.

Olhando, pela janela, para os jardins exuberantes que sua avó tanto amava, Tal tentou calcular quanto tempo se devotaria àquela situação. Se a viagem para Bremerhaven não fosse necessária, talvez ele pudesse tirar alguns dias para ir a São Francisco. Considerou e

descartou ideias. Qual seria a maneira mais rápida de salvar Yuusuf e fazê-lo entender, de uma vez por todas, que aquilo não poderia acontecer de novo. Tal aprendera, através de uma experiência amarga, o que um casamento sem amor podia fazer com um homem e decidiu que salvaria seu primo do mesmo destino... apenas mais uma vez, a última.

— Talvez haja uma maneira — Talique olhou para seu avô. — Se nós pudermos afastar a mulher de Yuusuf, fazê-la revelar quem verdadeiramente é, ele estará livre das maquinações dela. E se eu fizer isso certo, talvez ele aprenda

uma lição sobre mulheres mercenárias, também.

– Você pode fazer isso? E se ela não o abandonar? Talvez eu deva insistir que ele venha para casa. Yuusuf poderia ficar zangado e tomar alguma atitude precipitada. Eu lamento que o pai dele tenha morrido tão jovem. Yvette deveria ter se casado de novo.

– Talvez seja hora de ele ter alguém que o dispense. Se eu puder convencer – ele olhou para o jornal, novamente – Laura Toliver que eu sou um partido melhor, sem deixar Yuusuf saber que eu estou por perto, ela vai se unir a mim. Quando eu partir, será ruim para ela,

mas Yuusuf verá quem a mulher é.

– Arriscado. E se Yuusuf descobrir que você está lá? Ou se ela contar a ele sobre você?

– Eu me certificarei de evitar Yuusuf. Se ele descobrir que eu estou lá, isso ainda me dará uma chance de mostrar a Laura que eu sou uma escolha melhor. Quando ela trocar a lealdade, eu informarei todas as partes da verdade, e Yuusuf a conhecerá de verdade. Talvez, a lição aprendida fique com ele por um tempo. O último fiasco foi somente dois anos atrás. A família não pode passar por isso mais uma vez.

Salilk sorriu para Tal.

– Eu sabia que podia contar com você. Yuusuf precisa voltar para casa, casar-se com uma mulher que a mãe dele e eu aprovamos e acomodar-se. Eu adoraria bisnetos.

Tal pensou que aquilo era um pouco demais. Suas duas irmãs tinham dado cinco bisnetos ao seu avô.

– Esta é a última vez. Eu o liberei da garota de Boston. E passei por aquela cena embaraçosa com a mulher em Los Angeles. Não farei isso novamente – declarou Tal, sabendo que era um blefe. Faria qualquer coisa que seu avô pedisse. Faria qualquer coisa para proteger sua família.

– Eu entendo. É mais provável que Yuusuf ouça as sugestões da mãe para uma esposa adequada, se esta mulher dispensá-lo para capturar um peixe maior. Um plano brilhante. – Salilk sorriu para o neto. – Ligue para mim, assim que você realizá-lo.

CAPÍTULO 2

São Francisco

LAURA OBSERVAVA da extremidade do salão de festas lotado. Ela e Jason estavam trabalhando esta noite, no evento de McNab para arrecadação de fundos. Patrick McNab, candidato a senador do estado, estava socializando-se com a elite de São Francisco. Laura nunca vira tantas pessoas usando diamantes num mesmo lugar. Todas se exibiam, para insinuar onde os verdadeiros ricos poderiam ser

encontrados, para cortejar um futuro senador.

Mais uma razão para ser vigilante. Ela deu um gole de seu ginger ale, de modo que parecesse estar participando da festa com os outros, que eram servidos de champanhe como se fosse água. Sem álcool para ela e Jason. Eles precisavam ficar alerta.

Ela tirou uma foto de Kyle Davenport. Sabia sobre ele e sobre os rumores circulando sobre um declínio na sorte do empreendedor exibicionista. Não que Laura esperasse problema da parte dele, mas era bom atualizar arquivos das companhias de tempos em tempos.

Ela deixou seu olhar percorrer o salão. Seus olhos se conectaram com os de um estranho. Ele estava na parede oposta a ela. O banco de janelas atrás dele tinha uma vista maravilhosa para São Francisco à noite. Mas Laura não viu as luzes brilhantes. Por um momento, viu apenas o homem alto, de cabelo escuro e olhos intensos. O resto do salão e seus ocupantes pareceram sumir, deixando apenas os dois ali.

Quebrar o contato ocular foi um grande esforço. Ela respirou fundo e forçou-se a olhar para outra direção.

– Boa festa – uma voz profunda falou a sua direita, momentos depois. – Acha

que ele vai ganhar a eleição?

Laura sabia quem era, sem olhar. Reunindo forças para acalmar seus nervos, virou-se para encará-lo. Ele era diversos centímetros mais alto do que ela, fazendo-a se sentir em desvantagem.

– Se ele for o candidato mais qualificado.

– Eu pensei que políticos americanos fossem os mais carismáticos ou com mais dinheiro. Não sabia que outras qualificações faziam parte.

Ele tinha um sotaque britânico, mas a pele cor de oliva, os olhos escuros e o cabelo negro falava de outra origem. Ela ouvira traços de uma cadência mais

exótica no tom dele?

– Às vezes, a impressão é essa, mas, de modo geral, os americanos são inteligentes o bastante para votarem no homem mais qualificado. Nem sempre, todavia. – Laura não queria discutir política. Queria descobrir mais sobre o homem. Os olhos dele podiam ser tão escuros assim? O cabelo preto brilhava sob os candelabros, com uma leve onda para suavizar as feições austeras. Quem era ele? E por que estava lhe falando?

– E as chances deste homem? – perguntou ele, prendendo-lhe o olhar, como se achasse a conversa fascinante. Ou talvez ele a achasse fascinante?

Difícilmente.

– Acho que Patrick McNab tem tanta chance quanto qualquer um – respondeu Laura, não se importando com McNab. Estava lá numa missão. Todavia, deveria fingir ser uma apoiadora. Era difícil lembrar por que estava lá, quando os olhos do estranho prendiam os seus. Seu coração estava disparado. Laura sentia-se tímida, ofegante e ousada, ao mesmo tempo.

– Eu sou Tal – disse o homem, estendendo a mão.

– Eu sou Laura – replicou ela, pondo a mão na dele e sentindo o calor, o aperto firme.

– Eu não acho que você seja de São Francisco – murmurou ela, sorrindo. Adorava sotaque britânico. E estava curiosa sobre o homem. Um rápido olhar para as mãos dele não revelou aliança. Mas talvez, isso não significasse nada.

– Perceptiva. É o sotaque? Eu vim de Londres hoje, mais cedo.

– É bastante óbvio, mas charmoso. Não está cansado por causa da mudança de fuso horário?

– Um pouco. Mas posso me adaptar melhor ao horário da Califórnia se eu ficar acordado até tarde esta noite, então dormir a manhã inteira. Amanhã, estarei bem.

– Parece que você já fez isso antes.

– Sempre funciona.

– Vai ficar muito tempo? – perguntou

Laura. *O que você faz? Onde está hospedado? Tem tempo livre para passar comigo?*

– Por alguns dias. Imagino que você seja nativa daqui?

– Nascida e crescida na cidade. Eu ficaria feliz em lhe mostrar as redondezas, se você nunca esteve aqui antes – disse ela. Então, ficou horrorizada. Nunca se oferecia para agir como guia turística, especialmente para alguém que conhecera há menos de cinco minutos.

Entretanto, havia alguma coisa sobre Tal que a atraía como nada antes. Ele era algum tipo de trapaceiro com quem ela deveria ser cautelosa, ou apenas um estranho vindo da Inglaterra para visitar São Francisco? Quem ele conhecia que o levaria para um evento como este?

– Se você não está apoiando McNab, como entrou aqui? – perguntou ela, subitamente desconfiada. Era muito boa em seu trabalho para se distrair por muito tempo.

– Earl Rogers é um grande apoiador de McNab. Os planos dele já estavam feitos, quando eu cheguei sem aviso, então ele me incluiu esta noite. Eu

conheci o futuro senador. Não posso dizer que estou pronto para jogar dinheiro numa campanha eleitoral de um homem que mal conheço, mas talvez meu anfitrião me convença que vale a pena apoiá-lo.

– Um inglês apoiando uma eleição americana?

– Às vezes, uma boa causa merece ser apoiada, independentemente de onde está.

– Então, você está aqui a negócios? – perguntou Laura, querendo descobrir o máximo que pudesse sobre o homem. Ele não mencionara o sobrenome porque não vira necessidade ou porque tinha

uma razão para escondê-lo?

– A negócios e para lazer. – Ele olhou ao redor. – Você está aqui com alguém?

– Não. – O coração de Laura acelerou. Talvez ele aceitasse sua oferta de lhe mostrar a cidade.

Ele fitou-a, os olhos escuros e penetrantes. Por um momento, houve um brilho duro neles, então o comportamento amigável voltou. Ela imaginara aquilo? Um truque de luz?

– Estou surpreso – murmurou ele. – Uma mulher tão adorável como você deveria estar cercada por homens.

Laura não sabia se devia se sentir insultada ou lisonjeada. Ele falava o que

achava que as mulheres queriam ouvir? O que isso dizia sobre ele? Ela não era maravilhosa, mas tinha uma boa aparência. Não o tipo de mulher que teria homens aos seus pés, nem que soubesse o que fazer com eles, se tivesse.

Naquele momento, seu colega Jason aproximou-se, observando Tal.

– Jason. Este é Tal. – Ela sorriu. – Perdoe-me, eu não sei seu sobrenome.

– Smith.

Jason arqueou uma sobrancelha e olhou para Laura. Ela entendeu que ele queria uma explicação. Geralmente, quando um agente da Beatty Security

conversava por muito tempo com uma pessoa, era porque estava desconfiado de alguma coisa. Como ela podia explicar que estava mais interessada neste homem a nível pessoal do que desconfiada?

– Tal veio visitar da Inglaterra. Ele conheceu McNab pela primeira vez, esta noite.

– Jason Abernathy.

Os homens apertaram mãos.

– Você vai ficar muito tempo em São Francisco? – perguntou Jason.

– Não muito. Estou aqui a negócios. Assim que estes forem concluídos, voltarei para casa. – Divertimento

brilhou nos olhos de Tal.

– Nós devemos circular – Jason falou para Laura.

Tal a olhou.

– Eu pensei que você tivesse vindo sozinha.

– Ela veio comigo – disse Jason.

– Ele perguntou se eu estava com alguém, eu disse não. O fato de você ter me dado uma carona não é a mesma coisa. – Laura não queria que Tal pensasse que Jason era seu namorado ou algo assim. Todavia, não podia explicar por que estava lá.

Jason olhou para ela, depois para Tal.

– Ela veio comigo – repetiu ele.

– Apenas porque você ofereceu dirigir. Não é um encontro ou algo assim – declarou Laura, tentando rir, mas se sentindo embaraçada com a situação. – Até mais – falou para Tal e conduziu o caminho em direção às portas corrediças que levavam a um grande terraço.

Quando eles estavam lá, ela olhou com raiva para Jason.

– Você não precisava ser tão antipático.

– Nós estamos trabalhando. Se você quer flertar, faça isso em seu tempo livre. Como sabe que ele não é um vigarista? Parece estranho que um

estrangeiro venha a um evento de arrecadamento de fundos para um senador da Califórnia. Você não acha?

– Talvez. Eu não sei. Ele veio com um amigo... Earl Rogers. Quando você tiver a chance, saque algumas fotos. Veremos se podemos descobrir mais sobre ele no escritório, amanhã. Enquanto isso, eu tenho o nome do amigo dele. Talvez, eu possa descobrir quem ele é e lhe fazer algumas perguntas.

– Ótimo, e se eles forem um time darão cobertura um para o outro.

Laura suspirou.

– Nem todo mundo que não

conhecemos pessoalmente é desonesto.

– Talvez. – Jason olhou ao redor, como se não confiasse numa alma viva. – Falo com você daqui a pouco. Apenas tente manter a mente no trabalho.

TAL OBSERVOU os dois se afastando. Ele descobrira algumas informações, com contatos locais, sobre Laura Toliver. Ela era agente de segurança para Beatty Security. Esta noite, ela estava, sem dúvida, trabalhando, o que explicava a ausência de Yuusuf. Ele achara que talvez encontrasse seu primo lá, mas até agora, nenhum sinal dele. Mas então, políticos americanos não atraíam seu primo, a menos que a candidata fosse

alta, loira, com aproximadamente 25 anos.

Laura Toliver não era o que ele esperara. A foto do jornal não tinha capturado o brilho nos olhos dela, ou o jeito que o rosto inteiro ganhava vida quando ela falava.

Os modos não eram os mais finos. Um homem cego teria percebido como ela ficara irritada com Jason, quando ele interrompera a conversa deles.

Uma mulher como aquela, cercada por beleza e riqueza em seu ambiente de trabalho, devia cobiçar as mesmas joias que protegia. Não era de admirar que ela estivesse interessada em Yuusuf e

num estilo de vida que ele poderia lhe proporcionar e que, por enquanto, ela só via da periferia.

Tal detectara interesse da parte da mulher. Seria por causa de seu terno italiano? O Rolex de ouro? Obviamente, ela reconhecia os frutos do dinheiro.

Ele dera o primeiro passo. Seu plano se desenrolaria bem nos próximos dias. Com sorte, ele estaria em casa dentro de uma ou duas semanas.

Procurando Earl, encontrou-o perto dos canapés. Era típico de seu velho amigo estar atrás de comida. Earl ficara surpreso quando Tal o contatara. Eles não tinham contato há anos,

especialmente depois que Earl deixara a Inglaterra por um emprego na Califórnia. Tal conseguira um convite para o evento desta noite, com o único propósito de encontrar Laura. Quando Earl perguntara por que Tal queria ir, ele explicara que queria conhecer certa mulher. Earl era um romântico e viu aquilo como um começo de uma grande história de amor.

– Eu vou voltar para o hotel – disse Tal para ele. – O fuso horário está me atingindo.

– Eu achei que você estaria cansado demais para durar a noite inteira. – disse Earl. – Encontrou a garota que queria?

– Sim. Eu apreciei sua ajuda. Se

alguma coisa acontecer, eu lhe contarei.

– Apenas me convide para ser seu padrinho.

Earl estava viajando na manhã seguinte para duas semanas no Japão. O que era ótimo para Tal. Ele recebera a ajuda dele e não precisaria ficar fingindo na frente de seu velho amigo. Quando Earl voltasse, Tal esperava que a situação com Yuusuf já estivesse resolvida.

LAURA CIRCULOUO salão, conversando com diversas pessoas que conhecia, sendo apresentada para outras, sem entregar seu verdadeiro papel nas festividades da noite. Então, procurou

Tal. Gostaria de continuar a conversa deles, mesmo se Jason não aprovasse. Jason não era seu chefe.

Mas não viu o estranho excitante. A noite se tornou tediosa, depois disso. Ela mal podia esperar que a noite acabasse, de modo que pudesse chegar em casa para reviver cada momento que compartilhara com Tal.

Ela sorriu do humor que reconhecera nos olhos de Tal quando ele dissera aquele sobrenome a Jason. Laura sabia que era falso. Ele fizera aquilo provavelmente para irritar Jason. Ela esperava que esta fosse a razão e não que ele tivesse motivo para esconder o

verdadeiro nome.

No momento que estava na cama, apesar de cansada, Laura não conseguia dormir. Tinha de confiar nos seus instintos, e eles não indicavam que o homem era um ladrão. Ele a olhara diretamente, e Laura experimentara uma sensação interna, como se uma pergunta tivesse sido feita e respondida.

Por que estava tão interessada nele? Se não fosse cuidadosa, cairia na teoria de amor à primeira vista, de Jenna.

De qualquer forma, queria saber mais sobre ele e não tinha ideia de como o localizar. Talvez, ligasse para Earl Rogers pela manhã e pedisse para falar

com o hóspede dele. Adormeceu imaginando como poderia encontrar um jeito de vê-lo novamente.

Laura não gostava de eventos noturnos nas quartas-feiras porque, mesmo se fosse dormir tarde, teria de chegar ao escritório no horário. Havia relatórios para preencher e pessoas para investigar, independentemente de quantas horas de sono ela quisesse ter. E dormira muito pouco, por causa de seus pensamentos sobre Tal.

Acabou de escrever suas percepções sobre a noite, antes de pesquisar sobre Earl Rogers e Tal Smith. Earl era da Inglaterra, trabalhava numa firma

financeira na cidade e vivia modestamente num apartamento em Pacific Heights. Sobre Tal Smith, ela não encontrou nada.

Sentindo-se um pouco tola, ligou para o número de Earl. Uma secretária eletrônica atendeu.

— Eu fui para o Japão por duas semanas. Se precisar de mim, ligue para meu escritório. Eles poderão me localizar.

Ela desligou. Aquele recado para qualquer um que ligasse não era um convite para ladrões? Todavia, se ele morasse num prédio com alta segurança, isso provavelmente não importava.

Mas acabava com a esperança de Laura de encontrar Tal.

Desistindo, ela focou-se nos negócios. Se o que tivesse sentido por Tal fosse amor à primeira vista, que falta de sorte a sua! Provavelmente, nunca mais veria o homem... exceto em seus sonhos.

Por volta da hora do almoço, Laura estava pronta para um intervalo. Seu chefe chamara Jason e ela para discutir o evento McNab e futuros eventos de levantamento de fundos. Aparentemente, McNab gostara da vigilância discreta e queria que a agência trabalhasse nos eventos da campanha.

– Vocês fizeram um bom trabalho – elogiou Ben. – Sempre que possível, eu gostaria de enviá-los, juntos. Se conflitos surgirem, pensei em Aaron e Maggie.

– Boas escolhas – disse Laura.

Jason assentiu.

Quando eles saíram da sala do chefe, ela perguntou se ele descobrira alguma coisa sobre Tal Smith.

– Nada, o que pode ou não ser suspeito.

– Certo. Ele pode nunca ter se envolvido em encrencas, ou ter uma cobertura boa demais para que seja traçado.

Jason assentiu.

– Ele foi embora logo depois que nós o vimos, e, uma vez que ninguém reportou problemas, ele é provavelmente quem disse que era. Então, se você estiver interessada... vá em frente.

– Nós não chegamos tão longe – replicou ela, não admitindo que tentara encontrá-lo.

Todavia, eles se encontraram antes do que Laura teria esperado. Ela deixou o prédio na hora do almoço, querendo uma refeição tranquila, talvez comprando um sanduíche e indo comer no parque. Pegou a Rua Montgomery em direção à

Baía. O sol estava alto no céu, o ar fresco e limpo.

– Laura?

Ela levantou a cabeça e encontrou os olhos de Tal.

– Tal?

Não podia acreditar que ele estava na sua frente. Sorriu em deleite secreto.

– Eu acabei de sair de uma reunião e estava procurando um lugar para almoçar. Alguma recomendação? – perguntou ele, dando um passo ao lado para permitir que um casal passasse. A calçada estava movimentada, com pessoas em hora de almoço.

– Eu estou indo almoçar. Trabalho

naquele prédio. – Ela apontou para o arranha-céu que hospedava a Beatty Security. De súbito, consciente da calça e da blusa simples que usava, desejou que tivesse se arrumado mais para o trabalho, hoje. Mas nunca imaginara que encontraria Tal novamente... pelo menos não tão depressa.

– Almoce comigo. Você está com o horário muito apertado?

– Não – respondeu ela. – Eu adoraria almoçar com você.

– Onde você sugere? Algum lugar bonito e tranquilo. – Tal pegou-lhe a mão e enganchou-a em seu braço, segurando-a com sua palma quente. E de

alguma maneira, Laura sentiu que o toque dele era perfeito.

O primeiro restaurante que Laura recomendou estava muito cheio. Tal sugeriu que eles experimentassem outro.

Hesitante por causa do preço, ela mencionou um atrás da Rua Montgomery. Estava preocupada com o custo; não queria dar a impressão de que estava se aproveitando de alguém. Mas o restaurante em questão era elegante, tranquilo e muito caro... e consequentemente mais vazio.

Ele concordou sem hesitação.

Sentada a uma mesa coberta com toalha de linho, pouco tempo depois,

Laura esperou que a escolha não tivesse sido um erro. Os preços para um almoço leve eram altos, mas Tal parecia à vontade no ambiente.

– Já se acostumou ao horário de São Francisco agora? – perguntou ela, depois que eles fizeram o pedido.

– Sim. Uma boa noite de sono era tudo que eu precisava. Estarei no horário de São Francisco de agora até a hora que eu for embora.

– E quando será isso? – Ele não respondera, na noite anterior.

– Assim que meus negócios aqui forem finalizados. Sua oferta de me mostrar São Francisco ainda está de pé?

O coração de Laura disparou. Ele queria vê-la novamente. Ela sorriu, querendo saltar de alegria.

– É claro. Eu preciso trabalhar amanhã, mas estou livre durante todo o fim de semana. Você está?

– Sim. O que você recomenda que eu veja, primeiro?

– Já estive aqui antes?

– Diversas vezes, mas sempre a negócios. Desta vez, aproveitarei a oportunidade para conhecer melhor sua cidade adorável. E pelo menos um de seus habitantes.

O sorriso de Tal aqueceu-lhe o coração. Olhos escuros prenderam os

seus. Ela queria estender o braço e tocá-lo. Estava se apaixonando por um homem e nem mesmo sabia o nome verdadeiro dele! Mas, oh, como gostava de estar em sua companhia. E o mistério adicionava certo sabor aos encontros deles.

– Na verdade, a cidade é dividida em diferentes partes, como o distrito financeiro, no qual estamos agora. Há o cais, Chinatown, Market Street, Union Square, Nob Hill, Golden Gate Park e o Presídio. Então, temos diferentes bairros residenciais, cada um com um toque único. – Ela estava tagarelando e parou abruptamente.

– Eu me coloco em suas mãos – disse ele.

Laura desejou que aquela fosse uma declaração literal. Adoraria deslizar os dedos por aquele cabelo grosso, sentir os músculos dos ombros largos. Tocar aqueles lábios esculpidos, sentir a textura da pele dele contra a sua.

Sentindo calor com seus pensamentos, ela pegou seu copo de água, tentando pensar num plano e pôr um fim naquelas fantasias loucas que surgiam em sua cabeça.

– Eu farei uma lista de coisas para ver e você me diz o que lhe agrada – ofereceu ela.

– Qualquer coisa que você sugerir estará bom. Dinheiro não é objeção.

Ela o olhou. Ele era rico? Ou a companhia na qual trabalhava pagaria as despesas da viagem?

– Você tem um problema com isso? – perguntou ele, como se percebesse sua hesitação.

– Só curiosidade, suponho. Esta é uma viagem patrocinada pela companhia?

– Em absoluto. Meus negócios aqui são pessoais. Tenho dinheiro suficiente para gastar como eu quiser – respondeu Tal. – Não considere isso um obstáculo quando planejar nosso itinerário.

Laura não achava que planejaria qualquer programa muito caro. Havia muita coisa para ver na cidade, sem custo. Ela adorava subir os morros, explorar os jardins tranquilos, escondidos perto de ruas movimentadas, ou passear no Golden Gate Park, um enorme espaço verde natural que ia até o Pacífico. Sentar-se à beira do mar. Talvez seria mais inclinado a jantares elaborados e passeios mais elegantes? Ou a boates e danceterias? Se assim fosse, ela não se sentiria tão à vontade.

Esperava que eles encontrassem alguma compatibilidade. A atração que sentia por ele era muito forte. Queria

conhecê-lo, queria que Tal a conhecesse. Por um segundo, percebeu que estava sentindo o mesmo que Jenna sentia por Yuusuf. Talvez, existisse amor à primeira vista. Ela certamente nunca experimentara nada como isso, antes.

– Na verdade, nós não precisamos gastar muito para ver São Francisco. Algumas das melhores atrações da cidade são de graça – disse Laura.

– Você é a diretora do tour. Mas se algum programa que custe dinheiro agradar, não hesite.

A refeição chegou, e Laura perguntou sobre a casa dele.

– É bem grande para um homem solteiro. Perto do mar, e posso ir nadar sempre que quero... se o tempo cooperar.

– Imagino que o clima seja geralmente frio na Inglaterra. A água não é gelada? Eu sempre visualizo a Inglaterra sob chuva e névoa – comentou Laura.

Tal inclinou a cabeça.

– Pode fazer frio na Inglaterra, mas há muitos dias ensolarados e a chuva mantém o verde do país. Estou achando São Francisco um pouco frio para esta época do ano.

– É a névoa do mar. Nós a chamamos de ar-condicionado natural. O escritor

americano Mark Twain uma vez disse que o inverno mais frio que ele já passou foi um verão em São Francisco. Mas quando o sol sai, o clima fica adorável.

– Que parte da cidade você mais gosta? – Tal observava Laura falando da cidade, intrigado com o fato de ela obviamente adorar sua terra natal. Os olhos dela brilhavam com entusiasmo honesto, e ele estava mais atraído pela mulher do que pelos lugares que ela descrevia.

O cabelo curto emoldurava-lhe o rosto, realçando os olhos expressivos. A pele de Laura era quase translúcida,

com um toque rosado nas faces. Ela falava sobre um parque e a praia. Ele prestava atenção, querendo saber mais sobre ela, a fim de aprimorar seu plano.

Tal ficara na frente do prédio que hospedava a Beatty Security por quase uma hora, não querendo perder o momento que ela saísse para almoçar. Pretendera dar a impressão de que o encontro tinha sido acidental e fora recompensado por sua paciência quando ela saíra sozinha do prédio.

Ela o surpreendera quando não sugerira, imediatamente, um passeio que custasse caro. Yasmine já teria encontrado um jeito de descobrir sua

fortuna. Ele reprimiu o pensamento. Yasmine estava morta há quatro anos. Não tinha mais qualquer influência sobre ele.

Talvez Laura estivesse ganhando tempo. Tal precisava ser cuidadoso. É claro, ela ainda não sabia quanto dinheiro ele tinha e não arriscaria sua conexão com Yuusuf. Ele precisava mostrar-lhe que seria mais vantajoso para ela do que seu primo.

Almoço num restaurante caro era o primeiro passo. Logo, ela veria como ele gastava dinheiro de forma abundante e trocava sua fidelidade de Yuusuf para Tal. Seu primo não ostentava muito a

riqueza que possuía. Mas é claro, a família deles era famosa... e algumas mulheres podiam perceber a oportunidade.

Laura surpreendeu-o novamente, quanto eles saíram do restaurante, e ela voltou para o trabalho. Ele lhe oferecera uma tarde de divertimento, mas ela insistira que precisava trabalhar. Tal a levava até o prédio e lhe pedira o número do telefone, o qual ela dera, sem hesitar. Alguém deveria aconselhá-la a não ser tão aberta com estranhos.

Ela perguntou onde ele estava hospedado, e Tal falou, esperando que ela nunca ligasse e chamasse por sr.

Smith. Ele estava registrado no hotel sob seu nome verdadeiro. Mas lhe dera o número do quarto, de modo que ela pudesse pedir para a recepção passar a ligação, se quisesse.

Em seu retorno para o hotel, ele pediu que o recepcionista enviasse um buquê de rosas para Laura, no trabalho. Tinha pouco tempo para tirá-la de seu primo e precisava criar condições para que isso acontecesse.

LAURA FICOU surpresa e encantada com o lindo buquê de rosas brancas e cor-de-rosa que chegou antes do fim de seu expediente. O cartão dizia simplesmente, *Obrigado pelo almoço.*

– Uau, um homem novo na sua vida? – perguntou sua amiga Betty, olhando as flores. – São lindas. Garota de sorte.

– Eu sou, realmente. Elas são de um amigo novo – replicou ela. As flores eram as mais bonitas que já ganhara. E Laura nunca recebera flores no trabalho, antes. Gostou da atenção que recebeu das outras garotas.

Quando teve uma folga, ligou para Tal no hotel e pediu que a ligação fosse transferida diretamente para o quarto dele.

– Obrigada pelas flores – murmurou quando ele atendeu.

– Obrigado por ter almoçado comigo.

Eu gostei muito. – Sempre que possível, era mais fácil falar a verdade, pensou Tal. Não estava acostumado a uma vida de subterfúgios. – Eu não quero esperar até sábado para vê-la, novamente. Que tal jantar esta noite?

– Oh. Seria ótimo. Eu vou para casa tomar um banho, e podemos nos encontrar em algum lugar.

– Pedirei uma recomendação de lugar na recepção do hotel. Eu apanho você em seu apartamento – disse ele.

– Eu prefiro encontrá-lo no restaurante. Ligue quando decidir o lugar. – Apesar de seu interesse no homem, algumas precauções básicas

eram necessárias. Não ia revelar onde morava até conhecê-lo melhor.

– Vou checar na recepção e ligo de volta.

Ela deu-lhe o número do telefone de seu trabalho e desligou. Mal podia esperar!

CAPÍTULO 3

Às 19H, Tal chegou ao restaurante que a recepcionista do hotel tinha recomendado. Era muito elegante e caro. Exatamente o que ele pedia. Ele lhe dissera que queria causar uma impressão, e ela fizera o possível para indicar o lugar certo. Tal precisava mostrar a Laura que tinha dinheiro e estava mais do que disposto a gastá-lo com ela.

Enquanto esperava, perguntou-se o que ela diria a Yuusuf sobre esta noite.

Ela aceitara seu convite rápido demais. Era improvável que eles tivessem feito planos. Ela não jogaria fora uma coisa certa por uma mera possibilidade. Havia uma maneira de fazer Yuusuf saber que ela estava saindo com outro homem?

A névoa veio do Pacífico, esfriando o ar noturno. As luzes começavam a se acender em diversos edifícios de escritório. Ele consultou seu relógio. Não teve de esperar muito antes que Laura chegasse num táxi. Ela usava um vestido azul-marinho conservador. O cabelo era curto para qualquer penteado, mas parecia desalinhado, como se algum homem tivesse passado os dedos por

ele. Por um segundo, o pensamento lhe causou uma ponta de ciúme. Quão íntimos Yuusuf e Laura eram? Tal descobriu que não queria pensar sobre esse aspecto do relacionamento deles.

Não estava saindo com a mulher, de verdade, apenas a atraindo para longe de seu primo. Não se importava com quantos homens Laura dormisse, contanto que Yuusuf não fosse um deles. Tal não podia permitir que seu primo caísse numa armadilha.

– Espero que eu não tenha feito você esperar – disse ela.

– Não. Eu acabei de chegar. Vamos?
– Ele escoltou-a para dentro.

O lugar era fechado, com paredes de madeira polida e confortáveis cadeiras de couro. A prataria e os cristais delicados brilhavam sob a iluminação fraca. Música clássica tocava nos fundos.

– Muito bonito – comentou ela, quando estava sentada.

– O restaurante me foi altamente recomendado – disse ele, quando o maître entregou-lhes os menus.

– Você não comeu aqui antes? – perguntou ela, olhando para o menu. Era italiano, embora ela reconhecesse os preços, que estavam em dólares. Esperava que ele não se importasse de

gastar uma pequena fortuna no jantar. No sábado, ela se certificaria de escolher passeios baratos pela cidade.

– Não. A recepcionista do hotel recomendou a vitela – murmurou ele, suavemente.

Quando Laura olhou para cima, Tal estava observando-a, não lendo o menu.

– Eu gosto de vitela – disse ela, incapaz de desviar os olhos. Sentia-se palpitante e feminina. E gostava da sensação.

– Onde você cresceu em São Francisco? Eu quero imaginar a casa.

– Eu vivia com meus avós. Meus pais morreram quando eu era criança. Meus

avós moravam em Portrero Hill. Nós tínhamos um apartamento grande, com uma varanda de madeira que dava vista para a vizinhança. Não era uma vista magnífica, mas eu adorava o bairro. Meu próprio apartamento não é longe de onde eu cresci. O que mais me recordo é como nosso lugar sempre cheirava a canela e baunilha. Minha avó era uma cozinheira maravilhosa e adorava fazer bolos e doces.

— Era?

Laura assentiu, a dor de perder sua avó amada ainda forte.

— Meu avô teve um derrame aproximadamente cinco anos atrás. Logo

depois que ele morreu, vovó também se foi. Eu sempre achei que ela faleceu de um coração partido. Eles eram o casal perfeito. Ficaram casados um longo tempo antes de minha mãe nascer. Acho que nem esperavam mais ter um bebê, de modo que não eram tão jovens como outros avós, enquanto eu crescia. Mas para mim, eles eram perfeitos. Eu sinto muita saudade.

Quando o garçom chegou com o pedido, Tal pediu champanhe.

– Estamos comemorando alguma coisa? – perguntou Laura.

– Sim, o começo de algo especial – replicou Tal. – Você gosta de

champanhe?

– Adoro. – Ela pausou. – Tal, obrigada novamente pelas lindas rosas. Fiquei tão surpresa em recebê-las. Eu queria levá-las para casa, mas não podia carregá-las no ônibus, de modo que ainda estão no escritório.

– Fico contente que você tenha gostado.

– Um pouco extravagantes, mas eu amei.

Ele deu de ombros.

– Eu tenho condições. Você me deu seu tempo, e as flores foram um pequeno gesto para mostrar minha apreciação.

– Como você sabia para onde as

mandar?

– Eu a vi falar com uma mulher que saía do elevador quando você entrava e perguntei a ela para que companhia você trabalhava – respondeu ele, não contando que já soubera onde ela trabalhava, antes de aterrissar em São Francisco. Tal até mesmo sabia qual era o emprego e com que frequência ela se socializava com a elite de São Francisco. Laura se irritava ao ver a maneira extravagante que outros viviam, enquanto ela era sozinha no mundo, morando num pequeno apartamento perto de Portrero Hill?

– Um bom detetive. Estou

impressionada.

– Então fico contente. Tive esperança que as flores lhe dessem prazer – disse ele. E de que a levasse para mais perto da realização de seus planos.

LAURA FICOU em silêncio, pensando sobre o que mais conversar. Geralmente, se sentia à vontade na maioria das situações, mas perto de Tal, sentia-se quase tímida.

As saladas chegaram e o momento desconcertante passou.

Tal provou ser um homem fácil de conversar, conforme a refeição progrediu. De maneira sutil, fez perguntas sobre sua vida, o que,

secretamente, encantou Laura. Ele parecia tão interessado nela quanto ela estava nele. Quando Laura o questionou sobre sua vida, Tal falou pouco, então voltou a conversa para ela. Entretanto, ela prezou cada informação revelada. Ele estudara em Eton, jogara com o time local de futebol e adorava navegar.

O jantar durou mais tempo do que Laura esperara. Estava ficando tarde quando ela terminou o licor que ele pedira após a sobremesa.

– Eu preciso ir embora e dormir – disse Laura, detestando acabar a noite, mas já eram quase 23h. – Tenho um longo dia, amanhã. Mas podemos nos

encontrar no sábado de manhã. Se o tempo estiver bom, você gostaria de explorar Golden Gate Park?

– Eu tenho uma ideia melhor. Que tal um passeio de balão em Napa Valley? Ouvi dizer que são espetaculares e nunca fiz. Você já?

Laura sabia sobre os grandes balões de ar quente que subiam no ar, então eram levados silenciosamente pelas correntes, sobrevoando as vinícolas de Napa Valley. Se o dia estivesse claro, as montanhas de Serra Nevada podiam ser vistas.

– Nunca fiz isso – respondeu ela, sabendo que seu sorriso continha

deleite. – Eu adoraria. – *Especialmente com você.*

– Eu farei os arranjos. Posso apanhá-la às 6h?

– Da manhã? – Ela esperara dormir um pouco mais no sábado, mas ficaria uma noite inteira acordada, para passar um dia com Tal.

– Os balões decolam logo após o amanhecer. Antes que o dia fique muito quente. Leve um casaco. De acordo com o panfleto que vi, pode fazer frio lá em cima.

Depois de pagar a conta, Tal escoltou-a para fora. Falando com o manobrista, ele a conduziu para a

calçada, a fim de esperar. Ela tremeu, sentindo frio, depois do calor do restaurante.

– Com frio? – Sem esperar resposta, ele removeu o paletó e colocou-o ao redor dos ombros dela. O calor do corpo de Tal envolveu-a. O cheiro dele preencheu suas narinas.

– Eu estava, porém não mais. Obrigada. – Ela aconchegou-se no calor. – Você não está com frio?

– Não. Não se esqueça de levar um casaco no sábado.

Uma limusine branca parou na frente deles. O motorista desceu rapidamente e abriu a porta de trás.

– Este carro é seu? – perguntou Laura, surpresa. Ela pensara que ele tivesse pedido para o manobrista chamar um táxi. Ou ir buscar um carro alugado. Não esperara tanto luxo.

– Enquanto eu estou em São Francisco – replicou Tal.

Laura entrou no carro luxuoso e acomodou-se no banco de couro. Era como sentar na cadeira mais confortável que já experimentara. Ela nunca andara numa limusine antes, e a excitação a percorreu.

Tal acomodou-se ao seu lado.

– Você precisa dar seu endereço para o motorista – disse ele.

Depois da noite agradável e das informações que eles tinham trocado sobre suas vidas, Laura não temia mais contar a Tal onde morava. Explicou ao chofer como chegar ao prédio de seu apartamento, imaginando o que Tal pensaria da área. Era um bairro simples. Nenhum de seus vizinhos possuía limusine. O que eles pensariam quando vissem uma?

Quando eles chegaram ao prédio, Tal desceu e acompanhou-a até a porta de vidro que levava ao saguão. Ela devolveu-lhe o paletó.

– Obrigada.

– Quer que eu a acompanhe até lá em

cima? – ofereceu ele.

– Não é necessário. Obrigada pela noite adorável. Eu realmente me diverti.

– O prazer foi meu. – Ele pegou-lhe a mão e roçou os lábios no dorso. Então, virou-a e beijou-lhe o pulso.

O coração de Laura parou por um segundo. A cabeça dele estava tão perto que ela precisou se refrear para não acariciar aquele cabelo negro.

– Até sábado – disse Tal.

Por um momento, Laura pensou que ele fosse beijá-la, mas ele sorriu e deu um passo atrás.

Ela virou-se, abriu a porta do saguão com sua chave e entrou. Quando se

virou, perto do elevador, viu que ele continuava parado lá, observando-a. Dentro do elevador, ela fechou os olhos e pôde visualizá-lo claramente. Imaginou Tal inclinando-se para mais perto e beijando-a.

No momento que chegou à porta de seu apartamento, seu telefone estava tocando. Laura entrou rapidamente, fechou a porta e atendeu.

– Alô?

– Onde você estava? – perguntou Jenna. – Eu liguei umas dez vezes.

Laura olhou para a secretária eletrônica. Havia cinco novas mensagens. Eram todas de sua amiga?

– Não exagere – disse ela, tirando os sapatos e sentando-se no sofá.

– Certo, liguei uma vez. Como você não retornou, tentei novamente.

– Fui jantar fora. Acabei de chegar. Jenna, eu acho que aconteceu.

– O quê?

– Acho que encontrei o homem da minha vida. Viu? Estou aberta o bastante para reconhecê-lo quando ele chega.

Jenna gritou.

– Quem é ele? Onde vocês se conheceram? Como ele é? Quando eu posso conhecê-lo? Como você sabe?

Laura sorriu da felicidade de sua amiga.

– Há algo tão especial sobre estar com ele. É um homem alto, moreno e muito lindo. Tem modos finos e pode conversar sobre quase qualquer coisa. É da Inglaterra e tem o sotaque mais fabuloso. Eu poderia ouvi-lo falar para sempre.

– Inglaterra. Ele está visitando, ou mora aqui?

– Ele está aqui a negócios. Espero que queira passar cada momento livre comigo. Nós almoçamos juntos, depois jantamos.

– Oh, Laura, se ele está aqui por um curto período, só está passando tempo. Não se apaixone por alguém com quem

não pode construir um relacionamento – aconselhou Jenna.

– Quem disse que não podemos? Talvez, eu acabe indo para Londres.

– Eu lhe diria o mesmo que você sempre me diz: tome cuidado.

– Você me conhece. Eu sou uma garota cautelosa e calma. Mas quando estou com ele, sinto-me fascinada. E feminina. Quando aqueles olhos escuros encontram os meus, eu quase derreto.

– Ele já a beijou?

– Mais ou menos.

– Como assim?

– Ele beijou minha mão. – E o pulso, mas por alguma razão Laura sentiu que

aquilo era muito íntimo para compartilhar. Esfregou seu pulso contra o rosto, sentindo os lábios quentes de Tal, novamente. Esperando capturar cada momento da noite com ele, contou à Jenna desde o começo.

– Ele me enviou rosas esta tarde.

– Certo, parece o tipo de homem que eu gosto. O que mais?

– Nós vamos sair no sábado... num passeio de balão em Napa.

– Uau, gosto cada vez mais deste cara. Não é o tipo comum com quem você costuma sair. Parece que ele gosta de você, também.

– Eu acho que sim. Oh, Jenna, e se eu

estiver realmente me apaixonando? Pensei que fosse ficar solteira para sempre. Eu quero encontrar alguém há tanto tempo. Ser amada por mim mesma. Finalmente, pertencer a alguém.

– Eu quero isso para você, também. Eu lhe contei que vou levar Yuusuf para conhecer meus pais, este fim de semana?

– Não. Está falando sério? Tem certeza?

– Absoluta. Eu acho que ele me ama. Ele diz que me ama. Como posso saber, se eu não correr o risco, confiar em outra pessoa e ver o que acontece?

– Parece um plano vencedor para mim. – Era isso que Laura estava

fazendo, não era? Confiando no futuro, abraçando os sentimentos especiais que nutria por Tal.

– Para mim, também. De qualquer forma, eu liguei para meus pais hoje, e eles nos convidaram para passar o fim de semana. Veremos você amanhã à noite na exposição de artes de Jules Renault?

– Sim, eu vou trabalhar com outro agente. Ouvimos dizer que haverá mais de 50 pessoas lá. Você acha que é verdade?

– Não. Suspeito que este é o número de convites que foi enviado, mas aposto que apenas metade aparece. Yuusuf e eu

chegaremos cedo. Eu tenho outra festa para ir, então iremos embora cedo, também.

– Eu estarei de preto, circulando com ginger ale. Oh, eu lhe contei que tomamos champanhe no jantar? Para celebrar o que pode se tornar alguma coisa muito especial.

– Você terá de me contar mais detalhes amanhã. Leve-o à exposição. Não vejo a hora de conhecê-lo. E de apresentá-lo para Yuusuf. É bom saber a opinião de um homem.

– Oh, sim, como se este cara pudesse estar interessado no meu salário! De qualquer forma, eu não posso levá-lo

enquanto estou trabalhando. Podemos nos encontrar outra hora. Você vai ficar fora o fim de semana inteiro? – Os pais de Jenna moravam em Monterey, aproximadamente três horas de carro de São Francisco.

– Nós voltaremos no domingo à noite. Eu lhe telefono quando chegar.

– Espero que tudo dê certo.

– Estou um pouco preocupada com a reação de papai, que ainda pensa em mim como sua garotinha. Mas é com você que eu estou realmente preocupada. É inexperiente no que diz respeito a homens. Cuidado, não se empolgue demais – aconselhou Jenna.

Laura desligou, muito feliz para deixar que o aviso de Jenna estragasse seu humor. Tivera uma noite fabulosa, voltara para casa numa limusine e veria Tal novamente no sábado. Mal podia esperar!

TAL RECOSTOU-SE na limusine e observou as luzes da cidade, enquanto o motorista retornava ao hotel. A noite tinha sido exatamente como o planejado. Era bom saber que ele podia prever o futuro tão bem. Ela estava se tornando cativada por sua atenção. Ele precisava se certificar que Laura continuasse ciente de sua riqueza, sem se gabar. Ela era esperta, mas ele possuía a vantagem.

Laura não sabia que ele estava lá para destruir o plano dela de capturar seu primo. Quão desleal ela provaria ser. Ou aquela seria uma trama para causar ciúme em Yuusuf? Entretanto, jantar com ele esta noite, o dia inteiro no sábado... se Yuusuf descobrisse, ficaria desiludido ou racionalizaria a situação? Ele tinha muito mais probabilidade de se comprometer do que Tal.

Chegando ao hotel, Tal dispensou o motorista até sábado de manhã. Não precisaria dos serviços dele na sexta. Apesar de ter coisas para fazer, podia fazê-las sem a limusine. Esta era apenas para impressionar Laura.

No sábado, pretendia impressioná-la muito. A questão era como convencê-la a largar seu primo, sem fazer promessas que ela pudesse usar para criar uma cena. Se Laura *imaginasse* que existia um interesse, *imaginasse* que haveria um futuro entre eles, isso não era culpa de Tal.

Mas ele não fazia promessas para mulher nenhuma. Não desde que pedira Yasmine em casamento. Ele cumprira seus votos de casamento, mas, no final, aquilo quase o destruíra. Gostava da sua vida como era.

Todavia, por um momento, sentiu uma onda de antecipação por sábado. Ele

nunca passeara um balão de ar quente. Seria uma experiência nova para ambos. Como Laura reagiria ao dia? No sábado à noite, ele a levaria para jantar e dançar. No domingo, para navegar na Baía. O que mais a fascinaria? Um jantar elegante a dois? Presentes sofisticados em cada ocasião?

Joias, é claro. Todas as mulheres cobiçavam joias. Ele deveria comprar-lhe alguma coisa. Não extravagante, mas o bastante para deixá-la querendo mais.

Tal reprimiu Laura da mente quando entrou em seu quarto. Estava muito tarde para contatar seu escritório em Tamarin, mas checaria e-mails e relatórios que

pedira para sua assistente enviar. Poderia realizar muito trabalho, antes de dormir.

NA SEXTA-FEIRA à noite, Laura colocou um de seus vestidos pretos de festa. Este tinha uma saia rodada, com um bolso secreto para carregar câmeras em miniatura ou gravadores, conforme o trabalho exigisse. Ela parecia feliz ao se estudar no espelho. O brilho em seus olhos era de pensar em Tal o dia inteiro. E por saber que, em poucas horas, o encontraria novamente.

Nenhuma dificuldade estava antecipada para a exposição, mas ela e Jason teriam de estar preparados para

qualquer coisa, o que significava que Laura precisava parar de pensar sobre o novo homem em sua vida e concentrar-se no trabalho.

A noite provou ser rotina. Laura misturou-se com pessoas que reconheceu, ouviu os comentários sobre a obra do artista exposto. Não gostava de arte moderna, cujos quadrados e rabiscos não significavam nada para ela. Cenários do mar eram seus favoritos, ou pinturas de jardins ingleses. Monet era seu pintor favorito. Todavia, não estava no evento para comentar ou reclamar, apenas para vigiar e relatar se percebesse alguma coisa suspeita.

– Aí está você – exclamou Jenna, chegando e dando-lhe um abraço. Yuusuf estava ao lado dela, sorrindo.

– Olá – cumprimentou ele, oferecendo a mão.

Laura apertou-lhe a mão brevemente, então sorriu para sua amiga.

– Vocês acabaram de chegar? Pensei que viessem mais cedo.

– Nós decidimos ir jantar, antes. E não ficaremos muito. Quero ir à festa dos Culbertsons. Como está a exposição?

– Estas pinturas não me agradam. O que você acha? – Ela perguntou para Yuusuf.

Yuusuf olhou ao redor e deu de ombros.

– Eu deixo a aquisição de obras de arte para aqueles que as conhecem. Estou aqui somente porque Jenna quis vir.

– Sr. Fontenrose é um velho amigo dos meus pais – explicou ela, nomeando o nome do dono da galeria. – Vim para representá-los. Eu vou dar uma olhada rápida nas pinturas, me certificar de que ele saiba que eu vim e depois podemos ir embora.

– Eu vou esperar aqui com Laura – disse Yuusuf.

Laura sorriu para sua amiga.

– Eu cuido dele para você.

Yuusuf riu.

– Eu sei me cuidar, mas fique à vontade. Vá, Jen, eu estarei aqui quando você quiser partir.

Jenna acenou e saiu, parando diante de alguns quadros e estudando-os, antes de seguir em frente.

– Eu soube que vocês vão para a casa dos pais de Jenna – comentou Laura.

– Estou honrado por ter sido convidado para conhecê-los. Talvez, eu deva levá-la para conhecer meus pais, também.

Laura estava atônita.

– Está falando sério?

– Você sabe o quanto eu gosto de Jenna?

– Ela pode se ferir, sabia? Somente porque parece corajosa, não significa que, no fundo, ela não seja frágil.

– Jen não é tão frágil quanto você pensa, mas – ele inclinou-se para mais perto, como se para lhe contar um segredo – se ela fosse não teria nada para temer comigo. Eu pretendo me casar com ela.

Naquele exato momento, um fotógrafo do jornal sacou uma foto deles. Ele estivera tirando fotos a noite inteira, e Laura mal notou o flash. Estava surpresa demais pela revelação de Yuusuf.

Ele sorriu e outra fotografia foi tirada.

– Mas não conte para ela. Eu quero pedi-la em casamento quando achar que é a hora certa.

– Meus lábios estão selados. – Laura estava feliz por sua amiga. Jenna parecia tão apaixonada por Yuusuf. E Laura sabia como era a sensação. Estava se apaixonando pelo homem mais excitante que já conhecera.

Durante toda sua vida, Laura tinha esperado alguém como Tal. Finalmente, encontrara o homem de sua vida. Como uma mulher podia ser tão sortuda?

CAPÍTULO 4

TAL AMASSOU a folha do jornal em suas mãos e jogou-a do outro lado do cômodo, no sábado de manhã. A limusine iria apanhá-lo em dez minutos. Mais uma vez, Yuusuf e Laura estavam na primeira página da seção Estilo de Vida do jornal. Se seu avô visse aquilo, questionaria quão efetivo era o plano de Tal.

Ele devia ter insistido em encontrar Laura na noite anterior, mas ela teria se recusado? Provavelmente. Todavia,

concordara em passar o dia de hoje com ele. O que dissera a Yuusuf? Tal imaginou se seus planos para jantar esta noite e sair de barco no dia seguinte não aconteceriam, por causa de um compromisso marcado anteriormente com Yuusuf.

Como poderia fazer para que Laura o escolhesse e repudiasse Yuusuf? Olhou para a caixinha sobre a mesa. Comprara um bracelete com um pingente em formato de um pequeno balão de ar quente. Ele lhe daria hoje. Laura seria capaz de reconhecer os diamantes e safiras no balão, a qualidade do bracelete de ouro. Logo, ela queria

mais presentes valiosos. Então haveria indiretas para brincos que combinassem. Talvez um colar. Ele sabia o que esperar. Yasmine lhe ensinara bem. Tal reprimiu as memórias. Não importava. Aquilo não passava de um truque para libertar Yuusuf de um erro do qual ele sempre se arrependeria.

Estava na hora de sair. Ele guardou o bracelete no bolso de seu paletó. Tinha de fazer tudo que pudesse para cativar Laura neste fim de semana... de modo que ela dispensasse Yuusuf de uma vez por todas.

Quando a limusine parou na frente do prédio de Laura, ela saiu do saguão.

Obviamente, estivera esperando-o. Sorrindo, Tal desceu do carro para cumprimentá-la. Ela estaria tão ansiosa para começar o dia, ou havia alguma coisa ou alguém que ela não queria que ele visse em seu apartamento? Sua curiosidade aumentou. Ele sugeriria pedir jantar na casa dela uma noite, para que pudesse examinar o apartamento.

– Bom-dia – ela o cumprimentou com olhos brilhantes.

– Bom-dia. Você deve ter tido uma boa noite de sono, pois está linda – disse ele deliberadamente, sabendo que ela devia ter ficado até tarde na festa, com Yuusuf.

– Eu mal consegui dormir, imaginando como seria hoje. Estou ansiosa pelo passeio de balão – murmurou ela com um sorriso feliz.

Cinicamente, Tal sabia a razão pela qual ela mal dormira, mas não falou nada, apenas esperou que ela entrasse na limusine. Ele sentou-se ao seu lado, e logo eles estariam percorrendo as ruas de São Francisco em direção a Bay Bridge e a Napa.

– Café? – ofereceu Tal, gesticulando para um pequeno bar diante deles. Uma garrafa de café quente descansava sobre a superfície, com duas canecas ao lado. Havia creme na pequena geladeira e

açúcar no açucareiro de prata.

– Que deleite. Quer um pouco? – ofereceu ela.

– Sim.

Laura serviu o café fragrante nas duas canecas.

– Creme ou açúcar?

– Eu prefiro preto.

– Eu também – disse ela, recostando-se e entregando-lhe uma das canecas. Cheirou a bebida e sorriu. – O cheiro é sempre melhor do que o gosto. – Depois de um gole, sorriu-lhe novamente. – Delicioso.

– Tomaremos café da manhã ao ar livre quando chegarmos – murmurou

Tal, desejando perguntar o que Laura e seu primo tinham feito na noite anterior, mas se recusando a insinuar que suspeitava que ela estivesse envolvida com outro homem.

A viagem foi prazerosa. O sol era difundido pelas janelas escuras. Não havia trânsito num sábado àquela hora da manhã.

Tal perguntou que lugares Laura gostaria de visitar, se tivesse tempo e dinheiro suficientes.

– Paris, eu acho. Todo mundo não quer ir a Paris? E eu adoraria conhecer Nova Zelândia. As fotos que vi do país são espetaculares. E Noruega. Os

fiordes são incrivelmente lindos.

– Vá para esses países em cada uma de suas férias – sugeriu ele.

– Ainda há muita coisa para explorar no meu próprio país. Eu gostaria de ter rios de dinheiro. Assim, eu não precisaria trabalhar e viajaria o tempo todo – murmurou ela. – Mas me contento com palestras sobre viagem e uma viagem ocasional para algum lugar perto.

– Você gostaria de conhecer Londres?
– Talvez uma viagem rápida para lá a separasse de seu primo.

– É claro. Andar onde os reis pisaram deve ser emocionante.

– Outros locais? – incentivou Tal, subitamente curioso se ela algum dia já quisera visitar a parte dele do mundo.

– Talvez Espanha ou Itália, onde eu pudesse relaxar nas praias do Mar Mediterrâneo.

– O norte da África tem praias lindas – comentou ele.

– Seria fantástico visitar o Egito, somente por sua história.

Seu país também tinha sua cota de história, mas ele não mencionaria isso. Ela saberia tudo sobre Tamarin através de Yuusuf, e qualquer menção ao nome levantaria suspeitas.

Eles chegaram ao ponto de encontro

dos balões de ar quente. Tal sentia-se curiosamente relaxado. Precisava lembrar-se de qual era sua missão e de não cair no charme dela. Começava a entender por que Yuusuf estava atraído pela mulher. Laura tinha um jeito atrativo e inocente. Parecia amar a vida e encontrava encantamento mesmo nas coisas comuns.

Havia grande movimento no local dos balões. Manchas grandes e coloridas de um material sedoso cobriam o campo, nos primeiros estágios de serem preenchidas com o ar quente que os elevaria acima da terra.

Tal saiu do carro e segurou a porta

aberta para Laura. Ela olhou para a cena com expressão de deleite.

– Deve ter mais de 20 balões aí – disse ela. Dois estavam cheios pela metade; diversos ainda estavam vazios. Um já estava de pé, mas ainda não pronto para subir. As cores e designs encantavam os olhos.

– Venha. – Tal conduziu o caminho para as mesas grandes numa lateral. Café da manhã já estava sendo servido, preparado em enormes fogões à lenha, armados no campo. O cheiro de bacon e linguiça preenchia o ar. Dois homens viravam panquecas, outros mexiam ovos em panelas imensas. Vários casais

estavam sentados às mesas longas, apreciando a refeição.

As mesas surpreenderam Laura, com suas toalhas de linho, porcelana chinesa e talheres de prata. Que elegante.

– Isto é incrível – comentou Laura quando Tal deu o nome dele a um anfitrião que rapidamente os acomodou a uma das mesas longas.

Enquanto eles comiam, outra anfitriã veio pegar os nomes deles.

– Vocês estarão no balão vermelho, branco e azul, ali. – Ela apontou para um dos balões que já estava inflado e parecia pronto para partir. – Sem pressa. Depois que terminarem de

comer, me avisem e eu os conduzirei até lá. – Ela olhou para sua prancheta. – O almoço de vocês também foi encomendado. Estará na cesta. – Ela moveu-se para o próximo casal.

– Almoço no ar? – perguntou Laura.

– Eu pensei que pudesse ser divertido. Ou podemos esperar até aterrissarmos.

– Eu não acho que alguma vez já tive um encontro romântico tão extravagante. Isto é tão divertido!

Ele assentiu. Não fazia mal nenhum se divertir enquanto seguisse com seu plano. Por poucos minutos de cada vez, podia esquecer a razão pela qual estava

ali e apreciar a companhia de Laura. Ela não era tão fina quanto sua esposa tinha sido, faltando-lhe certa sofisticação, com sua apreciação aberta de tudo. Era revigorante, de alguma maneira, ter alguém tão entusiasmada sobre um passeio. Yasmine nunca quisera sair de barco com ele ou fazer outras atividades ao ar livre. O amor dela tinha sido por fazer compras. Até agora, Laura não sugerira isso. Mas havia tempo para ela revelar quem verdadeiramente era.

LAURA ESTAVA vivendo o melhor momento de sua vida. Tudo estava perfeito... a companhia, o café da manhã ao ar livre, a perspectiva de passar

algumas horas flutuando acima da terra, apenas Tal e ela. E o condutor do balão. Ela quase se beliscou para se certificar que não estava sonhando. Nem em suas fantasias mais loucas, imaginara um passeio tão extravagante.

Tal pegou-lhe a mão quando eles saíram da mesa, a fim de seguirem a anfitriã para o balão. Laura se sentiu pequenininha, cercada pelos balões, agora inflados e amarrados em suas cordas. Os designs geométricos eram coloridos. As cestas de vime, ou gôndolas, como eles chamavam, eram escuras e brilhantes.

– Este é Don, o piloto de vocês –

apresentou a anfitriã quando eles chegaram ao balão vermelho, branco e azul.

– É ótimo ter vocês conosco – disse Don, apertando a mão de Tal. – Vamos entrar a bordo e partir.

Em poucos minutos, as cordas foram liberadas e o balão começou sua subida lenta. Logo estava flutuando em direção ao sol nascendo. Abaixo, as pessoas no campo ficaram menores. Acres e mais acres de vinícolas se espalhavam em todas as direções, como um tapete bonito. Cercando a grande Napa Valley ficavam as montanhas, que pareciam leves contornos prateados na luz

matinal.

– Isto é fantástico – exclamou Laura, olhando para Tal. – Obrigada por me trazer.

– O prazer é meu – replicou ele. Pegou-lhe a mão e puxou-a para mais perto. Juntos, eles admiraram a vista. As laterais da gôndola batiam na altura do peito. Não havia medo de cair. Os queimadores estavam acima de suas cabeças, e, de vez em quando, Don acendia os jatos para manter o ar quente dentro do balão. Quando os queimadores não estavam acionados, era silencioso e pacífico, enquanto o balão movia-se com o vento.

– Eu me lembrarei disso para sempre
– disse Laura, suavemente. A manhã estava perfeita, tão especial quanto o homem ao seu lado. Ela apertou-lhe os dedos, saboreando a sensação da palma quente contra a sua. Estava se apaixonando. Mal o conhecia, mas se sentia segura com ele. Sentia uma conexão que nunca experimentara com ninguém antes. Uma excitação que a fazia ver tudo mais brilhante e lindo. Era como se visse o mundo de maneira totalmente distinta. Ousaria ter a esperança de que Tal sentisse a mesma coisa?

E se ele não sentisse? E se este fosse

apenas um interlúdio agradável, enquanto ele visitava São Francisco?

Por um momento, Laura sentiu-se em pânico. Não queria que seu tempo com ele acabasse. Todavia, Tal lhe dera pouca evidência que seus sentimentos estavam envolvidos. Se ele partisse, sem querer vê-la de novo, ela ficaria arrasada. Conhecia-o há poucos dias, mas não conseguia se imaginar sem ele em sua vida agora. Amor à primeira vista não podia ser unilateral, podia? Laura reprimiu os pensamentos. Não deixaria que nada estragasse o dia de hoje.

Ele liberou-lhe a mão e pôs um braço

ao redor de seus ombros, apontando para um marco a distância.

– Você vê aquilo?

Ela assentiu, seu coração bombeando. Queria virar a cabeça e beijá-lo, esquecendo que o piloto também compartilhava a gôndola.

– É tão lindo – sussurrou ela.

Ele não respondeu até que Laura virou-se e o fitou. Seus rostos estavam tão perto que ela podia sentir a respiração de Tal roçar suas faces. Olhos escuros estudavam os seus.

– Eu acho que você é muito linda – declarou ele e abaixou a cabeça para um beijo.

Foi mais do que Laura já sonhara. Ela esqueceu do piloto. Era como se só existissem os dois no mundo, flutuando acima do solo, beijando-se com ardor. Ela sentiu que poderia voar sem o balão.

Ele virou-a até que eles ficassem frente a frente e envolveu-a nos braços, aprofundando o beijo. O tempo parou, enquanto sensações eróticas a percorriam. Cada célula de seu corpo estava sintonizada com Tal, enquanto ela se deleitava em pura paixão.

A explosão levou-a de volta à realidade. Afastando-se um pouco, ela fitou-lhe os olhos, ofegando.

– Eu jamais esquecerei este dia –

disse ela.

– Nem eu – concordou Tal, beijando-a gentilmente.

No momento que eles voltaram para a Terra, Laura suspeitava que Tal estava sentindo o mesmo que ela. Eles estavam apaixonados. Para onde este estado maravilhoso os levaria? Ela poderia, como falara para Jenna, mudar-se para Londres e começar uma vida nova, com este homem incrível?

Depois que o balão desceu, o almoço foi servido por Don em estilo piquenique. Uma toalha branca foi estendida sobre um cobertor grosso na grama. Uma cesta de vime, cheia de

comida, também continha porcelana chinesa, cristal, talheres de prata e champanhe.

Laura riu ao ver aquilo.

– Champanhe? Às 11 horas da manhã?

– Um piquenique com champanhe.

Deixe-me servir sua taça, então algum patê para acompanhar.

Ela aceitou a oferta do champanhe e ergueu a taça quando ele completou a sua própria.

– A nós – disse ela, com ousadia.

Ele inclinou a cabeça de leve e bateu a borda da taça na sua.

Eles estavam sozinhos no cobertor. Don explicou que precisava dobrar o

balão para transportá-lo ao local de saída. A equipe de terra chegaria logo, para levá-los de volta ao ponto de encontro.

Laura serviu o almoço deles em elegantes pratos de porcelana chinesa e devorou os deliciosos pedaços de carne e queijos variados. O patê estava delicioso. Ela descobriu vegetais cortados ao molho e até mesmo morangos cobertos de chocolate. Sentia-se num filme, ou algo assim. Nunca tivera uma refeição tão elegante, muito menos num piquenique.

– Por não ter feito nada esta manhã, exceto admirar o cenário, eu estou com

fome – disse ela.

– Você não comeu muito no café da manhã – comentou Tal.

– Eu estava muito excitada.

Enquanto comiam, eles conversaram sobre a beleza do vale que tinham visto.

– Eu tenho algo para você – anunciou Tal, quando eles acabaram de comer. Enfiando a mão no bolso, retirou uma pequena caixa.

Laura pôs seu prato de lado e pegou a caixinha quando ele ofereceu. Abrindo-a para um delicado bracelete de ouro, com um pequeno balão de ar quente pendurado da corrente, ela arfou. Ergueu a joia do veludo, seu coração disparado.

– É lindo. – Delicado e detalhado, o balão era vermelho e azul, quase igual àquele em que eles tinham voado.

– Uma lembrança de nosso dia juntos – disse ele.

– Você não devia ter sido tão extravagante, mas eu amei. Ponha para mim, por favor. – Ela entregou-lhe o bracelete e estendeu o braço.

Tal fechou-o ao redor de seu pulso, então, pegou sua mão e beijou-lhe a palma, fechando os dedos dela em seguida, como se para capturar o beijo.

– Seu desejo é meu comando.

– Obrigada. – Laura desejou que o dia nunca acabasse. Nunca esteve tão feliz.

Como se lendo sua mente, Tal sorriu, liberou-lhe a mão e perguntou sobre o jantar.

– É um convite feito em cima da hora. Talvez você tenha outros planos – começou ele.

– Não tenho, mas mesmo se tivesse, eu preferiria passar a noite com você. – Laura sabia que deveria ser um pouco mais reservada com suas emoções, mas nunca se apaixonara antes. Queria que Tal soubesse que ela gostava de estar com ele.

– Perfeito – exclamou Tal, com um brilho nos olhos.

ELE A levou para casa e prometeu

apanhá-la às 19h. Em seu apartamento, Laura tomou um banho, depois tirou uma soneca. Tinha ido dormir tarde na sexta-feira, acordado cedo esta manhã. Queria estar descansada para o jantar.

Quando ela acordou, às 18h, sentia-se revigorada e ansiosa pela noite com um homem tão especial.

Após colocar um vestido de seda azul, tocou seu bracelete de ouro. As pedras do balão brilhavam na luz. Que gesto romântico, pensou. O que ela poderia fazer para mostrar a Tal que o dia significara muito para ela, também?

Um pouco antes das 19h, ela pegou um xale e sua bolsa e saiu do

apartamento. Estava no saguão quando a limusine chegou.

– Espere – ordenou a si mesma. – Não corra, como se você não pudesse esperar. Ele virá à porta, e você pode andar, como se tivesse acabado de chegar.

Tal foi para a porta do saguão, mas antes que pudesse tocar a campainha, ela abriu a porta e andou calmamente para encontrá-lo.

– Pontualidade é uma virtude que eu aprecio – murmurou ele, gravemente.

Ela sorriu e entrou na limusine.

Ele levou-a para Fisherman's Wharf, para o restaurante Buscallia. Renomado

por seus excelentes frutos do mar, geralmente tinha uma lista de espera por semanas. Como ele conseguira uma reserva num sábado à noite?, perguntou-se Laura, enquanto eles entravam.

A parede dos fundos era inteira de vidro, com uma vista espetacular para a Golden Gate Bridge. Ainda havia barcos na Baía, e os barcos turísticos podiam ser vistos, carregados com passageiros que admiravam, em êxtase, a linha do horizonte de São Francisco.

— Por aqui, senhor — disse o maître e conduziu-os para uma mesa bem ao lado das janelas. — Acredito que o pôr do sol será espetacular. — Ele ofereceu os

menus com um floreado. – O fog não subirá completamente até depois de escurecer. Apreciem sua refeição.

Laura abafou uma risadinha.

– Ele fala como se tivesse providenciado o pôr do sol pessoalmente.

– Isto seria um atrativo extra, se possível. O que você fez depois que eu a deixei em casa?

– Dormi. Eu me sinto extasiada. Primeiro, o luxo do passeio de balão pela manhã, depois uma soneca, agora jantar num lugar tão maravilhoso. Uma pessoa poderia se acostumar com este estilo de vida.

Ele deu de ombros.

– Se a pessoa tem dinheiro o bastante.

– Ah, o grande empecilho. – Laura olhou para o menu e debateu suas escolhas. Adorava lagosta. Se hoje era sobre sonhos se tornando realidade, faria seu pedido de acordo.

– Eu vou querer a lagosta.

– Eu também – murmurou ele, nem mesmo olhando para o menu. Não tirara os olhos dela desde que eles haviam se sentado.

Ela levantou o pulso e deixou o bracelete balançar por um momento.

– Eu acho que nunca mais vou tirá-lo.

Ele pôs a mão no bolso e puxou outra

caixinha, deslizando-a sobre a mesa.

– Eu quero levá-la para dançar depois do jantar, então comprei isto ao mesmo tempo em que comprei o bracelete do balão.

Ela abriu a caixa para um delicado berloque de um par de sapatos de dança, uma pequena pedra preciosa em cada salto.

– Tal, você não deveria.

– Eu queria que construíssemos memórias juntos e que você tivesse coisas tangíveis para se lembrar de mim.

– Eu preferiria ter você.

– Eu ainda estou aqui. Pensei que você gostaria dos pingentes.

– Eu gosto. Mas parece como se você estivesse indo embora e que eu nunca mais fosse vê-lo. Eu detestaria isso.

TAL TEVE de dar crédito para a representação de Laura. Por um momento, quase acreditara na sinceridade dela. Como se alguém fosse sentir falta de uma pessoa que conhecera poucos dias antes.

Ele soubera que ela apreciaria a joia. Esta tinha diamantes nos saltos dos sapatos. Aquela que Tal comprara em antecipação ao cruzeiro deles tinha velas de rubi no barco. Ele lhe daria no dia seguinte, quando a levasse para navegar na Baía.

Como será que ela explicava sua falta de disponibilidade para Yuusuf? Quanto tempo Laura ia jogar com os dois homens? Talvez, Yuusuf acreditasse em qualquer coisa, mas Tal pressionaria, até que ela tivesse de escolher. Por esta noite, também podia se divertir, enquanto continuava a fazer Laura pensar que era o centro de seu mundo.

Ele não precisaria se esforçar muito; ela era tão cega pela ganância que veria o que quisesse. Laura percebia como era aberta? Aceitando os presentes caros, dando indiretas sobre planos de viagem. Esperava que ele a levasse para um fim de semana em Londres? Ou para fazer

compras em Paris?

Por um momento, ele brincou com a ideia. Quão longe a mulher chegaria para tentar agarrar um marido rico? Seria interessante descobrir.

Laura olhava para os barcos balançando com o vento.

– Eu pensei que amanhã nós pudéssemos ir navegar – disse Tal, notando o interesse.

Ela o olhou.

– Na Baía?

– Ou no oceano.

Ela franziu o cenho.

– Você tem um barco aqui?

– Não, meu amigo Earl tem um e já

me deu permissão para usá-lo. O tempo estará perfeito. Venha comigo.

Ela o estudou por um momento, parecendo hesitar. Teria marcado alguma coisa com Yuusuf e estava pensando em que homem apostar? Então sorriu.

– Obrigada, eu adoraria.

– Eu apanho você por volta das 10h, então.

Laura assentiu, dando um gole d'água.

– O que você faz, Tal?

– Eu trabalho com uma linha de cruzeiros, navegando principalmente no Mediterrâneo – replicou ele. Não sabia o quanto Yuusuf contara a ela sobre a

família e a fonte de riqueza e queria ser o mais vago possível, para não levantar suspeitas.

– Não imagino que negócios você veio fazer aqui, se trabalha para uma companhia de cruzeiros na Inglaterra.

– Nós temos mais de um escritório – disse ele. – Que lugar melhor para atrair clientes do que os Estados Unidos?

– Qual é o seu trabalho, especificamente?

– Eu dirijo o lugar – respondeu Tal, com orgulho. Gostava de seu trabalho.

– Fantástico. Eu nunca conheci alguém que possui um barco, muito menos uma linha de cruzeiro. Você vai

ficar aqui por muito tempo?

– Por quanto tempo for necessário.

Laura sorriu.

– Eu estarei ansiosa para vê-lo mais vezes.

Cinicamente, Tal soube que ela mordera a isca. Era hora de recolher a linha?

O JANTAR foi servido com um floreado. Laura comeu lagosta com evidente apreciação. Eles conversaram sobre São Francisco, que ele tinha visitado duas vezes antes. Então, sobre outras viagens. Quando Tal falara sobre esqui em Gstaad, ou mergulhar nas Ilhas Virgens Britânicas, os olhos dela brilharam com

excitação. Laura adoraria experimentar tudo que ele mencionara.

– Onde é seu lugar favorito? – perguntou ela.

Ele hesitou por um momento, então deu de ombros.

– Minha casa.

– O meu é Lake Tahoe. É especialmente adorável no fim da primavera, quando a neve ainda está no topo nas montanhas, mas as elevações mais baixas têm acres de flores selvagens, e tudo ainda está verde. No verão, a grama está seca, a neve se foi, e apenas o azul profundo da água contrasta com o verde-escuro das coníferas. E eu

ainda amo o lugar.

– Nós deveríamos ir para lá um fim de semana – disse ele. Talvez fosse suficiente levá-la para lá, em vez de para Londres.

– Se você não conhece o lugar, deveria ir. É uma joia escondida nas Montanhas da Serra Nevada. Há também muitos cassinos no lado Nevada do lago, se você estiver interessado.

– Não particularmente. – Tal não gostava de desperdiçar dinheiro em jogos designados a fazer da casa o vencedor. – Conte-me sobre seu trabalho.

Laura evitava contar o que fazia. Não

queria que pessoas ficassem constrangidas em eventos, se a vissem, ou que discutissem seu papel onde a pessoa errada pudesse ouvir. E ficava sempre um pouco desconfiada quando alguém novo em sua vida perguntava. Não que precisasse se preocupar com Tal.

– Eu investigo pessoas – respondeu ela, vagamente. – Você já navegou na Baía antes?

– Nunca. Deve ser uma experiência nova, como nosso passeio no balão. Que tipo de investigação?

– Para ter certeza de que as pessoas são quem dizem que são. O passeio de

balão será, para sempre, minha memória favorita. – E os beijos que eles tinham compartilhado.

– Você investiga a situação financeira dessas pessoas? – persistiu ele. Era assim que ela decidira investir em Yuusuf?

– Entre outros aspectos da vida delas. Acho que não quero sobremesa. Eu comi tanto. – Ela não queria falar de seu emprego, mas também não queria levantar uma bandeira vermelha. Felizmente, o garçom veio tirar os pratos.

– Sobremesa, café? – ofereceu ele.

Eles recusaram, e quando o homem

saiu Tal pegou-lhe a mão.

– O Salão Palm foi recomendado como um lugar para dançar. Vamos?

– Eu adoraria. – Ser segurada nos braços dele, movendo-se ao ritmo da música... que noite romântica. E a boate ficava na cobertura de um dos melhores hotéis em São Francisco. Ela sabia que haveria uma vista panorâmica da cidade.

E assim foi. Laura nunca entendeu como tudo aconteceu de modo tão perfeito, mas aconteceu. A música era romântica e designada a unir casais. A cidade parecia espalhada diante deles, como se designada especialmente a tornar a noite deles memorável.

Eles pediram drinques quando estavam sentados a uma pequena mesa perto da pista de dança. Assim que a música começou, Tal levantou-se e estendeu-lhe a mão. Laura sentiu-se como Cinderela no baile. Movendo-se facilmente no abraço de Tal, ela logo foi envolvida na magia da noite.

Tal era um excelente dançarino. Ele a guiava como se eles tivessem dançado juntos a vida inteira. Sonhadoramente, Laura pensou como seria dançar todas as noites com Tal. Não podia imaginar se cansando de estar com ele. Tal era um homem interessante e parecia determinado a lhe dar prazer a todo

instante.

A noite continuou num estado sonhador, até que finalmente, ele perguntou se ela estava pronta para ir embora. Estava tarde. Ela concordou, apenas porque sabia que o veria no dia seguinte.

Quando eles chegaram ao seu apartamento, Tal acompanhou-a até a porta.

– Eu apreciei muito a noite – murmurou ele com aquela voz sexy. – Vejo você pela manhã, certo?

– É claro, a que horas?

– Eu passo aqui por volta das 10h. Pensei em navegarmos por baixo da

Golden Gate Bridge e ao longo da costa por uma curta distância.

Laura saíra em barcos de amigos algumas vezes, mas nunca além da Baía. Estava feliz com o pensamento de fazer algo tão excitante com Tal.

– Às 10h, então – disse ela.

Ele assentiu, então, inclinou-se e beijou-a.

Ela quase derreteu. Seus joelhos fraquejaram. Correspondendo ao beijo, Laura mais uma vez teve a sensação de que o tempo parara. Ou que estava flutuando num balão de ar quente acima do solo.

– Até lá – disse ele, os olhos escuros

e misteriosos, a voz rouca.

O sono demorou a chegar. Laura tinha muitas lembranças maravilhosas da noite para reviver.

Passaria o domingo com Tal, também. Mal podia esperar.

CAPÍTULO 5

PELA MANHÃ, a cidade estava encoberta com a camada de fog que vinha do mar. Laura vestiu uma roupa quentinha, sabendo que estaria ainda mais frio na água. Mas por volta do meio-dia, o sol romperia a névoa e o dia ficaria lindo.

Determinada a controlar a ansiedade, ela decidiu não descer mais cedo e esperar que o interfone tocasse, avisando a chegada de Tal.

Pôs o bracelete, observando o pequeno balão brilhar na luz. O

berloque dos sapatos estava sobre sua penteadeira. Ela teria de mandar adicioná-lo ao bracelete. Que homem romântico Tal era... querendo guardar memórias de maneira tão tangível, quando eles tinham acabado de se conhecer.

Repleta de excitação, Laura espiou pela janela, esperando avistar a limusine. Os últimos momentos antes das 10h pareceram se arrastar.

Finalmente, sua vigília foi recompensada e a limusine virou na sua rua. Ela queria descer a escada correndo e estar à porta antes que ele pudesse tocar. Mas respirou fundo e esperou

pelo toque do interfone, anunciando que ele estava à porta do saguão.

A batida à sua porta assustou-a. Laura abriu-a e encontrou Tal.

– Como você entrou? – perguntou ela, surpresa.

– Uma de suas vizinhas estava saindo quando eu cheguei e me deixou entrar. Você está pronta? – Ele olhou para dentro do apartamento.

– Sim. – Laura pegou seu casaco. Ele estava maravilhoso de roupa esporte.

Ela saiu no corredor, fechando a porta. Testou a fechadura, então sorriu para ele, seu deleite provavelmente evidente. Mas não queria fazer jogos.

Gostava de Tal e não se importava que ele soubesse disso.

A limusine seguiu para a marina. Tal ajudou-a a descer e conduziu-a para o píer. Quando eles chegaram ao barco, ele entrou a bordo e estendeu-lhe a mão, para que ela fizesse o mesmo.

O barco não era tão grande quanto Laura antecipara. Todavia, era perfeito para duas pessoas. As velas estavam dobradas, o deque vazio. Tal abriu a porta para a cabine e desapareceu do lado de dentro.

– Apenas verificando se nosso almoço chegou – gritou ele.

Laura inalou o ar salgado. Gaivotas

voavam acima. Algumas flutuavam sobre a água. O fog mantinha a temperatura fria, mas ela sabia que o tempo logo esquentaria.

– Que bom amigo você tem, para deixá-lo usar o barco – comentou ela, quando Tal retornou ao deque.

– Earl e eu somos amigos há anos. Ele pode usar o meu barco quando está na Inglaterra. Você já navegou antes?

– Algumas vezes. Mas não sou especialista.

– Eu sou. Navego desde que era criança. Já até participei de algumas corridas de barco. Sente-se e relaxe. Este é um barco perfeito para nós.

Teremos um ótimo dia.

Laura sentou-se onde ele indicou, mas não relaxou. Observou, com ávido interesse, enquanto ele preparava tudo para a saída deles. Mais uma vez, tinha a sensação de que estava sendo cortejada da maneira mais imaginável possível. Não sabia o que tinha feito para merecer tanta atenção, mas apreciava cada momento.

TAL USOU o motor para mover o barco lentamente através da marina congestionada. O ar estava úmido e frio, diferente do Mediterrâneo ensolarado onde ele costumava navegar. Olhou para Laura. Ela parecia estar vivendo o

momento mais emocionante do mundo. Por um momento, ele desejou que pudesse acreditar nela. Seria bom passar o dia com uma mulher que não tinha um objetivo, exceto se divertir.

Não era de admirar que Yuusuf estivesse encantado. Ela parecia radiante. Quanto tempo mais antes que Laura mostrasse quem verdadeiramente era para seu primo e ele pudesse acabar com esta farsa? Por um segundo, a dúvida surgiu. Tal endureceu o coração contra o sentimentalismo tolo. Yasmine lhe mostrara como as mulheres eram. Ele precisava provar a Yuusuf que era preciso ter cautela com mulheres.

Dinheiro era uma atração poderosa.

Olhou para Laura, imaginando quão difícil seria julgar dois homens ao mesmo tempo... até que ela se decidisse pela melhor escolha. Ele esperou que isso acontecesse logo, antes que ele se tornasse muito envolvido na farsa e começasse a pensar que poderia existir alguma coisa entre eles.

Depois de sair da marina, Tal desligou o motor, ergueu as velas e acomodou-se perto de Laura, pegando o timão. A brisa estava ligeira, e o barco deslizava facilmente na água. Ela fez uma dúzia de perguntas sobre navegação, parecendo encantada por

estar a bordo. Tal observou-a, fascinado, por um momento, imaginando se poderia conquistá-la para si mesmo. Ele poderia entrar num relacionamento ciente de que ela só estava interessada no seu dinheiro e desfrutar de um período de entretenimento.

Reprimiu o pensamento. Estava correndo o risco de sucumbir aos truques de Laura. Ademais, nunca poderia dar certo entre ele e Laura. Tal não podia expô-la como uma caçadora de fortunas para Yuusuf, depois a tomar para si mesmo. Seu primo jamais o perdoaria. Família era mais importante do que uma mulher bonita que o

intrigava.

Ele programara o dia para ser perfeito, para levá-la mais perto de terminar o relacionamento com Yuusuf. O que significaria que Tal estaria livre para retornar a Tamarin e ao trabalho e à vida que apreciava.

Tal guiou o barco para a Golden Gate e para o Pacífico. Dentro de uma hora, eles haviam navegado por baixo da torre e nas ondas gentis do Pacífico. Virando em direção ao norte, ele manteve a costa à vista. Apesar de ser um excelente marinheiro, este era um território novo. Ele recebera mapas de Earl e tinha um destino definido em mente. O sol

começou a aparecer através do fog. Em pouco tempo, eles estariam banhados pelo sol, e, esperançosamente, aquecidos.

– Isto é fabuloso – comentou Laura, inclinando-se para mais perto.

– Fico feliz que você gosta. – Ele pegou-lhe a mão, entrelaçou os dedos de ambos e descansou as mãos unidas em sua coxa, enquanto mantinha a outra mão no timão. Ele achava uma angra tranquila nos mapas e queria ancorar ali para almoçar. Levaria aproximadamente mais uma hora até lá. Enquanto isso, Tal tinha um papel para representar. E um primo para salvar.

A ANGRA era formada por um pedaço de terra que se curvava como um anzol. Era cercada em três lados por penhascos íngremes, com pau-brasil, pinhos e cedros crescendo na extremidade da terra. Não havia praia, apenas a água batendo suavemente contra a base do penhasco.

– É tudo tão encantador – disse Laura, olhando ao redor da pequena angra. Com o barco ancorado, ela realmente se sentia sozinha no mundo com Tal.

– Almoço? – perguntou Tal.

– Uma vez que você fez todo o trabalho para nos trazer até aqui, eu arrumo as coisas – ofereceu Laura,

levantando-se. Pegou a cesta de piquenique, abriu-a para taças de vinho, pratos de porcelana e talheres de prata. Estendeu a toalha de linho numa pequena extensão reta do deque. Arrumando os pratos como se eles fossem comer num restaurante fino, Laura tirou os alimentos da cesta. Patê com torradas, uma seleção de carnes e queijos, pão, frutas e uma torta para sobremesa. E, é claro, champanhe. Era fantástico.

– Eu poderia me acostumar com este tipo de vida – disse ela, quando eles começaram a comer.

– Uma vida assim não se tornaria tediosa após um tempo? – perguntou ele.

– Duvido. Mas é só um sonho. Eu preciso trabalhar para sobreviver, como a maioria das pessoas. Não seria fabuloso ter muito dinheiro, viajar o mundo e fazer o que lhe dá vontade?

– Mesmo pessoas muito ricas geralmente trabalham para manter a riqueza – apontou Tal.

– Talvez. Mas eu ainda adoraria ter dinheiro suficiente para fazer o que quisesse, quando quisesse.

– Você gosta de viajar.

– Eu não me importaria de conhecer alguns lugares onde nunca estive antes. Como a Inglaterra – disse Laura. Ele consideraria aquilo como uma indireta

para um convite? Ela pretendia dar uma indireta?

– Talvez, antes que você imagine, estará viajando para lugares que sempre quis ver. – Ele afastou o prato e enfiou a mão no bolso. – Tenho algo para você – disse, tirando uma caixinha de joia.

O coração de Laura disparou. Ele ia pedi-la em casamento?

Franzindo o cenho, ela pegou a caixinha estendida. Se aquele fosse um pedido de casamento, ele poderia ter sido um pouco mais romântico. Ela não queria abrir uma caixa e ver um anel. Queria palavras de amor e promessas. Levantando a tampa, viu um pingente em

forma de barco. Os detalhes eram incríveis, num berloque de menos de meio centímetro. As velas brilhavam com minúsculos diamantes, as ondas ao longo da linha do barco eram de pedras azuis. Era maravilhoso.

– Outra memória para seu bracelete – disse ele.

– É lindo – exclamou Laura, o coração repleto de felicidade. Ela e Tal se conheciam há muito pouco tempo para considerarem casamento, mesmo que ela soubesse que iria amá-lo para o resto da vida.

Laura ergueu o berloque para o sol, admirando o brilho da joia.

– Eu não precisaria de um berloque para lembrar este dia – declarou ela. Inclinando-se, beijou Tal. – Mas adorei a lembrança. Pare de me comprar coisas, todavia. Tudo que eu quero é estar com você.

– Bem falado – replicou ele.

Laura ficou atônita pelo comentário. Aquilo significava que ele pensava que ela não estava sendo sincera em suas palavras?

– Eu falo sério. Não quero presentes. Apenas seu tempo, o máximo que você puder me dar, enquanto estiver aqui.

– Certamente, você tem outros compromissos, outras pessoas com

quem sai – murmurou Tal. – Se não tiver, passe todo seu tempo livre comigo.

Alegre, ela assentiu.

– Agora, guarde isto na caixa e mantenha-o seguro até chegarmos em casa. Tenho medo de perdê-lo. Então, posso mandar colocar o barco e os sapatos no bracelete.

– Não se preocupe, eu providenciarei para que ambos estejam afixados à pulseira, amanhã.

Depois do almoço, eles se recostaram contra a antepara para apreciar o balanço gentil do barco. O sol estava alto no céu, mas uma brisa fresca os

mantinha confortáveis. Laura queria saber tudo que pudesse sobre o homem que capturara seu coração.

– Conte-me tudo – disse ela em determinado momento.

Ele riu e meneou a cabeça.

– Você ficaria entediada. Já sabe as coisas importantes. Eu adoro navegar. Trabalho para uma companhia de navios. Gosto de passar tempo com você.

– Eu nunca estive num cruzeiro de navio – murmurou ela. – Já vi fotos daqueles que saem de São Francisco. Parecem maravilhosos.

– Um dia, eu a levarei num navio.

– Você gosta de navegar porque trabalha numa companhia de navios, ou começou a navegar primeiro, então escolheu um trabalho similar?

– Linhas de cruzeiros são muito diferentes de navegar um barco. Uma coisa é trabalho, a outra é prazer. Eu ando de barco desde que era criança.

– Onde você mora na Inglaterra? – perguntou ela. – Em casa ou apartamento? Tem uma limusine lá, ou isso é só para nós?

Ele pareceu hesitar por um momento, então respondeu:

– Eu tenho um apartamento em Knightsbridge. É um lugar conveniente

para tudo. Na maior parte do tempo, eu uso metrô ou táxi para me locomover em Londres. Mas tenho um carro para quando quero dirigir.

– E seu apartamento é moderno, com vidro e cromo, ou mais tradicional?

– O que você considera tradicional? – perguntou ele.

– Não vidro, cromo e couro – replicou ela. – Meu apartamento é decorado com móveis antigos e sofás de estampas floridas. Eu tenho algumas peças de minha avó, que gosto muito.

– Você disse que não tem mais família imediata. Tem tias e tios? Primos distantes?

– Não. Ninguém, na verdade. Eu sou órfã – Laura falou sem autopiedade. Estava acostumada a ser sozinha. Sempre achara que continuaria sozinha, até que conhecera Tal. Ela não imaginara casamento e família com nenhum dos homens que namorara ao longo dos anos. Mas podia se visualizar construindo uma vida com Tal. Tendo filhos com ele.

Adoraria ter um garotinho com o cabelo e olhos escuros de Tal. Ou talvez uma garotinha de cabelo preto que dobraria o pai com seu charme. Tal gostava de crianças? Uma pergunta como esta pareceria muito pessoal e

pretensiosa.

– Você gosta de crianças? – perguntou ela, de qualquer maneira.

Ele assentiu.

– Eu tenho sobrinhas e sobrinhos, filhos de minhas irmãs. Eu gosto de passar tempo com eles, cuja visão do mundo é tão inocente.

– Suponho que as pessoas perdem a inocência quando crescem. A vida não é tão boa quanto eu gostaria – disse Laura. As coisas não eram fáceis sem família para apoiar. Tinha sua melhor amiga, Jenna. Estaria perdida sem ela.

Laura queria contar mais a sua amiga sobre Tal. Ao mesmo tempo, também

queria mantê-lo em segredo por mais um tempinho. Supunha que apresentar Tal para Jenna era como levá-lo para casa, a fim de conhecer sua família. Era melhor esperar um pouco mais.

Além disso, Jenna estava muito envolvida com Yuusuf, não tinha mais tanto tempo para sua amiga quanto antes. Laura entendia. Queria passar todo seu tempo com Tal.

– Quanto tempo mais você vai ficar em São Francisco?

– Quanto tempo levar.

– Quanto tempo levar para quê? – Às vezes, ele era tão enigmático.

– Para acabar o trabalho que estou

fazendo.

Laura observou a costa por um momento, uma súbita onda de tristeza envolvendo-a. Sabia que ele logo iria embora. Talvez, não sentisse por ela o mesmo que Laura sentia por ele. Amor à primeira vista era incomum. Entretanto, ela não estava imaginando a conexão que sentia entre eles.

— Vá jantar no meu apartamento uma noite, esta semana — convidou ela, sem ter planejado falar isso. Era hora de ver se o relacionamento sobreviveria aos aspectos mundanos da vida. Ser romanceada com coisas extravagantes era uma coisa, mas vida real era

diferente. Talvez, ela tivesse sido capturada pelo glamour do fim de semana, pelos encontros de luxo.

Olhando para Tal, sabia que este não era o caso. Mas queria vê-lo na rotina normal de sua vida.

– Quando?

– Na quarta-feira. Eu trabalharei nas noites de quinta e sexta.

– Eu gostaria disso – replicou Tal.

ERA FIM de tarde quando eles retornaram ao apartamento de Laura. Ela o convidou para subir, e ele disse que subiria apenas para pegar o bracelete e os pingentes. Pegou-os quando Laura os levou para a porta, dando-lhe um beijo

suave de despedida.

Uma vez sozinha dentro do apartamento, Laura encostou-se contra a porta, com um suspiro contente. Tinha sido um dia especial. Ela atravessou a sala para a janela, a tempo de vê-lo entrando na limusine. Observou o carro de luxo, até que este desaparecesse de visão.

Ele levava o bracelete para mandar afixar os berloques, e o traria de volta na quarta-feira, quando fosse jantar.

Dançando em volta da sala, Laura se sentia mais feliz do que já se sentira alguma vez.

Parando subitamente, olhou ao redor.

Precisava limpar seu apartamento, antes de mostrá-lo, pela primeira vez, para o homem que amava.

O homem que amava. Estava apaixonada. E sentia-se tão feliz que quase tinha medo. Era isso que as mulheres apaixonadas experimentavam? Querendo estar com o homem cada segundo, temendo que tanta felicidade não durasse? Não querendo arriscar nada que estragasse a perfeição do relacionamento?

Ela realmente precisava conversar com Jenna.

Ligou para sua amiga, sabendo que ela provavelmente ainda não voltara do

fim de semana na casa dos pais. Deixou um recado, impaciente para lhe falar.

Eram quase 21h quando Jenna retornou a ligação.

– Como foi a visita a sua casa? – perguntou Laura.

– Excelente. Meus pais gostaram de Yuusuf. Meu pai passou parte do sábado sozinho com ele, questionando-o, mas Yuusuf não se importou, e, durante o jantar, papai o elogiou. Mas adivinha o quê? Eu estou noiva! Depois da conversa deles, Yuusuf pediu minha mão em casamento para meu pai. Isso não é formal e antiquado? Mas tão romântico... especialmente uma vez que

papai disse sim. E eu também!

– Jenna, isso é maravilhoso. Estou feliz por você! Quando vão se casar?

– Nós não marcamos a data ainda. Irei voar para Tamarin em uma ou duas semanas, para conhecer a mãe dele e o resto da família. Estou nervosa. Você acha que eles vão gostar de mim?

– O que há para não gostar? Eles vão amá-la. Especialmente uma vez que você fará Yuusuf feliz.

Jenna continuou falando sobre o casamento, sobre vestido e decoração. Laura ouviu com impaciência. Queria falar sobre *seu* fim de semana.

– Nossa, estou exausta apenas por lhe

contar tudo. Não acredito que vamos nos casar em breve – terminou Jenna.

– Estou tão feliz por você.

– Obrigada. Eu irei aí para lhe mostrar o anel. Você não vai trabalhar amanhã à noite, vai?

– Eu chegarei por volta das 18h.

– Nós estaremos aí. Levaremos comida chinesa.

Laura sorriu e desligou. Estava feliz, e sua amiga estava feliz. O que podia ser melhor que isso? E amanhã, ela lhe contaria sobre Tal.

Às 18H da tarde seguinte, a campainha tocou. Laura abriu a porta e abraçou sua amiga, que então entrou na sala,

alegremente.

– Oi – Laura cumprimentou Yuusuf, que estava parado no corredor, os braços cheios de sacolas de um restaurante chinês. – Entre. Parabéns para vocês dois.

Yuusuf entregou-lhe as sacolas e Laura levou-as para a pequena mesa de jantar, no canto da sala.

– Deixe-me ajudar – disse Jenna, indo para a mesa. Levantou a mão direita na frente do rosto de Laura.

– Uau, que lindo! – exclamou Laura, pegando a mão de sua amiga e admirando o brilho do diamante na luz. Então, deu-lhe outro abraço. – Você

precisa me contar tudo. – Ela sentiu uma ponta de inveja, mas a reprimiu.

– Vamos comer, estou faminta.

– Eu vou buscar o chá – disse Laura, indo para a cozinha. – Pensei que pessoas apaixonadas não tivessem apetite – brincou.

O telefone tocou quando Laura estava despejando água quente sobre o chá.

– Alguém pode atender para mim? – gritou ela.

Yuusuf atendeu, esperou um momento, então desligou.

– Desligaram – disse ele.

A mesa estava posta, a comida pronta para servir. Laura veio com o bule de

chá e colocou-o no centro.

Quando todos estavam acomodados à mesa, Jenna murmurou, com olhos brilhantes:

– Nós faremos uma festa de noivado na casa da mãe de Yuusuf, em Tamarin. Você tem de ir. Yuusuf vai arranjar tudo. Meus pais estarão lá, alguns de nossos amigos. Como minha madrinha, você precisa estar em todas as festas.

– Eu adoraria ir, se conseguir folga no trabalho – respondeu Laura, imaginando como seria excitante conhecer um lugar tão exótico como Tamarin, um país árabe na África do Norte... bem na extremidade do Mar Mediterrâneo. –

Quando?

– Em uma ou duas semanas. É importante que eu leve Jenna para conhecer minha mãe. Lamento, mas será mais difícil convencê-la de nossa felicidade do que foi convencer os pais de Jenna. Uma vez que minha mãe a conheça, todavia, será cativada – disse Yuusuf.

Jenna arqueou as sobrancelhas e sorriu para Laura.

– Eu sou tão charmosa, sabia?

– Não é isso – disse Yuusuf.

Ela se tornou mais séria.

– Não, é o fato de que você sempre se envolveu com o tipo errado de mulheres.

Esses dias acabaram.

– Mulheres erradas? – Laura perguntou.

Yuusuf pareceu embaraçado.

– Houve uns dois incidentes no meu passado, nos quais eu não enxerguei o que deveria ter enxergado.

– Caçadoras de fortunas. Ele acreditou que elas o amassem. Agora, ele sabe a diferença – disse Jenna com firmeza.

Laura assentiu, não entendendo completamente.

– Não vejo a hora de voar para Tamarin, relaxar na praia, nadar na água quente do Mediterrâneo – murmurou

Jenna.

– E conhecer minha mãe, meus avós. Há mais tios e primos do lado do meu pai do que você pode imaginar. Pretendo planejar cada momento que estivermos lá. Só posso tirar alguns dias do trabalho, então partiremos numa sexta à noite, dormiremos no avião e chegaremos a Tamarin no sábado à tarde. Na volta, todavia, vamos aterrissar poucas horas após decolarmos – disse Yuusuf.

A discussão durante o jantar focou-se nas núpcias iminentes.

TAL OLHOUpela janela de seu quarto de hotel. A vista da Union Square e das

atividades acontecendo perto do bonde cable car não o atraíam. Turistas lotavam as ruas e davam um ar festivo ao cenário.

Seu humor, todavia, não era nada festivo. Yuusuf atendera ao telefone quando ele ligara. Laura continuava saindo com seu primo. Tal pensara que ela começava a ver que grande partido ele seria, entretanto, ela não abandonara Yuusuf por ele.

O que mais ele precisava fazer?

Quão longe Yuusuf tinha chegado naquele romance? Se tivesse proposto casamento, Tal o enforcaria. Depois da última mulher que tentara obter um

compromisso de seu primo e que Tal comprara, Yuusuf jurara que nunca mais se apaixonaria pela mulher errada. Até que seu amor pelo romantismo lhe tirara o bom senso.

Tal estava tentado a ir ao apartamento de Laura e se revelar para os dois. Como ela podia passar o fim de semana com ele, então encontrar Yuusuf na segunda-feira? Que desculpa ela dera para seu primo sobre o fim de semana? Tal não entendia. Yuusuf viajara a negócios?

Tal saiu da janela e andou para seu notebook. Sua secretária lhe enviara relatórios, os quais ele deveria ler. Não

gostava de estar tão longe do escritório e por tanto tempo, mas o problema de sua família era muito importante para ignorar.

Especialmente porque estava se provando difícil conquistar a astuta srta. Toliver. Ele olhou para o bracelete, agora com os novos pingentes. O valor tinha aumentado consideravelmente, é claro, com os novos berloques de ouro, diamante e safira. Talvez uma joia mais valiosa a fizesse se decidir... um colar de diamantes ou rubis.

Aparentemente, sutileza não estava funcionando com Laura. Tal não tinha todo o tempo do mundo. Queria voltar

ao trabalho. Devia haver uma maneira de apressar as coisas.

Ele resolveria tudo no próximo fim de semana. Certamente, Yuusuf não viajaria duas vezes no mês a negócios. Se Laura passasse o próximo fim de semana com ele, Tal se certificaria que seu primo ficasse sabendo.

Um fim de semana aconchegante para ambos. Ele deu um sorriso amargo. Sabia que causaria problemas quando a fraude fosse exposta. Mas então, seu primo estaria salvo de outra mulher. Com o tempo, Yuusuf superaria a desilusão, como superara das outras duas vezes. E seria poupado da

experiência que Talique tivera no casamento.

Com paciência arduamente conquistada, Tal sentou-se para rever o trabalho enviado de seu escritório. Convidaria Laura para viajar neste fim de semana. A resposta selaria o destino dela.

CAPÍTULO 6

LAURA TINHA acabado de levar uma xícara de café para sua mesa, terça-feira de manhã, quando o telefone tocou. Era Tal. Ela olhou ao redor, desejando que tivesse um escritório particular. Todavia, ninguém parecia estar prestando atenção e ela poderia falar por alguns momentos.

— Olá, eu não esperava ter notícias suas hoje — disse ela. Estava feliz que ele ligara. Isso tornava a espera infinita até a noite do dia seguinte suportável.

– Estou ligando apenas para confirmar o jantar de amanhã. O que devo levar? – perguntou Tal.

– Nada. Eu farei macarronada e salada, e podemos apenas relaxar no meu apartamento. Não será uma noite muito monótona para você, será? – A dúvida começou a inundá-la. Talvez Tal gostasse de ir sempre a restaurantes chiques e boates. Ficaria entediado em seu apartamento e com uma refeição simples?

– Eu estou ansioso para ver você em seu ambiente doméstico. Isso estabelece outra camada para explorarmos – disse ele.

– Camada?

– No nosso relacionamento. Eu sinto algo especial por você, Laura.

Laura sorriu de orelha a orelha. Olhou ao redor, novamente. Ninguém observava.

– Eu também sinto algo especial por você – replicou ela, desejando que estivesse confiante o bastante para confessar seu amor.

– Eu ia esperar até amanhã, mas vou perguntar agora – disse Tal.

Laura perdeu o fôlego. Ele iria pedi-la em casamento? Certamente, não pelo telefone!

– Eu fiz reservas para nós em Lake

Tahoe. Gostaria de ir no próximo fim de semana?

– Viajar no fim de semana? – perguntou ela, surpresa e excitada. Outra chance para que eles ficassem a sós.

– Eu tenho ingressos para o show no Romel Theater no sábado à noite.

O Romel Theater era renomado por seus eventos espetaculares, desde concertos de cantores famosos até grandes espetáculos circenses e peças da Broadway. Ela tentou lembrar se sabia o que estava sendo exibido atualmente. Não importava. Tudo que acontecia naquele teatro era fabuloso.

– Eu adoraria ir – respondeu ela,

esperando que não estivesse escalada para trabalhar no fim de semana. Pelo que sabia, só trabalharia quinta e sexta no Museu De Young. Depois disso, estava livre até segunda-feira.

– Nós podemos sair na sexta à noite e voltar no domingo – sugeriu ele.

– Eu não posso viajar antes de sábado.

– Bem, então sairemos sábado de manhã.

– Talvez eu durma no carro – Laura falou com uma risada. – Irei dormir tarde na sexta-feira.

– Você pode descansar a cabeça no meu ombro.

Uma onda de excitação a percorreu.

– Podemos discutir mais o assunto no jantar de amanhã – murmurou ela, feliz que planos futuros já estavam feitos. Isso tirara um pouco o medo de que acordasse um dia para nunca mais ouvir falar dele.

– Até amanhã – despediu-se Tal.

– Uau – Laura sussurrou depois que desligou. Rapidamente, discou o número de Jenna.

– Você nunca vai adivinhar para onde eu irei neste fim de semana – disse ela assim que sua amiga atendeu.

– E bom-dia para você, também. Eu não sabia que você ia a algum lugar.

– Tahoe e ao Romel Theater!

– Uau, quem é o homem rico que a levará lá? Aqueles ingressos custam uma fortuna.

– Tal.

Jenna ficou silenciosa.

– O cara novo com quem você está saindo? Que tipo de nome é Tal?

– Acho que é apelido. De qualquer forma, nós passamos a maior parte do último fim de semana juntos e agora ele me convidou para viajar no próximo. Jenna, eu acho que estou apaixonada.

– Está brincando! Espere, você está no trabalho? Esperou até que estivesse no trabalho para me contar isso? Eu

preciso de detalhes e sei que você não vai ter tempo de me contar tudo agora. Por que eu sou a última a saber? Não acredito nisso!

– Bem, nós conversamos sobre seu casamento, ontem à noite, e eu acabei não levantando o assunto. Ademais, não acho que Yuusuf estaria interessado em minha vida amorosa.

– É melhor você me contar tudo, desde o começo. Da próxima vez, me interrompa com suas novidades excitantes, se eu estiver dominando a conversa.

– Você não estava dominando a conversa. E sua novidade é mais

concreta do que meus sentimentos incertos. Às vezes, sinto-me explodindo de felicidade. Então, tenho uma crise de pânico... e se eu nunca mais ouvir falar de Tal? Sinto-me uma adolescente desajeitada num momento, e então ele me olha de um jeito em particular e me sinto a mulher mais especial do planeta. Não posso falar agora, preciso desligar, mas eu precisava contar sobre a viagem. Estou tão empolgada.

— Certo, almoço naquele pequeno lugar que gostamos na Market. Esteja lá!

Laura riu e concordou. Jenna não era a única apaixonada e excitada sobre o futuro.

O RESTAURANTE estava lotado quando Laura entrou. Jenna tinha chegado mais cedo e conseguido uma mesa nos fundos. Com toda a conversa acontecendo ao redor, ninguém prestaria atenção nelas, pensou Laura.

– Eu pedi saladas de camarão. Este lugar é um hospício. – Jenna cumprimentou-a.

– Obrigada. Turistas se misturam com os clientes regulares, imagino – replicou Laura, sentando-se.

– Então, Tal é o homem do momento?

– Talvez o homem da minha vida. Estou apaixonada – murmurou Laura.

– Verdade? Você nunca está

apaixonada. Durante todos os anos que eu a conheço, nunca a vi tão empolgada por alguém.

– Eu pensei que fosse ficar para trás no departamento do amor. Agora, estou aqui para lhe dizer que isso não vai acontecer.

Jenna inclinou-se para abraçar sua amiga.

– Estou tão feliz por você. Quando vou conhecê-lo? Como ele é? Não acredito que você se apaixonou por alguém que eu não conheço. Mas o momento é perfeito. Eu encontrei o homem da minha vida, e agora você também encontrou. Melhores amigas em

tudo.

— Eu acho que ele é o homem da minha vida. Tal é alto, moreno e lindo. É inglês, mora em Londres e trabalha numa companhia de cruzeiros. E é tão romântico. Nós nos conhecemos na recepção de McNab, onde eu trabalhei. Então, ele descobriu onde eu trabalhava, me mandou flores.

— Como ele é? Não apenas fisicamente. Ele deve ser especial para ter atraído você.

Laura pensou por um momento, tentando encontrar uma maneira de descrever Tal em poucas palavras.

A garçonete chegou, pondo as

cumbucas com salada de camarão na frente delas.

– Eu já volto com as bebidas – disse ela e saiu.

– Ele é uma companhia divertida. Uma noite, nós saímos para jantar e dançar. Imagine um cara que adora dançar e faz isso divinamente. Eu me senti como Cinderela no baile. No sábado, nós fomos passear num balão de ar quente. E no domingo, saímos de barco. Fizemos piquenique numa angra isolada.

– Extravagante, não é?

– Eu o conheço há pouco tempo – disse Laura, dando a primeira garfada.

– Amor à primeira vista?

– Sim.

– Laura, eu me apaixonei uma dúzia de vezes desde o ensino médio. Quando conheci Yuusuf, soube a diferença. Mas você é inexperiente. Isso poderia ser uma paixonite.

– Poderia, mas não acho que seja. Ele não é perfeito – murmurou Laura. Gostava daqueles sentimentos. Não queria que Jenna abalasse sua felicidade.

– Como assim?

– Ele é contido. Eu tenho de arrancar informações de Tal. E, às vezes, ele é tão extravagante que não me sinto à

vontade. Sempre me dando presentes, falando sobre o dinheiro que tem, levando-me para lugares caros. Talvez, ele esteja tentando me conquistar com estas coisas, o que não seria necessário. Eu consigo me imaginar casada, com um bando de filhos, todos parecidos com Tal. E envelhecendo e ainda sentindo um friozinho na barriga quando olho para ele.

— Oh, Deus — exclamou Jenna, ignorando sua salada. — Você se imagina velha e grisalha, aqui em São Francisco?

— Ele é da Inglaterra.

— Eu ouvi isso. Então, você teria de se

mudar para lá?

– Ele nunca insinuou que sente o mesmo por mim, não em palavras. Mas ele é tão atencioso que tenho esperança que ele sinta, ou sentirá. Quem sabe o que o futuro me reserva?

– Pelo menos, a língua na Inglaterra é o inglês. O idioma principal de Tamarin é árabe. Eu espero que Yuusuf possa continuar trabalhando aqui. Não posso me imaginar vivendo num país onde não falo a língua. Mas tenho dificuldade de imaginar minha melhor amiga morando a dez mil quilômetros de distância.

Laura deu de ombros.

– Isso provavelmente não vai dar em

nada. – Uma onda de tristeza inundou-a. Estava se preparando para uma desilusão? Sentiu como se um grande peso descesse sobre seus ombros. – Nada indica que ele sente o mesmo por mim.

– Como ele poderia não sentir? Não acho que amor verdadeiro pode ser unilateral – disse Jenna.

– Ora, quantas histórias de amor não correspondido nós ouvimos? Acontece o tempo inteiro.

– Não, eu acho que isso é paixão. Não amor verdadeiro. Então, quando vou conhecer esse homem maravilhoso?

– Não sei. Ele vai jantar no meu

apartamento amanhã. Quer passar lá? – convidou Laura.

– Não posso. Eu já tenho outro compromisso. Que tal mais no fim desta semana?

– Eu vou trabalhar na quinta e na sexta, então iremos para Lake Tahoe no sábado, de manhã. Voltaremos no domingo à noite. Mas não sei a hora, exatamente. Talvez, possamos combinar um jantar na semana que vem. Quero que você o conheça e goste dele tanto quanto eu.

– Ligue-me no domingo à noite para me contar se vocês dois ainda são um casal. Não perderei meu tempo

conhecendo-o, se o fim de semana for um fracasso – brincou Jenna. – Você ainda não me contou muito sobre ele.

Laura não sabia tanto sobre Tal como imaginara, percebeu ao tentar descrevê-lo para Jenna.

– Acho que ele estudou em Londres. Nós não trocamos memórias de infância ainda. Ele mencionou Eton uma vez.

Agora que pensava sobre isso, Laura percebia que as conversas eram sempre sobre assuntos variados, ou sobre ela. Estivera tão lisonjeada por Tal querer saber a seu respeito que nem se dera conta do quão contido ele era. Como podia amar um homem que não

conhecia?

O pensamento preocupou-a durante a tarde inteira. No próximo encontro deles, ela tentaria descobrir mais sobre o passado de Tal, assim como sobre suas crenças e valores. Talvez fosse hora de ser um pouco mais direta com ele. Se ele quisesse apenas um relacionamento casual, era melhor terminar, antes que Laura se envolvesse ainda mais e acabasse com um coração partido.

NA QUARTA-FEIRA Laura saiu mais cedo do trabalho a fim de comprar ingredientes para o jantar. Também comprou um bolo de chocolate de sua

padaria favorita para sobremesa. Espaguete não era a refeição mais elaborada que ela sabia fazer, mas queria passar tempo com Tal, não ficar presa na cozinha. Além disso, ela era apenas uma cozinheira básica. Era melhor que ele soubesse disso, logo.

Tal chegou às 19h em ponto. Cumprimentando-a formalmente, entregou-lhe um buquê de flores da primavera... margaridas, lírios e cravos. As cores eram vibrantes, e a combinação, charmosa. O vaso de cristal completava o arranjo.

– Obrigada, elas são adoráveis – disse ela. – Mas você não precisa me

dar alguma coisa toda vez que nos encontramos.

Tal tirou o bracelete do bolso.

– O joalheiro colocou os pingentes. Teremos de ver se conseguimos encontrar um que represente Lake Tahoe. Do contrário, eu posso encomendar.

Laura pegou a pulseira e meneou a cabeça.

– Eu não preciso de mais pingentes. Estes são especiais, de nossos dois primeiros dias juntos. – Ela estendeu o pulso. – Pode colocar para mim?

Ele fez isso, beijando-lhe o pulso quando terminou, então, puxando-a para

mais perto e beijando-lhe a boca.

– Eu senti sua falta – murmurou Tal, os olhos escuros brilhando de emoção.

Ela sorriu e beijou-o novamente.

– Eu também senti sua falta.

– O que você tem feito desde a última vez que nos vimos? – perguntou ele, removendo o paletó. Colocou-o sobre o encosto do sofá e dobrou as mangas da camisa.

– Venha para a cozinha e me faça companhia. O jantar está quase pronto. Comeremos à mesa perto da janela. Eu fiz trabalho de investigação rotineira nos últimos três dias, em preparação para uma grande festa na próxima semana.

Oh, tenho novidades. Minha melhor amiga ficou noiva no fim de semana. Eu fui convidada para ir à festa do casamento.

Quando ele entrou na pequena cozinha, Laura imaginou-os como um casal, cozinhando juntos de noite, conversando sobre o tempo que tinham ficado longe um do outro. Contentes no aconchego de apartamento deles.

– Posso ajudar? – ofereceu ele.

– Se você puder tirar o pão do forno, eu apreciaria. Está quente. – Ela pôs o espaguete escorrido numa grande travessa e despejou molho por cima. Então tirou a salada da geladeira e

carregou para a mesa. O vinho já estava aberto sobre a mesa posta.

A noite passou rapidamente demais.

Sentados no sofá, juntos, depois da sobremesa, Tal pegou-lhe a mão, gentilmente lhe roçando o dorso com o polegar, enquanto se recostava contra as almofadas para relaxar. Laura sentiu um calor percorrê-la.

– Você vai trabalhar amanhã à noite?
– perguntou Tal.

– Sim, no Museu De Young, na nova exposição egípcia. E sexta à noite. Mas eu estarei pronta no sábado de manhã, para nossa viagem a Lake Tahoe.

– Eu apanho você às 9h. Chegaremos

lá perto da hora do almoço, exploraremos um pouco antes do jantar. Eu pensei numa refeição mais cedo, antes do teatro, depois uma ceia, quando o show acabar.

– Parece ótimo. Lake Tahoe é tão lindo. Você já esteve lá?

– Não. Esta será outra primeira vez para mim.

Ela sorriu, pensando que ele estava fazendo alusão a mais do que uma visita a Lake Tahoe. Pelo menos, assim esperava.

Ele a beijou no momento da despedida. Beijos lentos, longos e maravilhosos. Laura detestou vê-lo ir

embora. Por que ele não a beijara mais cedo? Mais de uma vez, ela sentira que ele estava controlando as emoções. Isso significava que ele queria mais, porém, estava se contendo, até que eles se conhecessem melhor?

Laura começou a tirar a mesa a fim de lavar a louça. Já estava contando os minutos para sábado. Estava flutuando, sonhando com Tal mesmo quando acordada.

SÁBADO AMANHECEU nublado e frio. O tempo mudou gradualmente, quando eles deixaram a costa para trás, passaram por Sacramento e seguiram em direção às montanhas de Serra Nevada, nas quais

Lake Tahoe ficava aninhada. A viagem foi suave e tranquila. A limusine mal parecia se mover.

– Conte-me sobre as suas noites – convidou Tal.

– Eu adoro trabalhar nos eventos em museus. As pessoas que frequentam esses eventos normalmente ficam fascinadas com os itens expostos, sejam pinturas, esculturas ou artefatos antigos. Apesar de estar sempre alerta, eu nunca sinto o estresse de trabalhos particulares. Há muitos outros aspectos de segurança para que ladrões pensem em roubar alguma coisa... pelo menos não com tanta gente por perto.

– Mas festas particulares são diferentes? – perguntou ele.

– Claro. Nós também não conhecemos as pessoas, mas os convidados estão da casa do anfitrião. Eles poderiam ter intenção de roubar o lugar no futuro, ou analisar os convidados para ver quem está usando mais joia. Uma vez, na casa de um senador, uma mulher foi roubada no toalete. Nós pegamos a ladra... uma adolescente que queria dinheiro para drogas. Ela estava trabalhando como servente na festa.

– Seu trabalho é perigoso?

– Não. Na maior parte, é só vigilância e investigação.

– Ah.

Ocorreu a Laura que ela *poderia* investigar Tal, descobrir mais sobre ele através dos canais que eles usavam para verificar novos funcionários para clientes, ou convidados de reputação duvidosa. Não que ela *fosse* fazer isso agora. Confiança era um aspecto importante de qualquer relacionamento. Laura não tinha motivo para pensar que ele estava tentando enganá-la ou roubá-la. O que ela possuía de valor? Ele nunca lhe fizera muitas perguntas sobre seu trabalho, nem sobre nenhum dos clientes de sua firma.

– Você às vezes deseja que fosse uma

convidada nesses eventos, em vez de segurança? – questionou ele.

Ela assentiu, sorrindo em deleite.

– Eu adoraria ter algumas das roupas exóticas, pegar um avião e ir a Cancun amanhã, para alguns dias. Quem não gostaria?

– Da próxima vez que eu receber um convite, eu a levarei comigo. E lhe comprarei as roupas de grife que você quiser – acrescentou ele.

Laura o fitou.

– Não preciso que alguém me compre roupas. As que eu tenho são ótimas. Mas se você quiser me levar a alguma festa chique, ficarei feliz em lhe fazer

companhia.

Tal tinha sido um convidado no evento de arrecadamento de fundos de McNab. Obviamente conhecia o tipo de pessoas para quem ela trabalhava. Não seria divertido ir a um destes eventos como convidada? Embora duvidasse que se sentisse muito à vontade com aquelas pessoas. Seus mundos eram muito diferentes.

O AR na Serra Nevada estava claro como cristal. A temperatura era confortável, com uma brisa leve soprando quando eles chegaram ao destino. O Peaks era um hotel exclusivo na divisa da Califórnia com Nevada. A

elegância foi um deleite inesperado para Laura, quando eles entraram no saguão ornado. Ela sentiu como se estivesse pisando no País das Maravilhas. Um país com peças de rico mogno, colunas douradas e pinturas a fresco no teto.

Em menos de dez minutos, eles estavam registrados e subindo para a cobertura, no grande elevador espelhado.

– Eu tomei a liberdade de reservar uma suíte, com quartos para nós dois e uma sala de estar que conecta os quartos – disse Tal, enquanto eles seguiam o carregador de malas ao longo do corredor.

A suíte dava vista para o Lago. As janelas largas e altas emolduravam a beleza das águas alpinas com pinheiros altos e abetos que saíam da extremidade da água.

– Maravilhoso. – Laura andou para as janelas. Poderia olhar para aquela vista por horas.

– Por que você não se refresca e saímos para almoçar? – sugeriu Tal.

– Perfeito.

Esta foi uma profecia para o fim de semana inteiro. A caminhada levou-os à rua principal, com hotéis, restaurantes e turistas. Virando-se em direção ao lago, eles logo alcançaram a praia de areia,

onde famílias e casais relaxavam no sol. Crianças brincavam na água fria, rindo e espirrando água. Mães olhavam os filhos, e pais cochilavam em espreguiçadeiras.

Vestindo-se para jantar mais tarde, Laura pensou sobre a oferta de Tal de lhe comprar um vestido. Esperava que o vestido preto que levara fosse adequado. Seria agradável ter um vestido de grife, mas ela ficaria com muito medo de estragar e então não se sentiria à vontade. E se alguém derramasse alguma coisa no vestido, ou ela o rasgasse?

O musical no Romel Theater foi

fantástico. Na saída, Tal lhe comprara um CD com as músicas do show. Ela se lembraria daquela noite toda vez que ouvisse o CD. Não que precisasse de estímulos externos para se lembrar de cada segundo passado com Tal.

Eles tinham ido jantar depois e dançado sob as estrelas, num restaurante com terraço ao ar livre, perto do hotel. Dormindo até tarde no domingo, eles haviam então participado de um delicioso bufê com champanhe que o hotel oferecia aos hóspedes.

– Eu poderia me acostumar com isso – murmurou ela, enquanto bebia champanhe às 11h da manhã. Sentia-se

mimada e adorada. Não era de admirar que pessoas ricas gostassem de ser ricas. Mas não era o dinheiro que tornava o dia especial... era Tal e o jeito que ele a fazia se sentir.

– Isto é algo que nós podemos compartilhar muitas vezes – disse ele, erguendo a taça em sua homenagem.

– Eu adoraria – disse ela. É claro, também adoraria comer hambúrgueres numa lanchonete com Tal. Era o homem que ela amava, o lugar era irrelevante.

A viagem de volta foi através de Napa Valley. Desta vez, Tal pediu para o chofer parar numa das vinícolas mais famosas da região. Eles fizeram um tour,

aprendendo os diferentes passos na produção de vinhos. Laura deleitou-se ao degustar alguns. Tal comprou uma garrafa de dois dos vinhos que ela mais gostou.

Quando eles chegaram ao prédio de Laura, passava das 19h. Ela convidou-o para subir.

– Nós podemos pedir alguma coisa para jantar, ou eu posso preparar uma omelete. Nada tão glamouroso como nossa refeição de ontem à noite, mas o melhor que posso fazer, tão em cima da hora.

– Estará deliciosa, tenho certeza. –
Dispensando o motorista pela noite, Tal

entrou com ela no edifício.

Abrindo a porta alguns momentos depois, Laura ficou surpresa ao ver sua amiga Jenna sentada no sofá.

– Ei, eu não sabia que você viria aqui – disse Laura. Poderia apresentar Tal para sua amiga esta noite. Tal seguiu-a para dentro da sala, parando do lado de dentro da porta.

– Eu queria saber tudo... – Jenna parou ao avistar Tal. – Ops, talvez esta não seja uma boa ideia.

– É uma ótima ideia. Tal, esta é minha melhor amiga, Jenna Stanhope. Jenna, Tal.

Jenna levantou-se e estendeu a mão.

Naquele momento, Yuusuf veio da cozinha, dois copos de água na mão.

– Tal! O que você está fazendo aqui?
– perguntou ele, em surpresa.

CAPÍTULO 7

POR UM momento, todo o mundo congelou. O cenário teria sido um palco ideal para uma comédia, exceto que as expressões perplexas nos três rostos não combinavam com comédia.

– Você conhece Tal? – perguntou Laura.

Jenna abaixou a mão, olhando de Yuusuf para Tal.

– Ele é meu primo. Eu não sabia que você estava nos Estados Unidos. Da última vez que soube... – Yuusuf olhou

para Jenna, então para Tal. – Você está aqui por minha causa, não é? Droga, deixe-me em paz. Desta vez, é diferente.

– Você falou isso em Los Angeles – disse Tal, pondo as duas garrafas de vinho sobre a mesa perto da porta. – Vovô me enviou.

– O que é diferente? – questionou Laura. Virou-se para Tal. – Você é primo de Yuusuf? Pensei que você fosse da Inglaterra.

– Oh, meu Deus – exclamou Jenna, sentando-se no sofá e olhando para Laura com preocupação.

– Com um nome como Talique bin Aroz bin Al-Rahman, você pensou que

ele fosse inglês? – perguntou Yuusuf.

Laura sentiu o mundo balançar sob seus pés. Olhou para Tal.

– Você disse que seu nome era Smith. Pensei que Tal fosse um apelido.

Ele olhou para Yuusuf.

– Vovô viu as fotos no jornal, enviado para ele por alguém na embaixada de Los Angeles. Ele me despachou novamente para tirá-lo de problemas.

– Eu não estou com problemas. Que fotos? – perguntou Yuusuf, indo parar perto do sofá. Deu um copo de água a Jenna, pôs o seu sobre a mesa e encarou Tal. – Eu definitivamente não estou precisando de resgate.

– As fotos suas com Laura em alguma festa chique. Ele não queria uma repetição dos incidentes anteriores – explicou Tal.

– Que incidentes? O que está acontecendo? – perguntou Laura. Tal se tornou mais distante, parecendo estar à parte do resto deles.

– Sente-se, querida. Eu não acho que isso vai ser bom – disse Jenna, dando um tapinha no sofá ao seu lado.

– Eu acabei de passar o fim de semana em Lake Tahoe com Laura. Ainda acha que ela está apaixonada por você? – Tal questionou Yuusuf.

Laura sentou-se ao lado de Jenna, um

pressentimento ruim se construindo. Não conseguia tirar os olhos de Tal.

– Espero que não, isso certamente complicaria as coisas – replicou Yuusuf.

– O quê? – Tal pareceu atônito.

– Eu estou noivo de Jenna. Iremos voar para casa no próximo fim de semana, de modo que mamãe possa conhecê-la, mas elas já se falaram ao telefone algumas vezes, esta semana. Não sei de que fotos você está falando, mas eu não estou saindo com Laura. Nunca estive.

Tal olhou para Jenna.

Ela assentiu, levantando a mão direita.

– A foto a qual você se refere provavelmente foi tirada numa festa em que nós estávamos... Laura trabalhando, Yuusuf e eu como convidados. Eles estavam perto quando foram fotografados. Laura, lembra como nós rimos ao ver a fofoca abaixo da foto?

Laura assentiu. Aquilo não parecia engraçado no momento. Ela sentia-se nauseada.

Tal olhou para o anel de noivado.

– É com você que Yuusuf está saindo? Houve outra foto no jornal do último sábado unindo Laura a Yuusuf. Como você se encaixa nisso?

Laura ouviu a incredulidade no tom

de voz dele. Irritou-se em defesa de sua amiga. E daí se Jenna tinha alguns quilinhos extra? Ela era uma pessoa carinhosa e adorável. Estava usando óculos hoje, mas quando estava de lentes de contato, era muito bonita. E ela e Yuusuf se amavam. O que parecia ter alguma coisa a ver com o fato de Tal estar lá. Ela sempre soubera que ele usara um sobrenome falso. Isso não parecera importar, antes.

— Então, eu vou receber uma explicação, ou este é o jogo das 20 perguntas? — demandou Laura, olhando de um homem para o outro.

Yuusuf deu de ombros.

– Eu tive a infelicidade de me envolver com duas mulheres no passado que provaram querer meu dinheiro mais do que me querer. Meu avô tem um forte senso de responsabilidade familiar, especialmente desde que meu pai morreu, quando eu era jovem. Ele enviou Tal para me resgatar, para se certificar que eu não caísse nas garras de caçadoras de fortuna, certo, Tal?

– Ele deveria ter permitido que você fizesse papel de tolo e aprendesse uma lição valiosa – respondeu Tal.

– Mas ele não fez isso, nem você. Qual era o seu plano, desta vez? Arrastar-me para casa? Não, espere. –

Yuusuf olhou para Laura, então para seu primo. – Estava tentando fazer Laura se apaixonar por você e sua fabulosa riqueza, para demonstrar que ela só quer dinheiro. Isso não combina com você, Tal. Deveria ter tentado comprá-la, como fez com as outras.

Laura sentiu como se tivesse sido golpeada no estômago. Olhou para Tal, esperando que ele negasse veementemente a acusação. Ele não disse nada, encarando o primo, com o semblante inexpressivo.

– Não – sussurrou ela. Jenna pegou-lhe a mão, apertando-a.

– Então, nosso relacionamento foi

uma farsa? – perguntou ela.

– Relacionamento? – repetiu Tal. – Dificilmente isso. Eu a convidei para sair, você aceitou. Alguns encontros casuais não consistem num relacionamento. – Mas enquanto falava as palavras, a culpa o inundou.

Laura queria gritar. Alguns encontros casuais? Ela depositara seus sonhos num homem que estava tentando atrair uma caçadora de fortunas para longe do primo. Somente que ele pegara a mulher errada. Ela sentiu uma dor aguda na região do coração. Então, entorpecimento começou a inundá-la.

– Todos aqueles presentes? Não

significaram nada?

– A maioria das mulheres gosta de presentes.

– Este é o cara de quem você estava me falando, Jenna? – perguntou Yuusuf. – Aquele que Laura... – ele parou. – Tal, você foi longe demais desta vez. Você e meu avô podem ficar fora da minha vida de agora em diante. Eu acho que você deveria ir embora.

TAL SENTIU como se estivesse num mundo que enlouquecia. Ele ficara assustado ao encontrar seu primo no apartamento de Laura, quando eles tinham chegado. Inicialmente, considerara aquilo bom.. Yuusuf veria a

namorada voltando de uma viagem de fim de semana com outro homem.

Apenas que o cenário não se desenrolara como ele imaginara. Olhou para a mulher levemente rechonchuda sentada ao lado de Laura, que tinha a idade próxima a de Yuusuf, feições agradáveis, mas nada como as beldades que seu primo normalmente conquistava. Serena e tranquila foram as descrições que lhe vieram à mente. E seu primo a pediria em casamento!

– Ainda há a questão de ser desejado por seu dinheiro – disse Tal. Precisava fazer aquilo. Seu avô estava contando com ele para não permitir que Yuusuf

cometesse um erro. Tal também não queria que seu primo sofresse a mesma desilusão que ele sofrera em seu casamento.

– A família de Jenna tem dinheiro desde a grande procura por ouro na Califórnia. O pai dela é engenheiro de software da early dot.com days. Ele provavelmente poderia me comprar e me vender – disse Yuusuf. – Sou eu quem deve temer que eles pensem que estou me casando por dinheiro, não o contrário. Embora, depois do interrogatório do pai dela no fim de semana, ele sabe que eu amo Jenna. Não quero nada dela além de tê-la como

minha esposa.

Perplexo com a declaração de Yuusuf, Tal olhou novamente para a mulher. Ela não queria o dinheiro de seu primo. Eles já tinham conversado com a mãe de Yuusuf e estavam planejando uma vista. Yuusuf obviamente conhecera os pais de Jenna.

Finalmente, Tal olhou para Laura. Ela estava olhando para a parede, e a expressão ferida no rosto cortou seu coração. Laura não era a mulher que ele imaginara. Os sentimentos dela haviam sido genuínos. E ela realmente acreditara que ele a queria.

— Laura.

– Por favor, vá embora – disse ela, entre lábios comprimidos. – Eu acho que não temos mais nada a dizer um ao outro.

– Eu gostaria de explicar.

– Eu acho que já entendi. Vá embora!

Tal olhou para os outros dois, que o encaravam com raiva. O silêncio era ensurdecedor. Com uma breve inclinação da cabeça, ele virou-se e saiu do apartamento.

Carregaria a imagem do rosto de Laura na mente por um longo tempo. Não pretendia magoá-la. Apreciara a companhia dela, embora nunca tivesse se permitido esquecer que ela estava

atrás da riqueza de seu primo. Apenas que se enganara completamente.

Enquanto esperava o elevador, Tal considerou o fato de que Laura não estava envolvida com Yuusuf. Ela era livre, talvez eles tivessem começado alguma coisa que pudessem salvar. Qualquer relacionamento que eles construíssem não traria desacordo para sua família. Pelo contrário, poderia solidificá-la, com Laura sendo amiga da futura esposa de Yuusuf.

Ele começou a se virar, a fim de falar com ela e ver como eles poderiam se relacionar sem os segredos entre os dois. Hesitando, balançou a cabeça.

Esperaria até que Yuusuf e Jenna fossem embora. O que tinha a dizer para Laura era particular.

ASSIM QUE Tal saiu e fechou a porta, Laura deu vazão às lágrimas. Jenna puxou-a contra seu ombro.

– Lamento tanto, querida. Eu não tinha ideia que seu novo namorado não era sincero. Nós viemos aqui hoje para saber sobre seu fim de semana. Sinto muito.

– Você nunca mencionou o nome dele, Jen. Se tivesse mencionado, eu teria adivinhado quem ele era – disse Yuusuf.

– Com licença, vou ligar para meu avô.

– Ele foi para o telefone de Laura e fez a

ligação.

Laura mal notou. Humilhação e dor a corroíam. Sentia como se não pudesse respirar. A dor em seu peito era forte. Lágrimas não ajudariam, mas ela chorou como não chorava desde que seus avós tinham morrido.

– Eu pensei que ele fosse maravilhoso, mas só estava representando uma farsa para me afastar de Yuusuf – disse ela, entre lágrimas. – Cada gesto de Tal foi orquestrado para fazer com que eu me apaixonasse, de modo que ele pudesse partir.

– O que ele fez foi cruel e imperdoável – concordou Jenna.

Sentando-se, Laura estendeu o pulso com o bracelete para Jenna.

– Tire-o!

Jenna abriu o fecho e entregou a pulseira para sua amiga. Laura jogou-a contra a parede.

– Lembranças de nossos momentos juntos. Que lembranças mentirosas.

Ela olhou para as flores.

– Não – disse Jenna. – Este vaso de cristal vale uma pequena fortuna. Não o quebre.

– Oh. – As lágrimas de Laura secaram. Raiva substituiu a mágoa. – Tudo que eu queria era alguém para amar. Que me quisesse por quem eu sou.

Ele pensou que eu fosse interesseira. Nunca me deu uma chance. Eu o odeio. – Ela levantou-se e andou para a janela, então de volta para o sofá. – Eu gostaria que pudesse me vingar. Como ele ousa pensar que eu estava atrás do dinheiro de Yuusuf?

– Isso não é tão incomum. Pense em como meu pai é protetor em relação a mim – apontou Jenna.

– Você está do lado dele? – perguntou Laura, horrorizada.

– É claro que não.

Yuusuf estava falando nos fundos, numa língua que nem Laura nem Jenna entendiam. Mas o tom da voz era

claramente raivoso. E ele ainda estava zangado quando desligou.

– Laura, no nome de minha família, eu peço desculpas. As ações do meu primo e do meu avô são imperdoáveis. Apenas espero que você perceba que eu não sabia, ou teria impedido isso.

– É claro que eu sei. Você é muito bom para estar envolvido numa coisa dessas. – Como ela pensara que Tal fosse. Lágrimas ameaçaram novamente.

– Lealdade e preocupação, apesar do engano, foram as motivações de Tal e de meu avô. Tal detesta se envolver em assuntos pessoais. Sempre prefere dirigir os seus negócios e evitar contatos

sociais. Todavia, elos familiares e lealdades são fortes. Foi assim para mim – murmurou Yuusuf com sinceridade.

– Ele devia saber que Laura estava se apaixonando. Olhe tudo que ele fez... presentes, flores, jantares sofisticados, encontros criativos e um fim de semana em Tahoe – disse Jenna. – Não é de admirar que Laura tenha se sentido cortejada.

Laura sentiu-se vingada por não ser a única a enxergar aquilo. Sentiu-se um pouco menos tola.

Jenna levantou-se.

– Você quer que nós fiquemos aqui?

Laura meneou a cabeça.

– Obrigada por terem vindo. Não acredito que eu fui tão ingênua. Se ele não tivesse sido exposto esta noite, quem sabe por quanto tempo eu teria sido enganada.

– Você vai ficar bem?

Ela assentiu.

Jenna abraçou sua amiga.

– Eu telefono mais tarde.

Laura assentiu novamente, não confiando na própria voz. A raiva estava se dissipando. A dor da traição de Tal dominava agora.

Assim que Jenna e Yuusuf saíram, Laura foi para seu quarto, deitando-se

de bruços na cama e chorando por tudo que tinha perdido. De alguma maneira, deveria ter percebido a insinceridade de Tal. Sentido que ele a estava comprando e ganhando tempo.

PASSAVA DAS 21h quando o telefone tocou. Laura estava deitada na cama, descalça, mas ainda com a mesma roupa que chegara. Debateu se deveria atender, mas Jenna ficaria preocupada se ela ignorasse o telefone. Levantando-se, foi para a sala e atendeu.

– Oi – disse ela.

– Laura.

Ela reconheceu a voz.

– Eu não tenho nada a lhe dizer –

falou para Tal e desligou o telefone. Raiva inundou-a. Como ele ousava contatá-la depois do que fizera? Ela foi à cozinha, preparar uma xícara de chá. Tomaria, depois iria dormir. Apesar de todo o drama em sua vida, precisava trabalhar na manhã seguinte.

O telefone tocou novamente.

Laura não atendeu. Ligaria para Jenna quando o telefone parasse de tocar, mas não ia arriscar ouvir a voz de Tal novamente. Lágrimas encheram seus olhos. Adorara ouvir aquela voz com sotaque britânico. Não podia acreditar que nunca mais iria ouvi-la.

Após uns dez toques, o telefone

parou. Ela ligou para sua amiga.

– Você me ligou agora?

– Não. Yuusuf ainda está aqui. Eu ia ligar mais tarde.

– Eu estou me aprontando para ir dormir.

– Você vai ficar bem? – perguntou Jenna.

– Sim, eu lhe telefono em um ou dois dias.

– Ligue amanhã – pediu Jenna.

Laura concordou, então desligou. Tirou o telefone da tomada. Esperando que Tal entendesse o recado, ela não ia arriscar ser perturbada novamente esta noite.

TAL DESLIGOUO telefone, frustrado. Ela não estava atendendo de propósito, isso era óbvio. Recostando-se em sua cadeira, ele olhou para o céu escuro. Sentia-se confuso. Sabia que havia alguma conexão especial entre eles. Mas um relacionamento?

Exceto que, se ela não estava atrás do dinheiro de um homem, podia ter visto as coisas dessa forma.

Ele precisava explicar, dizer-lhe que não pretendia magoá-la, que estava cuidando de sua família. Mulheres se importavam com laços familiares. Certamente, Laura entenderia.

O telefone tocou. Esperança o

preencheu. Talvez ela tivesse cedido e decidido ligar para ouvir o seu lado da história.

– Tal, o que você fez? – perguntou seu avô, zangado, quando ele atendeu. – Yuusuf me ligou mais cedo e contou que você interferiu na vida dele e arruinou uma jovem de quem a noiva gosta muito. Por que esta é a primeira vez que eu ouço falar de uma noiva? O que houve com seu plano grandioso para salvar seu primo do sofrimento e do escândalo?

– Aconteceu que Yuusuf encontrou uma mulher adequada, em minha opinião. Ele vai levá-la para casa e apresentá-la à mãe, em breve –

respondeu Tal. Desejou que tivesse tido mais tempo antes de conhecer Laura, para analisar a situação. Ele e seu avô tinham confiado nas ações fanáticas de um funcionário da embaixada.

– Foi o que eu descobri quando falei com Yvette esta manhã. Ela gosta da moça, mas qualquer um pode enganar uma pessoa pelo telefone. Veremos como ela é, quando eles chegarem.

– Você ficará surpreso.

– E a mulher que você arruinou?

– Isso é um exagero. A mulher que vimos nas fotos não era a que estava interessada em Yuusuf. – *Ela estava interessada em mim*, Tal queria dizer,

percebendo, com desespero, como corações podiam ser facilmente partidos.

– Você gostou da mulher que seu primo escolheu?

– Eu mal a conheço. Mas acredito que Yuusuf esteja totalmente comprometido com ela. Jenna é diferente de qualquer mulher com quem ele já esteve. E vem de uma família rica, portanto, livre-se dessa preocupação.

– Hmmm. Eu vou guardar o julgamento para depois de conhecê-la. Então, sua missão terminou. Você vai para Bremerhaven agora, ou vai voltar para casa?

– Eu vou ficar mais uns dois dias. – Ele tomou a decisão naquele momento. Precisava ver Laura novamente.

– Ah, para conhecer melhor a noiva de Yuusuf? Boa ideia. Ligue-me depois que falar com ela.

Tal concordou, então desligou. Conheceria Jenna Stanhope. E descobriria o que ela pudesse lhe contar sobre Laura.

TAL NÃO dormiu bem. Levantou cedo e, depois de usar a academia de ginástica do hotel, tomou um banho e pediu café da manhã. A pilha de trabalho esperando sua atenção não diminuía durante o fim de semana.

A batida à porta anunciava o café da manhã. Ele abriu, apenas para encontrar o porteiro com uma caixa.

– Entrega para o senhor – disse ele.

Tal pegou o pacote e dispensou o homem. Pondo-o sobre a mesa, abriu-o. O vaso estava dentro, as flores espalhadas ao redor da caixa. No meio, estava o bracelete com seus pingentes e o CD. Tudo que ele comprara para Laura tinha sido devolvido. Ele notou um envelope. Abrindo-o, diversas notas de 20 dólares caíram de dentro. Ela até mesmo calculara o custo dos passeios deles e retornara sua parte.

Raiva inundou-o. Como ela ousava

lhe devolver tudo?

Entretanto, o que ele esperava? Havia mentido para Laura, acusando-a de ser uma caçadora de fortunas. Este era o jeito dela de repudiar a acusação. Efetivo. E danoso. Era assim que ela se sentia? Ele precisava lhe explicar, fazê-la entender por que agira daquela forma.

LAURA FOI à casa de Jenna depois do trabalho. Não queria ficar sozinha. Passara o dia trabalhando muito, para tentar não pensar em Tal. Mas a noite seria interminável, se estivesse sozinha.

Jenna cumprimentou-a calorosamente.

– Yuusuf não está aqui?

– Nós ainda não somos casados –

replicou Jenna. – Ele ainda está no escritório. Diz que tem muitas coisas para resolver, antes de voarmos para Tamarin. Planejamos sair no próximo sábado, chegando no domingo. Reservamos as passagens. Você pediu folga no trabalho, não é?

– Eu não acho que irei. Ainda não é o casamento. Você não precisa de mim para esta visita. – A última coisa que Laura queria era encontrar Tal, novamente.

Jenna franziu o cenho.

– Se você não for, eu também não vou.

– Não seja tola. Você precisa

conhecer a mãe dele e o resto da família.

– Tal não estará lá. Eu me certificarei disso. Preciso de você do meu lado. Meus pais não irão, até que o noivado seja anunciado. Eu estarei sozinha lá.

– Você estará com Yuusuf.

– Eu ainda serei a estrangeira. Mesmo depois que nos casarmos, eu serei uma estranha para a família por um longo tempo. Nós não compartilhamos a mesma origem, a mesma língua ou os mesmos costumes.

– Você tem certeza sobre este casamento? – perguntou Laura.

– Oh, sim. Eu o amo tanto que chega a

doer. Nós estávamos discutindo onde morar. Talvez, alguns meses do ano nos Estados Unidos e outros em Tamarin. Não sei se eu poderia ficar tão longe dos meus pais para sempre. Ou de minha melhor amiga. Especialmente quando os bebês vierem. Quem seria a tia favorita deles?

Laura tentou sorrir da declaração apaixonada de sua amiga. Dois dias atrás, ela teria falado a mesma coisa sobre Tal. Amara-o tanto. Agora, sentia como se tivesse uma ferida aberta que nunca se curaria.

— Você ficará bem. Yuusuf se certificará de que você não se sinta uma

estranha.

– Estou falando sério. Ou você vai comigo, ou ficarei aqui. Yuusuf que mande buscar a mãe, se ela quer me conhecer imediatamente.

– Oh, isso será ótimo para a harmonia da família.

– Tudo depende de você.

– Eu não gosto de me sentir pressionada – protestou Laura.

– Mas eu a quero lá. Por favor, por mim, vá conosco.

Laura realmente não queria ir. Mas Jenna raramente lhe pedia alguma coisa.

– Tal não estará lá?

– Eu farei com que Yuusuf cuide para

que ele não esteja.

– Certo, eu pedirei folga, amanhã. Mas se meu chefe negar...

– Se ele negar esta semana, descubra quando você pode tirar uma semana, e nós mudaremos a data da partida.

Laura queria que sua amiga tivesse o melhor casamento possível. Se tivesse de ir para Tamarin para garantir isso, iria. Jenna provavelmente se casaria por ambas. Laura não se via encontrando outro homem para amar como amara Tal. Ademais, apaixonara-se pela primeira vez aos 28 anos. Quanto tempo levaria para esquecer o homem que capturara seu coração e o rejeitara tão

cruelmente, tudo em nome da família?

CAPÍTULO 8

O voo de São Francisco para Londres e depois para Tamarin levou mais de 18 horas. Apesar do luxo da primeira classe, Laura estava exausta no momento que eles aterrissaram no país deserto de Yuusuf. Ela esperou que eles pudessem conhecer a mãe dele rapidamente, então pedir licença e dormir um pouco.

Sua fadiga era pior, sem dúvida, pelo fato de que ela não dormia bem há mais de uma semana. Raramente conseguia dormir mais do que cinco horas, e estas

eram perturbadas por pesadelos. Trabalhava arduamente durante o dia, para evitar pensamentos ingovernáveis.

– É lindo – disse Laura, quando eles saíram do aeroporto para o sol. A umidade era maior, a temperatura mais alta do que em São Francisco.

O cheiro de flores preencheu seus sentidos. Laura alegrou-se um pouquinho. As palmeiras altas e flores coloridas davam ao aeroporto uma atmosfera amigável que faltava no aeroporto de vidro e concreto de São Francisco. Talvez, estar ali ajudasse a diminuir a dor dos últimos dias. Havia muitas coisas para ver, para fazer,

peessoas para conhecer. Com Tal ausente, ela se forçaria a apreciar cada nova experiência.

Uma limusine branca parou silenciosamente. O chofer rodeou o carro para abrir a porta e cuidar da bagagem. Por um momento, o coração de Laura parou de bater. Não era o mesmo veículo da Califórnia. Respirando fundo, ela entrou e sentou-se no banco oposto a Jenna e Yuusuf.

— Nós iremos direto para a casa de minha mãe — disse Yuusuf. — É onde ficaremos hospedados. Eu sei que vocês duas estão cansadas. Após uma soneca, encontraremos a família imediata de

minha mãe, no jantar.

– Que são sua mãe, sua tia Sophia e seus avós Camille e Anton, certo? Meu Deus, eu vou me lembrar do nome de todos? – perguntou Jenna.

– Você se sairá bem. Minha mãe é Yvette. O marido de tia Sophia é Aziz bin Tammur. Ele é médico. Meus avós irão adorar você. Anton e Camille. Eles são franceses, como eu lhe contei. O pai de meu pai foi quem enviou Tal. Ele e vovó Abree irão amanhã. Ainda estou zangado sobre a situação. Especialmente por você, Laura.

– Eu estou bem. Estou ansiosa para conhecer sua mãe. E sua casa, aqui em

Tamarin. – Tal tinha uma casa ou um apartamento? Ele passava muito tempo lá, ou mais tempo em Londres?, imaginou ela, mas não ousou perguntar.

O trajeto pela cidade foi rápido. Parques e alamedas floridas tornavam a cidade encantadora. Laura ficou surpresa em ver todas as pessoas em trajes ocidentais. Associara túnicas e véus com países árabes. Ocasionalmente, via um casal vestido num traje mais tradicional, mas era raro. Poderia estar em Paris ou Roma.

Logo, eles chegaram a uma área residencial, com casas construídas em terrenos enormes, formando uma bela

paisagem. Das casas que ela podia visualizar da estrada, branco era a cor predominante, com telhados vermelhos brilhantes. Quando a limusine diminuiu a velocidade para entrar numa propriedade e seguir um longo caminho, ela olhou com interesse para a casa onde Yuusuf crescera. Aquela seria a nova família de sua amiga. Laura esperava que todos amassem Jenna.

Tinha dúvidas quanto ao avô que tentara impedir Yuusuf de se envolver. Não estava disposta a gostar dele.

Yvette bin Horah era uma anfitriã graciosa. Abraçou Jenna e o filho e deu as boas-vindas a Laura. Estava com chá

e pequenos sanduíches prontos e deixou-os à vontade para irem se refrescar.

– Vocês todos devem estar cansados depois de um voo tão longo. Programei o jantar para um pouco mais tarde, às 20h. Assim que comerem, eu os levarei para seus quartos. – A mansão era térrea, com corredores indo para diferentes direções. Yvette conduziu o caminho para uma ala que saía do salão principal e abriu a primeira porta para Laura. – Este é para você, minha querida. Espero que goste. Dá para os jardins.

– É adorável.

Laura entrou e ficou instantaneamente

encantada. O quarto era claro, com paredes pintadas de amarelo clarinho e uma colcha colorida na cama. Cortinas brancas esvoaçavam com a brisa entrando através das portas francesas que levavam ao jardim.

– Eu nunca vi flores tão maravilhosas antes – murmurou ela, andando para as portas francesas. Apesar da beleza, a cama a chamava.

– Descanse. Nós nos veremos no jantar. – Yvette fechou a porta, suavemente.

A mala de Laura estava perto do armário. Ela levantou-a e descobriu que estava vazia. Alguém já tinha guardado

suas roupas. Abriu uma gaveta e achou uma camisola. Vestindo-a, entrou debaixo dos lençóis frios. A sensação era deliciosa. Longe de São Francisco, longe de Tal e do desastre do breve caso deles, Laura sentiu-se relaxar. Logo, mergulhou num sono abençoado.

Laura foi tratada como uma convidada de honra. Durante o jantar, conheceu a família da mãe de Yuusuf... a irmã de Yvette, Sophia, e os pais dela, Anton e Camille. A conversa foi animada e girou em torno do casamento iminente.

Laura foi incluída em todos os estágios do planejamento, ouvindo e fazendo comentários ocasionais. Tentou

apreciar a felicidade de sua amiga. Somente uma vez durante o jantar, pensou que recentemente tivera esperança de vivenciar um evento similar em sua própria vida. Contos de fada não se tornavam realidade. Ela baniu Tal da cabeça e concentrou-se nas sugestões que tia Sophia continuava fazendo. Se as coisas fossem do jeito que a mulher queria, o casamento de Jenna seria uma extravagância inesquecível.

No dia seguinte, Yuusuf levou Jenna para um passeio de carro. Laura aproveitou a manhã livre para apreciar os jardins. Encontrou Yvette por volta

das 11h, e as duas se sentaram numa sombra proporcionada pelas árvores. Água jorrando de uma fonte era ouvida por perto.

– Eu estou feliz por meu filho – disse Yvette. – A mulher que ele escolheu desta vez é perfeita para ele.

– Pelo que entendi, duas vezes a mulher não era perfeita para Yuusuf – comentou Laura.

– Oh, a mulher de Boston era a pior. Ela teria se casado com ele e tornado a vida do meu filho um inferno. Foi comprada pelo avô dele. Eu nunca soube quanto ele pagou, mas acho que foi uma pequena fortuna. Tal lidou com isso para

Salilk, é claro. Salilk tinha acabado de passar por uma cirurgia e não estava bem. E definitivamente não estava feliz com Yuusuf na ocasião.

– Parece que Yuusuf escapou por pouco.

– Meu filho era jovem. Protegido. Ele queria ir para a América, onde nós não tínhamos muitos amigos, de modo que ele estava sozinho. Bajulação vira a cabeça de um homem tão facilmente, você não acha?

Laura pensou sobre seus próprios sentimentos em relação a Tal, que a fizera sentir como se ela fosse a única mulher do mundo. Bajulação certamente

virara a sua cabeça. Detestava pensar
quão facilmente caíra numa armadilha
similar.

– Sim, você tem razão.

– Yuusuf pediu para trabalhar no
escritório da Califórnia da companhia
de navios da família. Então, apaixonou-
se por uma atriz em Los Angeles. Acho
que ela esperava que ele lhe comprasse
uma companhia cinematográfica e lhe
desse os papéis principais. Homens
podem ser tão cegos. Embora eu ache
que um pouco da teimosia dele foi em
reação ao comportamento dominador do
avô, em Boston.

Yvette suspirou.

– É tão encantador aqui. Eu não entendo por que meu filho adora viver na América. Nós temos todas as conveniências modernas que vocês têm em seu país e mais.

– Talvez seja uma maneira de ficar longe do controle do avô – palpitou Laura.

– Oh, Salilk apenas envia Tal. Tal ama a família e faria qualquer coisa por Yuusuf. Ele é o favorito dele, sabia?

– Não, eu não sabia. – Pela conversa, era óbvio que Yvette não tinha ideia do que acontecera entre Laura e Tal. E Laura não pretendia lhe contar.

– Conte-me o que você faz –

murmurou Yvette. – As mulheres sempre trabalham na América. Exceto Jenna, embora os deveres que ela faz como voluntária poderiam ser considerados trabalhos, suponho.

– Eu trabalho para uma companhia de seguro – replicou Laura, explicando suas tarefas, compartilhando algumas anedotas.

– Eu teria adorado ver isso – comentou Yvette, rindo de uma das histórias. – Você não encontraria algo assim aqui.

– Mas você nem sempre viveu aqui – disse Laura.

– Verdade. Meu pai era do corpo

diplomático. Minha irmã Sophia e eu tivemos tutores em inglês, francês e alemão. Quando meu pai foi enviado para cá, eu também estudei árabe. É claro que isso foi a coisa certa a fazer quando eu conheci o pai de Yuusuf. Laban era um homem maravilhoso. Eu ainda sinto muita falta dele. Nós fomos casados por sete anos. Sou viúva há mais de 25 anos. Logo, eu serei avó. Quando penso em tudo que ele perdeu, sinto-me tão triste.

— Sinto muito por saber disso — murmurou Laura. Ela quase podia se identificar. Tal não morreria, mas seu amor sim. Ela ficaria de luto por 25

anos? Esperava que não!

– Minha mãe dizia que eu encontraria outra pessoa. Mas isso não aconteceu. Às vezes, acho que uma mulher nasceu para um homem em especial.

Laura esperava que ela estivesse errada. Não queria sentir a falta de Tal pelo resto da vida. Precisava focar-se em como se sentia traída.

– Você nunca voltou à França? – perguntou Laura, gentilmente.

– Oh, eu vou todo ano por algumas semanas. Mas este é o lar que Laban construiu para mim. Aqui, sinto-me perto dele. Jamais partirei.

Laura imaginou se deveria se mudar

de seu apartamento. Tal fizera apenas uma refeição lá, entretanto, para cada lugar que ela olhava, lembrava-se dele.

– Apenas leva tempo – murmurou ela.

– Para quê? – perguntou Yvette.

– Para se acostumar com coisas novas – replicou Laura.

QUANDO TERÇA-FEIRA à tarde chegou, Laura estava com os nervos à flor da pele. Tinha gostado de conhecer os pais de Yvette, mas temia conhecer o avô mútuo de Tal e Yuusuf.

Deitou-se para uma soneca, mas não conseguiu dormir. A casa estava silenciosa. Indo para os jardins, ela andou para perto da fonte. Adorava o

som da água e as flores brilhantes que cercavam a base de pedra. Sentou-se num dos muitos bancos que havia por ali.

– Yvette tem os jardins mais bonitos da área, eu sempre achei – uma voz familiar interrompeu seus pensamentos.

Laura levantou-se abruptamente e virou-se. Tal estava parado a menos de três metros.

– O que você está fazendo aqui? – Laura não pôde evitar uma onda de excitação, a qual desapareceu rapidamente. Ele parecia cansado, como se tivesse acabado de chegar, e abalado pela diferença de fuso horário.

– Fui convidado pelo meu avô para conhecer a noiva de Yuusuf. Estou surpreso em encontrar você aqui.

Laura virou-se para partir, mas ele segurou-lhe o braço, antes que ela pudesse dar três passos.

– Solte-me – disse ela, lutando, sem sucesso, para se libertar.

– Eu quero explicar.

– Eu sei tudo que preciso saber, através de Yuusuf. Nós não temos mais nada a discutir.

– Eu acho que temos.

Laura o olhou com raiva.

– Muito bem, fale o que precisa falar, de modo que eu não tenha de vê-lo

nunca mais.

Ele deu-lhe um olhar irônico.

– Parece que você vai me ouvir com uma mente aberta.

Ela desviou o olhar, desejando que fosse forte o bastante para sair dali. Parte sua ansiava ouvi-lo dizer algumas palavras mágicas que apagassem sua mágoa e consertassem as coisas. Mas não via como isso era possível, não considerando o que já sabia.

Ela esperou.

Tal ficou silencioso por um longo momento.

– Yuusuf é um jovem rico, que não tinha senso de autopreservação. Ele

também não é particularmente sofisticado. Seis anos atrás, envolveu-se numa situação em Boston...

– Eu já sei disso. E do caso em Los Angeles. E de como o primo forte e *sofisticado* Tal o resgatou. Nada disso tem a ver comigo. Você me viu como uma ameaça para Yuusuf e me abordou como um vingador mascarado.

– Dificilmente mascarado.

– Smith não é uma forma de se esconder? Por que você não me contou seu nome verdadeiro? Porque sabia que Yuusuf o reconheceria instantaneamente, se eu mencionasse para Jenna. Se tivesse me dito seu nome, a primeira

coisa que eu teria feito era perguntar se você conhecia Yuusuf.

– O fato importante é que a saúde do nosso avô não está boa. Ele se preocupa com Yuusuf. E eu sou um neto dedicado. Segui a tradição da família, estudando na Inglaterra. Casei-me com uma mulher que meus pais escolheram para mim.

Laura o encarou.

– Você é casado? – Isso tornava tudo ainda mais desprezível.

– Não mais. Ela morreu. O que estou tentando explicar é que meu avô me considera menos suscetível de ser enganado por uma caçadora de fortuna. Mas Yuusuf escapou disso por pouco,

duas vezes. Nós estávamos tentando encontrar uma maneira de torná-lo mais cauteloso com as mulheres. Não foi um bom plano e peço desculpas por isso. Eu nunca quis magoar você.

– Você apenas queria me atrair para a fortuna que pensou que eu estivesse atrás, para depois me dispensar.

– Eu a teria recompensado. O acordo com as outras duas mulheres foi exorbitante.

– Esta é a sua explicação? – Laura não estava aplacada.

Ele assentiu.

– Seu plano original funcionou com as outras duas, por que não tentou o mesmo

comigo? Uma oferta de um cheque altíssimo, o qual eu teria recusado e você saberia que eu não estava interessada em Yuusuf. E poderia ter evitado todo o trabalho desgostoso de fingir estar interessado em alguém que você obviamente desprezava. E os presentes caros com quais você tentou me subornar.

— Eu não desprezo você. Mesmo quando pensei que estivesse atrás de Yuusuf, nunca me senti assim. Você me fascinou desde o começo. — A voz de Tal tornou-se gentil, quase hipnótica. — Eu gosto do jeito que você vê as coisas com tanto entusiasmo. Nosso passeio de

balão foi especial por causa do seu encanto. Você é tão leal com sua amiga. E tem integridade que muitas mulheres da sua idade não possuem. É muito diferente de... bem, das mulheres que eu conheci.

– Como semelhantes que se atraem. Somente que neste caso, não aconteceu isso. – Laura desviou o olhar, horrorizada ao perceber seus olhos marejando, novamente.

– Vamos fazer as pazes. Isso tornará as coisas mais agradáveis, enquanto você estiver visitando. Quem sabe, nós podemos voltar a ser amigos – murmurou Tal.

Ela conseguiu libertar o braço.

– Eu não acho que fomos amigos algum dia, Tal. E não tenho a menor intenção de me relacionar com você, de qualquer forma que seja. Ficarei no meu quarto enquanto você estiver por perto.

– Ela virou-se e quase correu para seu quarto, fechando e trancando as portas francesas, depois de entrar.

Seu primeiro instinto foi arrumar a mala e ir embora. Mas isso provavelmente seria impossível, sem mencionar rude. Jenna tinha assegurado que Tal não estaria lá, entretanto, ele estava.

Como ele ousava tentar consertar a

situação? Laura não podia esquecer que ele agira como se realmente gostasse dela. Levando-a para lugares especiais, fingindo estar interessado em tudo que ela dizia. Tudo tão falso. Palavras adocicadas agora não poderiam mudar o passado. Ou remendar um coração partido.

Laura alegaria dor de cabeça e ficaria no quarto, enquanto os outros jantassem naquela noite. No dia seguinte, o avô e o primo de Yuusuf provavelmente iriam embora e seria mais seguro sair do quarto.

Seguro? Ela estava com tanto medo assim de seus sentimentos por Tal?

Uma batida soou à sua porta. Se Tal tivesse ido lá para perturbá-lo, ele ouviria algumas palavras rudes.

Abrindo a porta, Laura ficou surpresa em ver Jenna ali. Sua amiga entrou e fechou a porta.

– Eu estou tão furiosa – disse Jenna. – Tal está aqui. Yuusuf me garantiu que ele não viria, mas ele simplesmente apareceu. Parece que o avô o convidou. Aqui nem mesmo é a casa dele. Eu também não estou ansiosa para encontrá-lo. Como eles puderam tratar Yuusuf como se ele fosse um adolescente?

– Sem mencionar o jeito que eles trataram sua melhor amiga – murmurou

Laura.

– Sim, eu sei. Acho que vou buscar uma bandeja e jantar aqui – disse Jenna, sentando-se na cama.

Laura sorriu.

– Eu estou com dor de cabeça. Ia pedir para ser liberada do jantar em família.

– Talvez sua dor de cabeça seja contagiosa. – Jenna deitou-se. – Não acredito no que está acontecendo. Nós deveríamos ter ficado em São Francisco.

– Por quê? Eu acho que Yvette é charmosa. Ela será uma sogra maravilhosa. E gosto da família de

Yuusuf do lado da mãe. Você não?

– Ela é doce, e eu gosto dos pais de Yvette, também. Mas não estou acostumada com as maquinações do lado paterno da família de Yuusuf.

– Você tem de ir jantar. Esta será a sua família para o resto da vida. Você precisa começar num clima bom – aconselhou Laura, com praticidade.

– Não, se você não for.

– Não desta vez.

– Então, vai deixar Tal vencer? – desafiou Jenna.

– Vencer?

– Vista sua melhor roupa, faça a maquiagem mais sexy e exiba sua beleza

para ele no jantar, como se nada tivesse acontecido. Na verdade, ignore-o. Não dê a Tal a satisfação de pensar que ele significou mais para você do que você significou para ele – aconselhou Jenna, os olhos brilhando com excitação. – Mostre-lhe do que você é feita, garota.

– Ele tinha de saber o que eu estava sentindo – disse Laura, indecisa.

– Você alguma vez falou alguma coisa específica... como, eu amo você, Tal?

– Não.

– Então, qualquer coisa que ele suspeitar é apenas suspeita. Homens são tolos, ele provavelmente não tem ideia. Tal a via como uma bruxa atrás do

primo precioso. Vamos, Laura, você pode fazer isso. Vamos nos unir contra os homens desta família... exceto por Yuusuf, é claro.

– É claro. – Ela considerou a ideia. Poderia fazer aquilo? Sentia-se tão humilhada sabendo que se apaixonara, enquanto Tal representara uma farsa. Se ele não tivesse adivinhado de que forma ela se sentia, não havia razão para lhe dar esta informação agora.

Poderia mostrar a todos que as ações dele não haviam produzido efeitos duradouros nela. Laura sorriria, seria graciosa com os outros membros da família e ignoraria Tal e o avô.

– Certo. Eu tenho o vestido perfeito, se você não achar que é exagerado. Eu o trouxe para a festa de noivado, mas talvez eu o use esta noite, também. – Era um de seus favoritos... de um azul profundo, que abraçava seu corpo e fazia maravilhas pelo seu tom de pele. Sem mencionar pela sua autoestima.

APESAR DA conversa interna estimulante, Laura estava nervosa quando começou a andar para a reunião daquela noite, mais tarde. Sabia que estava bonita, o que ajudava. Mas suas emoções estavam à flor da pele. Teria de cumprimentar Tal e o avô como se eles fossem estranhos.

Com a cabeça erguida, Laura entrou

na sala de jantar. Por um instante, sentiu que não poderia lidar com as pessoas reunidas ali. Então viu Jenna parada numa lateral. Sua amiga estava sorrindo de alguma coisa que uma mulher pequena falara ao seu lado.

– Laura, venha conhecer Madame ibn Horah. Ela é a outra avó de Yuusuf e uma *lady* encantadora – disse Jenna.

– Muito prazer – murmurou Laura, aproximando-se. Ela já conhecera os pais de Yvette, então esta era a outra avó de Tal. Casada com o sheik que tentara proteger o neto mais novo, a qualquer custo.

– Estou feliz em conhecê-la. –

Madame Ibn estendeu a mão. As joias no dedo dela brilharam na luz.

Ela era uma mulher pequena, num vestido dourado e conservador.

– Laura é minha melhor amiga desde que nós somos crianças – contou Jenna.
– Ela conheceu Tal em São Francisco. Ele pensou que ela fosse eu. Ou melhor, que ela fosse a mulher em quem Yuusuf estava interessado.

Laura poderia ter gemido. Se ninguém soubesse que ela fizera papel de tola com um homem determinado a provar que ela era interesseira, ela teria preferido manter as coisas assim.

– Então, você foi o chamariz,

enquanto Yuusuf e Jenna tiveram tempo de descobrir se realmente combinavam, sem a interferência estúpida dos homens de minha família – disse Madame, sorrindo. – Um trabalho bem-feito.

Laura sorriu educadamente. Agora, ela era um chamariz. Pelo menos, isso era melhor do que ser ingênua.

TAL TINHA visto Laura entrar na sala alguns momentos atrás e juntar-se a Jenna e a sua avó. Elas pareciam estar se dando bem. Ele admirava-a por ter aparecido. Depois de Laura fugir no jardim, ele não teria ficado surpreso se ela alegasse dor de cabeça para evitar o encontro.

Ele foi na direção delas e cumprimentou:

– Boa-noite.

Jenna o olhou com expressão de ódio. Laura virou-se, deu um sorriso educado e pareceu olhar sobre seu ombro esquerdo.

– Boa-noite – ela falou educadamente.

– Oh, com licença, Madame – murmurou Jenna. – Laura, tia Sophia acaba de chegar, e eu sei que você quer vê-la. Nós conversaremos mais depois do jantar, Madame. – Jenna passou por Tal sem uma palavra.

Laura seguiu rapidamente.

– Ela me ignorou – murmurou ele,

seguindo Laura com os olhos.

– Talvez uma jovem não goste de ser colocada num papel que não é de sua escolha – comentou sua avó.

Tal a olhou.

– Elas lhe contaram?

– Seu avô me contou o plano de fazer com que uma mulher trocasse a lealdade de Yuusuf para você. Como esperou realizar isso sem algum envolvimento emocional? Deveria ter confiado em Yuusuf. Ele tem sido cauteloso desde o incidente em Los Angeles. Por que vocês não lhe deram o benefício da dúvida?

– Vovô estava preocupado. Eu fiz

isso por ele – respondeu Tal, sentindo-se um menininho sendo castigado pela avó.

– Eu já conversei com seu avô. Diga-me, o que você acha da amiga de Jenna?

Tal olhou para o outro lado da sala, onde Laura ria de alguma coisa que tia Sophia estava dizendo. Ela estava deslumbrante. Ele observou-a por um longo momento, imaginando se algum dia ela riria com ele, novamente.

– Eu me enganei sobre ela.

Sua avó o observava de maneira especulativa.

– Eu acho que ela está muito magoada – disse ela no idioma deles.

– Magoá-la não era a minha intenção.

– Mesmo assim. Agora, o que você planeja?

Ele sorriu para sua avó.

– Isso não está em discussão.

Ela assentiu, sorrindo docemente.

– Seu avô, às vezes, tem a visão estreita do mundo. Não se torne como ele.

– Eu não me tornarei.

– Yasmine está morta há quatro anos.

– Eu sei disso.

– É hora de você pensar em se casar de novo, Tal. Nem toda mulher é egoísta e gananciosa que nem ela. – Ele não disse nada. Deveria ter percebido como

Yasmine era. A culpa de seu casamento era dele. Suas emoções tinham sido perturbadas por aquilo.

– Talvez não sejam apenas os homens desta família que tentam interferir – disse sua avó.

Tal esperava que o passado não influenciasse a decisão que ele tomara nos últimos dias. Queria Laura. Não percebera o quanto, até que visse a dor nos olhos dela na noite em que Yuusuf revelara a conexão deles. Ele cometera um erro colossal e nem sabia se seria capaz de retificá-lo. Mas não desistiria até que todas as esperanças acabassem.

– Então, meu rapaz, você está em

casa, com segurança – murmurou Salilk, juntando-se à esposa e ao neto mais velho.

– Sim. Eu cheguei ontem à noite. Tem certeza de que foi sábio me incluir nesta reunião? Yuusuf está zangado, o comportamento da noiva dele está beirando à rudeza em relação a mim, e a mulher que eu, erroneamente, pensei que quisesse o dinheiro de Yuusuf nem me olha. Não é uma noite harmoniosa em família – disse Tal.

– Eu já falei com o consulado em Los Angeles, contando-lhes sobre o erro e sugerindo que eles investiguem melhor antes de nos passar informações.

Todavia, todos parecem cordiais, este é o primeiro passo. Jenna não é o que eu esperava.

– Ela é adorável – disse a esposa de Salilk.

Seu avô olhou-a.

– Você acha?

– Sim. Dê crédito a Yuusuf por escolher uma mulher de caráter e força para se casar. Eu prevejo uma vida feliz para os dois.

– Então, é melhor eu tentar fazer as pazes com a futura esposa de meu primo – disse Tal. Sabia que o tempo curaria as feridas, mas não tinha muito para esbanjar, se quisesse reconquistar Laura

antes que ela voltasse para a América. Queria que ela risse com ele novamente, queria ver o entusiasmo brilhando naqueles olhos vívidos. Queria beijá-la de novo.

Atravessou a sala para onde Jenna e Laura estavam de pé. Nenhum momento era melhor do que o presente para começar.

Como se sentindo sua aproximação, Laura falou alguma coisa para Jenna e afastou-se com Sophia. Jenna encarou Tal.

– Eu me desculpei – disse ele quando chegou perto.

– Isso não melhora a situação.

Yuusuf juntou-se a eles imediatamente, como se defendendo sua futura noiva de Tal.

– Eu pedi para minha mãe excluir você da lista de convidados desta noite – Yuusuf falou para seu primo.

– Eu sei. Estou atendendo ordens do vovô.

Yuusuf suspirou.

– Se eu pudesse ter excluído vovô também, teria feito isso.

– Pelo menos, nos dê crédito por ter o motivo certo, mesmo se o plano tenha sido ruim. – Tal não podia culpar seu primo pela reação que ele tivera. Começava a perceber quão

profundamente ofendera Laura.

Considerando a verdadeira natureza da situação, ele tinha sido insultante com os três. Todavia, se Yuusuf tivesse se envolvido com outra caçadora de fortuna, o resultado final teria sido muito diferente. Por um momento, Tal lamentou não ser visto como o herói da história. Em vez disso, era o vilão, um papel que não saboreava.

– Eu lamento o que aconteceu – disse ele, os olhos procurando os de Laura. Ela e Sophia não estavam à vista. Talvez, estivessem visitando o jardim antes do jantar.

– Por favor, faça-me o favor de partir

imediatamente após o jantar e não incomode as convidadas de minha mãe, enquanto estiver aqui – disse Yuusuf.

Tal o olhou. Seu priminho tinha crescido. Seus olhos estavam no nível dos de Tal e a voz era firme e sincera.

– Como você quiser. Até mesmo antes, uma vez que eu não sou bem-vindo. Mas quero parabenizá-lo pelo seu noivado. Sua futura esposa é perfeita. – Tal inclinou a cabeça para ambos e virou-se para partir.

Encontrou Yvette e pediu licença.

– Você deve ficar. Sua partida vai atrapalhar a disposição de assentos.

Magoado por essa ser a única razão

pela qual ela queria que ele permanecesse, Tal manteve-se firme.

– Acho melhor ir embora. – Ele beijou-lhe o rosto, gentilmente. Ela sempre fora sua favorita. – Perdoe-me pelo aborrecimento que eu causei.

– Tudo acabou bem para todos nós – disse Yvette.

Antes aquilo fosse verdade, pensou Tal enquanto saía da propriedade. Jenna e Yuusuf estavam felizes, sem dúvida. Mas Laura? Ele vira a tristeza nos olhos dela. E sabia que a colocara lá.

Ele a insultara, a ferira.

Tal pensou nos momentos que os dois tinham vivido, juntos. Laura estivera

feliz. Ele acreditara que era porque ela estava encantada com os presentes caros, ou com os programas extravagantes.

Mas Laura estivera igualmente feliz na noite que eles haviam jantado no apartamento dela. Talvez ele não tivesse lhe ferido apenas o orgulho. Ele a ferira por causa de uma afeição crescente? Ou mais?

CAPÍTULO 9

LAURA CONSEGUIU passar pelo jantar e retirar-se assim que possível, sem causar comentários. Tal partira antes que a refeição fosse servida. Ela se sentiu triunfante que talvez sua aparência o tivesse feito ir embora. Mas havia uma tristeza pelo fato de ele não ser mais bem-vindo na casa da família. Afinal de contas, ela iria embora dentro de poucos dias. Tal lidaria com a família de Yuusuf para o resto da vida.

Da forma que ela faria, quando Jenna

e Yuusuf estivessem na América.

Uma conciliação teria de ser alcançada.

Mas não por sua parte, pensou ela, olhando-se no espelho depois de se preparar para dormir. Havia linhas ao redor de seus olhos que não costumavam estar lá antes.

E seu coração doía.

Apagando as luzes, ela andou para as portas francesas. A brisa noturna movia as cortinas. A fragrância das diversas flores preenchia o ar, doce e exótica. Laura encostou-se contra a porta, ouvindo o murmúrio de vozes distantes, enquanto a festa continuava.

O som acentuava sua solidão. Com seus avós falecidos, Laura não tinha ninguém. Jenna não era apenas sua melhor amiga, era sua única amiga que conhecera seus avós.

A esperança de um futuro brilhante havia sido destruída. Tal fora como um príncipe de conto de fadas, mas se transformara num sapo. Ela ainda era jovem, saudável e tinha um amplo círculo de amigos. Não permitiria que eventos recentes amargassem sua vida.

Lágrimas ameaçaram novamente. Ela engoliu em seco. Estava tentando ser corajosa, mas seu coração estava partido. Sentira-se tão feliz pensando

que Tal a amasse. Mas se enganara o tempo inteiro. A realidade era dolorosa demais.

Quando Laura deitou-se, um pouco depois, desejou que nunca mais ouvisse o nome de Tal.

Viva um dia de cada vez, disse a si mesma. Isso era tudo que podia fazer.

Na tarde seguinte, Yuusuf levou Jenna e Laura para a praia. Porque era uma quarta-feira, a praia não estava cheia. Guarda-sóis coloridos alinhavam a beira da água. Espreguiçadeiras estavam espalhadas por toda a extensão.

– Linda – disse Jenna. – E a água é morna!

– Não como em São Francisco, com certeza – concordou Laura. Elas nadaram um pouco, então Laura relaxou numa das espreguiçadeiras sob um guarda-sol, enquanto Yuusuf e Jenna foram caminhar na beira d'água. Ela começou a se sentir sonolenta. Talvez um cochilo lhe fizesse bem.

– Apreciando a tarde?

Laura gemeu, esperando que estivesse imaginando aquela voz. Arriscando, abriu um olho, fechando-o em seguida.

– O que você está fazendo aqui, Tal?

Ela o ouviu sentar-se na cadeira ao seu lado. Ele usava shorts e camiseta regata. Os braços eram musculosos e

bronzeados.

– Quarta é a tarde que eu normalmente tiro de folga. Não posso trabalhar o tempo inteiro. – Ele recostou-se, olhando para a água.

Laura sentou-se ereta e olhou para a esquerda e para a direita.

– Há aproximadamente 200 cadeiras vazias na praia.

Ele assentiu, sem a olhar.

– Por que você sentou aqui? – persistiu ela.

– É conveniente.

– Como assim?

– A cadeira está ao lado da sua.

– Então, eu a deixarei para você e

procurarei outra.

– Eu seguirei.

Laura o fitou, temendo rir da cena que se formou em sua mente. Ela se levantando e pegando outra cadeira, ele sentando-se ao seu lado. Ela mudando de cadeira mais uma vez... com 200 cadeiras, eles poderiam passar a tarde fazendo aquilo.

Suspirando, Laura recostou-se e fechou os olhos. Poderia ignorá-lo. Mas isso era difícil, quando sentia a presença de Tal, como se ele a tocasse.

– Você conheceu muita coisa de Tamarin? – perguntou ele.

– Não muita. O que vi é bonito.

Houve um silêncio. Laura começou a relaxar, esperando que o silêncio continuasse. Podia quase imaginar que estava sozinha.

– Eu posso lhe mostrar os lugares – ofereceu Tal.

– Eu acho que não.

– Por que não? Yuusuf está ocupado com Jenna. Pelo que Yvette falou ontem à noite, ele pretende levá-la para visitar alguns amigos amanhã. É claro que você deve estar incluída no passeio.

– Ótimo, eu ficarei sobrando.

– Exatamente. Você não tem nada planejado. Deixe-me levá-la para conhecer Tamarin.

– O que é isso, algum tipo de oferta de paz?

– E se fosse?

Laura pensou sobre aquilo. Não podia evitar se sentir mais viva. Quão perigoso seria deixar que ele lhe mostrasse a cidade? Passaria algumas horas na companhia dele. Deus, quão patético isso era? Queria passar tempo na companhia do homem, depois do que ele lhe fizera? Precisava manter distância.

– Vamos lá, Laura. Nossos encontros em São Francisco não foram todos sobre Yuusuf. Nós gostamos de estar juntos. Admita.

Ela virou sua cadeira para a esquerda dele e encarou-o.

– Eu me diverti. Pensei que fosse real.

– O divertimento foi real. Somente a motivação por trás dos convites que não foi. Eu também apreciei os momentos que passamos juntos. – Os olhos escuros prenderam os dela.

Laura queria acreditar nele. Agarrar-se à esperança de que tudo que ele dissera não tinha sido calculado e falso. Entretanto, como conseguiria separar a verdade da farsa deliberada? Como poderia confiar em Tal, novamente?

– Um de nossos navios de cruzeiro

vai atracar amanhã cedo. Eu posso levá-la a bordo de um, se você quiser, mostrar como é por dentro.

Laura lembrou que ele casualmente oferecera isso em São Francisco. Sabia que ele nunca imaginara ter de honrar o convite. Ela adoraria ir. Quando teria outra chance de conhecer um navio? Todavia, ousaria arriscar ficar tanto tempo com Tal?

— Muito bem, eu aceito. Mas apenas para ver o navio. — No instante que ela aceitou, dúvidas surgiram. Ainda se sentia insegura, embaraçada por ter se apaixonado por um homem que a manipulara.

Se ela não estivesse se sentindo um pouco de fora das festividades para Jenna e Yuusuf, não teria concordado.

– Eu tenho uma vista do mar da minha casa – disse Tal.

– Mmm. – Instantaneamente curiosa sobre a casa dele, ela desejou que ele a descrevesse. Mas não ia mostrar interesse.

– Meus jardins não são tão adoráveis quanto os de Yvette, todavia. Yasmine era quem cuidava dos jardins, não eu. Tenho uma equipe que vai uma vez por semana.

– Yasmine era a sua esposa?

– Sim. – A voz de Tal era tensa.

Laura queria saber mais... ela havia sido linda, talentosa? Como falecera? O que ele sentia falta sobre a esposa? O coração de Tal estava enterrado com Yasmine? Laura morderia a língua antes de ceder à curiosidade.

Quando o silêncio estendeu-lhe por diversos momentos, Tal falou:

– Yasmine morreu de um aneurisma. Num minuto, ela estava rindo de alguma coisa, no instante seguinte, gritou de dor e morreu.

– Que horrível. Sinto muito. Quanto tempo atrás?

– Quatro anos. Nós estávamos casados há sete.

– Você deve sentir falta dela.

– Em absoluto – replicou ele, friamente.

Laura abriu os olhos e o fitou em surpresa. Tal arqueou uma sobrancelha diante de sua reação.

– Você acha que todo o mundo é tão feliz quanto Yuusuf e Jenna?

– Suponho que sim.

– Você é ingênua. Foi um casamento arranjado, que nunca deveria ter acontecido.

– Eu nunca conheci alguém tão forte quanto você. Não consigo imaginá-lo obedecendo a uma imposição... especialmente numa coisa tão importante

e duradoura como um casamento – disse Laura.

– Casamento arranjado é comum em nosso país. Aparentemente, Yasmine e eu éramos adequados um para o outro. Apenas que a realidade se provou diferente.

Por um momento, Laura sentiu uma onda de compaixão diante das palavras dele.

Incerta do que dizer, olhou adiante para ver Yuusuf e Jenna voltando. Eles estavam rindo, felizes, adorando estar juntos. Como Tal podia ter concordado em se casar quando ele e a esposa eram apenas *adequados* um para o outro. Ela

quase sentiu pena dele.

Laura viu o momento que Yuusuf percebeu quem estava sentado ao seu lado, notou que os passos deles se aceleraram.

– Ao resgate – murmurou ela.

Tal seguiu a direção de seu olhar.

– Droga. Acho que nosso tempo idílico está acabando.

– Idílico?

– Você não foi embora, não me bateu.

Nós conversamos por mais de dez minutos. Pareceu promissor. Eu a apanho amanhã, às 10h.

– Você vai embora? – perguntou ela.

– Não que eu queira, mas suspeito que

Yuusuf terá algo a dizer sobre isso. – Tal se levantou.

– Tal, nós não esperávamos vê-lo aqui – disse Yuusuf assim que eles chegaram às espreguiçadeiras.

– Sua mãe me contou onde os encontrar. Eu fiz companhia a Laura até que vocês retornassem.

– Tenho certeza de que ela adorou isso – Yuusuf falou com sarcasmo.

– Na verdade, nós acabamos marcando um encontro para amanhã – disse Tal. – Um dos navios de cruzeiro chegará ao porto, e eu vou mostrá-lo para Laura. Você e Jenna querem ir conosco?

– Nós temos planos para amanhã – respondeu Yuusuf. – Como você já deve saber, se falou com minha mãe.

– Mostrar alguns pontos turísticos de nosso país para uma convidada não é um crime. – Tal removeu a camiseta pela cabeça e tirou o short. O calção de banho abraçava cada contorno. Laura estava grata que pusera seus óculos escuros, de modo que ninguém podia ver a maneira que ela o olhava. Ele era magnífico. Musculoso nos lugares certos. Um bronzeado profundo, que testemunhava horas no sol. Ele passava toda quarta-feira à tarde no sol?

– Venha nadar comigo – Tal convidou

Laura.

– Eu já nadei. – Ela podia arriscar vê-lo no dia seguinte, depois que tivesse tempo de preparar suas defesas, mas não ia entrar na água com ele neste instante. E se ele a beijasse, a segurasse contra seu corpo dourado? O pensamento fez seu coração disparar. Apesar de tudo, ela não aprendera uma lição?

– Talvez outra hora. – Ele foi para a água e andou diversos metros antes de mergulhar.

– Você está bem? – perguntou Jenna.

– Na verdade, estou. Talvez meus sentimentos não fossem tão profundos quanto eu pensei – Laura mentiu para

sua amiga. Não queria que Jenna se preocupasse. Não tinha intenção de se apaixonar mais por um homem que a vira como interesseira. Porém, algumas horas na companhia dele... como podia resistir?

Jenna não precisava realmente dela. E quanto antes Laura voltasse para sua vida normal, mais fácil seria esquecer Tal. Mas até lá, poderia desfrutar um pouco da companhia de Tal. Estava prevenida agora, afinal de contas.

LAURA E OS outros foram embora da praia antes que Tal saísse da água. Ela quisera ficar, mas não ousara confessar isso para seus amigos. A mágoa que

sentia ainda era intensa. Mas havia a curiosidade, aquele desejo que não lhe permitia ignorá-lo, por mais que quisesse. O que descobrira hoje lhe dera novos insights sobre o homem.

Laura queria que ele tivesse certeza absoluta que ela não era o tipo de mulher que seduziria um homem para ganhos financeiros. Se ela desse seu coração, seria por amor.

Não que pudesse admitir isso. Queria que o mundo acreditasse que seus sentimentos por Tal não haviam passado de uma paixão... curada pela traição dele.

Apenas esperava que o velho ditado

“fora da vista, fora da mente” fizesse um milagre. Se assim fosse, ela marcaria seu voo para casa amanhã.

NA MANHÃ seguinte, Laura acordou ansiosa diante da perspectiva de ver Tal, novamente. O passeio deles seria mais uma trégua do que um encontro. Mas ela não se importava. Não confundiria o motivo para o convite dele. Tal estava sendo atencioso com alguém que errara. Como penitência, talvez? Laura não gostava nem um pouco dessa ideia. Queria que ele admitisse que estivera errado a seu respeito.

Esta era a sua meta, e ela se esforçaria para fazê-lo sofrer. Então,

partiria alegremente, as contas acertadas.

Laura chegou cedo ao salão de jantar para o café da manhã, e somente sua anfitriã estava presente. Após o café, elas andaram nos jardins por um tempinho. Laura contou a Yvette sobre a visita proposta ao navio.

– Você vai desejar viajar em um. Eu fui várias vezes. É sempre tão prazeroso viajar de navio. Não é como aviões, que deixam seu corpo confuso devido ao fuso horário. Eu pensei, todavia, que você e Tal estivessem brigados.

– Acho que temos uma trégua a caminho. Para o bem de Yuusuf e Jenna.

– Que atitude nobre a de vocês – disse Yvette, os olhos brilhantes, enquanto ela sorria para Laura. – Estou ansiosa para ver até quando dura esta trégua. Meu sobrinho é um homem impaciente, sabia?

– Eu não vi sinais disso – replicou Laura. Achava Tal muito paciente, movendo-se de modo deliberado e cuidadoso.

– O tempo dirá. Vá se arrumar. Eu mandarei uma criada chamá-la, quando ele chegar.

A jovem criada que foi ao seu quarto mais tarde não falava inglês, mas Laura a estivera esperando e rapidamente a

seguiu ao longo do corredor para o foyer. Tal estava parado perto da porta, conversando com Yvette. Olhou para cima quando Laura entrou. Ele não estava sorrindo. Estava quase carrancudo. Yvette falara alguma coisa para aborrecê-lo?

– Pronta? – perguntou ele.

– Sim. – Por um momento, ela quase mudou de ideia. Mas não ia perder a chance de conhecer um navio de luxo.

O carro esporte preto estava esperando na frente da casa. Ele abriu a porta para ela, e Laura sentou-se no assento de couro macio. Tal acomodou-se atrás do volante, e logo eles estavam

na avenida que levava ao coração da capital. O trânsito era intenso. Sons, vistas e cheiros inundavam seus sentidos, com as janelas do carro abertas e sem teto sobre sua cabeça. Laura pôs seus óculos escuros, olhando para todos os lados, apreciando a sensação do vento no rosto e de Tal ao seu lado. Por um momento, podia imaginar...

Pare, censurou a si mesma. Ele só estava cumprindo uma obrigação, a fim de mostrar a Jenna e Yuusuf que eles podiam ser civilizados.

Quando eles se aproximaram do cais, Laura observou o trânsito mudar de

carros e ônibus para caminhões e vans de carga.

– Não apenas navios de cruzeiros atracam aqui, pelo que vejo – comentou ela, observando grandes navios cargueiros a distância.

– Nós temos uma grande indústria de navios. Os navios de cruzeiros ficam numa extremidade da área. O resto do cais é para navios de carga, contêineres e petróleo – disse Tal.

O navio branco brilhante que estava atracado no último píer tinha muitos andares acima do nível da rua. Tal parou numa vaga reservada e escoltou-a para as portas abertas numa lateral do

navio.

– Sem prancha de embarque? – perguntou ela, um pouco desapontada. Esperara subir uma rampa íngreme para o deque principal.

– Não hoje em dia. A porta abre no nível do cais. Há elevadores do lado de dentro para nos levar para onde quisermos. Nós procuramos o conforto e conveniência para nossos convidados – murmurou ele.

Eles entraram no elevador à esquerda e logo chegaram à ponte.

– Começaremos nosso tour daqui – disse Tal.

Laura assentiu, olhando ao redor com

interesse. Ele não lhe falara uma palavra além do necessário.

Um jovem oficial uniformizado à ponte estudava os gráficos. Ele olhou para cima, como se para lembrar que não era permitida a presença de pessoas à ponte. Reconheceu Tal e quase entrou em postura de alerta. Falando com ele em árabe, aparentemente lhe fez uma pergunta, então retirou o paletó imaculado do uniforme e assentiu educadamente para Laura.

Tal falou novamente, depois gesticulou para Laura. Em inglês, apresentou:

– Este é o primeiro-oficial do navio.

Ele pode lhe contar sobre a ponte e as responsabilidades.

O jovem trocou para o inglês e começou a explicar as várias tarefas dos oficiais da ponte ao controlar um navio no mar.

O tour continuou, com Tal encontrando alguém em cada ponto para dar uma breve explicação para Laura sobre as tarefas da estação. Ele permaneceu por perto, sem falar nada.

– O SALÃO principal de jantar – disse ele, duas horas depois.

Laura vira a ponte, as cabines luxuosas, os diversos decks, o teatro, os cassinos, o spa e a sala de ginástica.

Ela ouvira sobre tonelagem, passageiros e tripulação. Sua cabeça estava girando com fatos e números. Aprendera mais do que imaginara, mas o dia parecia incompleto com Tal ignorando-a.

Ela planejava ignorá-lo. Por que ele virara o jogo? Como ousava ser frio com ela?

– Eu organizei para que o almoço seja aqui. Há muitas mesas disponíveis, por causa dos tours que os passageiros estão fazendo enquanto estamos no porto. Poucas pessoas permanecem no navio – disse ele, conduzindo-a para o salão de jantar.

O almoço estava excelente. A mesa

junto à janela dava vista para o lado do mar do porto, e Laura ficou fascinada pelos navios que chegavam e partiam. Tal falou pouco, observando outras pessoas no vasto salão.

Irritada, Laura queria a atenção dele.

– Obrigada por me convidar.

– O prazer foi meu – replicou ele, secamente.

Qualquer tola esperança que ela tivera de que ele realmente gostasse de sua companhia morreu. Era óbvio que Tal estava apenas honrando suas obrigações.

O almoço pareceu infinito, porque Laura estava muito consciente do homem

à sua frente. Não existia mais a camaradagem que eles tinham compartilhado em São Francisco. Ela se sentia sem graça e desejou que não tivesse ido.

Assim que eles acabaram de comer, Laura recusou a sobremesa, esperando que eles fossem embora, imediatamente.

– Gostaria de ver o resto do navio? – perguntou ele.

– Eu já vi mais do que esperava. Prefiro voltar para a casa.

– Como quiser.

O trajeto de carro foi feito em silêncio. Quando ele parou diante da mansão de Yvette, Laura não esperou

que Tal abrisse sua porta, mas desceu rapidamente.

– Obrigada pelo passeio – disse ela, preparando-se para entrar na casa.

– Espere, Laura. – Ele saiu do carro, inclinou-se contra a porta e olhou-a. – Eu queria lhe pedir um favor.

Laura piscou. Ele queria lhe pedir um favor? Esta tinha sido a razão para o tour do navio?

– E o que seria? – perguntou ela, cautelosamente.

Ele rodeou o carro, prendendo-lhe o olhar. Quando estava a poucos metros de distância, parou.

– Meu primo e a noiva serão

honrados numa festa dada pela tia Sarah de Yuusuf, na sexta-feira.

Ela assentiu. Sabia daquilo.

– Yvette sugeriu que seria melhor se eu não fosse.

Laura observou-o. Se eles não o queriam, o que ela podia fazer? Por um momento, sentiu-se aliviada. Não precisaria manter a fachada feliz.

– Yuusuf é meu primo. Ele e eu costumávamos ser próximos. Eu gosto muito dele. Temo que o fato de eu não estar presente dê motivos para fofocas que magoem a família.

– Você disse isso a eles?

– Eu falei para Yvette. Ela disse que

Jenna estava cuidando da amiga... você. Sei que eu não tenho o direito de pedir, mas se você pudesse me fazer este favor, eu apreciaria muito.

– Que favor?

– Dizer a Jenna que você não se importaria se eu fosse à festa.

Laura o encarou.

– Por que eu faria isso? Eu me importaria. Prefiro não o ver nunca mais.

– Depois de hoje? Pensei que você tivesse gostado do navio.

– Era disso que se tratava o convite? Não para cumprir uma obrigação a fim de reparar um erro passado, mas para

me aplacar, de modo que eu concordasse em pedir que Jenna o convidasse? Não vai funcionar. Sinto-me humilhada porque você me usou. Pensei que você fosse maravilhoso. Tão lindo e tão atencioso. Eu nunca tinha recebido tanta atenção antes. Foi glorioso. E tão falso quanto uma nota de três dólares. Eu não trataria ninguém do jeito que você me tratou. Jenna sabe disso. Não posso dizer, “bem, não foi nada demais”. Ela nunca acreditaria.

Laura virou-se e foi para a porta da frente, abrindo-a, agradecida que ninguém sentira a necessidade de trancá-la.

Fechando a porta, foi diretamente para seu quarto. Estava tremendo com emoções. Detestava a posição na qual Tal a colocara. Detestava o fato de que ele nunca tinha sido sério sobre ela, enquanto ela acreditara que ele era o homem de sua vida.

Detestava o fato de que se apaixonara pelo homem. Quanta ingenuidade. Confiara nele, quando todas as evidências sugeriam o contrário.

Deitou-se na cama e olhou para o teto, vendo as feições duras de Tal, quando ele lhe fizera o pedido, em sua mente. Ele era um homem orgulhoso, e Laura sabia que pedir sua clemência devia ter

sido difícil para ele.

— Bem-feito — murmurou ela. Esperava que ele lamentasse cada momento que lhe mentira. Que ele fosse excluído da família pelo resto da vida.

Ela rolou para o lado.

Não, não desejava isso para Tal. Sabia a importância da família. Tinha sido adorada por seus avós, depois da morte de seus pais. Agora, eles também haviam ido. Laura não tinha uma prima que interferiria e faria qualquer coisa para salvá-la, se achasse que ela estava cometendo um erro. Não tinha seus avós, que moveriam montanhas para se certificar de que ela fosse feliz.

Tal e o avô eram tão diferentes de sua própria família? Seu próprio avô não teria feito qualquer coisa para manter sua garota feliz e segura? Independentemente de quanto isso custasse a um estranho?

Tal agira para o bem da família. Era falta de sorte que Laura havia sido o prejuízo paralelo. Ele não a conhecera, apenas temera que Yuusuf estivesse cometendo um erro que já cometera mais de uma vez. Fizera aquilo a pedido do avô.

Se seu avô tivesse lhe pedido para fazer alguma coisa, Laura teria obedecido com prazer. Ela o amara.

Lágrimas escorreram de seus olhos. Este era o coração do problema. Tal amava Yuusuf, o avô deles amava ambos, Yuusuf amava Jenna. Era apenas Laura que ficava de fora, e isso doía.

Mas manter Tal longe da família era errado, por mais que aquilo lhe trouxesse satisfação pessoal. E se alguma coisa acontecesse com um deles, como o impensável acontecera com seus próprios pais, morrendo tão jovens?

Laura passou uma hora discutindo consigo mesma, mas finalmente seu bom caráter prevaleceu. Lavou o rosto e escovou o cabelo. Calçando os sapatos, foi encontrar Jenna.

CAPÍTULO 10

TAL ESTAVA trabalhando arduamente naquela tarde quando Yuusuf ligou.

– Seu plano obviamente deu certo – disse Yuusuf.

– Que plano?

– De fazer Laura mudar de ideia a seu respeito. Ela se apaixonou pelo navio, ou você lhe prometeu alguma coisa em troca de que ela dissesse a Jenna que não está mais zangada com você?

Por um momento, Tal ficou confuso. Laura dissera aquilo a Jenna? Depois de

acusá-lo brutalmente na frente da casa de Yvette? O que mudara num espaço de três horas?

– De qualquer forma, a família vai se reunir cedo na casa de Sophia, para um jantar leve antes da festa de noivado. Nós gostaríamos que você chegasse lá às 18h, se for.

Tal já ouvira convites mais graciosos em sua vida. Mas não se esquivou. Sua curiosidade era crescente. O que Laura tinha dito para Jenna e por quê?

– Eu ficarei feliz em ir.

– Apenas fique longe de Laura.

– Esta é uma condição que ela impôs?

– Não, é uma que eu estou impondo.

Quero manter Jenna feliz durante a estada dela aqui. Não quero que você aborreça a amiga de minha noiva, novamente. Elas são mais do que amigas.

Tal mais uma vez se surpreendeu com a postura de seu primo. Ele e seu avô haviam errado. Yuusuf crescera.

– Eu não pretendo aborrecê-la.

Yuusuf suspirou, e Tal ouviu o som do outro lado da linha.

– Espero que vocês dois possam manter uma trégua. Eu queria você para meu padrinho. Nós nos casaremos em São Francisco, e é claro que Jenna convidará Laura para ser a madrinha.

– Decida como achar melhor, Yuusuf. Eu fiz o que senti que era necessário. Se você não pode aceitar isso e meu pedido de desculpas, então fale. O que está feito, está feito. Eu espero que Laura me perdoe, um dia.

– Não tenho certeza se ela o perdoará, ou Jenna. Ela estava se apaixonando por você, Tal. Não pode ver isso?

– Por mim ou pelo dinheiro que eu representava? – Ele não pôde evitar perguntar.

– Ela não é Yasmine. Eu sei mais sobre o inferno que foi seu casamento do que você imagina. Mas Laura não é assim.

– Todas as mulheres são, em diferentes graus – murmurou Tal.

– Não Laura. Pelo menos, não de acordo com Jenna. Você sabe quanto dinheiro os pais de Jenna têm. Laura e Jenna são tão íntimas que você não acharia estranho se Laura aceitasse presentes da melhor amiga. Esta é uma discussão que elas tiveram quando adolescentes, cuja decisão permanece até hoje. Elas são amigas, mas Laura recusa-se a aceitar qualquer coisa de Jenna no sentido material. Até mesmo os presentes de aniversário e de Natal tem um limite de 20 dólares. Elas se divertem procurando coisas originais

para presentear uma a outra num valor tão baixo. Eu não acredito que Laura estivesse atrás do seu dinheiro, assim como não acredito que Jenna estivesse atrás do meu.

Tal vira Laura como uma mulher gananciosa por joias, que dera indiretas sobre um cruzeiro de navio, como se indicando que adoraria uma viagem grátis. Mas talvez Tal tivesse enxergado apenas o que procurava.

– Conte-me sobre Laura – pediu ele, largando a caneta sobre a mesa e recostando-se em sua cadeira.

– Você saiu com ela por duas semanas, o que há para eu contar? Eu

não a conheço muito bem. Foi por Jenna que me apaixonei, não por Laura. Mas Jenna fala dela como se Laura fosse uma irmã. Estava muito feliz que a amiga tinha encontrado alguém especial. Aparentemente, Laura nunca se apaixonara antes. Namorou, mas nunca encontrou o homem certo. Suponho que não encontrou desta vez, também.

Tal suspirou. Yuusuf estava certo. Ele não tinha sido o homem certo para Laura.

— De qualquer forma, Laura convenceu Jenna que não se importa com a sua presença nas reuniões familiares. Ela vai voltar para casa no

sábado.

Quando Tal desligou, toda a vontade de trabalhar desaparecera. Ele lembrou-se de seu pai ter dito uma vez que nunca entenderia as mulheres, quando sua mãe fizera algo que o desnorteara. Tal sabia exatamente como seu pai se sentira. A última coisa que esperava era que Laura convencesse Jenna que não estava mais chateada. Especialmente depois do jeito que eles tinham se separado.

LAURA DEU boa-noite aos seus anfitriões, cedo. Estava cansada e queria ter uma boa noite de sono. O dia tinha sido agitado. Com os preparativos da festa a caminho, ela ofereceu ajudar de

todas as maneiras que pudesse. Tentava ser entusiasta, tentava parecer feliz por sua amiga. Mas conforme as horas passavam, tudo que podia pensar era em quando poderia estar num avião, voltando para casa.

Não tinha sido muito fácil convencer Jenna de que não se importava com a presença de Tal na festa. Foi somente durante o jantar que Laura soube que Tal seria o padrinho de Yuusuf. Ela deveria ter esperado isso. Mas a notícia ainda era um choque. Até a ocasião do casamento, ela já teria superado seus sentimentos por Tal. Talvez até fosse capaz de rir de sua paixonite.

Deitada na cama uma hora depois, Laura não conseguiu dormir. Finalmente desistiu de tentar, vestiu um roupão leve, que cobria sua camisola de verão. O ar noturno a chamava. Um passeio pelo jardim seria perfeito. Ela apreciaria o silêncio e tomaria ar fresco, o que talvez a ajudasse a dormir.

No momento que estava prestes a sair, viu uma sombra. Um segundo depois, houve uma batida leve à janela.

– Laura?

– Tal? – Ela atravessou as portas para o pátio. Ele virou-se e se aproximou.

– Você estava acordada?

– Eu estava saindo para uma

caminhada. O que você está fazendo aqui?

– Eu vim falar com você. Quando cheguei, Yvette disse que você já tinha ido dormir. Então, passou diversos minutos me contando tudo que Yuusuf e Jenna fizeram desde que chegaram. Ela daria uma excelente repórter.

– Yvette está feliz que o filho encontrou sua alma gêmea.

– Alma gêmea, você acha? – perguntou ele, suavemente. – Venha, vamos andar comigo. A lua está brilhante.

– Eu planejava andar um pouco, mas não estou vestida para ser vista por

alguém. Pensei que estaria sozinha.

– Está escuro, ninguém vai nos ver.

– Eu me referia a você – murmurou ela, mas saiu das sombras para seguir o caminho que levava à fonte. Estaria ligada, tão tarde? Um momento depois, descobriu que estava, quando eles chegaram aos bancos ali perto, e ela ouviu o barulho da água.

– Por que você está aqui, Tal? – perguntou Laura, sentando-se no banco ainda quente pelo sol. Tal sentou-se ao seu lado, perto o bastante para que ela sentisse o calor da coxa dele e o inevitável friozinho na barriga.

– Eu vim para lhe agradecer ter feito

Jenna mudar de ideia sobre meu comparecimento à festa deles. – Ele pegou-lhe a mão. – Apreciei seu gesto. Família é importante para mim.

Laura ficou imóvel. Mas podia respirar. Liberando a mão, cruzou os braços, removendo a tentação do caminho de Tal.

– Família é importante para todo o mundo, ou deveria ser.

TAL QUERIA envolvê-la nos braços, prometer que ela nunca mais ficaria sozinha. Que sempre haveria família para Laura. A emoção inesperada o pegou de surpresa. Ela era uma mulher, não uma garotinha. Não precisava dele

ou de sua família.

E esta verdade doía.

– Há uma maneira de recomeçar? –
questionou ele. Detestava o fato de que
errara. Porém, mais importante, sabia
que destruía alguma coisa preciosa.
Alguma coisa frágil e não facilmente
substituída.

Ela meneou a cabeça.

– Eu não vejo uma. Irei embora no
sábado. Podemos ficar longe um do
outro até lá.

Tal afastou uma mecha de cabelo do
rosto dela. A pele de Laura era tão
sedosa.

– Eu sentirei saudade da mulher que

adorou o passeio no balão de ar quente – murmurou ele, gentilmente.

Ele se enganara sobre ela. Queria voltar atrás, restabelecer a confiança entre eles, mas não sabia como. Laura não estava ajudando. Havia mais no relacionamento deles do que ele suspeitara? Yuusuf mencionara amor. Isso seria possível?

Só havia um modo de descobrir.

Ele puxou-a para seus braços. Por um momento, ela resistiu, então pareceu se derreter. Era disso que Tal vinha sentindo falta desde a noite deles em Lake Tahoe. Ela era feminina e doce. Entretanto, lhe despertava um desejo

ardente que ele nunca conhecera antes. Cada momento com Laura era especial, e ele, como um tolo, jogara aquilo fora.

Ou talvez não. Ela correspondeu ao beijo por um tempo. Então, empurrou-o.

– Isso não está resolvendo nada. – Laura levantou-se e pegou o caminho de volta, quase correndo.

Tal sabia que não resolvia nada, mas aquilo lhe dava um aspecto inteiramente novo para considerar.

LAURA CHEGOU ao seu quarto sem fôlego. Como pudera ser tão idiota para beijá-lo? Deus amado, ela não aprendera nada? Seu coração bombeava. Sua boca estava quente da dele.

Lambendo os lábios, ela ainda sentiu o gosto do beijo.

– Laura. – Tal entrou no quarto, pelo jardim.

– Você não pode entrar aqui. – Ela virou-se para encará-lo. – E se Yvette ou alguém o ouvir?

– Eu não vou ficar, embora eu não me importasse. Quero novos termos.

– Termos para quê?

– Para o que existe entre nós. Uma trégua, talvez?

– Não existe nada entre nós, você se certificou disso.

– É isso que quero mudar.

– Do que você está falando?

– Sobre nós nos conhecermos... a pessoa real que cada um de nós é, não alguma ideia preconcebida de quem somos.

– Eu não tinha ideia preconcebida. Pensei que você fosse da Inglaterra, um homem comum, que estava interessado em mim.

– Eu estou.

– Não.

Ele aproximou-se e segurou-lhe os ombros, puxando-a para mais perto.

– Eu já pedi desculpas. E lamento o jeito que a tratei, mas não lamento termos nos conhecido. Eu quero você, Laura, de qualquer maneira que puder

tê-la.

– Você enlouqueceu?

O beijo dele deteve o processo de pensamento de Laura. Tal moldou-lhe o corpo ao seu, abraçando-a como se a adorasse. Aprofundou o beijo, levando-a a alturas que ela nunca estivera antes. Ela ia odiar-se mais tarde, foi seu último pensamento, antes de entregar-se ao abraço. Amara aquele homem. Esta podia ser a última vez que eles ficavam sozinhos, juntos. Por que não aproveitar o que ele oferecia tão generosamente?

Tempo perdeu o significado. Laura não sabia se ainda estava em Tamarin, ou flutuando no céu noturno. Tal

preenchia seus sentidos, causando-lhe sensações que ela nunca experimentara antes. Sentia o coração leve, a mente livre. Nada tinha feito sentido desde o dia em que ela retornara de Lake Tahoe e descobrira a verdade.

Mas qual era a verdade? Que ela o amava? Que ele estava tentando cimentar uma amizade para manter o primo feliz? Laura poderia culpá-lo por isso?

Um barulho no corredor fez ambos se afastarem. Por um momento, eles prenderam a respiração. O silêncio voltou a reinar.

– Eu tenho de ir – sussurrou ele,

beijando-a, mordiscando-lhe o lábio de levinho. – Não quero ir.

Laura deu um passo atrás.

– Mas você precisa.

– Eu sei. – Outro beijo. – Você vai pensar no que eu falei?

– Talvez. – Como ela poderia pensar em qualquer outra coisa?

– Jante comigo amanhã.

Ela ficou tentada.

– Eu não sei.

– Eu lhe telefono pela manhã. – Outro beijo, e Tal se foi.

Laura andou para as portas francesas e olhou para fora, mas não pôde vê-lo ou ouvi-lo. Aquilo tudo tinha sido um

sonho?

Pelo jeito que seu corpo pulsava, tinha sido muito real.

O sono demorou a chegar. Mas ela não ia dar outro passeio pelos jardins.

O que Tal realmente queria dela?

– VOCÊ É louca, sabia? – murmurou Jenna na manhã seguinte, deitada na cama de Laura, observando sua amiga se vestir.

– Provavelmente. Pensei que você fosse ficar contente por eu não ter guardado rancor.

– Você está se colocando no caminho do perigo – apontou Jenna.

– Dificilmente.

– Perigo para seu coração.

Laura virou-se e olhou para sua amiga.

– Jenna, é apenas um jantar. Quero que você saiba que Tal e eu podemos ser cordiais um com o outro. Seu casamento é importante para mim. Eu não o arriscaria. Além disso, estou ansiosa para ver mais de Tamarin.

– Yuusuf e eu levaremos você para conhecer a cidade.

– Não, este é um período especial para vocês dois. Passem juntos.

Jenna não discutiu mais, porém, pela expressão no rosto, ainda não gostava da ideia de Laura ter qualquer tipo de

relacionamento com o primo de Yuusuf.

– Se ele não a tratar bem, eu saberei.

Laura riu. Desta vez, estaria com os olhos bem abertos e sem expectativas. Esperava que ele fosse charmoso e que eles apreciassem a noite. Mas não tinha sonhos de “felicidade eterna”.

– Que tal este vestido? – perguntou Laura, querendo mudar de assunto. Ela, Jenna e Yvette haviam ido às compras mais cedo. O estilo da mulher francesa era admirável. O vestido fazia Laura parecer exótica e sofisticada. Era dourado, com um corte enviesado que mostrava cada parte do seu corpo à perfeição.

– Em você, fica maravilhoso. Realça seus olhos e dá um brilho a sua pele. Espero que Tal se apaixone loucamente, de modo que você possa rejeitá-lo e sair vitoriosa.

Laura riu.

– Jenna, isto não é guerra.

– Não é? Por que toda a munição?

Laura voltou a se olhar no espelho. Ela realmente parecia arrumada para captar corações, ou, pelo menos, o interesse de um homem em particular.

– Talvez um pequeno conflito. Eu gostaria de que ele se arrependesse por nós nunca termos nos tornado um casal – admitiu ela, honestamente.

– Você ainda tem sentimentos por ele
– declarou Jenna, de modo triunfante.

– Se eu tenho ou não, vou mantê-los
para mim mesma. – Laura se olhou uma
última vez e preparou-se para sair. Tal
iria buscá-la em breve.

Ela, Yvette e Jenna estavam no salão
formal quando ele chegou e entrou para
cumprimentar todas.

– Pronta? – Ele perguntou para Laura,
o olhar percorrendo-a de cima a baixo.

Ela sabia, pelo brilho nos olhos
escuros, que ele aprovava sua
aparência.

– Não a traga de volta muito tarde –
avisou Yvette, observando Tal. –

Amanhã é a festa de noivado, e Laura precisará de uma boa noite de sono, para aguentar acordada até o fim.

Esta noite, o carro esporte de Tal não estava com teto rebaixado. Ele ajudou-a a entrar, e logo eles estavam a caminho.

– Aonde nós vamos? – perguntou ela.

– Você verá. – Ele ligou o rádio numa estação de música lenta. O trajeto foi feito em silêncio, exceto pela música. Ela não pôde evitar compará-lo com a viagem para Lake Tahoe, quando eles tinham conversado o tempo inteiro.

Tamarin não era construída sobre morros, como São Francisco. Era plana, ao nível do mar. Apenas a distância, o

horizonte se elevava em direção das Montanhas Atlas do Norte da África. Os prédios modernos competiam por domínio na paisagem. As paredes de vidro refletiam-se umas nas outras, parecendo ser pintadas com o pôr do sol.

Ainda estava claro, e Laura podia ver todo o caminho para o Mar Mediterrâneo. Grandes navios navegavam perto do horizonte. Um deles era o navio que ela conhecera dois dias atrás?

A vista dos edifícios deu lugar a uma área residencial, a qual logo se fundiu no campo.

– Aonde estamos indo? – perguntou ela, novamente.

– Aqui – respondeu Tal, virando num caminho ladeado por árvores floridas. Ele dirigiu para uma casa localizada no escuro, o cheiro do oceano preenchendo o ar. Parou na lateral da casa e desligou o motor. O lugar era silencioso, apenas o canto das cigarras e o barulho suave do mar podiam ser ouvidos.

– E onde é aqui? – perguntou Laura, olhando ao redor. Os jardins eram mais formais do que os de Yvette. A casa era cor de terracota, com enfeites verdes.

– Esta é minha casa. Pedi que o cozinheiro preparasse nossa refeição

para comermos no pátio dos fundos.

Ele ajudou-a a descer do carro, mas quando tentou pegar-lhe a mão ela esquivou-se. Laura circulou a casa e parou ao ver o lindo cenário.

Velas em castiçais circulavam o pátio grande. Elas mal eram notadas no céu ainda claro, porém mais tarde, quando escurecesse, dariam uma sensação mágica ao ambiente.

Uma pequena mesa tinha sido posta perto do mar, velas sobre a toalha, também. Ela aproximou-se, apreciando a carícia da brisa marítima em sua pele.

– É encantador.

– Venha, assim que estivermos

sentados, os servos começarão a servir a refeição.

Como se observando de uma janela, tão logo eles se sentaram à mesa, um homem num paletó branco levou bebidas e uma bandeja com antepasto.

– Eu pedi um prato típico de Tamarin. É um tipo de guisado muito saboroso. Acho que você vai gostar.

Tal podia ver que Laura continuava cautelosa. Ele não queria isso. Sua esperança era tranquilizá-la com boa comida, mostrar-lhe a sua casa e recuperar a amizade que eles haviam compartilhado na Califórnia. Sabia que isso seria difícil. Mas não impossível.

Ela não teria respondido aos seus beijos daquela maneira, se fosse indiferente.

– Esta é a casa que você compartilhou com sua esposa? – perguntou ela.

– Sim. Eu trouxe Yasmine para cá depois que nós nos casamos. Herdei esta propriedade do pai de minha mãe. Eu era o neto mais velho naquela família. Minha avó morreu antes dele, então ele deixou a casa para mim.

– Você teve sorte.

A luz do dia estava diminuindo. A lua estava quase cheia, abaixando-se no horizonte. Logo, banharia tudo em sua luz efêmera. Depois do jantar, ele levaria Laura para uma caminhada em

sua praia particular. Eles poderiam dançar na beira da água, se ela quisesse.

No momento que o prato principal foi servido, a lua natural desaparecera. As velas iluminavam o pátio. Tal estudou-a enquanto ela comia. Nunca vira uma mulher mais adorável.

– Você não está comendo – observou ela.

– Eu estava esperando esfriar. – Ele deu uma garfada. – Conte-me sobre Laura Toliver.

– Você já ouviu a minha história antes.

– Eu não ouvi onde você estudou e que tipo de garota era. Nem quais são

seus sonhos e esperanças para o futuro.

Ela permaneceu silenciosa por um momento, e Tal suspeitou que soubesse o que ela estava pensando... ele poderia ter tido tudo aquilo e mais, uma vez.

– Eu era uma boa garota, amada por meus pais, até que eles morreram, depois amada pelos meus avós. Tenho algumas amigas, como Jenna, que conheço desde sempre. Outras novas, que conheci na faculdade e no trabalho. Minha esperança é ser feliz no futuro.

– Você não é feliz agora?

Ela hesitou por um longo tempo.

– Esta noite, neste momento, eu me sinto... contente.

Ele esperava mais.

Laura deu um sorriso triste.

– Eu quase investiguei sobre você. Liguei para seu amigo Earl, mas ele tinha viajado para o Japão.

– Por que você quis me investigar? Eu pareço uma pessoa desonesta?

– Não, mas não nos contar seu sobrenome levantou desconfiança em Jason. Eu preferi pensar que aquilo era romântico.

– É difícil investigar um Smith.

– Eu sabia que Smith não era seu sobrenome. Você queria que nós soubéssemos que não ia dar essa informação.

– Então, posso agradecer a Earl não ter estragado minha cobertura, indo para o Japão.

– Na verdade, eu decidi que investigá-lo mostraria muita falta de confiança – confessou Laura.

Aquilo feria. Ela confiara nele. E ela a desapontara.

– Você pode confiar em mim, Laura. Nós não temos mais segredos.

– Desnecessário. Não significamos nada um para o outro. Você tinha razão, este prato é delicioso.

Tal estava irritado pelo jeito que ela negava a possibilidade de uma futura relação entre eles.

– Fico feliz que você goste. Quer ouvir sobre quando eu era mais novo?

– Se você quiser me contar.

A indiferença dela era frustrante.

– Eu estudei aqui até meus 12 anos, depois fui para um colégio interno na Inglaterra.

– A razão para seu sotaque charmoso.

– Pelo menos, você acha alguma coisa em mim charmosa.

– Oh, Tal, quando você tenta, é charme personificado.

– Você faz isso soar falso.

– Não era?

Ele respirou fundo. Para alguém que se dispusera a uma trégua, ela parecia

irritá-lo deliberadamente.

Tal começou uma longa história sobre estudos universitários e seu início no mundo dos negócios, culminando com o pai lhe entregando as rédeas da linha de cruzeiros, apenas três anos atrás.

Laura parecia ouvir suas palavras com interesse, mas estaria mesmo prestando atenção?

Quando os pratos foram tirados, Tal disse para o criado ainda não levar a sobremesa, pois ele e sua convidada andariam ao longo da praia, primeiro. O homem assentiu e continuou removendo os pratos.

– Se você acabou, eu pensei em

andarmos ao longo da praia – ele falou para Laura em inglês.

Ela colocou seu guardanapo sobre a mesa e levantou-se.

– Se você não se importa, eu preferiria voltar para casa. Quero dizer, para a casa de Yvette.

– Fugindo?

– Retirada estratégica – retorquiu ela com firmeza.

– Parece como avançar e esquivar, para mim – murmurou ele.

– O quê?

– Termos de esgrima. Eu avanço, você me empurra de lado. Apenas que você não parece avançar.

– O que você quer, Tal?

– Eu lhe disse, quero você.

– Por quanto tempo?

Tal a olhou. Ele não tinha um cronograma. Por quanto tempo eles apreciassem a companhia um do outro, supunha. Sabia que não queria que Laura voasse para casa no sábado e que ele não a visse de novo até o casamento de Yuusuf.

– Esqueça – disse ela, antes que ele pudesse responder. – Isso não importa. Você iria sempre desconfiar se eu estou atrás de sua riqueza, e eu iria sempre imaginar se você estava pensando assim.

– Não.

– Por favor, leve-me de volta.

Laura observou os outros carros na estrada durante o trajeto. Parecia que eles estavam destinados a viajar em silêncio. Ela podia sentir raiva emanando de Tal, mas não se importava. Estava cansada, um pouco deprimida e ansiosa para terminar o dia seguinte, de modo que pudesse ir para casa.

CAPÍTULO 11

YVETTE INSISTIU que todas descansassem cedo, porque depois elas tinham hora marcada para fazer unhas e cabelo. Laura adorou ser mimada no salão que Yvette frequentava. Pintou as unhas dos pés e das mãos de uma cor que combinasse com o vestido vermelho que usaria naquela noite. O dia na praia dera um brilho saudável à sua pele, e ela sabia que estava bonita para a festa de noivado de sua amiga e o anúncio formal.

Os pais de Jenna tinham chegado na noite anterior e estavam num hotel da cidade. Yvette os convidara para se hospedar com ela, mas eles haviam preferido o hotel. Yuusuf estava providenciando para que eles chegassem à casa de sua tia Sophia cedo, para o jantar em família. Seria a primeira vez que os pais de Jenna encontrariam a família de Yuusuf.

– Eu poderia me acostumar com isto – disse Jenna, recostando-se, enquanto seus pés eram massageados antes que as unhas fossem pintadas.

– Você provavelmente se acostumará – murmurou Laura, preguiçosamente.

– Não, eu ainda terei meu trabalho em casa. Yuusuf concordou que isso é importante.

Laura estava feliz que sua amiga ainda moraria perto. Ela distraiu-se, enquanto Yvette e Jenna faziam planos para a mãe de Yuusuf ir visitar São Francisco em breve.

Não pela primeira vez, Laura desejou, enquanto sua mente vagava, que estivesse planejando o próprio casamento.

A CASA de Sophia possuía dois andares, e ela e o marido médico moravam numa parte diferente daquela em que ficava a propriedade de Yvette. As casas

pareciam num estilo mais ocidental. Havia manobristas para pegar os carros conforme as pessoas chegavam, levando-os para algum outro lugar a fim de manter o caminho livre.

Sophia cumprimentou Laura quase tão calorosamente quanto cumprimentou Jenna. Ela direcionou todos para uma pequena sala de jantar, onde um superbufê estava montado. Apesar de o jantar não ser tão formal quanto os de Yvette, Laura ainda sentia um friozinho na barriga de nervoso. Especialmente quando viu Tal. Ele cumprimentou-a com a cabeça, do outro lado da sala, mas não se esforçou para lhe falar.

Durante a refeição, Laura sentou-se entre a mãe de Jenna e de uma prima de Yuusuf, Nura. O inglês da garota não era muito fluente, mas Laura descobriu que elas tinham algo em comum em relação ao amor por pinturas.

Logo, era hora de cumprimentar os convidados chegando.

Laura entrou no grande salão de bailes onde amigos e parentes se reuniam. Aos poucos, o lugar foi preenchido com mulheres e homens em roupas caras e elegantes. Impressionada pela facilidade com que todos conseguiam se comunicar, Laura desejou que pudesse falar um segundo idioma.

Sentia-se isolada por não saber árabe. Muitas das pessoas presentes falavam um pouco de inglês.

Uma ou duas vezes, ela viu Tal de relance. Ele estava sempre cercado por diversas pessoas e parecia ser bastante popular com um número de mulheres mais novas.

Ela olhou ao redor, sentindo-se excluída. Observar outras pessoas fazia parte de seu trabalho, mas era uma convidada neste evento. Entretanto, sua vida era muito diferente das vidas daquelas pessoas para que ela pertencesse ao lugar.

Assim que o último convidado

chegou, a orquestra começou a tocar e Jenna e Yuusuf moveram-se para a área vazia do salão e começaram a dançar.

– Dança comigo? – convidou Tal, estendendo a mão.

Laura pôs a mão na dele sem pensar.

Eles se moveram no ritmo da música, ela com os olhos fechados, saboreando cada momento.

– Você está gostando da festa? – perguntou ele contra seu ouvido.

– Eu sinto que deveria estar notando pessoas de aparência suspeita, caso elas estejam estudando a casa para um roubo – replicou ela, abrindo os olhos.

Ele a fitava, o rosto perto do seu.

– Você não está trabalhando esta noite. Divirta-se.

– Sim. Agora eu estou me divertindo.

– Você conheceu todo mundo?

Ela riu.

– Está brincando? Há mais de cem pessoas aqui. Eu me sentei ao lado de Nura durante o jantar. Ela foi encantadora. E conheço algumas pessoas da família de Yuusuf. Eu vi seus avós, os pais de Yvette. Ninguém quer me conhecer. Não sou a convidada de honra.

– Você se subestima. Há diversas pessoas que gostariam de conhecê-la.

Como se ele tivesse invocado uma,

um homem bateu no ombro de Tal.

– Posso? – pediu ele.

Tal fez uma careta, mas liberou Laura.

– Boa-noite – o homem disse, começando a dançar com ela. – Eu sou Mohammed, irmão de Nura. Ela me contou que gostou de discutir arte durante o jantar.

– Sim, foi muito agradável. Prazer em conhecê-lo. – Ela deu um sorriso brilhante e decidiu aproveitar a noite.

Por volta das 23h30, Laura estava pronta para voltar à casa de Yvette e dormir. Seus pés latejavam. Suas faces doíam de tanto sorrir, e ela estava ficando confusa com todos os nomes das

peessoas que conheecera. Depois de Mohammed, diversos outros homens a tinham tirado para dançar. Ela conheecera alguns amigos de Yuusuf e Jenna, com os quais fora capaz de ter uma conversa animada.

Procurou por Tal, mas ele parecia ter desaparecido.

O anúncio formal do noivado entre Yuusuf e Jenna seria feito à meia-noite. A festa de celebração era tudo que Jenna poderia ter esperado. Mas ainda faltava algum tempo para a meia-noite e Laura estava cansada.

Encontrou Jenna.

– Você acha que eu posso pedir uma

carona para Yvette, assim que o anúncio for feito?

– Oh, não vá embora. Você não pode ir – disse Jenna.

– Esta é a sua noite. Está tarde e meus pés doem. Você e Yuusuf aproveitem cada minuto. Mas eu quero ir embora, assim que ouvir o anúncio.

Jenna mordeu o lábio.

– Espere só um pouco. Já sei, vá para a biblioteca. Você pode se sentar por um tempo, mas se certifique de voltar aqui, antes da meia-noite.

Laura desceu o corredor e achou a biblioteca. Entrando, deu um suspiro de alívio. O silêncio era revigorante,

depois do barulho da multidão. Ela se sentaria por alguns minutos, voltaria ao salão para o anúncio, depois iria embora.

Havia apenas um abajur aceso na sala, perto de uma poltrona abaixo da janela. Ela adentrou mais o cômodo, assustando-se ao ver Tal se levantar.

— Tal? — Ela olhou ao redor. Ele estava sozinho. — O que você está fazendo aqui?

— Eu vim para escapar.

— Eu também. — Ela atravessou para a poltrona oposta à que ele estivera e sentou-se. Tirando os pés dos sapatos, movimentou os dedos e recostou a

cabeça. – Estou cansada.

– É tarde. Posso levá-la para casa?

Ela o olhou.

– Tenho certeza de que posso conseguir uma carona após o anúncio. Quero ficar até que o noivado seja anunciado. Eu não o vi por boa parte da noite. – Laura fechou os olhos. Não precisava lhe contar aquilo.

– Eu precisei cuidar de algumas coisas.

– Trabalho? Na noite da festa de noivado de Yuusuf?

– Algumas coisas não podem esperar.

– Ele enfiou a mão no bolso e tirou um bracelete de ouro. Os pingentes se

penduravam das argolas, suas joias brilhando na luz do abajur.

– Eu quero que você fique com isto, Laura. Para lembrar os momentos felizes que compartilhamos. Você não pode negar que se divertiu. Pense sobre o dia do passeio de balão. No almoço estilo piquenique que compartilhamos. Na caminhada que fizemos ao longo de Lake Tahoe, antes de voltar para casa naquele domingo. Talvez você não use o bracelete logo, mas um dia?

Ela olhou para a pulseira com nostalgia. Apreciara cada momento com ele... até que descobrira a verdade. No futuro, aquilo seria a única coisa

tangível que ela teria de Tal. Sabia que ele nunca daria o bracelete à outra pessoa.

Lentamente, Laura estendeu o braço. Ele fechou o bracelete ao redor de seu pulso e beijou-lhe a mão.

Ela notou um quarto pingente... de Lake Tahoe.

– Obrigada. – Resignadamente, Laura admitiu que os pingentes na pulseira eram todos parecidos com a coisa real. Mas não era pelo valor monetário que ela adorava a joia.

– Foi um prazer. Ao risco de enfurecê-la de novo, vou admitir outra enganação. Eu pedi para Jenna sugerir

que você viesse aqui.

– Por quê?

– Eu queria lhe pedir para ficar.

– Além de amanhã?

– Sim, além de amanhã.

Ela sentou-se ereta, tateando pelos sapatos.

– Eu não posso.

– Eu quero que você se case comigo,

Laura – murmurou ele numa voz baixa.

Perplexa, ela o olhou.

– Não.

– Não?

– Eu não posso me casar com você.

– Yuusuf estava errado, então.

– O que Yuusuf tem a ver com isso?

– Ele sugeriu que você estava apaixonada por mim.

– O homem é louco. – Laura se levantou. Ele fez o mesmo.

– Eu tive uma conversa interessante com o pai de Jenna hoje. E ele fez uma excelente sugestão.

– Qual? – perguntou ela.

Tal tirou um envelope do bolso do paletó e estendeu-lhe.

– O que é isto?

– Diversas ações da minha companhia de navios.

– O quê? Eu não posso aceitar isso. – Ela empurrou o envelope de volta para ele, mas Tal afastou-se, pondo as mãos

atrás das costas.

– Segundo o pai de Jenna, você tem quase fobia sobre pessoas pensarem que você as está usando. Aparentemente, seus avós incutiram isso na sua cabeça... nunca aceite nada de ninguém. Mesmo de alguém que a ama, como Jenna. Orgulho é uma coisa maravilhosa, a menos que se torne muito inflexível.

– Eu não vou aceitar isso de você – disse ela, jogando o envelope na cadeira que ele vagara.

– Eu passei muito tempo cuidando das transações. As ações são suas, se você sair daqui com o envelope na mão, ou não.

– Por quê? – Laura não entendia aquilo. Dissera-lhe que não estava interessada no dinheiro dele.

– Eu quero que você seja rica.

– O quê?

– De modo que, quando eu a pedir em casamento, você não desconfie que é porque acho que você está atrás do meu dinheiro.

Laura o fitou, atônita. Ela o ouvira direito?

– Não.

– As ações são suas, independentemente de sua resposta. Eu tive esperança que fosse sim.

Ela foi para a porta.

– Eu não acredito em você. Leve as ações, ou eu as rasgarei.

– Elas ainda estarão registradas em seu nome. Outros papéis serão impressos.

– Cancele o registro.

– Eu não posso fazer isso.

– Eu posso?

Ele meneou a cabeça.

– Aposto que eu posso.

– Eu colocarei outras no seu nome.

Mais uma vez a situação absurda deixou Laura perplexa. Não queria a caridade dele.

Queria o que ele não estava dando.

– Não, Tal. – Ela abriu a porta.

– Eu amo você, Laura.

Ela parou. Ouvira corretamente ou tinha imaginado as palavras? Fechou a porta, encostou-se nela e olhou-o.

– O quê?

Tal atravessou a sala com passos determinados.

– Eu a amo. Quero que você se case comigo, fique em Tamarin comigo, viaje comigo, tenha filhos comigo, envelheça comigo.

– E quanto aos seus pais?

– O que têm eles?

– Eles não me escolheram.

– Não, desta vez, eu escolhi. Por uma vez, aprendi uma lição com meu primo

mais novo... encontrar uma mulher para amar.

Ele parou a meros centímetros, a respiração soprando o rosto dela. O coração de Laura estava quase explodindo de felicidade.

– Você realmente me ama? Como posso acreditar nisso? Como você pode ter certeza de que eu não quero sua riqueza? – Laura não podia acreditar no que estava ouvindo.

Ele riu e envolveu-a nos braços.

– Não depois disso. Eu nunca vi alguém tão relutante em aceitar algumas ações de uma companhia lucrativa.

– Não quero as ações, eu só quero

você – disse ela, um segundo antes que ele a beijasse.

O beijo foi interrompido por uma batida à porta. Jenna pôs a cabeça para dentro. Ao vê-los, sorriu e entrou na sala, Yuusuf seguindo-a.

– Sim! – exclamou ela.

Abraçando Laura, ela olhou para Tal.

– É melhor que isso signifique o que eu penso que significa.

Tal franziu o cenho.

– Vocês chegaram cedo demais. Eu ainda não dei o anel a ela.

– Eu não disse sim – murmurou Laura.

– Vão, nós estaremos lá num minuto – instruiu Tal.

Jenna riu e quase dançou.

Tal tirou uma caixinha do bolso e abriu-a, mostrando-a para Laura. O anel era lindo, não muito ostentoso, mas perfeito em todos os sentidos.

– Eu pedirei novamente. Você quer se casar comigo? – Ele pegou-lhe a mão e beijou-a.

– Se você realmente me ama e sabe que eu amo apenas você, e não o seu dinheiro...

Ele posicionou os dedos contra os lábios dela.

– Eu sei disso. – Então deslizou o anel no dedo de Laura e beijou-a mais uma vez.

De mãos dadas, eles retornaram ao salão de bailes. Yuusuf, Jenna, os pais de Jenna e Salilk bin Horah estavam de pé no palco onde a orquestra se encontrava. Tal conduziu Laura para lá. Seu avô arqueou uma sobrancelha, e Tal ergueu as mãos unidas dos dois, o anel de diamante brilhando.

Pegando o microfone, Salilk pigarreou. Todos no salão pararam de falar.

– Em honra de nossos convidados, eu farei este anúncio primeiro em inglês. Repetirei em árabe para nossos amigos que não falam o idioma. – Ele repetiu a sentença em árabe.

– Eu sou um homem velho. Tive uma vida boa e espero continuar tendo. Esta noite, meu coração está feliz, pois tenho o prazer de ver o começo de uma nova geração da minha família. Esta noite, eu anuncio o noivado de meus dois netos, Yuusuf bin Mohammad bin Horah com srta. Jenna Stanhope, dos Estados Unidos, e Talique bin Aroz bin Al-Rahman com srta. Laura Toliver, dos Estados Unidos. Desejo, aos dois casais, vidas longas, felicidades e muitos bisnetos, que espero que eles me deem. – Ele repetiu as palavras em árabe, e aplausos preencheram o salão.

Jenna sorriu para sua amiga.

– Nós pensávamos que Tal nunca fosse pedi-la em casamento – sussurrou ela. – Melhores amigas para sempre?

– Para sempre. Bem atrás de Yuusuf e Tal – replicou Laura, virando-se para beijar seu futuro marido, ao som de aplausos e desejos de felicidade da família que agora se tornaria sua. Sabia que ele verdadeiramente seria seu melhor amigo, amante e marido para sempre.

OUSANDO AMAR

Susan Meier

Ele saiu andando, e Vivi olhou para o lugar vazio que ele deixara em seu rastro. O homem era intimidador. Um intimidador muito bonito, mas ainda um intimidador.

Bile subiu a sua garganta, mas ela engoliu-a. Já lidara com intimidadores antes.

Suponho que este seja Tucker Engle.

— Em carne e osso.

– Ele me rebaixou de posto, antes mesmo de eu começar.

Sra. Martin meneou a cabeça.

– Não. É isso que ele estava lhe dizendo. O trabalho de assistente é muito mais do que você pensa que é.

– Mas eu preciso começar meu emprego de verdade, agora. Preciso treinar minhas habilidades para prestar o exame de contadora. Não quero ficar defasada.

– Você trabalhará com o Tucker Engle. O homem que dirige Inferno. Verá tudo que ele faz... aprenderá tudo que ele sabe.

Aquilo não combinava com a imagem

retratada no Facebook, mas soava promissor. Como alguma coisa a qual ela poderia agarrar-se para se forçar a conseguir trabalhar com ele.

– Então, ele me ensinará coisas?

– Não sei sobre ensinar, propriamente dito. – Sra. Martin gesticulou para que ela se sentasse na cadeira na frente da mesa. Apontou para uma pequena câmera atada ao monitor do computador.

– Sente-se para que eu possa tirar sua foto.

Vivi sentou-se.

– Como eu dizia, não sei sobre ensiná-la, mas você aprenderá muito com ele, que construiu esta companhia...

– Com ajuda.

– Ajuda? – Sra. Martin riu. – Acha que ele teve ajuda? Todos que trabalham aqui o apoiam. Ele é o homem das ideias. Ninguém mais.

Isso combinava com o que ela lera. Na entrevista que ele dera para o Wall Street Journal, alegara que usava apenas contadores, advogados, pessoas do departamento de Recursos Humanos... staff de apoio. Ele não queria, ou não precisava, de um igual.

– Fantástico.

Sra. Martin deu um sorriso compassivo.

– Eu entendo que você está

desapontada. Provavelmente vê isso como um atraso na sua carreira. E eu não conseguirei convencê-la do contrário. – Ela suspirou. – Então, serei totalmente honesta com você. Dizem que Tucker Engle distribui tarefas fragmentadas, de modo que ninguém possa descobrir no que ele está trabalhando. Ele é tão exigente que nenhum de nossos funcionários se ofereceu para substituir Betsy... mesmo por algumas semanas.

– E você acha que eu posso?

– Eu não escolhi você. Nós demos os arquivos das contadoras que começam hoje para sr. Engle, e ele escolheu você.

Mas Betsy não vai ficar fora para sempre. Oito semanas...

Ela arregalou os olhos.

– Oito semanas?

Sra. Martin fez uma careta.

– Doze, no máximo.

– Oh, meu Deus!

– Mas você ainda receberá seu salário de contadora. E seu tempo com sr. Engle conta como tempo de serviço com a companhia.

– Não, obrigada. Eu apenas mantereí meu emprego como contadora.

Sra. Martin suspirou.

– Que impressão seu registro de funcionária terá, se você recusar sua

primeira tarefa?

– Eu não fui contratada para esse cargo.

– De qualquer forma, é sua primeira atribuição, e se você não aceitar, ele pode demiti-la.

– É claro que pode.

Sra. Martin deu-lhe um olhar compreensivo.

– A outra opção é você se demitir.

A outra opção é você se demitir.

Vivi repetiu essas palavras na mente enquanto percorria o labirinto de corredores com paredes pintadas de amarelo, laranja e vermelho, procurando o elevador particular para o escritório

executivo. Finalmente alcançou-o, e inseriu o cartão-chave que faria o elevador andar, dando-lhe acesso ao gabinete privado de Inferno, cujo nome parecia apropriado, uma vez que a companhia realmente parecia ser um lugar infernal.

As portas se fecharam, e ela suspirou. Era a pessoa mais forte que conhecia. Tinha sobrevivido a um ataque na faculdade que quase acabara em estupro, e ao bullying que a fez tentar processar o garoto envolvido... o filho de Starlight, a principal família de Kentucky. Um diretor-executivo narcisista não ia impedi-la de alcançar seu sonho de ser

alguém. Alguém tão importante que as pessoas em Starlight veriam que, apesar de tentarem derrubá-la, ela tivera sucesso.

Eles tinham fracassado.

E Tucker Engle também não a derrubaria.

E leia também em *Viradas do Destino*, edição 92 de **Harlequin Special**, *Amor ideal*, de Susan Meier.



092 – VIRADAS DO DESTINO – SUSAN MEIER



Ousando amar

Olivia Prentiss não gostava de seu novo chefe. Tucker Engle era arrogante e orgulhoso, mas durante uma viagem de trabalho ela descobre que há muito mais nele do que imaginava.

Amor ideal

Whitney Ross sabia que ensinar Darius

Andreas a ser um bom pai seria uma tarefa difícil, mas ela ignorava que o mais difícil seria aprender a lidar com seus sentimentos por ele.

Últimos lançamentos:

**090 – NOVOS
CAMINHOS – REBECCA
WINTERS**



Renascer da alma

Stephanie Marsh vai atrás de Nikos Vassalos para contar que espera um filho dele. Mas o homem atormentado que ela encontra é bem diferente daquele por quem se apaixonou... Eles ainda têm

chance de serem felizes juntos?

Beleza misteriosa

A prioridade do pai solteiro Leon Malatesta é proteger sua filha. A chegada de Belle Peterson primeiro o deixa desconfiado, mas depois traz uma nova luz a sua vida solitária, e Leon decide torná-la parte da família definitivamente.

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE
LIVROS, RJ**

M429L

McMahon, Bárbara, 1961-

À luz da paixão [recurso eletrônico] /

Barbara McMahon; tradução Ligia Chabú. - 1.
ed., reimpr. - Rio de Janeiro: Harlequin, 2014.
recurso digital

Tradução de: Marrying the scarred sheikh
+ The sheikh's secret

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital
Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-398-1564-7 (recurso
eletrônico)

1. Romance americano. I. Chabú, Ligia. II.
Título.

14-13697

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-
3

PUBLICADO MEDIANTE ACORDO COM
HARLEQUIN BOOKS S.A.

Todos os direitos reservados. Proibidos a
reprodução, o armazenamento ou a
transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios.
Qualquer semelhança com pessoas vivas ou
mortas é mera coincidência.

Título original: MARRYING THE SCARRED
SHEIKH

Copyright © 2010 by Barbara McMahon
Originalmente publicado em 2010 por Mills &
Boon Romance

Título original: THE SHEIKH'S SECRET

Copyright © 2006 by Barbara McMahon
Originalmente publicado em 2006 por Mills &
Boon Tender Romance

Arte-final de capa:
Isabelle Paiva

Produção do arquivo ePub: Ranna Studio

Editora HR Ltda.
Rua Argentina, 171, 4º andar
São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ — 20921-
380

Contato:
virginia.rivera@harlequinbooks.com.br

Capa

Rosto

Sumário

A CICATRIZ

Querida leitora

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Epílogo

O SEGREDO

Querida leitora

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Próximos lançamentos

Créditos